



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

A identidade no Vale do Amanhecer

uma análise por meio do design e da semiótica da cultura

Cleyton Santos Ferreira

Brasília-DF, janeiro de 2025

CLEYTON SANTOS FERREIRA

**A IDENTIDADE DO VALE DO AMANHECER:
uma análise por meio do design e da semiótica da cultura.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção da titulação de Mestre em Design.

Defesa em 28/02/2025

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fátima Aparecida dos Santos - PPG-Design UnB (Orientadora)

Prof. Dr. Regiane Nakagawa - Examinadora Externa (FACOM/UFBA)

Profa. Dra. Marisa Mass – (Membro Suplente)- PPG-Design e IdA/UnB

Brasília – DF

Fevereiro/2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SF383ii Santos Ferreira, Cleyton
A identidade no Vale do Amanhecer: uma análise por meio
do design e da semiótica da cultura / Cleyton Santos
Ferreira; orientador Fátima Aparecida dos Santos. Brasília,
2025.
210 p.

Dissertação(Mestrado em Design) Universidade de Brasília,
2025.

1. Vale do Amanhecer. 2. Identidade. 3. Design. 4.
Semiótica da cultura. 5. Articulação periférica. I.
Aparecida dos Santos, Fátima, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

A Identidade do Vale do Amanhecer:

Uma análise por meio da semiótica da cultura

Cleyton Santos Ferreira

*Trabalho apresentado ao Programa de Pós -
Graduação em Design do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção da titulação de Mestre
em Design*

*Orientadora: Profa. Dra. Fátima Aparecida
dos Santos*

*Área de concentração: Design, Tecnologia e
Sociedade*

*Linha de pesquisa: Design, Espaço e
Mediações*

Brasília-DF

Janeiro/2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela calma caminhada que temos percorrido juntos. Sem a tranquilidade proporcionada por minha mãe, Vilma Santos, e meus irmãos e irmã, Cléuber, Luismar e Clarisse, eu não teria chegado a esse tão sonhado ponto da minha jornada acadêmica.

À minha lindíssima companheira Bárbara Belloni, por toda a paciência, amor, carinho e compreensão durante esses dois anos. Por toda a ajuda nas várias fases da pesquisa e pela dedicação ao realizar a revisão deste texto.

À minha orientadora Fátima Aparecida, por me colocar na direção certa todas as vezes que guiado pelos receios do academicismo eu me desviei. Por abraçar minhas ideias, me apresentar tantos conceitos com paixão e pelos momentos em congressos e orientações. Por me ensinar a pesquisar, por me acolher, me incluir e me orientar.

Aos meus grandes amigos Rogerio e Luigi, pela empolgação com meu avanço, pelo interesse pelo meu trabalho, por enriquecerem minha pesquisa com ideias e por toda a disposição ao me ajudarem a achar livros, documentos, cartas e fotos. E por estarem sempre passando sufoco comigo na minha jornada.

Aos meus amigos do mestrado Nathalia, Vinícius, Yara e Matheus, pelas discussões densas e profundas, por compartilharem ideias e livros, por me desafiarem a melhorar, pela irmandade e companheirismo, pela pareceria e por tornarem o mestrado muito mais leve e cheio de graça.

Aos meus amigos de todas as horas Camilinha, Gabriel e Warley, pela disposição em me ajudar e serem pontes tão importantes no percurso desta pesquisa.

Ao meu grande amigo André Tenório, pela inspiração e por estar sempre presente.

*As coisas têm vida própria. Tudo é questão
de despertar a sua alma.*

(Gabriel García Márquez em
Cem Anos de Solidão)

RESUMO

O Vale do Amanhecer é um bairro de Planaltina-DF contemporâneo a Brasília, que, assim como a capital, acredita-se que tenha nascido de um sonho profético, angariando diversos colaboradores à sua concepção e se tornado uma realidade palpável no final da década de 1960. Sua origem, considerada mística, fez com que sua construção incorporasse uma gama plural de textos culturais de origens diversas, incluindo manifestações religiosas de vários segmentos, tornando as suas espacialidades insólitas e dando ao bairro uma aura que mescla o exotérico e o sagrado, conforme foi entendido pelo IPHAN no final dos anos 2010. O bairro está em constante evolução, tendo expandido sua mancha urbana e evoluído suas funções citadinas, deixando de ser apenas uma comunidade religiosa e passando a ser um bairro populoso e cheio de complexidades, o que afeta seus moradores, que em meio a preconceitos religiosos e de outras naturezas, criaram maneiras únicas de propor novas espacialidades e modos complexos de vivenciar o cotidiano. O trabalho parte, portanto, da ideia de distanciamento identitário desencadeado pela própria fronteirização dessa semiosfera, a partir do que compreende a semiótica da cultura, concebendo fenômenos como: a marginalização; a alteridade; o pertencimento; e as relações espaciais de afeto. Este trabalho fundamenta-se principalmente nos textos do semioticista Iuri Lotman e seus comentadores, que trazem conceitos essenciais para a compreensão dos fenômenos registrados no Vale do Amanhecer. Os dados angariados provêm das percepções semióticas dos usuários dessa espacialidade, surgidos após dinâmicas de produção de cartografia e, que foram diagramados e transformados no que o trabalho trata como Mapa de Afeto. A pesquisa também procura, na abordagem decolonial, mecanismos contra-hegemônicos para a compreensão dos paradigmas epistemológicos na contemporaneidade que podem desempenhar papel garantidor da existência e afirmação de identidades marginalizadas.

Palavras-chave: Vale do Amanhecer, Identidade, Semiótica da Cultura, Articulação Periférica.

ABSTRACT

Vale do Amanhecer is a neighborhood in Planaltina-DF, contemporary to Brasília, which, like the capital, is believed to have originated from a prophetic dream, gathering numerous collaborators in its conception and becoming a tangible reality by the late 1960s. Its mystical origin led to a construction process that incorporated a diverse range of cultural texts from various origins, including religious manifestations from multiple traditions. This confluence of influences shaped its unique spatialities, imbuing the neighborhood with an aura that blends the esoteric and the sacred, as recognized by IPHAN in the late 2010s. The neighborhood is in constant transformation, expanding its urban footprint and evolving its urban functions. Once primarily a religious community, it has developed into a populous and complex neighborhood. This evolution affects its residents, who, amidst religious and other forms of prejudice, have created unique ways of shaping new spatialities and experiencing everyday life in intricate ways. This study is grounded in the concept of identity detachment triggered by the very process of bordering this semiosphere, as understood through cultural semiotics. It explores phenomena such as marginalization, alterity, belonging, and spatial relationships of affection. The research is primarily based on the works of semiotician Yuri Lotman and his commentators, whose concepts are essential for understanding the phenomena observed in Vale do Amanhecer. The data collected stems from the semiotic perceptions of those who engage with this spatiality, emerging from cartographic production dynamics that were subsequently diagrammed and transformed into what this study defines as Map of Affection. Additionally, the research draws from a decolonial perspective, seeking counter-hegemonic mechanisms to comprehend contemporary epistemological paradigms that can help ensure the existence and affirmation of marginalized identities.

Key-words: Vale do Amanhecer, Identity, Semiotics of Culture, Peripheral Articulation.

SUMÁRIO

Introdução	13
1. O espaço verbal, demarcável e semiótico.....	20
Salve Deus: O Vale do Amanhecer, o nome que justifica o meio	20
1.1. Da identidade ao meio no espaço semiótico	33
1.2. As relações dialógicas nas representações dentro da esfera de cultura.....	39
1.3. As individualidades semióticas e o Outro no Vale do Amanhecer	45
2. O mítico, o místico e o decolonial.....	52
2.1. O impacto visual da Neiva mítica.....	53
2.2. A visualidade mística do bairro.....	65
2.3. Potencialidades decoloniais e o papel do design	79
2.4. A periferia da periferia	82
3. A percepção semiótica e a cartografia sentimental	88
3.1. Percurso metodológico	88
3.2. Fundamentação metodológica	92
3.4. Derivas e o olhar estrangeiro	100
3.5. Percepção semiótica e a disponibilidade ambiental.....	105
3.5.1. Amarelo: Lugar de aprender.....	108
3.5.2. Azul: Lugar de fotografar	111
3.5.3. Roxo: Lugar de sonhar	114
3.5.4. Verde: Lugar de arte.....	117
3.5.5. Vermelho: Lugar de fé.....	121
3.5.5. Preto: Lugar de não ir	124
4. A metáfora, a literalidade e a poesia gráfica	130
4.1. As diferentes leituras a partir do Mapa Afetivo	130
4.2. O Vale do Amanhecer gráfico e as possibilidades no diagrama	137
5. Considerações finais: O lugar para ir.....	144
Referências Bibliográficas	148
Apêndice A – Entrevistas transcritas	152

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Portão do Vale.....	21
Figura 2: Construção do Lago de Iemanjá no início dos anos 1980	22
Figura 3: Trajeto do centro do Plano Piloto para o Vale do Amanhecer	23
Figura 4: Localização dos principais acessos para o bairro	24
Figura 5: Primeiro plano de urbanização realizado pela Novacap no final da década de 1980. 25	
Figura 6: O Templo da Estrela Candente, que se projeta ao longo da orla do Lago de Iemanjá 26	
Figura 7: O Morro do Salve Deus visto da área da Estrela.....	27
Figura 8: A Elipse	28
Figura 9: Cena do episódio V da webserie Atos de Fé da Cia de Dança Transições	29
Figura 10: Realização de rituais pelas ruas do bairro	30
Figura 11: Mulher trajando indumentária da doutrina comprando em uma padaria.....	30
Figura 12: Casas que reproduzem a iconografia da doutrina	31
Figura 13: Muros do Castelo do Vilela	32
Figura 14: Funcionamento da semiosfera	37
Figura 15: A divisão entre a zona central do Vale do Amanhecer e o Pacheco.....	52
Figura 16: Diagrama da relação: Brasília - Planaltina - Vale do Amanhecer.....	54
Figura 17: Arte urbana com alguns dos principais ícones da construção de Brasília na Asa Sul	57
Figura 18: Croqui do processo criativo de Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília	58
Figura 19: Marco Zero de Brasília, marcado com uma cruz.....	59
Figura 20: Neiva ao lado de seus caminhões em 1967	61
Figura 21: Primeiro templo religioso do Vale do Amanhecer em construção em 1971	62
Figura 22: Foto de Neiva exposta em uma farmácia	63
Figura 23: Imagens de entidades junto com uma foto de Tia Neiva em um restaurante	64
Figura 24: Estátua de Tia de Neiva	65
Figura 25: Membros da doutrina transitando pela rua em suas indumentárias.....	66
Figura 26: As pirâmides da Ermida Dom Bosco, do Teatro Nacional, do Templo da LBV e do edifício da CEB	69
Figura 27: Edifício piramidal da Corporação Tyrell no filme Blade Runner de 1982.....	70
Figura 28: Bustos dos faraós na fachada da Pirâmide	71
Figura 29: Pirâmide do templo da Estrela Candente.....	71
Figura 30: Reggie Watts e Carolina Ravassa caminhando por Panaltamat Nonbeing.....	72
Figura 31: Pintura de Iemanjá na margem do Lago de Iemanjá.....	73
Figura 32: A iconografia da doutrina religiosa em carros, comércios, casas e espaços públicos	74
Figura 33: Fachada de comércios de costura e de venda de indumentárias.....	75
Figura 34: Diferentes tipos de indumentárias utilizadas por mulheres para a realização de rituais.....	76
Figura 35: Vendedora de resina.....	77
Figura 36: Centro Educacional Vale do Amanhecer	83
Figura 37: Murinhos que cercam as áreas do templo da Estrela Candente e do Templo Mãe... 87	
Figura 38: A Casa Grande, antiga casa de Tia Neiva, preservada e onde se encontra o acervo com a história do bairro e da religião em fotos e em documentos	92
Figura 39: Proposta de tríade de relação entre espaço, ofício e identidade.	97
Figura 40: Painel semântico.....	99
Figura 41: Trajetos das derivas realizadas na área central do Vale com os determinados pontos de interesse encontrados.....	101

Figura 42: Trajetos das derivas realizadas na área conhecida como Pacheco e seus determinados pontos de interesse	102
Figura 43: Realização de deriva com estrangeiras.....	103
Figura 44: Trajeto da deriva realizada com estrangeiros	104
Figura 45: Mapa do Vale do Amanhecer com nome dos lugares levantados a partir das entrevistas.....	106
Figura 46: Participantes da dinâmica cartográfica preenchendo o mapa com suas percepções.....	107
Figura 47: Mapa de afetos com as marcações dos Lugares de Aprender em amarelo.....	108
Figura 48: Lugar de Aprender - Campo de Futebol.....	109
Figura 49: Lugar de Aprender - Escola de Artes Marciais TUFF Team	110
Figura 50: Mapa com as marcações dos Lugares de Fotografar em azul	111
Figura 51: Lugar de Fotografar, o Morro do Salve Deus.....	113
Figura 52: O bairro a noite fotografado de cima do Morro do Salve Deus	113
Figura 53: Mapa com as marcações dos Lugares de Sonhar em roxo	114
Figura 54: Muro de Promessas, teatro de rua encenado em pontos importantes do Vale do Amanhecer	115
Figura 55: Lugar de sonhar, a Vila Pacheco.....	116
Figura 56: Lugar de Sonhar, o Templo Mãe	116
Figura 57: Mapa com as marcações dos Lugares de Arte em verde	117
Figura 58: Vilela em 1983 pintando uma das principais entidades da doutrina, Iemanjá.....	118
Figura 59: Lugar de arte, Castelo do Vilela	120
Figura 60: Lugar de Arte, Praça das Crianças.....	120
Figura 61: Mapa de afetos com os Lugares de Fé marcados em vermelho	121
Figura 62: Escultura de Pai Seta Branca sendo finalizada em 1974.....	122
Figura 63: Lugar de Fé, o Templo Mãe	123
Figura 64: Lugar de Fé, a Estrela Candente.....	123
Figura 65: Lugar de fé, Paróquia Nossa Senhora Aparecida	124
Figura 66: Mapa de afetos com as marcações dos Lugares de Não Ir em preto	125
Figura 67: Lugar de Não Ir, a Torre de Telefonia da Tim	127
Figura 68: Gráfico apresentado em matéria da Globo de 1986 sobre a inundação do Vale do Amanhecer	128
Figura 69: Lugar de Não Ir, a Igreja Universal.....	129
Figura 70: Rua sem asfalto próxima as zonas centrais do bairro	130
Figura 71: Mapa de afetos com todos os pontos marcados sobrepostos.....	131
Figura 72: Mulheres portando lanças no portal do Sólár dos Médiuns.....	134
Figura 73: Elipses em espaços religiosos.....	135
Figura 74: Elipses em diferentes placas de endereço.....	135
Figura 75: Diagrama do mapa afetivo com estilizações artísticas	139
Figura 76: Mapa de Afetos diagramado para impressão.....	141
Figura 77: Mapa de Afetos aplicado na parede de um ponto de ônibus	142
Figura 78: Parada de ônibus com o mapa de afetividades aplicado.....	142
Figura 79: Diferentes paradas pelo Vale com o Mapa de Afetos aplicado.....	143

Introdução

Em *Cem Anos de Solidão*, o escritor colombiano Gabriel García Márquez localiza a história dos seus importantes personagens em uma pequena cidade chamada Macondo. Esse lugar se torna o palco para uma série de acontecimentos que são fantásticos demais para serem reais ao mesmo tempo que têm uma dose cavalgar de realidade, o que faz o leitor questionar o quanto de realidade pode conter o estilo literário adotado pelo autor. Em outras palavras, quando as coisas deixam de ser reais pela sua extensão fantástica? O realismo fantástico, que caracteriza a poética empregada por Márquez, transforma a cidade em um personagem tão importante quanto os demais protagonistas humanos da trama, dando a esse espaço fictício certa intencionalidade que se vê refletida na gestualidade e nos atos do cotidiano que constroem a história. Assim, nenhuma outra forma seria mais adequada para começar este texto senão trazendo como um espelho a história contada em uma das mais importantes obras literárias já escritas, onde, assim como o espaço estudando ao longo desse trabalho, pode encantar pela sua realidade como também pelo seu quê mágico.

O Vale do Amanhecer tem uma história de origem que parece beber na fonte do realismo fantástico, desde visões, peregrinações, até entidades que, em contato com sua fundadora, apontam o local perfeito para a monumentalidade da sua origem, os objetos do espaço, que se criaram a partir dessa origem, as personalidades que compõem essa história até o modo como o registro imagético desse bairro se assemelham com algo saído da mente de um escritor brilhante. Tendo sido contado de várias formas, o percurso de concepção e construção desse local, considerado sagrado, perpassa múltiplos fatos históricos e se alinha com várias outras expressões do seu tempo. Para quem, como esse que escreve, viveu parcela importante da vida nesse bairro, é muito impactante deixá-lo e perceber que na verdade não se está no centro do mundo, e que todo esse universo de histórias não é mais importante - nem menos importante - que o mundo do lado de fora dos portões do Vale.

O Vale do Amanhecer, assim como Macondo – vilarejo fictício criado por Garcia Márquez -, nasceu de uma odisseia. Liderados por Neiva Chaves Zelaya (1925-1985)¹, um grupo de espiritualistas atravessou o quadrilátero Cruls² a procura de um espaço onde as práticas religiosas, encabeçadas pela médium, pudessem ser realizadas em sua totalidade. Assim como a cidade de Márquez, que nasce simples com casas feitas de palha e ruas verdes que evoluem e ganham níveis com o contato com o mundo exterior, o Vale também nasce dessa forma, entre nascentes e regos, com casas simples e um pequeno templo de madeira. Assim como a pequena Macondo, O Vale também quase foi inundando, não por uma chuva de anos, e sim porque se pretendeu transformar o lugar em uma represa de água para o abastecimento de Brasília entre a década de 1970 e 1980. Esse lugar parece se encontrar em um mundo de fantasia característico da literatura, mas existe de fato, manifestando em seu ‘design’ muito mais de realismo do que de fantástico. Está localizado no coração do Brasil, na periferia de Planaltina, que por sua vez se encontra na periferia do Distrito Federal, a cerca de 40 quilômetros de Brasília.

A periferia é um *continuum* conceitual que está sempre em transformação. Apesar de ser um conceito habitualmente relacionado ao seu sentido de oposição ao centro, sua relação com o centro é o que dita a essência da reflexão acerca da funcionalidade dos espaços sociais, tendo impacto não apenas nas relações produtivas do capital, mas também nos imaginários urbanos, nas suas variações citadinas e nas relações que ocorrem no entremeio dos processos de espacialização. A codependência entre os dois pontos - periferia e centro- se estende por diferentes áreas de estudos, seguindo, dentro das práticas representativas, a tendência de subverter seu próprio significado, se potencializado a partir da iminência das novas epistemologias e criando formas de pensar o espaço, a cultura e a sociedade.

Os elementos mediadores entre essas localizações, físicas e conceituais, têm se tornado indissociáveis do avanço de estudos e debates que circundam a produção social dos meios, principalmente quando é parte essencial dos mecanismos do que o trabalho

¹ Neiva Chaves Zelaya foi uma caminhoneira e líder religiosa que ficou conhecida no Brasil por fundar a doutrina religiosa espiritualista cristã do Vale do Amanhecer no final dos anos 1960. Hoje esse segmento religioso pode ser encontrado em diversos estados do Brasil e até em outros países. Além da religião, Neiva também ficou conhecida pelo o desenvolvimento de trabalhos sociais, sendo o principal deles a fundação de orfanatos que acolhia centenas de crianças onde hoje é o bairro do Vale do Amanhecer. Neiva é popularmente referenciada como Tia Neiva e é uma das mais importantes figuras de Brasília.

² Quadrilátero Cruls é o nome dado a área demarcada por Luís Cruls em missão para estabelecer a área do Distrito Federal que mais tarde se tornou a capital do Brasil. Esse termo é usado comumente para fazer referência a extensão territorial da capital que não necessariamente tem ligação com Brasília.

tratará como “pertencimento”, sendo uma forma de replicar espacialidades e identidades. O “onde” é muito importante para o estudo do “quando” e dos “porquês”, dentro das relações que compõem a teia social, sendo esses os elementos mediadores da prática do dia-a-dia, que dentro da compreensão do espaço, conceituada por De Certeau (2014), ganham caráter prático, imprimindo nas espacialidades a temporalidade da ação, explicada por Santos (2020), que dá sentido social ao espaço, deixando de ser apenas espaços ociosos, ou sem vida, e passando a ser cidades e comunidades.

Muito embora o espaço seja compreendido pelo seu exercício, o conjunto de práticas associadas a uma espacialidade não é inflexível e está sempre sujeito a mudanças. Essa evolução impacta nos paradigmas de produção de espacialidades, que se relacionam principalmente com a temporalidade, se adaptando às técnicas e as tecnologias, o que Ferrara (2000) aponta como uma mudança significativa com a explosão de técnicas que ocorreu final do século XX e início do século XXI, tornando os espaços cada vez mais virtuais. A tecnologia vem sendo um fator crucial no modo como o espaço é construído, experienciado, registrado e observado, principalmente porque essas novas técnicas vêm acompanhadas de ideologias que se expandem a partir da evolução contemporânea da globalização, que é para Santos (2020), Hall (2020) e Harvey (2006) uma evolução da colonização, que tem como objetivo ocidentalizar o globo. Nesse sentido, compreender alguns pilares dessa ideologia, que para Escobar (2018) gira em torno da individualização das experiências, é parte essencial para compreender os arranjos identitários de círculos culturais que se formam a partir de traduções dentro da periferia do globo.

A evolução dos *modi* de espacialidade será compreendida no desenvolvimento do trabalho a partir do que entende Ferrara (2000), como cidade virtual, conceito indissociável da extensão do espaço que o trabalho explorará a partir do impacto das mudanças dos seus paradigmas de criação, sendo o espaço uma das unidades mais importantes para as concepções humanas, do qual o trabalho terá como base para a sua compreensão o pensamento do importante geógrafo Milton Santos (2020, 2008, 2004, 1979), e dos sociólogos Henri Lefebvre (1991, 2011) e David Harvey (2006). O delineamento da perspectiva acerca do espaço e suas razões sociais se faz imprescindível para a fundamentação sobre identidades culturais, compreendidas por Bauman (2012) como um exercício. Já para Santos (2020) tomam formas mais complexas frente às construções de totalidades sociais modernizantes, cada vez mais globais, ganhando um caráter temporal marcado pelo ofuscamento e pela ocidentalização.

Isso posto, o trabalho se desenvolve acerca das relações de produção de espaço e identidade no Vale do Amanhecer, um bairro de Planaltina (Distrito Federal) que surgiu a partir de dogmas religiosos da doutrina de Neiva Chavez Zelaya, a Tia Neiva. O espaço, que surgiu no final da década de 1960, como um templo religioso, se tornou um bairro dentro da Região Administrativa de Planaltina, perifizando a cidade mais antiga a compor o conjunto do que eram antigamente conhecidas como cidades satélites de Brasília. Com o surgimento da Capital Federal, diversas aglomerações de diferentes origens religiosas se estabeleceram na capital do país, formando o que no texto de Siqueira e Reis (2010) é denominado Brasília Mística. Parte dessa concentração sacra deu à capital uma aura profética, que Cavalcante (2011) classifica como um dos pilares que justificaram a vinda da capital para o centro cerratense do Brasil.

Foi a partir dessas condições que surgiu o Vale do Amanhecer, uma das principais comunidades religiosas do Distrito Federal. O bairro se estabeleceu a partir dos dogmas espiritualistas cristãos, com influência de outros segmentos religiosos e midiáticos, dando à essa nova doutrina variações sincréticas que refletem ainda hoje no cotidiano do bairro, marcando novas formas de pensar o espaço e as futuras espacialidades. Desde sua fundação, o Vale, como é popularmente referido, passou por um processo de evolução funcional. Com isso a parcela religiosa do bairro se preservou e expandiu, mas a cidade que crescia à sua volta também se expandiu, tomando formas mais citadinas e tendo trocas mais diretas com Planaltina, principalmente pela falta de serviços básicos no bairro do Vale do Amanhecer. O bairro, focado na religião no final dos anos 1990, teve uma brusca abertura motivada pelo seu aumento repentino de população, que até os anos 1980 era de 3 mil moradores e passou a ser de 20 mil habitantes em meados dos anos 2000, o que mudou o paradigma funcional de sua urbe, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2020), que é caracterizada a partir das formas de vivenciar a cidade pelos seus principais usuários.

As relações entre periferia e centro são imprescindíveis para a compreensão do conceito de espaço semiótico, o qual o presente trabalho explora partindo do estudo da semiótica da cultura, ramo da semiótica que estuda a criação de linguagens e que concebe o espaço como parte essencial no processo de criação de textos que dão significado à cultura. Para a semiótica da cultura, os textos culturais são resultado dos mecanismos de modelização, ou do modo como os sistemas modelizantes primários acabam por projetar seus *modus operandi* sobre outros sistemas, provocando ou dando origem aos sistemas

modelizantes secundários. Assim, possibilitando a correspondência entre a língua, o modo de pensar e o modo como as espacialidades são construídas, portanto entendemos a modelização como conceito semiótico que estuda a criação de linguagens. A semiótica da cultura é também conhecida como semiótica russa-estoniana, com origem no eixo Tartu-Moscou e suas respectivas escolas de linguagem, tem como um dos principais expoentes Iuri Lotman, que trouxe toda uma outra perspectiva sobre os processos fenomenológicos da significação humana, que é comumente estudado a partir de Charles Sanders Peirce. No Brasil, esse braço dos estudos semióticos chegou graças à tradução de Desiderio Navarro, que para Irene Machado (2019) é um dos principais expoentes de uma nova compreensão sobre a semiótica na periferia do capitalismo.

Essa perspectiva semiótica acerca de círculos culturais que estão na periferia, quando justapostas à ideia de zonas centrais e zonas periféricas dentro do próprio capitalismo, garante a compreensão de trocas importantes de textos que modificam o modo como se enxerga cultura na América-Latina. Principalmente porque é a partir da semiótica russo-estoniana que se percebe o círculo da cultura como um mecanismo que faz convergirem as diferentes singularidades culturais dentro do próprio círculo semiótico, ou do que Lotman (1996, 2019) define como semiosfera, sendo que esse movimento acontece da periferia para o centro. Esse deslocamento de textos garante a transformação das linguagens de uma cultura, definido por Lotman (1996) como a prática de tradução.

A pesquisa objetiva evidenciar o Vale do Amanhecer, como um espaço de complexos arranjos identitários, que, apesar da marginalização causada pela sua origem religiosa, é um importante espaço que compõe a gama de pluralidades surgidas a partir do movimento de criação de uma nova espacialidade completamente utópica de Brasília. O Vale também é um importante lugar pela sua natureza, cujo o esforço de mesclar diferentes linguagens resultou em pluralidades textuais que caracterizaram sua cultura. Esses movimentos, registrados em diferentes momentos, se vê em necessidade de novos registros e pontos de vista, do qual o trabalho pretende explorar a partir da semiótica da cultura e do próprio do design, objetivando evidenciar suas nuances linguísticas, fenomenológicas e também fomentar discussões acerca de identidades, suas articulações na periferia, propondo novas formas de pensar e produzir conhecimento sobre a cultura.

O trabalho se aprofunda na prática de trocas que delineiam a identidade cultural, na qual Lotman (1996, 1996, 1998 e 2019) se aprofunda a partir do processo chamado de

modelização, no qual os sistemas semióticos que criam a linguagem, como: a arte, a ciência, a religião e a própria escrita, passam a ser ferramentas que dão sentido aos “modelos de mundo”, criando estruturas representativas simplificadas da realidade, que ajudam os indivíduos - e as culturas desses indivíduos - a garantir sentido simbólico às suas experiências. Posta em paralelo com o sentido de semiose dado por Peirce (2003), a modelização garante a estruturação dos arranjos epistemológicos. O processo de modelização primário tem aderência no espaço, precisando de duas ou mais semiosferas para que o surgimento de novos textos culturais possa ocorrer.

Dada a relação do Vale do Amanhecer com os dois espaços centrais com os quais se relaciona diretamente, Brasília e Planaltina, a pesquisa trabalha a ideia de articulação periférica a partir dessas três urbes, onde há relação de periferia entre o Vale e Planaltina e Planaltina e Brasília, tendo cada um desses territórios suas próprias periferias e centros que garantem a articulação dos textos que marcam suas próprias identidades. Esse movimento, denominado articulação periférica, é sentido pelos moradores do Vale do Amanhecer. Apesar de se distanciar gradativamente da doutrina religiosa, o bairro ainda tem em sua centralidade as produções textuais que dependem, principalmente, dos espaços que surgiram e surgem a partir da doutrina religiosa.

A diversidade de textos culturais em diferentes espaços do Distrito Federal colaborou para a transformação de linguagens que, com o passar do tempo, se tornaram a essência da iconografia das comunidades estabelecidas, refletindo nas espacialidades atuais as singularidades nos modos como se constituem e como se relacionam (ou não se relacionam) umas com as outras. As evoluções funcionais das urbes se conectam com o aparato plural das identidades que se vinculam ao Vale, mesmo diante da tendência modernista da Capital Federal e das movimentações do mercado imobiliário liberal. Assim, pretende-se compreender os efeitos dialógicos desse lugar através da consciência ambiental dos seus moradores, que estendem seu cotidiano às reações de afetividades com os espaços e suas extensões funcionais.

A dissertação se desenvolveu a partir de um longo percurso metodológico cujo cerne foi o registro da temporalidade que marca as relações dos moradores do Vale do Amanhecer com essa espacialidade que tem origem mística, uma história cheia de fantasia e espaços cheios de complexidades. Foram utilizados alguns métodos para a realização desse registro, considerando o conceito de errância descrito por De Certeau (2014) como um modo de compreender profundamente as trocas dos usuários com o espaço, fazendo

dessa forma com que a primeira fase da pesquisa se concentre na realização de derivas, método proposto por Debord (2003) que é amplamente utilizado por semioticistas que exploram os espaços, descrito por Regiane Nakagawa e Fábio Nakagawa (2021) como um modo de perceber o espaço praticado e sua extensão funcional. Utilizando o método cartográfico sentimental, que se baseia no trabalho de Rolnik (2011), e se fundamentando no conceito de percepção ambiental descrito por Ferrara (1991), o trabalho desenvolveu exercícios de cartografia que refletem as relações dos moradores do Vale do Amanhecer com esse bairro, criando possibilidades de criação de diagramas que para além da análise, podem ser divulgados e inseridos no meio, como propõem Fátima Santos e Daniela Garrossini (2019).

Por último, o trabalho traduz os dados angariados utilizando ferramentas de design que, partindo do modo como Peirce (2003) entende o conceito de diagrama, trazem toda uma visão aprofundada da influência das praxes, das significações e da própria visualidade em constante construção no bairro, pensando no usuário como parte da construção e do resultado final, cujo repertório possibilita interpretações a esse diagrama. A partir dos padrões gráficos surgidos no mapa, o trabalho pôde analisar a dimensão de sentimentalidade se relaciona com o sentimento de pertencimento, um dos pilares que o trabalho considera importante para a construção de identidades. Esse resultado foi experimentado como mapa afetivo, uma tradução gráfica para o diagrama que pôde ser exposto e do qual conclui-se como detentor de potencialidades para a criação de novas dinâmicas que valorizem as identidades culturais e a história desse local.

1. O espaço verbal, demarcável e semiótico

Salve Deus: O Vale do Amanhecer, o nome que justifica o meio

Vale do Amanhecer é um nome cheio de significado, sua sonoridade e o modo como os moradores enfatizam o nome em suas falas dá a ele um certo ar de grandeza. Segundo Cavalcante (2011), o nome surgiu a partir dos pilares centrais da doutrina religiosa de Tia Neiva, que descreve essa nomenclatura em seus textos religiosos como um contraponto para as sombras que surgem a partir de atividades de espíritos mal intencionados, fazendo da doutrina do Vale do Amanhecer o lugar onde nasce a luz que combate essas sombras, sendo o Templo Mãe, a primeira espacialidade e um dos principais locais do bairro, um ponto de socorro espiritual. Apesar de fortemente relacionado à doutrina, o nome não se limita apenas a essa importante parcela do local, integrando as demais áreas do bairro, que se expandiram a partir do templo religioso e se transformam constantemente em uma espacialidade única e rica em movimentos culturais.

O nome pode ser visto estampado no Portão do Vale (figura 1), o ponto de chegada que ganhou muita importância pelo seu impacto visual e pela sua função de recepção, descrito por visitantes como algo similar a um portal para um novo mundo. Esse efeito de passagem não é só percebido apenas no discurso de visitantes, mas pode ser ouvido com frequência pelos próprios moradores, que descrevem o ponto como um monumento de passagem, ou a entrada para um lugar sacro, onde dão as costas para a rotina e adentram um lugar onde se pode repousar. A visualidade dessa entrada chama atenção pela quantidade de cores e símbolos, um contraste até mesmo com Brasília, que pode com frequência ser representada como um lugar cinza e branco, tornando-se um prelúdio para a rica iconografia do bairro do Vale do Amanhecer. Para os moradores, o Portão do Vale também serve como um portal quase dimensional, onde é comum moradores serem vistos, principalmente os que participam da doutrina, fazendo gestos, pequenas orações e pausas ao passarem pela estrutura. A gestualidade mais comum se concentra em levar à mão ao plexo solar, ou ao peito, fazendo pequenas reverências e preces quase inaudíveis. O rito é comum para quem chega de ônibus, a pé e até mesmo de carro, sendo visto muitas vezes sendo feito ao sair do bairro pelo Portão.

Figura 1: Portão do Vale



Fonte: Arquivo Pessoal

O nome Vale do Amanhecer surgiu inicialmente apenas para descrever a doutrina religiosa, porém mais tarde, com o ajuntamento de cerca de 3 mil moradores na década de 1980, o nome passou a ser utilizado para referenciar também o bairro. Idealizada por Neiva Chaves Zelaya, a doutrina chegou ao seu ápice com centenas de milhares de fiéis até a morte de Neiva, em 1985. Segundo descreve Cavalcante (2011), ainda que hoje seja um espaço robusto e bem populoso, o espaço surgiu para atender as demandas religiosas e espirituais dos seguidores da médium, o que atraiu um numeroso grupo de seguidores para o local.

A doutrina religiosa ganhou força com a adesão de dezenas de milhares de membros até o final da década de 1970, o que possibilitou, a partir de doações, a construção dos templos religiosos e também do Lago de Iemanjá (figura 2), projetos previsto nas visões de Tia Neiva (REIS, 2008). Apesar de sua origem religiosa, o lugar cresceu exponencialmente com o passar dos anos, sendo ocupado principalmente por praticantes da doutrina, mas logo o território atraiu pessoas não relacionadas às atividades religiosas. Na década de 1990, menos de uma década após a morte de Neiva, o Vale passou por um processo de urbanização realizado pela Novacap (Figura 5). O Vale passou

a ser um importante espaço heterogêneo e um bairro propriamente dito, agrupando-se à extensa Região Administrativa (RA)³ de Planaltina, no Distrito Federal (DF).

Figura 2: Construção do Lago de Iemanjá no início dos anos 1980

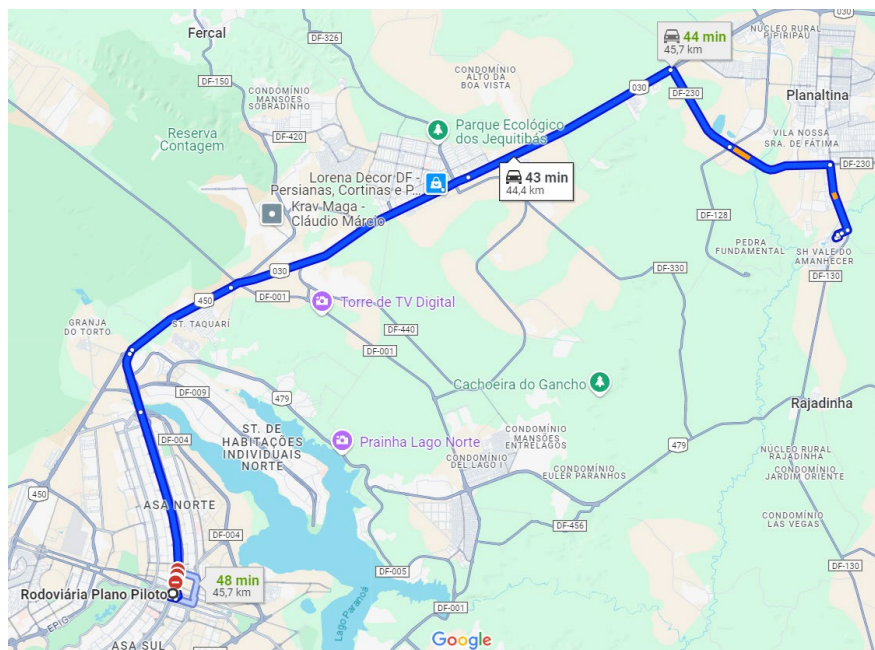


Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer

Apesar da distância, como passar do tempo o Vale foi se tornando um lugar fácil de acessar, contando com linhas de ônibus que vão do centro de Brasília direto para o bairro e do centro de Planaltina direto para Vale. Em 2024, foram criadas linhas que ligam o bairro à Região Administrativa de Sobradinho. É possível, chegar ao Vale sem ter que passar pelo centro de Planaltina, pois o bairro fica a cerca de 9km do centro urbano da região. O Vale fica a cerca de 40km do centro de Brasília (figura 3), e é possível chegar no bairro de carro tanto passando por Planaltina quanto pelo Paranoá. A viagem para o centro de Brasília pode variar com o trânsito, mas leva em média 50 minutos de carro e 1 hora de ônibus.

³ O Distrito Federal, ao contrário de outras Unidades da Federação, não se divide em municípios. Com o objetivo de descentralizar e dar independência às cidades que surgiram no DF, foram criadas as Regiões Administrativas, que são subdivisões territoriais que podem contar tanto com zonas urbanas e quanto com zonas rurais. Cada RA tem uma Administração Regional, que é responsável por representar o governo do Distrito Federal e coordenar os serviços públicos locais. As RA's geralmente contam com um robusto centro urbano. Planaltina é uma das maiores RA's do DF, em extensão e população, existindo mesmo antes de Brasília.

Figura 3: Trajeto do centro do Plano Piloto para o Vale do Amanhecer



Fonte: Google Maps

A localização escolhida por Neiva e seus seguidores chama a atenção pela beleza natural. Segundo Cavalcante (2011) e membros da doutrina, o local, a princípio, era apenas uma chácara, comprada com ajuda de doações de membros da doutrina religiosa. Mais tarde, também com ajuda de doações, foi realizada a construção dos primeiros templos religiosos e de orfanatos, uma das principais devoções de Neiva. O local escolhido tem em sua paisagem um número grande de morros e nascentes, o que faz com que alguns moradores justifiquem o nome do bairro pela sua posição geográfica. Marilda Freitas (2024), descreve o bairro como rico em nascentes e regos que atravessavam o território do bairro e se mesclavam com casas e templos. Essa quantidade de morros também contribui para a extensão visual do bairro, que conta com a visão dos morros que se projetam ao redor de sua mancha urbana logo da entrada do local.

A vegetação que se espalha ao redor do bairro é abundante e tem, segundo a Administração Regional de Planaltina (ARP), um dos parques naturais mais preservados do plano de parques da RA. Conta com campos baixos, nascentes e buritis, o que faz com que o momento de aproximação do lugar ganhe um ar de contemplação, que se potencializa com o acesso à comunidade. O bairro é cercado por dois rios, o Rio Pípiripau e o Quati. Os três principais acessos do Vale atravessam os rios por meio de duas pontes. A principal entrada é popularmente chamada de Portão do Vale, conforme descrito previamente, construído com pedras rústicas e adornados com metais e letreiros

A terceira entrada se encontra cerca de um quilômetro à frente, e é, geralmente, mais utilizada por quem chega ao Vale vindo do Plano Piloto passando pelo Paranoá, ou vindo de Rajadinha (bairro na zona rural de Planaltina), uma rota comum para pessoas que fogem do trânsito que se concentra na BR020. Essa entrada é mais utilizada por moradores da Vila Pacheco, ou dos Conjuntos Residenciais (CRs) menos centrais como a 90, 91 e 92. É uma entrada ainda menos glamurosa, com vista para as casas que se espalham por cima dos morros, moradias precárias e espalhadas de forma irregular pela urbe. A localização dos acessos ao bairro ser visualizada na figura 4.

Map of the Parque da Juventude area in São Paulo, showing the layout of the stadium and surrounding streets. The map is divided into three main entrance areas, numbered 1, 2, and 3. Area 1 is the top right, Area 2 is the middle right, and Area 3 is the bottom left. The stadium is located in the center, with various buildings and streets labeled around it. The map is oriented with North at the top.

Entrada 01 - Portão do Vale

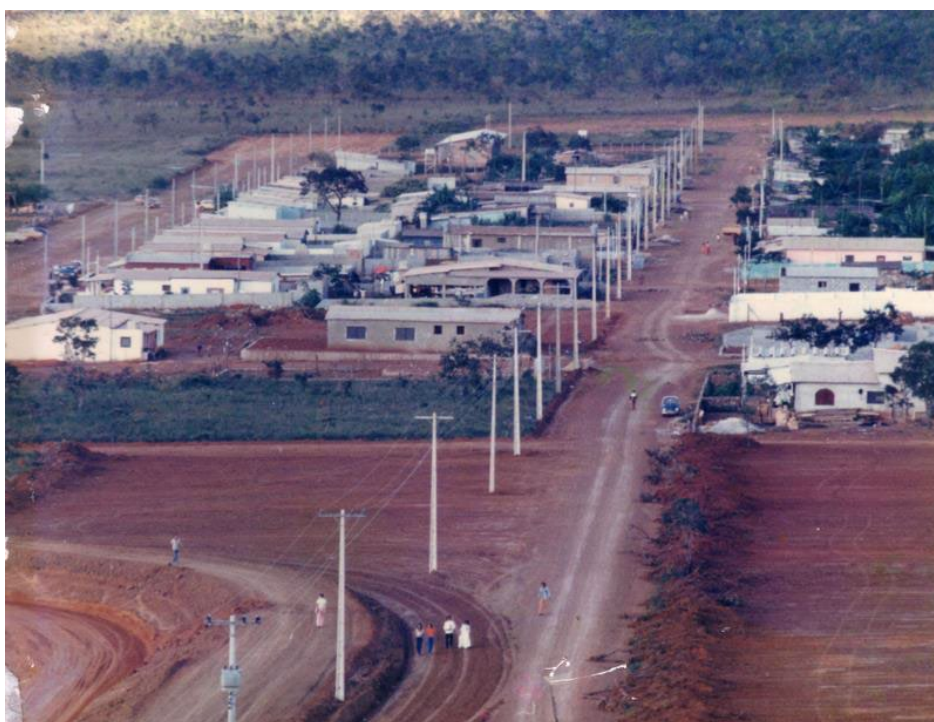
Entrada 02 - Entrada pela CR 71

Entrada 03 - Pelo Pacheco

O plano de urbanização inicial do Vale previu ruas bem ordenadas: cada rua ganhou um número que pode ser referenciado nesse trabalho como CR (Conjunto

Residencial), fazendo com que as localizações sejam fáceis de encontrar. Devido ao primeiro plano de urbanização realizado pela Novacap durante o final da década de 1980 e começo da década de 1990 (figura 5), as casas próximas aos templos religiosos ganharam uma visibilidade que se assemelha à ideia mais literal de subúrbio, com canteiros arborizados, ruas largas e com espaços para grossas faixas de calçada. Os dois templos religiosos ditaram as primeiras ideias de urbanização e hoje incutem no fluxo da urbe, sendo os principais comércios voltados para pessoas que visitam essas áreas religiosas.

Figura 5: Primeiro plano de urbanização realizado pela Novacap no final da década de 1980



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer

Os dois templos religiosos ditaram as primeiras ideias de urbanização e hoje incutem no fluxo da urbe, desenhando a forma de ordenação dos comércios, de comerciantes e de visitantes. O primeiro, chamado de Templo Mãe, dá à rua que o circunda, a CR 65, a alcunha de Rua do Templo. Em volta do Templo Mãe há uma quantidade considerável de comércios, com uma variedade modesta de possibilidades, focados, principalmente, em serviços como restaurantes, pousadas, lojas com itens religiosos, adornos e material ritualístico. Um dos principais conjuntos comerciais do bairro foca na produção de indumentárias e outros trajes importantes para a realização dos rituais religiosos da doutrina.

O segundo templo religioso é denominado de Estrela Candente (figura 6). Esse, por sua natureza mais pitoresca, muda drasticamente a visibilidade de sua parte do bairro. A Estrela, como é chamada pelos moradores, conta com a presença maior de símbolos da doutrina que podem ser vistos à distância, sem adentrar a área do templo. As imagens de entidades são percebidas ao redor do pequeno Lago de Iemanjá, que é margeado por diversos outros símbolos, representações de entidades, pequenas estruturas para receber o grande número de fiéis, um grande *hall* a céu aberto e uma pirâmide. A Estrela conta com um grande estacionamento, que é utilizado pelos moradores como uma praça, especialmente utilizada para atividades de lazer durante o fim de semana e passeios no fim do dia. Da praça é possível ver o Castelo do Vilela, o artista responsável pela maioria das artes produzidas pela doutrina.

Figura 6: O Templo da Estrela Candente, que se projeta ao longo da orla do Lago de Iemanjá



Fonte: Arquivo Pessoal

Da Estrela Candente também é possível visualizar o Morro do Salve Deus (figura 7), que juntamente com a Elipse compõe essa parcela sacra do Espaço. Inspirado pelo letreiro de Hollywood, esse importante ponto tem as palavras destacadas na vegetação “Salve Deus” destacadas em branco e podem ser vistas desde o Portão do Vale. Salve Deus é um cumprimento utilizado no dia-a-dia pelos membros da comunidade religiosa, uma saudação que não se limita apenas aos mais religiosos, excedendo os círculos religiosos e ocorrendo também entre pessoas que não participam da doutrina, podendo ainda ser direcionado a visitantes e moradores não religiosos. Os dizeres estão estampados

não apenas no morro, podendo ser vistos em outros monumentos, materiais impressos da doutrina e nas plaquinhas de endereço pelo bairro.

Figura 7: O Morro do Salve Deus visto da área da Estrela



Fonte: Arquivo Pessoal

Esse ponto monumental mistura o sagrado, o belo, o natural, o urbano e o lazer, sendo utilizado muitas vezes pelos moradores para atividades cotidianas, para atividades físicas, para realização de ensaios fotográficos, filmagens e, fim para o qual o ponto foi destinado, para atividades de exercício da fé. O local é por vezes utilizado em peças culturais de audiovisual, como Atos de Fé, do Grupo de Dança Transições, uma performance de dança que em seu quinto capítulo tem como cenário o Morro do Salve Deus.⁴

No topo desse importante ponto se encontra um dos principais símbolos da doutrina religiosa de Tia Neiva, a Elipse (figura 9). Esse símbolo, descrito por Reis (2010) como a representação da “queda e a ascensão do espírito, que volta para Deus”, e, como uma forma de destacar a feminilidade da líder da doutrina, sendo uma “representação do sagrado feminino” se projeta sobre o Vale, podendo ser visto de quase qualquer ponto do bairro. O monumento tem cerca de 8 metros de altura, é feito de metal e conta com uma base de concreto. Esse importante símbolo é lido por alguns como um contraponto à cruz comum, cujo sua forma fálica representa o fim da vida, sendo a elipse, em seu formato de

⁴ Atos de Fé é uma *webserie* de performance de dança, escrita e dirigida por Lehandro Lira, que se passa nos principais pontos religiosos de Planaltina, tendo como objetivo trazer a atenção das pessoas pra importância desses pontos e o respeito aos diferentes segmentos religiosos que existem nessa região através da dança.

vulva, o início da vida. Embora no Vale do Amanhecer a cruz ainda seja utilizada, podendo ser visualizada em diversos pontos da cidade, mas na doutrina, a cruz ganha leituras diferentes, e em nenhum ponto é possível ver a figura de Jesus crucificado, apenas um tecido que representa seu espírito. Portanto a elipse passa a ser compreendida por Cavalcante (2011) como uma nova leitura mais evoluída da própria cruz.

Figura 8: A Elipse



Fonte: Arquivo pessoal

A elipse é um símbolo bastante recorrente na iconografia⁵ do bairro e pode ser vista representada de diversas formas, em diversos pontos pelo bairro, incluindo espaços não religiosos como casas e comércios. Além disso, o monumento pode ser visto sendo utilizado em mídias artísticas, servindo como cenário, plano de fundo para apresentações e como objetos centrais de algumas manifestações artísticas, como é o caso da *webserie* de performance e dança *Atos de Fé* (figura 9).

⁵ Iconografia, nesse sentido, é o estudo das representações através dos símbolos, analisando seus significados e mensagens em contextos culturais, históricos e artísticos.

Figura 9: Cena do episódio V da webserie Atos de Fé da Cia de Dança Transições



Fonte: Cia Transições Episódio V: Atos de Fé⁶

As práticas ritualísticas da doutrina não se limitam apenas aos seus templos e demais espaços sagrados, muitos rituais podem ser presenciados pelas esquinas, praças e mesmo no meio da rua (figura 10). Os rituais têm nomes específicos, alguns dos mais populares conhecidos como Abatá, onde ocorrem orações e cânticos, proferidos em voz alta, sendo realizados por fiéis trajados com diferentes indumentárias que servem o propósito de diferenciá-los em espécies de patentes. As indumentárias são muito diversas, contam com variações em suas cores, brilhos e símbolos. As mulheres carregam um número maior de materiais e tecidos, cores, tipos de costura, símbolos e adornos e podem ser vistas até mesmo com lanças e longos véus, adornados com brilhos e ornamentos.

⁶ Disponível no Youtube, em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNnC6baiQhw>. Acessado em: 14 de janeiro de 2025.

Figura 10: Realização de rituais pelas ruas do bairro



Fonte: Livro de Fotografias Luz, Luz, Cor & Fé: Vale do Amanhecer. Foto: Lúcio Távora

Os trajes não são apenas vistos em rituais, ou portados apenas nas áreas dos templos, mas são parte da visualidade da cidade. As indumentárias podem ser vistas como signos importantes no cotidiano do bairro, sendo vistos em qualquer CR, dentro das lojas, mercados, espaços de lazer, etc. Muito embora sejam uniformes produzidos com o intuito de serem vestidos apenas para a realização de trabalhos espirituais dentro dos templos do Vale do Amanhecer, é uma prática muito comum vesti-los para “descer para o templo”⁷.

Figura 11: Mulher trajando indumentária da doutrina comprando em uma padaria



Fonte: Arquivo pessoal

O modo como o bairro foi construído ao longo da história convida ao exótico, muitas casas (figura 12), mesmo as de conhecidos não-participantes da doutrina religiosa,

⁷ O Templo Mãe fica em uma das áreas menos elevadas do território, então essa é uma fala comum devido à forma como o bairro é distribuído geograficamente entre morros e outras elevações.

têm em suas fachadas como também em seu interior decorações que extrapolam o comum, em comparação com outros bairros. É comum as casas e os espaços comerciais fazerem referências à doutrina religiosa, com adornos, quadros, imagens na fachada e enfeites que são referências diretas ao repertório iconográfico religiosos. Esse fenômeno também se estende para casas com símbolos fora da gama simbólica da religião, com decorações esotéricas de outros cunhos, enriquecendo ainda mais o aparato iconográfico da cidade e compondo uma homogeneidade visual robusta.

Figura 12: Casas que reproduzem a iconografia da doutrina



Fonte: Arquivo pessoal

O Castelo do Vilela (figura 13) é um desses casos. Esse edifício está localizado próximo à área do Templo da Estrela Candente e pertence a uma das personalidades mais importantes para a história do bairro, Joaquim Vilela, o artista plástico responsável pela composição visual da doutrina do Vale do Amanhecer, pintando entidades e outras visões de Tia Neiva. A construção é imponente, e muito embora tenha um ar sacro-esotérico, não faz parte dos espaços utilizados para a prática religiosa, ainda que em determinados momentos da história do bairro tenha sido aberto à comunidade para a prática de atividades artístico-culturais.

Figura 13: Muros do Castelo do Vilela



Foto: Nathalia Feitosa

Embora ainda tenha uma ligação muito forte com a doutrina religiosa, O Vale do Amanhecer se tornou um espaço completamente independente do movimento espiritualista que fundou a comunidade. Ainda assim, a doutrina pode ser considerada por muitos moradores um dos aspectos mais importantes do local, que tem influência nos *modi* de produzir espacialidades e as ações relativas aos espaços que surgem. Isso pode ter relação ao crescimento acelerado do bairro, durante o qual a Ordem⁸ teve relação direta com a distribuição de inicial de lotes. Com o passar dos anos, o Vale do Amanhecer atraiu grande quantidade de pessoas que procuravam o bairro pelas oportunidades de comércio, além da localização, a possibilidade de valorização imobiliária e a própria proximidade com o Brasília. Até o ano de 1985, quando morreu Tia Neiva, a população estimada da comunidade era de 3 mil moradores, em 2024, com 17 quarteirões, a população aproximada é de 30 mil pessoas, segundo dados da Administração Regional de Planaltina.

Hoje, uma parte considerável dessa população se concentra na Vila Pacheco, uma zona construída ao longo dos anos na parte mais distante do território inicial concedido ao Vale do Amanhecer pela Novacap (figura 5). O Pacheco, como é popularmente referido, é parte de uma expansão não prevista da comunidade, surgindo a partir do

⁸ A Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC) é o conselho que rege as decisões tomadas pela Doutrina Religiosa do Vale do Amanhecer, sendo incumbida da realização e organização de todas as obrigações administrativas e de produção de materiais para a doutrina. A OSOEC será por vezes referenciada como a Ordem no decorrer deste trabalho.

loteamento desenfreado que ocorreu no início dos anos 1990. A origem dessa extensão urbana é discutida por alguns historiados e moradores como um momento de periferização do bairro, quando ele deixou de ser apenas um espaço religioso e passou a ser uma comunidade periférica, o que reflete no caráter visual dessa parcela do bairro, que é bem diferente das zonas centrais do Vale. Segundo relato dos moradores, parte dessa expansão se deve a uma ocupação inadequada que partiu de um loteamento de chácara, feito pelo proprietário, que se chamava Pacheco. O surgimento dessa parcela do espaço levanta questões sobre as reivindicações das identidades que estão relacionadas a essas espacialidades, o que faz com que esse trabalho busque, na semiótica da cultura, entender as demarcações do espaço semiótico e suas relações.

1.1. Da identidade ao meio no espaço semiótico

“Quando estudamos o homem, buscamos e encontramos signos em toda parte e tratamos de compreender sua significação” (BAKHTIN, Mikhail).

Identidade e pertencimento são conceitos cuja indissociabilidade dá o contexto para que a necessidade de se inserir em uma comunidade, coletividade ou lugar seja compreendida. Essa relação conceitual é estudada por diversos sociólogos e filósofos, entre os quais se destaca o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman, por sua compreensão acerca da busca pela identidade como uma necessidade básica humana. Seguindo a linha de pensamento de que a associação a uma identidade pode ser ainda mais forte ou necessária quando essa está ameaçada, podendo ser buscada ou imposta.

Ainda em Bauman (2012), é possível explorar a ideia de que é a partir de como as identidades são impressas no mundo, através da significação, que se criam os cenários que proporcionam o que se pode chamar de requisitos para o pertencimento. Dessa forma, é possível afirmar que a busca por pertencimento requer trocas ativas com os meios. Esse tipo de interação varia de acordo com a temporalidade dos objetos e dos próprios espaços.

A pertença, contudo, não é viável se a totalidade em questão transcender a capacidade da “massa cinzenta” – quando ela se torna, por esse motivo, uma comunidade abstrata, “imaginada”. Alguém pertence a um congregado de pessoas igual ou menor que a rede de interações pessoais, face a face, vinculadas na rotina cotidiana ou no ciclo anual de encontros; é preciso identificar-se com a totalidade “imaginada”. Essa última tarefa exige um esforço especial, diferente dos afazeres do dia a dia, e, portanto, é concebida como uma atividade de aprendizado distinta. (BAUMAN, 2012, p. 632-639).

Partindo dessa ideia, o pertencimento não apenas depende da busca ativa por uma identidade - através de práticas de aproximação e identificação - mas também do contexto, tornando o espaço e sua temporalidade imprescindíveis para a criação de limites compreensíveis que podem limitar não apenas as características da identidade, mas as contrapartidas para a pertença. Essa ideia é essencial para as próximas etapas do trabalho, que pretende construir uma linha entre esse pensamento e o da construção de identidades a partir da relação das pessoas com a impressão de representações no espaço, servindo como material dialógico que embasa a relação de identidade e com o conceito de individualidade semiótica, descrita por Lotman (1998, 2000) e discutida por Nakagawa e Nakagawa (2022).

Assim, o espaço deixa de ser apenas um elemento e passa ser parte ativa da prática da identidade, tal como concebe De Certeau (2014), que trabalha a ideia de que são as ações relativas aos meios que dão importância a esses, fazendo da práxis o mecanismo de criação de sentidos que dá significado aos textos culturais. Essa perspectiva em paralelo com a semiótica peirceana aponta a criação de sentidos através da *semiose*⁹ conforme explica Santaella (2005). A produção de textos culturais, como propõe Lotman (op. cit.), pode ser compreendida através do aprofundamento das relações dialógicas do espaço e da produção de sentidos.

Para Hall (2020), a representação é essencial para a manutenção e a garantia da existência de uma cultura. Partindo da ideia de representação como reprodução de códigos, são esses códigos que dão sentido às espacialidades e moldam o caráter de novas representações relativas aos espaços futuros, tendo esses influência nas espacialidades. Muito embora essa relação de produção sirva também como um carimbo de temporalidade, no sentido descrito por Santos (2020).

Para De Certeau (2014), o espaço é construído a partir do modo como ele é praticado, ou seja, os meios passam a ter significado que atravessam suas funções programadas e se transformam a partir do seu exercício simbólico do espaço, de forma que, o processo de espacialidade se dá pela representação do espaço por meio da prática. Assim, os meios passam a ter influência nos processos de ação, no sentido descrito por Santos (2020), significando também os ofícios cujo vínculo com o espaço determina sua

⁹ Santaella (2005) define a semiose como o processo dinâmico de produção de significados por meio da relação triádica entre signo, objeto e interpretante, fundamentada na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce.

existência. Um exemplo disso, são os comércios e os próprios comerciantes, que ditam os fluxos da urbe no Vale do Amanhecer. A prática do espaço, que culmina na criação dos objetos e no próprio espaço em si, são amplamente explicados por Milton Santos (2020) que trabalha com a noção de que a ação e o espaço são conceitos indissociáveis do tempo.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistema de ações, não considerado isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. (SANTOS, Milton, 2020, p. 63)

O efeito do tempo, dentro da criação do sistema de ações, é visto por Santos (2020) como capaz de articular as escalas espaciais e temporais, influenciando agentes, estruturas e processos geográficos. Ele se manifesta em dois níveis: o tempo dos eventos, marcado pela rapidez e pelo presente imediato, e o tempo das estruturas, associado a processos lentos e duradouros que moldam o espaço. Uma vez que as escalas são estabelecidas através do tempo, os espaços se tornam moldes para criação de novos exercícios de identidade, isso porque as identidades culturais estão sempre em processo de transformação, de evolução e de morte.

Embora haja um cuidado para manter, reviver e registrar identidades culturais, a morte é parte natural da existência de culturas. Hall (2020), Bauman (2012) e Lotman (1996), trabalham com a ideia de que não existem manifestações culturais, ou mesmo culturas, imortais, e todas estão sujeitas ao fim, e são categóricos ao suscitar que existem também esforços para o apagamento de identidades culturais. Um dos elementos que mais contribuem para o apagamento de identidades, sobretudo de identidades periféricas, é a globalização. Para Hall (2020) e Harvey (2006), a globalização nada mais é do que uma evolução direta da colonização, e um braço importantíssimo para a ocidentalização do mundo.

No desenvolver da pesquisa, o conceito de identidade, portanto, deve partir de um leque que leva em consideração: a prática (ou a ação), as dialogias (ou o tempo), e o espaço (e ou os objetos do espaço), e deve ser explorada como algo, ou um conjunto de “algos”, que vai além de um “adorno ideológico”, e que depende do pertencimento (ou o sistema de ações) que compõe, dessa forma, uma totalidade. Mesmo que, embora para Hall (2012), o pertencimento seja atenuado pela representação, que se enraíza diretamente na ideologia, caracterizando as identidades a partir de aspectos que não necessariamente

têm relação com o espaço, como raça e classe. Ainda assim, sustenta-se a ideia de que mesmo as ideologias, no seu sentido mais restrito, também dependem de uma série de características fortemente relacionadas às suas espacialidades, ou suas relações de troca dentro de espaços semióticos.

A identificação com um grupo, ou com diferentes grupos, vai além de trajar identidades “soltas”, ou mudar de identidade por aproximação ideológica, como sugere Hall (2020), os pilares desses mecanismos podem estar ligados ao modo como um círculo cultural tem em seu núcleo textos capazes de descrever as identidades. Estes processos servem ao propósito de manter identidades culturais, tendo forte relação com a prática da identidade reivindicada, o que Bauman (2012) define como práxis cultural. Dentro de uma cultura, a prática do cotidiano garante os movimentos que dão sentido simbólico, criando marcas que Lotman (2019) denomina como texto cultural.

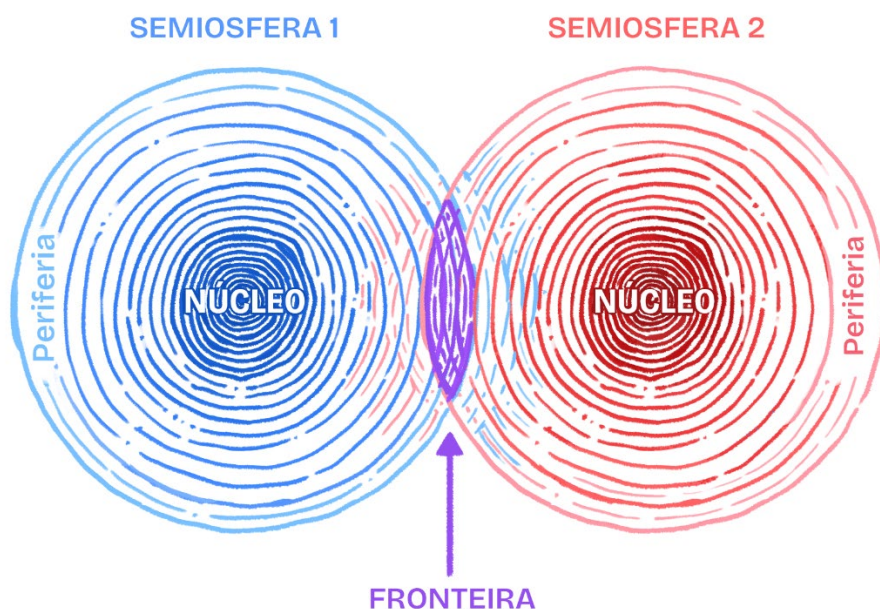
Textos culturais, dentro da semiótica da cultura, formam uma categoria de classificação que extrapola o texto escrito. Lotman (op. cit.), classifica o texto cultural como a produção, por meio de significação, da própria linguagem. Para ele os textos culturais compõem uma esfera de signos, que está para a linguagem como a biosfera está para a biologia, ganhando o nome de semiosfera. Uma cultura pode ser compreendida através das relações que se dão entre as semiosferas, sendo o mais comum no desenvolvimento de uma cultura que essa seja composta a partir do contato de múltiplos círculos culturais. Esse contato acontece entre as suas zonas fronteiriças e desencadeia a transformação simbólica que delinea as manifestações identitárias de uma cultura.

Lotman (1996, 2000, 2019), costuma descrever a semiosfera a partir de duas localidades principais, seu centro e sua periferia (figura 14). No centro se encontram os textos que, devido à sua inflexibilidade, carregam as características primordiais de uma dada linguagem. Em sua borda, denominada periferia, lugar com maior liberdade regras e dogmas, os textos culturais articulam-se, transformam e traduzem signos de uma dada cultura externa. Quanto mais centrais são os textos dentro da esfera de cultura mais inflexíveis eles se tornam, dando às culturas a face que as define, criando fronteiras que caracterizam suas diferenças perante outros círculos de cultura.

Além disso, em todas as fases do desenvolvimento de uma cultura, ocorrem contatos com textos emanados de culturas que antes estavam fora das fronteiras da cultura em estudo. Essas invasões às vezes ocorrem por meio de textos isolados ou camadas culturais inteiras e afetam de várias maneiras a estrutura da "imagem de mundo" da cultura em questão. Através de cada fatia síncrona

da semiosfera, diferentes linguagens, em diferentes estágios de seus respectivos desenvolvimentos, estão em conflito, e alguns textos estão submersos em linguagens que não são as suas, enquanto os códigos que permitem decifrá-los estão totalmente ausentes (LOTMAN, 2019, p. 11)

Figura 14: Funcionamento da semiosfera



Fonte: Elaboração própria

Essas trocas constantes não acontecem de forma sintonizada, nem dependem de outras trocas para existirem, embora o tempo seja um dos pilares fundamentais para a completude das trocas. Os efeitos do tempo deixam marcas no espaço que representam significações anteriores, que por isso influenciam no significado de novas práxis, o que é descrito, na semiótica sob influência dos textos de Mikail Bakhtin, como dialogias. As relações de representação dos objetos culturais dentro de uma cultura, que, com a ação podem ser compreendidos como símbolos culturais, se dão através de processos dialógicos, sendo explicados pela comunicóloga e semioticista Lucrécia D'Aléssio Ferrara (1981), que compreende o dialogismo como uma evolução do conceito literário, uma vez que as formas de exercer a espacialidade fogem do livro como objeto verbal e, de textos sentido essencial dessa palavra. Para Ferrara (ibid.), o verbal tende a manter sua natureza lógica e linear, o que é insuficiente nos espaços entre os signos, como destaca a leitura dialógica. A visão tradicional de signo como relação linear entre significante e

significado é limitada, pois é essencial reconhecer a atuação do interpretante na prática linguística.

Ferrara (1981) argumenta que a linguagem dialógica se baseia, na maior parte das vezes, em outras linguagens e discursos que já existem, sustentando-se em significações que passam por transformações de seu sentido original. Esse processo faz com que as transformações deixem de ser simples repetições e passem a ser novas significações. Dessa forma, a compreensão das espacialidades depende também de fronteiras bem definidas que englobam os textos culturais que dão sentido aos processos de transformação desses textos do passado. Assim a polifonia (a convivência de várias vozes em um texto ou obra) "reutiliza" essas linguagens antigas, reinterpretando-as conforme as novas condições do presente. Essa prática confere à linguagem e à arte uma funcionalidade: elas não são apenas representações, mas desempenham um papel prático, ressignificando elementos culturais para novas utilidades e criando uma base útil e funcional para a criação artística, que sustenta seu aspecto icônico e simbólico.

Para Bauman (2012), a análise de uma das significações de uma cultura só pode ser compreendida através da semiótica:

Como o ordenamento cultural é realizado pela atividade da significação – dividir os fenômenos em classes, distinguindo-os –, a semiótica, ou teoria geral dos signos, fornece o foco para o estudo da metodologia geral da práxis cultural. (BAUMAN, 2012, p. 3585).

Partindo dessa ideia, o desenvolvimento da pesquisa descrito nesse trabalho adotou como abordagem conceitual, à qual a metodologia deve corresponder, a semiótica da cultura. Esse ramo, aprofundado por semiotistas que estudam os espaços, é creditado à Escola de Tartu-Moscou, da qual Lotman é um dos principais expoentes, ela muitas vezes sustenta a investigação de formas de significação e de criação de espacialidades, que são para Lotman um dos pilares para a criação de linguagens que delineiam as fronteiras de uma esfera de cultura. Nesta pesquisa, a abordagem proposta pelo semiotista pretende cumprir o objetivo de compreender as evoluções, as relações e a praxe da identidade no Vale do Amanhecer. A teoria de Lotman ajuda a entender a relação entre signos e espaço, propondo o conceito de "espaço semiótico," que vai além do espaço físico e envolve significados culturais e simbólicos. Essa extensão do espaço proposta por Lotman (1996) se manifesta a partir do mundo físico, mas inclui valores, histórias e interpretações que influenciam e constroem a identidade coletiva e cultural do lugar, que tem sustentação em sua parcela afetiva.

1.2. As relações dialógicas nas representações dentro da esfera de cultura

Os meios são compostos por significações. Essa ideia é amplamente difundida por Ferrara (1981) e Santos (1979), que abordam o processo de percepção do espaço como característica indissociável do processo de construção de espacialidades. Mesmo a ideia de um espaço de habitação, parte de um conjunto de convenções que perpassam diversas sensações, sentimentos e intenções, que não necessariamente estão ligados a convenções inflexíveis, e podem mudar constantemente a partir de novas percepções e convenções. Essas sensações carregam intencionalidades provocadas pelo próprio processo transformação do espaço, que como pode ser visto em Ferrara (1981), é baseado na evolução de textos culturais que são refletidos nos objetos do espaço que, no sentido abordado por Santos (2020), definidos como rugosidades.

A intencionalidade pode ser percebida no discurso, podendo revelar ideais e esclarecer as interpretações das espacialidades, tendo impacto na construção dialógica dos locais. Para De Certeau (2014), um espaço começa primeiramente pelo relato, desde as primeiras demarcações da terra, registradas no exercício legal da propriedade, a terra parte da descrição. É no relato que primeiro definem-se fronteiras, quais são os limites para a espacialidade, até onde é permitido ir, ficar e voltar, quais elementos desse meio demarcam os limites e as passagens. E então dessas descrições criam-se leis, símbolos e características que definem o lugar e por último quem pertence a esse lugar e a quem o lugar pertence.

Nos contextos em que o espaço cultural assume um caráter territorial, a fronteira adquire um significado espacial básico, mas mantém sua função de "mecanismo *buffer*," transformando informações e atuando como um bloco de tradução. Indivíduos ligados a dois mundos – por dons específicos, como bruxas, ou por ocupações, como ferreiros ou carrascos – tendem a ocupar a periferia, na fronteira entre os espaços culturais e mitológicos, enquanto o santuário das divindades culturais fica no centro. (LOTMAN, 1996, p. 14). Porém, quando o espaço, em seu sentido mais citadino, é mencionado, o pensamento mais comum sobre os diversos tipos de localidades leva a ideia de espaços mais conflituosos, especialmente quando a reflexão parte de matrizes que delineiam os

centros e suas periferias. Esses conflitos existem e são parte das trocas que Lotman (ibid.) define como a articulação periférica dos círculos culturais.

Cada lugar conta com um arranjo cultural único, porque os espaços contam com semiosferas que evoluem de diferentes modos de outros espaços, mas essa evolução é, segundo Lotman (1996), dependente das trocas entre semiosferas que evoluem para posições contrapostas. Criam-se, a partir daí, as fronteiras que, em justaposição com os espaços culturais que fronteirizam, determinam os arranjos que centralizam os textos culturais que delineiam a identidade cultural. A leitura desses arranjos depende da percepção, que é sustentada em experiências posteriores de outros espaços, podendo variar e mudar de acordo com o observador. Uma leitura de signos, explicada também por Peirce (2003), que trabalha com a ideia de que as relações de primeiridade, secundidade e terceiridade, dependem de conhecimentos e sentimentos pré-existentes, serve como forma de organizar o espaço dentro de convenções específicas a partir da semiosfera, o que no texto será trabalhado a partir de Peirce (ibid.).

Peirce (2003, p. 55) define o diagrama como um tipo de signo icônico, ou um sinsigno icônico definido como sendo todo objeto de experiência na medida em que alguma de suas qualidades faça-o determinar a ideia de um objeto. Mais adiante Peirce (2003, p. 64) explica o diagrama como um tipo de hipoícone. Nesse sentido, imagens são um tipo de hipoícone e os diagramas são um segundo tipo, no qual são consideradas as relações análogas entre suas próprias partes. Em outras palavras, um diagrama representa relações ao evidenciar não os caracteres simples, mas as conexões internas e externas entre suas partes. A visão diagramática dá aos espaços extensão semiótica, o que, em paralelo com o conceito de espaço semiótico explicado por Lotman (1996), cria estruturas de representação que dão sentido aos espaços observados, sendo estes organizados a partir de uma gama pré-existente de significações, que cria sentidos que se estendem também ao observador, podendo esses pertencerem, ou não, ao espaço semiótico observado. O observador é uma parte importante para Ferrara (2000) quando se trata das relações espaciais, pois é a partir das experiências anteriores do observador que se torna possível compreender sua interação com os potenciais diagramas.

Para Lotman (1996), as fronteiras são um importante ponto de partida para as semiosferas e a estruturação da percepção das hierarquias sógnicas, que, para evidenciar suas unicidades, dependem da centralização de textos que surgem do contato entre dois ou mais espaços semióticos. Isso porque muitos textos, centrais de uma semiosfera,

passam por um processo que ocorre a partir da tradução de textos de fora dessa esfera, e sua articulação para suas zonas centrais, onde esses ganham formas mais únicas, se comparados com textos de fora de suas fronteiras, tornando-se textos completamente diferentes do espaço semiótico de onde surgiram.

Dessa forma, ao partir dos estudos da semiótica da cultura para compreendermos as totalidades, faz-se necessário dissertar a partir de dois pensadores importantes, Iuri Lotman e Milton Santos, que trabalham a ideia de que as totalidades devem ser lidas através das suas fragmentações em várias outras totalidades. As totalidades, em paralelo com o conceito de semiosfera, podem ser construídas a partir da fragmentação de outras totalidades, sendo esse mecanismo o que Santos (2020) descreve como cisão da totalidade.

[...]Mas a totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo para voltar a se fazer. O Todo é algo que está sempre buscando renovar-se, para se tornar, de novo, um outro todo. (p. 117)

Santos (2020) afirma ainda:

O conhecimento da totalidade pressupõe, assim, sua divisão. O real é o processo de cissiparidade, subdivisão, esfacelamento. Essa é a história do mundo, do país, de uma cidade... Pensar a totalidade, sem pensar a sua cisão é como se esvaziássemos de movimento. (SANTOS, 2020, p. 118)

O conjunto de movimentos dos textos culturais acontece com mais pungência na periferia das esferas da cultura. Quanto mais estabelecidos são os textos centrais de uma semiosfera, mais evidentes se tornam suas fronteiras, que em contato com outro espaço semiótico tem os textos novos transformados, dando unicidade à cultura dessa esfera. Esse processo é chamado de modelização. (LOTMAN, 1996).

As práticas cotidianas podem ser, portanto, entendidas para além de um mecanismo de produção de textos, como um movimento de articulação essencial que garante a continuação a esses textos, o processo de semiose e a delimitação de fronteiras que contrastam as esferas de cultura, criando o que Lotman (1996) define como “fora” e “dentro”, que refletem diretamente na leitura dos textos da esfera de cultura. É a partir dessas limitações espaciais que se dão as articulações periféricas, que surgem no contato entre diferentes esferas de cultura distanciando, ou mesmo aproximando, os textos de dois espaços semióticos, servindo, dessa forma, para a manutenção de um círculo cultural que reflete no seu aparato representativo, e podem ser traduzidos através de signos visuais, sonoros e até mesmos táteis, ganhando extensão simbólica que pode ser percebida na arte.

O sistema modelizante primário é descrito por Lotman (1996) como a linguagem espacial, ou seja, que tem lastro sógnico nos meios. Esse sistema engloba as interações comunicativas entre indivíduos, as práticas sociais, as instituições e os objetos culturais, sendo suscetível ao contexto, sempre em mudança, para a evolução simbólica. Os espaços semióticos são gerados a partir de mediações constantes, sendo seus mediadores os articuladores dos signos dessa esfera para as esferas adjacentes e o oposto. A modelização, portanto, pode ser considerada o sistema de criação de linguagens que dá forma às culturas. Embora seja a partir desse sistema que é possível visualizar as formas de uma identidade cultural, sistemas modelizantes não são inflexíveis, e dentro do reservatório de signos da sua forma primária que caracteriza as funcionalidades de uma espacialização, que é sujeito também a transformações.

Dentro do debate sobre identidades, isso se aplica a espaços que tenham sido criados inicialmente para segregar um tipo identitário. Partindo da ideia de representação dos espaços e do código essencial descrito por Ferrara (2002) e Massey (2008), a subversão funcional do espaço ocorre como consequência da transformação dos meios como uma necessidade de adequação do espaço para o pertencimento.

Enquanto análise da cidade nos seus espaços de representação, a semiótica visual estuda o que ocorre nesse espaço e, sobretudo, os signos da sua construção e dos seus modos de produção. Assim, a semiótica visual constitui uma experiência pedagógica do olhar na cidade: ensina-se ver-a-cidade através da leitura de suas marcas. Das cidades antigas às pós-modernas, essas marcas escrevem uma história visual que vai do ritual à reprodutibilidade (Benjamin, 1975: 9), da orgânica funcionalidade à sinestesia tátil-visual, da cidade física à possível interação virtual. (FERRARA, 2002, p. 37)

Pressupõe-se que a cidade é um mecanismo que se sustenta a partir de pequenos outros mecanismos, funcionando como um relógio. Entretanto, ao partir do emaranhamento teórico proposto ao longo desta dissertação, logo desenha-se a ideia de que a cidade é, na verdade, um organismo vivo, e que seus constantes movimentos, que se articulam a partir da periferia, comparam-se na verdade com o sistema respiratório de qualquer outro organismo vivo. O pensamento mecanicista de comparação com um relógio parte da ideia modernista, que geralmente dá aos fenômenos um olhar que compreende sua natureza apenas como algo mecânico e racional, ignorando a extensão afetiva e desprendida de outros elementos que modelizam a cultura.

Importante ressaltar que os pulsantes movimentos culturais, através das práxis, fazem funcionar a sua respiração, suas trocas, através da articulação periférica de sua semiosfera, dando mais sustentação e profundidade a esse processo. Dentro desse

encadeamento, a urbe surge através do movimento de apropriação do espaço, dando sentido afetivo e funcional, o que ressignifica socialmente, transformando os meios e os tornando indissociáveis desse organismo. Por fim, a ideia de um espaço para a periferia e um espaço para o centro pode depender de dois fatores fortemente relacionados ao discurso: a perspectiva e a intencionalidade.

Ainda assim, como qualquer organismo vivo, as áreas centrais dependem dos seus extremos, ou de suas periferias, para a realização de importantes ações. Para Nakagawa e Nakagawa (2020), a diferença entre o centro e a periferia está ligada às funções, com as áreas periféricas sendo mais abertas a interações e possuindo arranjos de sinais mais flexíveis. Na cidade, essa dinâmica resulta em espaços que desafiam as normas do planejamento urbano tradicional, criando uma configuração urbana. A relação entre centro e periferia, com sua dinâmica de interações e flexibilidade de arranjos, reflete diretamente o caráter fluido e interconectado das culturas descrito por Lotman (2019). Assim como os espaços periféricos desafiam as normas urbanas tradicionais ao propor novas configurações, as culturas também se transformam por meio do contato com textos e linguagens externas que cruzam suas fronteiras.

As invasões culturais reconfiguram a "imagem de mundo" da cultura em questão, trazendo à tona conflitos, ressignificações e traduções de códigos ausentes. Dessa forma, tanto no espaço urbano quanto no âmbito cultural, as margens assumem um papel ativo e criativo, enriquecendo e desestabilizando o centro em um movimento contínuo de transformação,

[...] em todas as fases do desenvolvimento de uma cultura, ocorrem contatos com textos emanados de culturas que antes estavam fora das fronteiras da cultura em estudo. Essas invasões às vezes ocorrem por meio de textos isolados ou camadas culturais inteiras e afetam de várias maneiras a estrutura da "imagem de mundo" da cultura em questão. Através de cada fatia síncrona da semiosfera, diferentes linguagens, em diferentes estágios de seus respectivos desenvolvimentos, estão em conflito, e alguns textos estão submersos em linguagens que não são as suas, enquanto os códigos que permitem decifrá-los estão totalmente ausentes" (LOTMAN, 2019, p. 11)

Para Ferrara (1981), a extensão histórica da cidade está ligada com o presente mais do que com o passado. O modo como o usuário compreende as espacialidades faz com que a memória do repertório coletivo de um ambiente se preserve. Para Santos (2020), a construção funcional, logo social de um espaço, está sujeita aos efeitos do tempo e depende de diversos fatores enraizados principalmente na historicidade desse local. Essas

ramificações do tempo de um espaço são descritas por Milton Santos (2020) como rugosidades.

O que, na paisagem atual, representa um tempo do passado nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. (SANTOS, 2020, p. 140)

A noção de rugosidade nos permite compreender como os espaços carregam uma profundidade histórica que justifica a produção de textos culturais que moldam a identidade e a dinâmica cultural do lugar. Esses textos, entendidos como manifestações simbólicas, dialogam entre si e com o passado, formando um tecido cultural que não apenas reflete, mas também modela o espaço. Nesse contexto, as rugosidades – marcas materiais, simbólicas e históricas deixadas ao longo do tempo – possuem um papel fundamental, ainda que muitas vezes invisível. Elas influenciam diretamente o modo como as transformações e expansões culturais acontecem, criando tensões e possibilitando novos diálogos entre o tradicional e o contemporâneo. Essas marcas dialogam com o que Ferrara (1981) denomina de dialogia, revelando que os textos culturais não existem isoladamente, mas se constroem em interação constante com outros textos e práticas, produzindo sentidos que ressoam no espaço.

Muito embora o espaço se modelize através de um sistema de signos que, cria, a partir da centralização de textos culturais, certa homogeneidade nas manifestações específicas mais relevantes, a criação da totalidade, dentro dessa massa espacial praticamente homogênea ainda leva em consideração representações que estão fora dos círculos dogmáticos, mesmo esses se encontrem na periferia da homogeneidade. Isso tem influência na gama representativa, que deixa de ser homogênea, tendo trocas tanto com o centro, quanto com a periferia e até mesmo com espaços fora desses círculos culturais. Para Massey (2008), não existe uma totalidade nas representações, principalmente porque a maioria delas partem de um olhar hierárquico. A geógrafa contesta a ideia de que o espaço pode ser reduzido a mapas ou imagens fixas, indo de encontro com a ideia de reservatório iconográfico que geralmente ganha destaque, e ainda argumenta que essas representações tendem a privilegiar certas perspectivas em detrimento de outras.

Pela natureza de divisão do espaço de Brasília, pode existir uma leitura uniformizante das suas produções culturais, o que influi também na maneira de produzir arranjos representativos, que são interpretados pelo usuário como textos totalizadores das

identidades desse espaço. O que pode ocorrer em regiões periféricas como Planaltina, o próprio Vale do Amanhecer e é comum em aglomerados urbanos da periferia de São Paulo, conforme desenvolve Ferrara (2002) no seu trabalho.

No caso da representação simbólica. O objeto é uma referência do símbolo que está temporariamente delimitado pelo significado que a História lhe concedeu. Os materiais e procedimentos simbólicos são considerados paradigmáticos para um domínio cultural, ou seja, uma coluna pode ser utilizada para representar e comemorar o poder que deverá ser duradouro, assim como a cultura clássica ou a funcionalidade racional passa a ser ilustração do próprio pensamento moderno, que não hesitou em cunhar o mote da habitação como “máquina de morar. (FERRARA, 2002, p. 106)

A cisão da totalidade, ou o olhar o espaço a partir da sua divisão em semiosferas permite aproximar como uma lupa e perceber as unicidades dos textos culturais que se centralizam na cultura. É olhando essas pequenas parcelas que podemos delimitar as características centrais que fomentam a criação de novos textos. Essas características são denominadas por Nakagawa e Nakagawa (2022) como individualidades semióticas, nas quais o estudo se aprofundará para compreender a construção da coletividade e a construção do outro nos círculos de identidade.

Ao mesmo tempo, em virtude da mediação exercida pela semiosfera na vida social, a hierarquização entre diferentes códigos que constrói a individualidade semiótica de uma cultura produz uma informação que igualmente leva à delimitação de “[...] formas radicais da auto-consciência social, da organização das coletividades e da auto-organização da personalidade (LOTMAN, 1979, p.33 apud NAKAGAWA, R. NAKAGAWA, F. 2022, p.204)

Não obstante:

Os sentidos não se confundem, são contrários ou opostos, mas, de alguma forma, complementares, pois um é positivado com a negatização do outro. Trata-se do mecanismo mais elementar de constituição da individualidade semiótica: a relação entre cultura e não cultura ou entre o eu e o alheio. Por meio desse mecanismo, uma cultura constrói sua própria organização interna em contraposição com o outro, visto por ela como “não organizado”. Porém, pela perspectiva epistemológica subjacente à semiosfera, o “não organizado” é, antes de tudo, portador de uma organização distinta. (NAKAGAWA, R. NAKAGAWA, F. 2022, p.202)

1.3. As individualidades semióticas e o Outro no Vale do Amanhecer

A constituição de um arcabouço identitário se agarra não apenas na sustentação do “eu”, mas no distanciamento desse “eu” construído, de um “outro” (ou “outrem”), também construídos. O distanciamento dessas duas concepções depende dos textos centrais da semiosfera, que, a partir de suas inflexibilidades, criam fronteiras mais duras,

de forma que seus textos passam de uma esfera para outra com mais resistência, ou criam resistências a tradução de novos textos, propiciando distanciamentos perceptíveis que são imprescindíveis na construção dos elementos do núcleo de um círculo de cultura. Esse processo cria o que pode ser observado como criações textuais dogmáticas, sendo os textos dogmáticos a essência da concepção da individualidade semiótica.

Os textos centrais de uma semiosfera constituem um elemento fundamental para o engrossamento das fronteiras que agem na preservação da identidade cultural, operando como um núcleo de significados e valores que são deliberadamente protegidos contra mudanças. Esse núcleo proporciona estabilidade e continuidade, ao servir como um ponto de referência fixo que orienta o comportamento, as crenças e a compreensão dos membros da cultura. Através desse papel estabilizador, esse comportamento dogmático reforça a coesão interna de uma sociedade, promovendo um senso de pertencimento e de propósito compartilhado. Assim, enquanto é indispensável para a manutenção da identidade cultural.

Culturas que querem se resguardar, desempenham um papel de isolador, trazendo para si traduções que deformam os textos externos, tornando o processo de identificação e de centralização binário, logo “eles” não é “nós”, criando fronteiras mais duras e menos flexíveis. Essa fronteirização pode ser observada nas especializações, sobretudo quando essa tende a marginalizar grupos culturais que são caracterizados como “eles” ou “o outro”.

Nos casos em que o espaço cultural tem caráter territorial, a fronteira adquire um significado espacial no seu significado elementar. Porém, mesmo quando isso acontece, mantém a sensação de um mecanismo buffer que transforma a informação, de um peculiar bloco de tradução. Assim, por exemplo, quando a semiosfera é identificada com o espaço “cultural” dominado, e o mundo fora dela, com o reino dos elementos caóticos e desordenados, a distribuição espacial das formações semióticas adquire, numa série de casos, o seguinte aspecto: pessoas que por um dom especial (bruxas) ou pelo tipo de ocupação (ferreiro, moleiro, carrasco) pertencem a dois mundos e são como tradutores, estabelecem-se na periferia territorial, na fronteira do espaço cultural e mitológico, enquanto o santuário das divindades “culturais” que organizam o mundo está disposto no centro. (LOTMAN, 1996, p. 14, tradução própria)

Não obstante,

Toda cultura começa dividindo o mundo em "meu", espaço interno, e "seu", espaço externo. A forma como esta divisão binária é interpretada depende da tipologia da cultura em questão. Mas a verdadeira divisão é aquela que vem dos universais culturais humanos. A fronteira pode separar os vivos dos mortos, os sedentários dos nômades, os camponeses das cidades; Pode ser estadual, social, nacional, regional, confessional ou qualquer outra. Existe uma semelhança surpreendente, mesmo entre civilizações que não têm contato entre

si, entre os modos de expressão usados para descrever o mundo além da fronteira. (LOTMAN, 2019, p.21-22, tradução própria.)

Para Regiane e Fabio Nakagawa (2022) a classificação através da organização binária faz com que a fronteira desempenhe um papel crucial como meio de divisão entre o que é considerado "cultura própria", nomeada e reconhecida como tal pelo próprio grupo, enquanto todas as outras são identificadas como o seu oposto.

Dessa maneira, fazer ou ser parte de uma dada esfera cultural confere aos sujeitos o traço dominante de equivalência e simetria pelo ponto de vista da "cultura própria", que permite que suas diferenças fiquem em segundo plano em prol de uma paridade social hegemônica. (NAKAGAWA, Regiane, NAKAGAWA, Fabio, 2022, p.205)

Essa ideia apresentada por Nakagawa e Nakagawa (2022) conversa com o conceito de distanciamento cultural, fazendo com que as culturas que estão abaixo dentro da classificação hierárquica, sejam estigmatizadas por características que simbolicamente representam declínios, dentro do entendimento social eurocentrado o qual movimentos como a globalização, conforme descrevem Santos (2020) e Hall (2020), têm forte influência. A construção de semiosferas a partir da lógica da cultura binária está relacionada a um processo de pertença que justapõe as identidades, ou como pontua Bauman (2005), as contra identidades, visto que essas partem de uma construção que nega as construções centrais. Isso faz com que o processo de pertencimento passe por uma série de negações que vão de encontro com os textos culturais de fora do círculo cultural, onde a pertença depende da negação de outras representações.

Isso implica que a ideia de pertencimento pela ordem do espaço articula-se pela perspectiva "interna" de um dado sistema, em que os seres modelizados por tal focalização se constituem como partes integrantes de uma dada coletividade e, por isso, eles a nomeiam como "cultura própria" (LOTMAN, 1998, p. 93, tradução própria).

E,

Na relação dicotômica produzida por meio da paridade espacial, o ponto de vista de uma dada cultura chega até os domínios de suas propagações, havendo, portanto, limite na preeminência da expansão de suas semioses e do espaço considerado interno. (NAKAGAWA, Regiane, NAKAGAWA, Fabio, 2022, p. 205)

A estruturação, lida através da lógica binária, força a fronteira a funcionar como um mecanismo de separação, onde a "cultura própria" ganha caráter repulsor, relegando todas as demais ao papel de seu oposto ou negativo. Nesse contexto, pertencer a uma esfera cultural específica confere aos sujeitos uma percepção dominante de equivalência e simetria dentro dessa cultura, onde as diferenças internas são minimizadas em favor de uma paridade social hegemônica. O espaço analisado revela uma construção urbana

marcada por conflitos, como evidenciado na expansão do Vale do Amanhecer. De acordo com Reis (2010), essa expansão apresentou tensões recorrentes, especialmente devido à natureza expansiva das igrejas neopentecostais, que se estabeleceram nas áreas periféricas do bairro, que se reforçaram na lógica da construção binária, para estabelecer embates com a Ordem Espiritualista Cristã do Vale do Amanhecer.

Os conflitos, assim como aquilo que os permeiam, são indissociáveis das relações de afeto com o espaço. São “encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos "padrões" que coexistem na Cidade” (LEFEBVRE, 2008, p. 22). A partir disso, cabe a ideia de uma identificação menos baseada na razão, fazendo com que os locais ganhem nomes e funções que dão sentido às práticas que articulam a urbe que e partem da sua extensão afetiva e imaginada. A ideia de um espaço compartilhado como um pilar para o pertencimento a princípio pode não parecer uma razão plausível para a construção de um círculo comunitário com potencial de sobrepor o que é marcado como “eles”, mas para Nakagawa e Nakagawa (2022), é a partir da fricção que surge do delineio dos “nós” e dos “eles” que resultam os arranjos mais claros da identificação. Assim, como resolução desses conflitos, ou intensificação deles, é possível traçar a linha que permite entender a pertença, que define um “nós” frente a pungência da necessidade do pertencimento, e um eles, frente a urgência de criar um “inimigo em comum”, como define Bauman (2005).

No percurso da pesquisa, foram realizadas uma série de entrevistas abertas com moradores do Vale do Amanhecer. A ideia das entrevistas, era, para além de entender o Vale do Amanhecer, compreender as relações de espacialidade e o papel das pessoas frente a transformação e manutenção das dialogias criadas pelo espaço, e a partir do espaço. As entrevistas também levantaram relatos que compõem a extensão imaginada e afetiva do bairro, compreendendo assim nomes dos locais, suas funções e seus papéis no que Santos (2020) define como rugosidades. Esses relatos servirão seu propósito metodológico mais adiante, porém é importante ressaltar nesse capítulo que quase todos os relatos descreviam essa relação com o espaço do Vale com algum momento de intolerância, preconceito ou outros tipos de violência, que podem ser descritas como uma caça às bruxas.

A intolerância religiosa é base de alguns dos preconceitos sofridos pelos moradores do Vale. Mesmo para pessoas que não participam da doutrina religiosa, o que é hoje a maioria estimada no bairro, é comum que quando estão fora do bairro exista

comentários em relação aos moradores, às pessoas que participam da doutrina e pessoas que não moram no bairro, mas que o frequentam por algum motivo, comparando-os com bruxos, feiticeiros e macumbeiros, esse último de forma pejorativa e racista. Além de comentários acerca do bairro, religião, e afins, os moradores relatam também comportamentos de exclusão e de inferiorização, sendo esses últimos prejudiciais quando se trata de busca por vagas de empregos e de conquistas de espaços políticos. Entre os entrevistados todos reportaram situações de discriminação fundamentadas em comentários de origem religiosa, todos associam a doutrina do Vale do Amanhecer à religiões de matriz africana. Nakagawa e Nakagawa (2022), explicam a intolerância como uma das consequências da construção de uma cultura a partir da lógica binária:

A intolerância surge justamente dessa rigidez imposta pela fronteira cultural utilizada apenas e tão somente como espaço de apartação, em que o mecanismo de autoafirmação depende da negação do “outro distinto” e, portanto, percebido como desigual. (NAKAGAWA, NAKAGAWA, 2022, p. 207)

Com a expansão do bairro e o surgimento de novos círculos de cultura, centralizados a partir de variabilidade extensa de religiões, a doutrina - e suas extensões cidadinas - tomou uma postura mais defensiva, que Reis (2010) explica como parte de um esforço para não perder o espaço frente ao surgimento e expansão de igrejas neopentecostais. Para Reis (ibid.), “a expansão urbana vivida pelo Vale do Amanhecer resultou na ‘tessitura’ de um espaço marcado pela heterogeneidade de crenças”. Com o surgimento da Vila Pacheco, o Vale se tornou um bairro aberto para receber outros espaços religiosos, que se implantaram aos montes nas áreas menos desenvolvidas do bairro, isso é, nos últimos territórios a receberem infraestrutura, saneamento básico etc.

A Vila Pacheco, que hoje já conta com uma mancha maior do que o projeto original de urbanização do bairro, avançou sobre áreas que outrora eram tidas como religiosas, ou que desempenhavam papel importante para a missão social da Ordem. O Pacheco, como é referido pela maior parte dos moradores, foge da ideia inicial da comunidade religiosa e cria uma espécie de cerco sobre os praticantes da doutrina, que por vezes se veem em situações de embates, com tentativas de desmoralização, ataques verbais de natureza religiosa e ataques aos espaços religiosos, como a elipse e a estrela, segundo relatos de moradores, já sofreram com pichações e até ataque a tiros, além de tentação de conversão de membros por membros de igrejas evangélicas e neopentecostais, como descreve Reis:

[...] residências ocupadas por famílias sem vínculo com a Ordem e novas agremiações religiosas, sobretudo neopentecostais. Essas últimas, através de seus adeptos, situação descrita por membros do movimento, investem sobre a “área religiosa” do Amanhecer no intuito planejado de promover a conversão dos “médiuns da Doutrina”, utilizando-se de distribuição. (REIS, 2010, p. 90-91)

Apesar da organicidade dos movimentos de expansão urbana do bairro, a área central do Vale do Amanhecer foi criada para solucionar um problema que surgiu com o número crescente de acessos aos templos religiosos: a distância. Por estar em uma área relativamente isolada, os mais fiéis seguidores de Tia Neiva optaram por se mudarem para o Vale e se dedicar ao trabalho espiritual. Uma vez que o fluxo de pessoas foi aumentando no bairro, a experiência dos novos espaços surgidos foi se modificando, deixando de ser apenas um lugar de retiro, que fez os moradores aderirem o crescente sentimento citadino que anteriormente se concentrava na sensação de isolamento descrita pelos entrevistados - sobretudo para os que moram no Vale há décadas - como uma forma mais pura de vivenciar o espaço religioso. Esse isolamento também possibilita perceber como alguns textos culturais, que surgiram através desse processo de espacialização, criaram aderência nas atividades que diziam respeito apenas ao espaço como uma extensão dos seus textos mais religiosos, o que fazia os moradores parte mais vívida dessa coletividade.

Entre alguns dos textos mais dogmáticos do Vale do Amanhecer pode-se observar o foco que os princípios doutrinários depositam sobre crença em ser uma religião em que seus participantes, principalmente aos que são garantido o título de Apará¹⁰, não devem consumir bebidas alcoólicas. Isso fez com que a mancha urbana central, principalmente as mais próximas do templo, não contasse com bares, distribuidoras de bebidas alcoólicas e nem mesmo a venda de bebidas em restaurantes e lanchonetes. Essas restrições fizeram com que a Vila Pacheco surgisse como um contraponto. Marilda Freitas (2024), moradora do Vale há mais de 30 anos, afirma que um dos motivos para o crescimento da Vila Pacheco foi a possibilidade de estabelecimento de comércios que vendem bebidas alcoólicas. Para a entrevistada, a ida de membros da Ordem para esse novo ajuntamento foi influenciada pela possibilidade de beber longe dos olhos de outros membros do corpo doutrinário, um relato que faz sentido tendo em vista a localização geográfica do Pacheco, que se estende majoritariamente por trás dos morros, que servem como cortinas para a parte que a cidade quer, de certa forma, obscurecer.

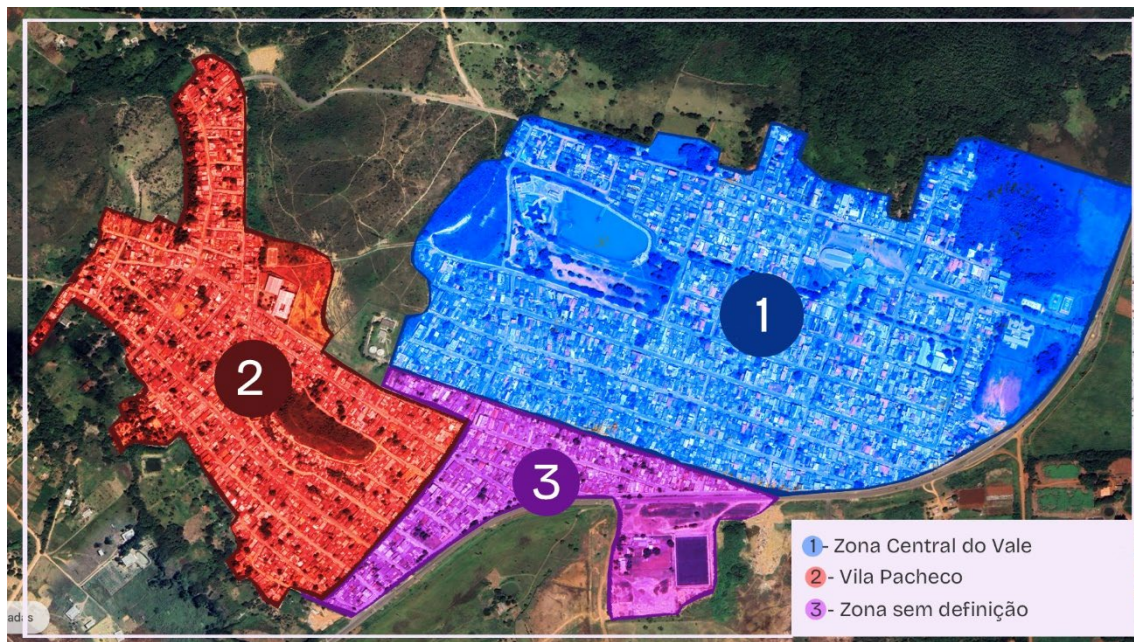
¹⁰ Apará é a mediunidade de incorporação de espíritos, atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força da Lua. Estes médiuns recebem a denominação de Mestre Lua ou de Ninfa Lua, conforme o gênero. (IPHAN, 2010)

Apesar dessa construção clara de uma fronteira, que a partir das separações textuais cria suas identidades antagônicas, surge o questionamento sobre o reflexo de criação de contra-identidades para comunidades fechadas. Por esse motivo, fez-se importante que no desenvolvimento deste trabalho seja levado em consideração como a percepção dos próprios moradores sobre os espaços e suas identidades influência na construção de visualidades, refletidas no espectro geográfico, não só do Vale do Amanhecer, mas também da Vila Pacheco.

Por isso, conforme já sinalizado, na estrutura binária, a fronteira cultural atuará como espaço de demarcação, de modo a proteger e garantir a permanência da “cultura própria”, segregando-a daquilo que não é reconhecido como idêntico. A intolerância surge justamente dessa rigidez imposta pela fronteira cultural utilizada apenas e tão somente como espaço de apartação, em que o mecanismo de autoafirmação depende da negação do “outro distinto” e, portanto, percebido como desigual. ((NAKAGAWA, Regiane, NAKAGAWA, Fabio, 2022, p.207-208)

Compreende-se a partir do relato dos moradores entrevistados que ainda existem embates que fazem com que haja uma disputa pela reivindicação da identidade que se estende sobre o Vale do Amanhecer. Para Elias Viana (2024), um dos entrevistados no decorrer da pesquisa, existe um esforço para caracterizar o que não corresponde ao Vale dentro do próprio bairro, rebaixando as pessoas, e manifestações culturais, que estão distantes do circuito central do Vale do Amanhecer. Essas manifestações - e pessoas - são denominadas como “Pachequeira”, ou “do Pacheco”, como uma forma pejorativa de colocá-las abaixo do núcleo da identidade do Vale, se estendendo também para lugares perigosos, que não devem ser visitados ou que não devem receber benefícios. Viana (ibid.) também afirma que muito embora exista uma ideia inicial do que seria o Pacheco, esse termo se tornou pejorativo para classificar outras áreas do bairro, sem necessariamente se agarrar a uma lógica geográfica. Para Mayrla da Silva (2024) é comum que moradores das áreas mais centrais do Vale não tenham adentrado as áreas mais periféricas que se entendem como Pacheco. Assim, a compreensão do que é o Vale e o que é o Pacheco parte também da linguagem, conforme explicita o mapa da figura 15.

Figura 15: A divisão entre a zona central do Vale do Amanhecer e o Pacheco



Fonte: Elaboração própria

O Vale do Amanhecer é ainda uma parcela de Brasília, principalmente quando consideramos a Capital uma unidade aglutinadora de identidades, o que passa a ser um pilar importante para compreender a extensão da visualidade e da visibilidade no distanciamento da identidade cultural do Vale, para o mundo e para o resto de Brasília ou do Distrito Federal. Para além dos *modus* de urbanicidade, Brasília carrega características na sua construção cultural que a princípio a coloca como um contraste interessante para o Vale. O aspecto higienizado, potencializado pelo modernismo e pela transformação na paisagem urbana resultante da gentrificação, é um dos tópicos recorrentes no estudo das dicotomias entre o centro e suas periferias. A espacialização do Plano Piloto tem como alguns dos pilares principais os textos culturais religiosos, que colaboraram diretamente para sua construção, e para além disso, para a justificar sua existência, como um espaço centralizador e indispensável para o país. Essa espacialidade de manifesta por meio da construção iconográfica esotérica, resulta em uma aura mística que apresenta semelhanças com a origem do Vale do Amanhecer.

2. O mítico, o místico e o decolonial

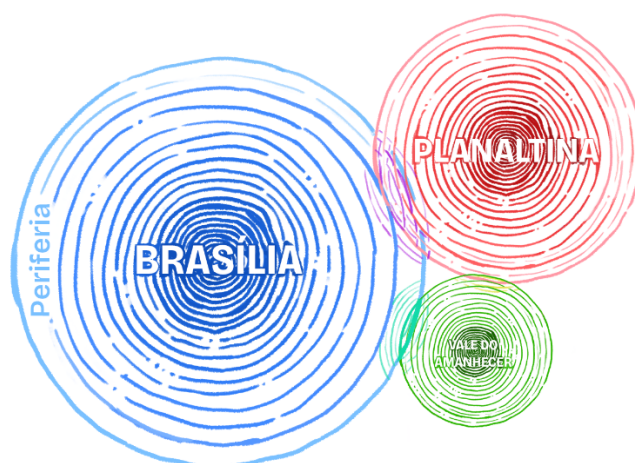
“Não somos bruxos, somos transmutadores de energia” FREITAS, Marilda, 2024.

2.1. O impacto visual da Neiva mítica

O espaço é uma unidade da percepção. Essa definição é dada por Milton Santos (apud FERRARA 1981), e explorada no âmbito da semiótica dos espaços por Ferrara (1981) como unidade de percepção. A partir de Ferrara (1981, 2000), Santos (1979, 2004) e Lefebvre (2008), pode-se dissertar sobre o espaço, não como uma unidade inflexível e imutável, mas como um processo dinâmico em constante transformação, no qual cada elemento se torna um signo e, posteriormente, uma forma de linguagem. Ruas, avenidas, praças, monumentos e edifícios constituem uma realidade simbólica que comunica informações sobre o contexto urbano. Contudo, é a interação dos usuários com o ambiente que amplia essa dinâmica, configurando escolhas e conexões dentro de um repertório contextual, que se constitui a partir das percepções e das evoluções dessas percepções do usuário. O uso representa uma interpretação ativa da cidade, moldada pelas relações humanas que ocorrem em seu interior. Nesse processo, o usuário simultaneamente interpreta e é interpretado pelo espaço urbano, deixando marcas e ressignificando o ambiente por meio de sua linguagem.

O Vale do Amanhecer, em sua variedade dicotômica, traz para si a possibilidade de distinção entre as duas principais áreas do bairro, explicitando suas relações centro-periféricas, assim como relações do bairro com as cidades que periferiza: Planaltina e o Plano Piloto (figura 16). O modo como a relação com o espaço muda com a distância do seu centro, dando visibilidade aos aparatos representativos mais dogmáticos nas áreas centrais do seu território, moldam-se através das percepções desses usuários que também percebem-se dentro desse espaços e a partir da relação dos mesmos através da sua evolução histórico-simbólica, descrita por Ferrara (1981) como dialogia.

Figura 16: Diagrama da relação: Brasília - Planaltina - Vale do Amanhecer



Fonte: Elaboração própria

O exercício do espaço, através do rito do cotidiano, pode ser percebido pelas relações identitárias de ofício - que surgem através da prática do espaço por meio do trabalho -, que a classe trabalhadora exerce através da venda de sua mão de obra, seja para grandes empresas, ou para os pequenos comércios ao longo das ruas e avenidas. Essa prática passa por transformações frente a um mundo cada vez mais digital e focado no mercado menos estabelecido no mundo físico, o que ao longo desse trabalho será tratado como uma mudança no paradigma de produção de novas espacialidades, ideia que Lucrécia Ferrara trabalha com muito afinco em suas investigações em diálogo com Milton Santos.

A mudança do paradigma das espacialidades dá ao bairro que é explorado na pesquisa a sensação, que é descrita por alguns visitantes, como um bairro que é parado no tempo. O bairro ainda se organiza como uma comunidade pequena, onde pode-se encontrar vendedores de defumadores, utensílios doutrinários, indumentárias em diferentes postos espalhados pelas ruas. Essa disposição muda as características da visibilidade do Vale, conceito que é descrito como “propriamente semiótica, pois é compatível com a cognição perceptiva como alteridade que caracteriza e desafia a densidade física” (FERRARA, 2002, p. 101).” A cidade, que se moldam a partir e a trocas sociais, importante para compreendermos a relação das pessoas com o cotidiano e com a própria produção do espaço, frente ao distanciamento dessa espacialidade com a concepção hegemônica de espaço. Essas relações de poder são refletidas na visualidade dessas duas parcelas do bairro, no sentido descrito por Lucrécia Ferrara (2000, 2002).

Ferrara (ibid.) propõe a visualidade como uma das principais categorias de análise de espaços, e uma forma de angariar dados também acerca da espacialidade, sendo essa um dos aspectos mais fortes relacionados à representação. No entanto, a visualidade, para além da sua dimensão do que é visível, não está relacionada apenas aos aspectos físicos, arquitetônicos e urbanísticos, abrangendo desenhos, projetos, mapas, formas, texturas, materiais construtivos e os processos técnicos evidentes nas edificações e seus vazios. A visualidade se encontra nos signos que surgem da coexistência das sonoridades, dos odores, das sensações táteis e interações entre usuários, compondo uma experiência sensorial integrada. Embora sob domínio predominante do olhar, essa categoria não exclui outras formas de percepção, mas reflete as relações de hierarquia entre os sentidos. Nesse contexto, as visualidades representam os múltiplos modos como as espacialidades são percebidas, marcadas por vestígios de ações passadas e presentes que interagem de maneira dinâmica e imprevisível, revelando camadas de significados e experiências.

As formas, as cores, os sons e os cheiros, são signos que tornam os ambientes capazes de criar prismas de percepção. O usuário, como um componente das espacialidades, traz significações diferentes a partir da sua gama anterior de experiências que moldam os prismas de percepção. O Vale do Amanhecer e Brasília tem impressões de significações que aproximam esses espaços, embora pela natureza centro-periferia desses espaços os signos mais evidentes sejam essencialmente dicotômicos. Para Cavalcante (2011) Brasília e Vale do Amanhecer compartilham de alguns ícones em comum, sendo esses pilares que protagonizam a compreensão da cidade, na sua dimensão mais histórica e no modo como esses são as repercussões das suas rugosidades. Brasília e o Vale do Amanhecer, de formas distintas, são carregadas de uma áurea mística, a primeira pela forma como foi construída e ressignificada ao longo da história, com seus monumentos, seus candangos, e suas praças; e a segunda pela sua motivação social, seu papel religioso, seus símbolos, suas indumentárias e seus fiéis.

Para além da perspectiva desenvolvimentista, e consequentemente estadista, de Juscelino Kubitschek, Brasília nasceu também como um sonho profético e religioso, que tem como uma das figuras centrais Dom Bosco¹¹. Essa extensão fatídica da cidade é vista por Cavalcante (2011) como uma forma de justificar religiosamente a vinda da capital do

¹¹ “Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse então uma voz repetidamente: -Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, de onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.” Profecia de Dom Bosco descrita a partir de um sonho em agosto de 1883.

país para a região central, que na época do seu planejamento enfrentava protestos que questionavam a construção de uma nova capital longe do Rio de Janeiro. A missão de levar a capital para o centro do país criou uma aura mítica em torno de algumas das figuras que fizeram parte dessa história, sendo essas personagens centrais para a composição visual dos elementos históricos da própria capital.

A profecia de Dom Bosco foi amplamente usada por JK e por seus apoiadores, que viam como santa a construção de Brasília. Esses textos elevavam - e ainda hoje elevam - a cidade a um patamar de quase sagrada, marcando sua monumentalidade, suas paisagens e até mesmo seu plano urbanístico como espaços de adoração. Essa extensão religiosa, sobretudo cristã, foi refletida nas representações que deram extensão visual ao planejamento ainda abstrato da futura cidade. No presente, essas pessoas compõem a visibilidade dos centros urbanos da capital para além do Plano Piloto. Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e até mesmo Dom Bosco são algumas das principais figuras reconhecidas pela população, sendo esse um esforço consciente nas representações espaciais e podem ser observados através da replicação da tessitura do aparato iconográfico de Brasília que vai além dos círculos centrais, ganhando caráter popular em arte urbana e peças de design que fogem das representações oficiais em estátuas e monumentos (figura 17).

Figura 17: Arte urbana com alguns dos principais ícones da construção de Brasília na Asa Sul

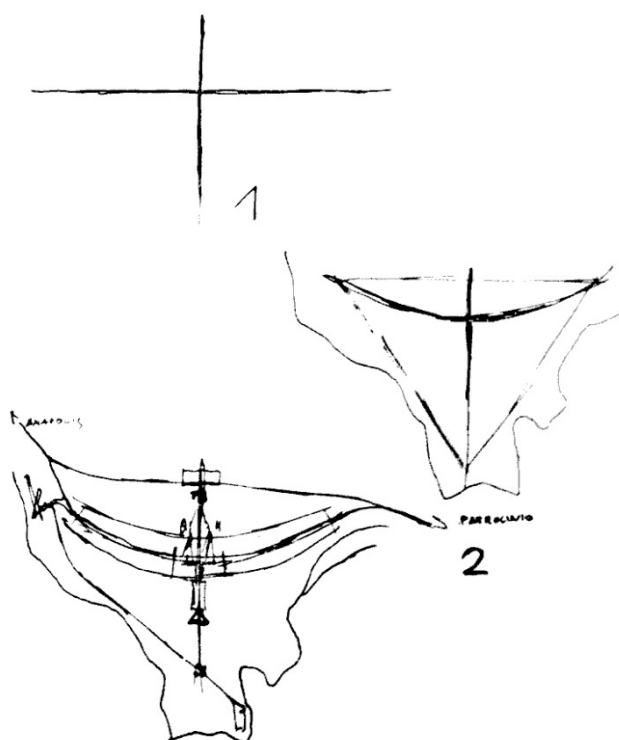


Fonte: Arquivo pessoal

Para Cavalcante (2011) parte da motivação que moveu a construção da cidade, como também as pessoas que tornaram a cidade planejada em uma realidade, foi a rica simbologia cristã adotada no plano urbanístico de Lúcio Costa. O desenho da cidade nasce a partir do desenho de uma cruz (figura 18), que para Cavalcante (ibid.) serviu como insumo para acessar sentimentalmente a maioria cristã iconoclasta do país na década de planejamento da nova capital. A cruz, que mais tarde ganhou outras interpretações¹², acabou por se tornar um ícone muito importante, sendo representado de várias formas e impresso na visibilidade da cidade em diferentes pontos.

¹² Embora muitos se refiram aos croquis de Costa como uma cruz, há quem opte por chama-lo de ave, avião, mariposa etc.

Figura 18: Croqui do processo criativo de Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília



Fonte: Plano Piloto de Brasília – Lúcio Costa – concursosdeprojeto.org

Essas representações fazem parte do arco iconográfico e pode ser visto até mesmo estampado em roupas, adornos e na própria pele das pessoas, que muitas vezes optam por tatuar os desenhos de Costa como forma de homenagear a cidade e reforçar a ligação com o sentimento de ser brasiliense. Em 2024 foi descoberto, durante uma obra de recapeamento, o marco zero, ou seja, o ponto inicial das obras de construção de Brasília, sendo hoje marcado pela imagem de uma cruz, que ao mesmo tempo é o desenho feito por Costa dos eixos que cruzam a cidade, estampada no chão e nas paredes do Buraco do Tatu.

Figura 19: Marco Zero de Brasília, marcado com uma cruz



Fonte: Agência Brasília Foto: Joel Rodrigues

Esse rito de contemplação proporcionado pelos espaços sacros, e potencializado pelos objetos representativos que ganharam forma de textos religiosos, fez com que ao longo da história as personalidades que protagonizaram essa peregrinação e o erguimento dessa cidade faraônica, repleta de espacialidades religiosas, com diversos textos sincréticos, fossem elevadas a figuras quase santificadas. Cavalcante (2011) descreve Brasília como vista a partir de uma lente de Cidade da Salvação:

Brasília foi concebida como uma espécie de “cidade da salvação”, assim como as demais cidades dos CIAM. Sendo aliada à sua ideologia, também ela foi vista como “um plano para a libertação frente à ‘trágica desnaturalização do trabalho humano’ produzida nas e pelas metrópoles da sociedade industrializada” (HOLSTON, 1993, p. 47). Essa libertação se daria, de acordo com Holston, pelo controle da especulação e da distribuição dos recursos urbanos com base em fatores dissociados da riqueza; a base da distribuição desses recursos seria o próprio plano geral da cidade. Este, por sua vez, proporciona a todos os seus habitantes direitos como moradia, recreação, educação e saúde, segundo critérios objetivos e racionais. (CAVALCANTE, 2011, p. 25)

Muito do sucesso de Brasília, da sua monumentalidade e da sua inovação foram atribuídas aos homens supracitados, que mesmo nos dias de hoje têm suas representações incrustadas no sentimento citadino da cidade. A mitificação dessas figuras centrais na construção de Brasília foi sustentada pelos próprios, que em diversas oportunidades reforçaram seus lugares como pessoas que representavam algo além de suas funções, como é o caso do Presidente Kubitschek, que fora comparado com outros personagens históricos, em especial com figuras faraônicas, no conhecido caso em que o presidente foi comparado com o Faraó Akhenaton, um dos mais icônicos faraós da história do Egito. JK tinha plena consciência dessa comparação, e fez questão de adicionar esse detalhe em seu livro:

Levado pela admiração que tinha por esse autocrata visionário, cuja existência quase lendária eu surpreendera através das minhas leituras em Diamantina, aproveitei minha estada no Egito para fazer uma excursão até o local, onde existira Tell El-Amarna. Vi os alicerces da que havia sido a capital do Médio Império do Egito. A cidade media oito quilômetros de comprimento por dois de largura. À margem do Nilo, jardins verdejantes haviam sido plantados e, atrás deles, subindo a encosta da rocha, erguera-se o palácio do faraó, ladeado pelo grande templo. [...] Hoje, tanto tempo decorrido, pergunto-me, às vezes, se essa admiração por Akhenaton, surgida na mocidade, não constituiu a chama, distante e de certo modo romântica, que acendeu e alimentou meu ideal, realizado na maturidade, de construir, no Planalto Central, Brasília – a nova capital do Brasil. (KUBITSCHECK, 2020, p. 112)

A ideia de uma cidade que nasce a partir de uma profecia trouxe para a capital várias manifestações religiosas de origem distintas. A mistificação desse espaço juntamente com a mitificação entorno das suas principais personalidades fez com que diversos líderes religiosos vissem à cidade com olhares atentos, o que fundindo com os ideais brasileiros de laicidade e democracia estimularam doutrinas religiosas com alta variabilidade de textos culturais a estabelecerem-se no plano idealizado por Kubitschek os pilares das doutrinas religiosas existentes e das doutrinas religiosas que estavam por vir.

Além de ser vista como a cidade do ecumenismo, do Terceiro Milênio, Brasília também se projetava como uma espacialidade geográfica em se consolidariam toda sorte de inovações e de desenvolvimentos, nas áreas de Saúde, Habitação, Educação, Planejamento e outras. Em todas elas Brasília funcionaria como balizamento de utopia do futuro. Evidencia-se, considerada a trama discursiva a que dava forma, o intento aclarado de promover a consolidação de um imaginário utópico destinado a ajustar sentidos pósteros à Nova Capital e que resultasse eficaz o bastante para salvaguardar suas aspirações de poder. [...] Assim, apesar de inúmeras suspeições e das duras críticas direcionadas ao projeto de transferência da capital, uma turma de entusiastas, intelectuais e especialistas aderiram ao sonho de Juscelino Kubitschek. Entre eles, importa citar, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Athos Bulcão, Burle Marx. (SIQUEIRA, REIS, 2010, p.34-35)

Acredita-se que a doutrina religiosa do Vale do Amanhecer também tenha nascido de um sonho profético. Dentre outras determinações, foi a partir de devaneios e visões mediúnicas da fundadora da doutrina religiosa Neiva Chavez Zelaya, ou Tia Neiva como mais tarde foi batizada, que surgiu a ideia de erguer um espaço que pudesse abarcar a diversidade da fé da médium, que não tinha espaço em outras religiões. Segundo membros da doutrina, Neiva estava passando por uma evolução que era até então incompreendida, o que fez com que ela fosse internada em um manicômio, para logo depois de liberta começasse a caminhada rumo a fundação da sua doutrina.

Neiva foi a primeira mulher caminhoneira do Brasil, e teve um de seus caminhões fichados para trabalhar na Novacap durante vários anos durante a construção de Brasília

(figura 20). Para Cavalcante (2011) e Reis (2010), isso pode ter relação direta com a escolha por um lugar próximo do Plano Piloto, assim como a abundância de mão de obra, de material e de equipamento para alicerçar o espaço que mais tarde se tornaria o Vale do Amanhecer. Neiva também foi fotógrafa, segundo conta em sua biografia, exercendo esse ofício uma boa parte da sua vida, até que desenvolveu uma doença causada provavelmente pelos químicos utilizados para revelação das fotos, que fez com que ela abandonasse a carreira de fotógrafa. Várias fotografias de Tia Neiva compõem o vasto acervo fotográfico utilizado na construção deste trabalho.

Figura 20: Neiva ao lado de seus caminhões em 1967



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer

Foi no começo dos anos 1960 que Neiva, guiada pelas suas experiências mediúnicas amplamente relatadas em sua autobiografia de 1992, deu início à sua missão de criação do Templo Mãe da doutrina religiosa do Vale do Amanhecer. O surgimento e expansão inicial do bairro também são justificados pelo alocamento de crianças que eram abandonadas com Tia Neiva, que, pensando em como recebê-los, focou seus esforços e da doutrina religiosa na construção de orfanatos capazes de receber todas as crianças. Acompanhada de seus primeiros fiéis seguidores, que tinha como principais membros seus próprios filhos e marido, Mario Sassi, Neiva se percebeu-se na urgência de estabelecer o local adequado para o desenvolver de seus trabalhos espirituais, onde abarcado ritos de diferentes matrizes e com um olhar mais cientificista, dado por Sassi.

Taguatinga, uma das primeiras RAs do DF, foi o primeiro espaço que Neiva, junto de seus primeiros seguidores, escolheu para o desenvolvimento de uma doutrina que

pudesse englobar suas crenças e livrar-se das limitações de outros grupos religiosos do quais a caminhoneira fez parte. Mais tarde, o local foi julgado inapropriado para a amplitude do que a líder espiritual pretendia com sua fé, o que na biografia de Neiva é descrito como uma busca guiada por entidades que apareciam em sonhos e visões (ZELAYA, 1992). Guiada por essas aparições celestiais, a médium em um dia dirigindo seu caminhão, recebeu de Pai Seta Branca, uma das entidades mais importantes da doutrina, indicação para o local que no futuro se tornaria a sede dos trabalhos espirituais da líder. Uma chácara na zona rural de Planaltina, a quase 50 quilômetros da recém estabelecida capital do Brasil, foi o marco zero para a construção do primeiro templo (figura 21) que cimentou o início da doutrina religiosa que já se encontra em diversos estados e países. (CAVALCANTE, 2011, REIS, 2010 et al). Essa ideia é reforçada na auto biografia escrita por Neiva e também no texto de Reis no Inventário Nacionais de Referências Culturais (INRC):

[...] Taguatinga ainda não seria a última parada do grupo religioso liderado por Tia Neiva e, agora, também por Mário Sassi, seu companheiro e “intérprete”. Na realidade, o locus religiosos a abrigar em definitivo a comunidade achava-se distante: precisamente nos arredores da cidade-satélite de Planaltina, em uma área em que não havia quaisquer sombras de urbanidade. “Orientados” pela “espiritualidade”, o grupo finalmente, no ano de 1969, estabelece suas raízes, suas crenças, seus sonhos e tudo mais no espaço que hoje conhecemos por Vale do Amanhecer. (REIS, 2010, p. 108)

Figura 21: Primeiro templo religioso do Vale do Amanhecer em construção em 1971



Fonte: Acerco do Vale do Amanhecer

Tia Neiva se tornou não apenas uma figura importante para a história do Vale do Amanhecer, mas também de Brasília e de Planaltina, principalmente pela sua origem humilde e sua migração para o Planalto Central, destino comum de diversas famílias que

se mudaram para a capital sem deixar sua origem identitária e cultural para trás. Assim como outros candangos, que foram erradicados do centro de Brasília através de políticas de gentrificação, Neiva logrou sucesso em estabelecer seu centro religioso na periferia do coração do país e, como os demais trabalhadores, contribuiu para a construção da identidade da capital, que passou por um processo acelerado de criação textual, tendo em vista o encontro plural de textos culturais vindos de diferentes lugares do país e do mundo.

Muito se trabalha com a ideia de que existe um certo enantiomorfismo na forma como se constroem as imagens míticas dos protagonistas na criação desses dois espaços. Ambos refletem a ideia da construção de um novo lugar sagrado, ou de salvação; ambos são figuras que representam o ideal que estruturam a ideia que guia as espacializações. Ambos têm suas imagens comparadas com figuras faraônicas. Apesar das comparações entre Tia Neiva e JK ser carregada de simbolismos que se espelham, a forma como essas figuras são inseridas nos textos culturais desses dois espaços semióticos repercute com diferenças bem estabelecidas hoje em dia. Tia Neiva se tornou não apenas uma figura mítica como expressa Cavalcante (2010), mas também uma figura mística, elevada ao grau de uma entidade quase santa para os membros da doutrina. A imagem mitificada de Neiva se torna mais clara quando se é observado os modos como suas fotografias são expostas em comércios (figuras 22 e 23) que não têm relação com a doutrina religiosa.

Figura 22: Foto de Neiva exposta em uma farmácia



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 23: Imagens de entidades junto com uma foto de Tia Neiva em um restaurante



Fonte: Arquivo pessoal

Apesar das diferenças entre Tia Neiva e JK, as reminiscências de suas representações são na verdade complementares, e colaboram para a extensão mítica de Brasília. A figura mítica de Tia Neiva não se limitou apenas ao bairro que fundou, mas pode ser encontrada em representações por diversos pontos de Planaltina, apesar de que no Vale do Amanhecer é possível visualiza-la em uma posição de importância, não como uma figura representada, mas como uma entidade presente, por meio de fotos, quadros e estátuas (figura 24). A extensão mítica da cidade é importante para possibilitar novos arranjos imaginativos, que dão sustentação à criação de novas espacialidades que não necessariamente dependem de estruturas existentes mais inflexíveis. Acerca da criação do mito, Lotman (2019) explica:

A função do mito como mecanismo central de formação do texto consiste em criar uma representação do mundo, em estabelecer uma identidade entre esferas distantes. Na verdade, o mito cumpre inúmeras funções científicas no contexto das culturas pré-científicas. Ao dedicar-se a estabelecer isso e homomorfismos, a reduzir a diversidade do mundo a imagens invariantes, não só permitiu que textos deste tipo ocupassem funcionalmente o lugar da ciência, mas também estimulou inúmeras conquistas culturais de tipo estritamente científico, como como calendários e astronomia. O parentesco funcional destes sistemas pode ser verificado a partir do exame das fontes da ciência grega antiga. (LOTMAN, 2019, p. 58-59, em tradução livre).

Figura 24: Estátua de Tia de Neiva



Foto: Nathalia Feitosa

Muito das colaborações de Tia Neiva para essa espacialidade tem sustentação mística. A religião do Vale do Amanhecer mistura textos culturais de uma gama muito diversificada de origens religiosas, com referência ao espiritismo, religiões de matriz africana e subculturas populares na época. Esses textos foram traduzidos através de representações que dialogam com manifestações populares, peças audiovisuais e produtos culturais do dos anos 1960. Esse aparato simbólico teve impacto não apenas no que se transformou a religião com o passar do tempo, como também no espaço que surgiu adjacente aos centros religiosos, dando forma ao que é hoje o bairro do Vale do Amanhecer. (CAVALCANTE, 2011)

2.2. A visualidade mística do bairro

O desenho urbano do Vale do Amanhecer, fortemente influenciado pelas tendências *kitsch*¹³, tem como uma de suas principais características a busca pela contemplação e a visualização do espiritual Visto que a cidade se mescla entre morros e rios, a centralidade do Lago de Iemanjá e a edificação dos templos, que parecem incrustados na geografia local, dão a arquitetura do espaço o aspecto vernacular, que

¹³ O movimento de arquitetura *kitsch* caracteriza-se pelo uso exagerado de elementos decorativos, combinações estilísticas ecléticas e pela busca de impacto visual imediato. Frequentemente associado a uma estética de gosto popular ou artificial, ele prioriza a ostentação e a reprodução de estilos históricos de forma simplificada ou irônica, muitas vezes desconsiderando critérios tradicionais de harmonia ou funcionalidade arquitetônica.

privilegia o improvisado e a manualidade. Ao contrário de Brasília, modernista e futurista, o bairro cresceu a partir de influências arquitetônicas que beberam da fonte do inacabado, como foi o movimento de arquitetura *kitsch*, influência direta dos ofícios de Neiva. Além de influenciar nos espaços, essa mistura teve impacto em diversos elementos da doutrina, principalmente nas vestimentas utilizadas para a realização dos rituais (Figura 25), que contam com o uso de adornos e tecidos coloridos, elementos visuais que destacam a posição do seu portador e o tipo de trabalho que ele vai realizar. Os elementos arquitetônicos, que mesclam essa variedade de linguagens, traduzem a intencionalidade sacra por trás da visão dos primeiros praticantes da doutrina, e principais responsáveis pela construção do espaço, dando aos objetos do meio sentido atemporal.

Figura 25: Membros da doutrina transitando pela rua em suas indumentárias



Fonte: Livro de Fotografias Luz, Luz, cor & fé: Vale do Amanhecer. Foto: Lúcio Távora

Outro elemento importante para a composição da malha de visualidades desse local são seus sons. Schaffer (2001) define a paisagem sonora como o ambiente acústico percebido por indivíduos ou comunidades, compreendendo todos os sons que nos cercam em um espaço determinado. Para Schaffer (ibid.), a paisagem sonora é tanto um fenômeno físico quanto cultural, incluindo sons naturais, artificiais e sociais que interagem e influenciam a percepção humana. A rica gama de signos sonoros do bairro pode ser percebida já em sua entrada, com cânticos pelas ruas, sirenes e mantras que tocam a todo momento no sistema de som tanto do Templo Mãe quanto do Templo da Estrela Candente. Essa paisagem sonora pode causar estranheza aos seus visitantes, principalmente pela

riqueza dos sons em diferentes posições do bairro, que muda de acordo com a proximidade com as zonas centrais.

Nas áreas próximas ao Templo Mãe podem ser ouvidas cantigas, orações, murmúrios, conversas com palavras que fazem referência a textos centrais da doutrina, como: tronos, turigano e obatalá¹⁴. Ao se distanciar do templo principal os signos sonoros tomam outras formas, próximo à Estrela Candente - o templo abaixo do Morro do Salve Deus – é possível perceber que o arranjo sônico gira em torno de mantras¹⁵, que tocam em uma caixa de som, que por conta da acústica proporcionada pelo morro, toma conta do espaço sonoro e ganha níveis de reverberação, formando um paredão de mistura de sons. Além dos mantras de qualquer lugar do bairro é possível ouvir o tocar das sirenes, que são recorrentes durante a manhã e tarde, mas podem tocar a qualquer momento da noite também.

As sirenes desempenham um papel significativo, sendo acionadas em horários específicos para diferentes propósitos. Segundo os membros da Ordem, o acionamento é manual e realizado por um Mestre Jaguar¹⁶. No Templo Mãe, as sirenes são mais frequentes, enquanto no Templo da Estrela Candente elas tocam em horários específicos, especialmente durante o trabalho de escalada realizado à tarde. Durante a madrugada, o toque é utilizado em situações emergenciais, como para convocar Mestres para acolher pessoas em estados de obsessão espiritual. Embora possam ser acionadas individualmente, é comum que as sirenes toquem juntas ou em horários próximos, ampliando assim a abrangência de participantes nos trabalhos anunciados.

Os toques das sirenes têm diferentes durações e intervalos com cada uma dessas frequências carregando um significado específico: Um toque longo, com duração de 6 segundos, indica o encerramento de trabalhos especiais e retiros; Dois toques médios, de 4 segundos cada, convocam para reuniões, trabalhos especiais ou atividades específicas; a sequência de três toques, curto (2 segundos), médio (4 segundos) e longo (6 segundos),

¹⁴ No texto trabalha-se a ideia de que essas palavras soltas não significam nada para quem está fora dessa esfera de cultura, mas é possível achar a definição das mesmas no INRC. Tronos é um tipo de ritual realizado no Templo Mãe; Turigano é a “edificação anexa ao Templo, que comporta, ao centro, uma escultura de alvenaria em forma de cálice, denominada ‘Chama da Vida’”; Obatalá é uma das entidades às quais preces e orações são direcionadas. (IPHAN, 2010)

¹⁵ Disponíveis no spotify, no link:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/7L6spDhnbopq7I9BhEGuwr?si=095dfaa7c79541d9>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2024.

¹⁶ O termo jaguar faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. (IPHAN, 2010)

é utilizada para intercâmbios de retiro e abertura de trabalhos oficiais; quatro toques médios são destinados a emergências, reunindo todos os presentes no Vale. Em caso de desencarne de um Mestre, as sirenes tocam a cada meia hora, das 10h às 18h, marcando o momento de transição espiritual.

Brasília e o Vale do Amanhecer têm origens dialógicas que se relacionam por suas visualidades. Com esferas simbólicas próximas, ambos os conjuntos urbanísticos têm forte concentração de ícones que têm origem no que era tendência na época de sua construção, como por exemplo: o cristianismo (o catolicismo, especificamente) e a egiptomania¹⁷. Essas tendências podem ser observadas não apenas nos dois espaços, mas em suas extensões históricas, que relacionam seus fundadores com figuras faraônicas, e que fazem o uso de imagens e símbolos tanto do cristianismo quanto de movimentos de egiptomania, efervescentes na época. Os esforços de preservação, juntamente com a monumentalidade que esses movimentos deram aos arranjos urbanos essa coincidência simbólica, que pode ser visualizada na representação desses espaços.

As referências egípcias por ambos os espaços são numerosas, indo desde estátuas dispostas como os guardiões egípcios, como é o caso da Catedral, a monumentos em formato de pirâmides. Para Cavalcante (2011), os textos culturais conversam diretamente com as mídias representativas pungentes da época, sobretudo as mídias televisivas, que criavam um desenho linguístico acerca do futuro, ancestralidade e espiritualidade. A marca mais evidente em Brasília são as construções piramidais, como por exemplo: A Ermida Dom Bosco, o Teatro Nacional, o Templo da Legião da Boa Vontade e o antigo edifício da Companhia Elétrica de Brasília (CEB) (Figura 26).

¹⁷ A egiptomania foi um período de intensa curiosidade e interesse pelo Antigo Egito que ocorreu nos séculos XIX e início do XX, sendo intensificada com o surgimento do cinema e ganhando espaço na mídia brasileira na década de 1950 e 1960. Segundo Cavalcante (2011), esse fenômeno teve impacto direto na concepção mítica em torno de JK, como também de Tia Neiva, sendo ambos comparados com figuras históricas com Akhenaton e Cleópatra, sendo a segunda uma encarnação passada de Neiva, de acordo com vários textos da doutrina.

Figura 26: As pirâmides da Ermida Dom Bosco, do Teatro Nacional, do Templo da LBV e do edifício da CEB



Fonte: Site Curta Mais, Portal CLDF, Site Panorama de Viagem e Metrôpoles

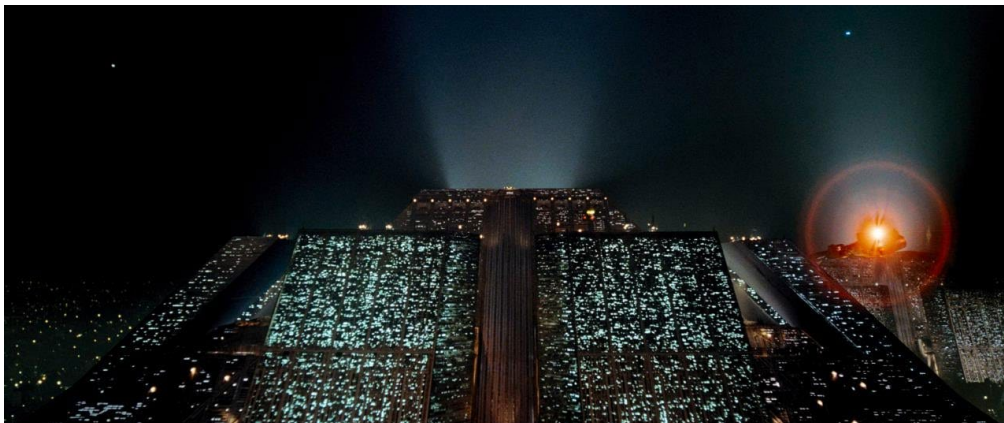
A ideia de ligar a capital do país com signos religiosos é, segundo Cavalcante (2011), vista por alguns historiadores como um modo de angariar apoiadores cristãos, acima de tudo, a maioria católica do país na época. Essa decisão repercute na visualidade¹⁸ da cidade de Brasília, na construção simbólica representativa da cidade e na própria arquitetura. Desde o desenho inicial de sua forma base, dois eixos centrais que convergem no desenho de uma cruz, até no desenho de seus principais edifícios, que caracterizam a mistura do que havia de mais futurista e utópico na época com o mais tradicional, como é o caso da Catedral, que remete à forma de uma coroa de espinho.

Essas formas em concreto armado deram à cidade modernista pensada por Lúcio Costa a visualidade de cidade do futuro. É comum afirmar que a construção de Brasília prezou pela imagem de uma cidade de utopia e vanguardismo arquitetônico. Essa fusão estética estava em seu momento de efervescência em meados do Século XX, atingindo seu pico em obras de representação no final do mesmo século. A mistura do brutalismo com o modernismo deu à arquitetura do início do século o que décadas mais tarde seria amplamente trabalhada em mídias de ficção especulativa que representavam ideias do futuro dessa temporalidade. Essa ideia pode ser observada no filme de especulação

¹⁸ Aqui faz-se importante ressaltar que a visualidade refere-se à dimensão sensível da espacialidade e aos seus modos de manifestação por meio de signos, que são capturados de forma contingente e mutável. Ela revela aspectos evidentes, enquanto outros permanecem imperceptíveis ou ignorados, compondo uma hierarquia perceptiva instável, diretamente influenciada pela presença e atenção do(a) observador(a).

distópica de 1982 Blade Runner do diretor Ridley Scott. Em que o edifício sede da mais importante corporação da narrativa, a Corporação Tyrell, tem formas piramidais (figura 27). Brasília por vezes já foi escolhida como cenário para filmes futuristas, sendo considerada por diretores por suas formas e edifícios, que até o momento eram bastante únicos.

Figura 27: Edifício piramidal da Corporação Tyrell no filme Blade Runner de 1982



Fonte: Cena do filme

A inserção de ícones egípcios no espaço do Vale do Amanhecer carrega ainda mais importância, isso porque os edifícios com características egípcias não fazem apenas referência visual a essa cultura, mas carregam significado que são incorporados nos rituais e outras atividades realizadas nesses edifícios. Uma crença comum entre os membros da doutrina é que os principais participantes da Ordem são encarnações de algumas personalidades importantes em outras eras, principalmente faraós do Egito Antigo. No Templo da Estrela Candente um dos principais locais é a Pirâmide (Figura 29), uma referência direta a essa ligação entre o Vale e o Egito Antigo. Esse espaço conta com imagens de entidades e com adornos egípcios e bustos de diferentes faraós (Figura 28) em sua fachada.

Figura 28: Bustos dos faraós na fachada da Pirâmide



Fotos: Nathalia Feitosa.

Figura 29: Pirâmide do templo da Estrela Candente



Fonte: Arquivo pessoal

A doutrina religiosa de Neiva foi pensada para ser a religião do futuro. A ideia de entidades que viajam no tempo, naves, formas incompreensíveis de criaturas extraterrenas são incorporadas nos textos da doutrina e fazem parte do imaginário geral da extensão religiosa do espaço, que tem para Cavalcante (2011) uma abordagem pautada por um certo cientificismo. Para Cavalcante (ibid.), essa abordagem, que foca em explicar os fenômenos a partir de um olhar mais científico, foi dado por Mario Sassi, marido de Tia Neiva e responsável por escrever vários textos da doutrina. Sassi também expandiu diversas ideias da líder e criou uma bibliografia mais extensa para a Doutrina, trazendo

sua visão mais futurista, que se vê incorporada também nos aspectos visuais dos templos e do bairro.

Essa ideia pode ser vista em representações e na extensão imaginada da cidade. Um dos registros mais famosos com essa visão é do filme de curta metragem de 2015, *Brasilia: City of The Future*, em que o diretor Reggie Watts¹⁹ optou por uma abordagem cômica que ressignifica vários espaços da capital. Alguns dos espaços do Vale do Amanhecer foram filmados no que o cineasta optou por chamar de Ponaltamat Nonbeing (figura 30), um lugar que no texto do diretor desempenha a função de trazer equilíbrio espiritual.

Figura 30: Reggie Watts e Carolina Ravassa caminhando por Panaltamat Nonbeing.



Fonte: Cena do filme

A relação do Vale do Amanhecer com o futuro partindo de relações com o Egito antigo é ainda mais profunda. Isso porque apesar das visões de Tia Neiva sobre o futuro, a médium era, segundo textos da doutrina, uma encarnação de Cleópatra, o que também transformou a relação da própria doutrina religiosa com a ideia que se tinha do Egito Antigo, que segundo Cavalcanti (2011) é referenciado no imaginário do bairro a partir da ideia americana trazida dos filmes hollywoodianos. Além referenciar a imperadora egípcia nas representações visuais, a influência dessa leitura, que mescla o futurismo e o egípcio pode ser visto nas indumentárias, que carregam adornos fortemente inspirados nos figurinos de filmes que retratam o Egito Antigo.

¹⁹ Reggie Watts é um comediante, músico, *beatboxer* e ator americano.

Para além do Egito Antigo, é comum que representações de entidades de outras religiões tenham destaque nos espaços, que contam com imagens de de pretos velhos e ressignificações de outras entidades como o caso de orixás, Iara e Iemanjá, que frequentemente é vista representada em fachadas e nas áreas dos templos religiosos (figura 31).

Figura 31: Pintura de Iemanjá na margem do Lago de Iemanjá

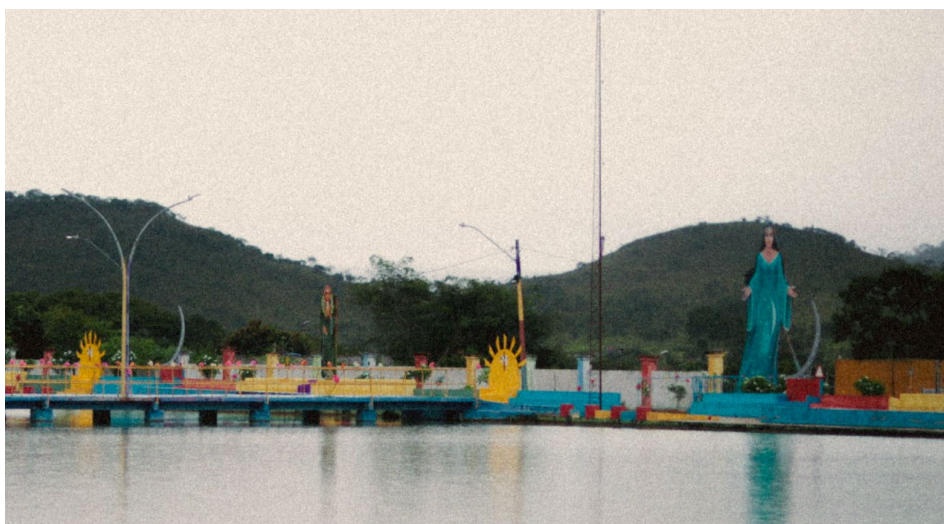


Foto: Nathalia Feitosa

A paisagem urbana do Vale do Amanhecer é caracterizada pela sua mescla entre o religioso e o citadino. A simbologia religiosa é concentrada em dois pontos diferentes do Vale – os dois templos –, mas suas formas iconográficas evoluíram, se espalhando pela paisagem urbana em forma de fachadas, placas, adornos e pequenos detalhes em casas e comércio (figura 32). Esses índices dão à urbe um diagrama marcado, que torna possível denotar a sacralidade do ambiente, que incorpora signos do privado, do particular e do público. Essa mistura pode ser percebida no símbolo dos jaguares, que pode ser observado tanto em espaços religiosos, quanto em praças, casas, comércio e até mesmo em carros.

Figura 32: A iconografia da doutrina religiosa em carros, comércio, casas e espaços públicos



Fonte: Arquivo pessoal

A presença de indumentárias no dia-a-dia tem impacto notável na percepção dos usuários desse espaço. Com diferenças no modo como são percebidas, tanto por quem mora no local e quem visita, o que se faz comum que visitantes se choquem com a quantidade de cores e adornos que os uniformes dos jaguares e das ninfas podem conter, expressando seu choque a partir do levantamento de questão acerca dos trajes. A dúvida mais comum é: as roupas são usadas para celebrar alguma data, ou alguma ocasião? Entretanto, as indumentárias estão presentes nos dias mais comuns e a principal justificativa para isso é a necessidade do uso dos trajes para o desenvolvimento de trabalhos espirituais que são desenvolvidos nos templos, como também para realização de trabalhos até pelas ruas do bairro.

As indumentárias são produzidas pelas costureiras, um dos ofícios mais importantes para a continuação da doutrina religiosa, que se espalham por diversos locais do bairro, com lojas, pequenos quiosques e casas, sendo importantes postos de trabalho que, junto com o setor hoteleiro (que é composto por hotéis, pousadas e *hostels*), emprega milhares de pessoas. Esses comércio integram parcela importante da visualidade do bairro, que para Lefebvre (1991), é um aspecto importante dos espaços:

Outro aspecto importante de espaços deste tipo é o seu carácter visual cada vez mais pronunciado. São feitos a pensar no visível: a visibilidade das pessoas e coisas, dos espaços e do que eles contêm. A predominância de visualização (mais importante que a 'espetacularização', que é em todo caso subsumido por ela) serve para esconder a repetitividade. Pessoas olham e vêem, veem, para a própria vida. (LEFEBVRE, 1991, p. 75)

As lojas de costura são um dos pontos de comércio mais recorrentes na visibilidade do bairro (figura 33), principalmente das áreas comerciais próximas aos templos religiosos. Tendo em vista que a maior parte dos trabalhos espirituais desenvolvidos dentro da Ordem requerem uniformes específicos, se faz necessária a contribuição desse ofício na composição da iconografia desse círculo cultural. Dentro da semiosfera, essas e esses profissionais têm papel importante na perpetuação dos símbolos dessa cultura. A produção, costura e reparo das indumentárias do Vale do Amanhecer é um ofício exercido por diversas pessoas, entre as quais várias não são membros da Ordem e nem sequer praticantes da doutrina de nenhuma forma.

Figura 33: Fachada de comércio de costura e de venda de indumentárias



Fonte: Elaboração própria

As indumentárias marcam não apenas a visualidade do bairro, mas a posição do portador frente ao espaço. Cada um dos arranjos, dentro da composição desses uniforme, carrega signos que caracterizam desde a “patente” do seu portador, até o tipo de trabalho realizado pelo portador do uniforme (figura 34), mudando a forma também como as pessoas podem interagir com esse indivíduo.

Figura 34: Diferentes tipos de indumentárias utilizadas por mulheres para a realização de rituais



Fonte: Livro de Fotografias Luz, Luz, cor & fé: Vale do Amanhecer. Foto: Lúcio Távora

O aparato iconográfico que os participantes da doutrina carregam em seus corpos - trajes, adornos, objetos doutrinários como lanças - apoiados pela sua extensão textual, faz com que seja comum que comentários pejorativos, comportamentos de exclusão e comparações negativas sejam feitas a respeito dos portadores desses trajes, e dos praticantes da doutrina, de maneira geral. Para Freitas (2024), existe muito preconceito em relação à doutrina do Vale do Amanhecer, que parte principalmente da falta de conhecimento acerca dos princípios doutrinários trabalhados pelos doutrinadores. Entre os comentários pejorativos que são recorrentes, segundo Marilda Freitas (ibid.), está a inferência de que os frequentadores do espaço religiosos são na verdade bruxos, e esclarece dizendo: “Não somos bruxos, somos transmutadores de energia”.

Juntamente aos sons, os cheiros também fazem parte da gama simbólica do bairro. Alguns dos cheiros estão impregnados no cotidiano dos moradores, um dos mais comuns é o cheiro de defumador, parte do aparato doutrinário utilizado para que, através da defumação, as energias de um lugar sejam purificadas. Esse signo é recorrente em diversos pontos da cidade, sendo mais carregado nas áreas residenciais mais próximas dos templos. Para além do cheiro, a visualidade dos espaços com defumador é alterada pela sua fumaça, que sobe leve mudando o céu, em especial o céu noturno na frente de algumas casas, de alguns comércios e até mesmo em espaços abertos, como as pequenas praças próximas ao Castelo do Vilela. O uso dos defumadores é muito comum entre os

participantes da doutrina religiosa, e ver um morador, em suas roupas mais cotidianas, defumar sua casa (e as vezes até a calçada) é uma visão comum, que pode ser também acompanhada de preces, cumprimentos e reverências.

O comércio de resina para a realização de defumação é uma das atividades econômicas mais importantes do bairro (figura 35). A realização desse ofício engloba desde a extração da resina, tratamento, empacotamento e venda dessa matéria prima. É muito comum nas áreas próximas dos templos a presença de barracas que vendem diferentes tipos de resina.

Figura 35: Vendedora de resina



Fonte: Arquivo pessoal

Há um contraste muito grande no modus de construção das visualidades entre o centro de Brasília e o Vale do Amanhecer. Isso ocorre porque o Plano Piloto tem como características principais uma paisagem límpida e gélida, pautadas, entre outros aspectos, nos vazios. Essa sensação é reportada pela maioria dos entrevistados, e pode ser explicada com base nos seus locais com poucos, ou nenhum, objetos do espaço, como o Eixo Monumental ou a Praça do Museu, espaços que em sua maioria são classificados como higienizados, que podem ser reforços à ideia de um centro que preza pelos moradores e não pelos trabalhadores, que vêm em sua maioria da periferia. A não permanência na cidade depois de um determinado horário, ou de dias específicos, se dá através da diminuição do acesso por meio da redução de transporte público e da lei do silêncio.²⁰

²⁰ A Lei Distrital nº 4.092/2008 proíbe a emissão de ruídos que causem incômodo, prejuízo à saúde ou ao bem-estar da comunidade, seja de forma direta ou indireta. Essa lei é utilizada com muita frequência para impedir eventos culturais, o que acaba repelindo novas formas de cultura principalmente no Plano Piloto.

A cidade e o espaço urbano manifestam as exceções, definem por meio da gentrificação o lugar de morar mas também o lugar no qual diversos discursos podem ser apresentados, as pichações e os textos políticos furam tal barreira e permitem emergir a cidade sufocada pelo processo da urbanidade. (SANTOS, F. FERRAZ, C. 2018, p. 3)

Para além dos arranjos arquitetônicos, a sensação de não-pertencimento pode ter origem na escolha representativa desse espaço central de trocas das suas mais distintas RAs. Para Bonsiepe (2011), os países subdesenvolvidos, ou países de terceiro mundo como são referenciados, se encontram na periferia do capitalismo e por esse motivo nossos arranjos sógnicos identitários são influenciados pela produção dos países que se encontram no centro²¹. É possível afirmar que o Plano Piloto tem uma carga maior de aparatos simbólicos pautados em textos culturais de caráter centralizado, ou seja, que têm origem dialógica em representações hegemônicas. Ainda assim, para Bonsiepe (ibid.), a natureza das relações de produção representativa dos países da periferia global tem particularidades que distanciam esses signos da sua forma central, criando uma tradução de arranjos simbólicos mais flexíveis. Essa dualidade faz com que Brasília seja um centro na periferia e mesmo as relações entre esse centro e suas periferias tenham unicidades.

Essa ideia levanta duas questões importantes: a perspectiva de colônia, conforme apontada nos estudos decoloniais, e a posição do observador diante do observado. Para o morador de Brasília, por exemplo, a cidade se torna o referencial dominante de organização urbana, configurando um padrão a partir do qual outras localidades são comparadas. Da mesma forma, os habitantes do Vale do Amanhecer interpretam e avaliam outras localidades com base em suas próprias experiências e referências locais. Nesse contexto, é relevante identificar os textos culturais que modelizam o Vale e compreender como eles se articulam em uma dinâmica entre perspectivas hegemônicas e contra-hegemônicas. Esses textos, que podem incluir narrativas, práticas e símbolos, não apenas estruturam a visão interna do lugar, mas também posicionam o Vale em relação a discursos culturais mais amplos, revelando tensões e diálogos entre diferentes formas de pertencimento e representação.

Hoje, segundo dados obtidos na Administração Regional de Planaltina, o Vale do Amanhecer conta com uma população de cerca de 30 mil moradores. Sua distância, ainda que seja grande, o coloca mais próximo do centro Metropolitano do DF, se posicionando próximo também subcentro, Sobradinho, entre os levantados por Paviani (2019). Isso

²¹ Ver mais sobre a Teoria da Dependência em: Gui Bonsiepe, Design Cultura e Sociedade, 2011.

coloca o Vale mais próximo de Brasília do que algumas das cidades do Entorno do DF, o que pode ser um atrativo para pessoas que desejam migrar para o bairro em busca dessa proximidade, acesso a transporte público mais barato e melhores possibilidades de emprego. Segundo praticantes da doutrina, é comum que praticantes da doutrina que não vivem no bairro se mudem vindos do Entorno ou de outras RA's a fim de ficarem mais próximos dos templos religiosos.

Gomes (2022) afirma que o Vale do Amanhecer é o segundo destino mais procurado por turistas no Distrito Federal, recebendo milhões de pessoas todos os anos, o que faz com que a economia gire centrada principalmente em volta da hotelaria e na produção de material ritualístico e religioso. No ano de 2024 está entre os 40 pontos mais procurados por turistas do DF, segundo o *Tripadvisor*²², recebendo uma das notas mais altas entre as localizações avaliadas, mesmo não tendo nenhuma atração direcionada a esse público.

2.3. Potencialidades decoloniais e o papel do design

A periferização de textos oriundos de ofícios marginalizados, para além da sacralização de ritos específicos em uma cultura, contribui para a construção de identidades que se desenvolvem fora das esferas hegemônicas de cultura. Esses textos frequentemente empregam mecanismos que, segundo Escobar (2018), refletem práticas de colonialidade. Nesse sentido, embora Lotman (1996) argumente que a estruturação de uma esfera cultural frequentemente tenha origem na periferia, muitas identidades culturais são amplificadas a partir de representações centrais. Essas representações, fundamentadas na construção imaginada da identidade hegemônica, tendem a atribuir aos textos culturais periféricos um caráter exótico ou a posicioná-los como formas de contra identidade, reforçando assim a dinâmica entre centro e periferia no campo cultural.

Com isso em vista, o desenvolvimento deste trabalho objetivou dar um olhar mais cuidadoso acerca da perpetuação de textos culturais incorporados a partir de manifestações de colonialidade, que podem aferir à identidade cultural que surge a partir do Vale, aos seus moradores e à memória do bairro ainda mais o caráter de exotérico. O caráter decolonial presente nos estudos da semiótica da cultura, sobretudo em sua parcela estudada no Brasil a partir das adaptações de Irene Machado, ganham novas extensões

²² https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303321-Activities-Federal_District.html. Acesso em: Novembro de 2024. Acesso em: 3 de Dezembro de 2024.

epistemológicas do que fora proposto pelo semioticista russo Iuri Lotman, essa flexão, apresentada por Machado (2019), dá forma a uma semiótica centrada nas unicidades da periferia do capitalismo ocidental, a América Latina.

Para Machado (2019), parte responsável por esse efeito advém da tradução por Navarro, que traz não apenas as cruas terminologias, mas adaptações que só fazem sentido dentro das semiosferas que surgem nessa periferia do ocidente. Essa dimensão faz da semiótica russo-estoniana, estudo com capilaridade na espacialidade (Nakagawa e Nakagawa, 2020, 2022), o ramo da semiótica com a profundidade e a dimensão adequadas para o entendimento da identidade periférica e da construção dialógica de espaços com complexidades de marginalização como o Vale do Amanhecer. Sendo a visão dessa ramificação da semiótica é descrita por Machado (2019) como um movimento de resistência frente às construções totalizantes ocidentais, potencializado pelo modo de compreender os fenômenos através da semiótica ocidentalizada. No desenvolvimento deste trabalho parte-se da ideia de que os conceitos traduzidos e aplicados por semioticistas brasileiros, ou seja, na periferia da produção acadêmica hierárquica, dá à semiótica russo-estoniana a profundidade decolonial que o trabalho exige.

O Vale do Amanhecer surge de traduções e novas leituras de textos que estão no centro da produção cultural no mundo, portanto é possível compreender as novas roupagens para essas manifestações como objetos com potencialidades decoloniais. Considerando essa perspectiva, é possível analisar o impacto no modo como os moradores desse bairro enxergam a própria cultura e as culturas adjacentes, como essas novas formas de ver o mundo e o “outro” busca em textos hegemônicos – e, portanto, colonialistas – formas de subverter a produção de novas espacialidades. Essa abordagem é diretamente relacionada com a ideia cerne do trabalho de Arturo Escobar (2018). Para ele (2018, p. 140-141.), é papel do design, como uma área de reprodução e estudo dos fenômenos, se ater à emergência na criação de um espaço transnacional, ancorado principalmente, mas não exclusivamente, no Sul Global. Essa ideia traz à tona novas problematizações sobre a inserção do design nas relações históricas globais de poder e dominação. Essa perspectiva aborda, de diferentes formas, as conexões do design com a história do colonialismo e imperialismo, sua atuação dentro da matriz moderna/colonial de poder, as geopolíticas do conhecimento (eurocentrismo), o racismo e a modernidade colonial capitalista patriarcal.

Reivindicações relacionadas exigem um engajamento mais explícito entre o design e uma série de questões importantes, incluindo democracia, imaginação especulativa, ativismo, ampliação dos espaços de design para incluir comunidades e temporalidades heterogêneas, além de abordagens colaborativas e participativas, entre outros aspectos. (ESCOBAR, 2018, p. 140)

É papel do designer da periferia do capitalismo, dissertando sobre a periferia da periferia, pensar formas de evidenciar epistemologias que tragam contra identidades, estabelecidas a partir da perspectiva hierárquica vigente, para o espectro central das discussões sobre design, espaço e mediações. O design, é visto por pensadores decoloniais, como Arturo Escobar, como uma forma de evidenciar discrepância, despertar pensamentos e especular futuros mais amenos para populações desprezadas ou oprimidas. A partir de uma comunidade que vive à sombra de Brasília, que se torna possível analisar as relações micro na cadeia de produção de conhecimento e que, consequentemente, tem impacto nas formas macros de produzir o mundo.

Nesse sentido, o Vale do Amanhecer pode ser considerado um espaço que evidencia diversos textos culturais marginalizados, principalmente pela sua origem racial e religiosa, que dá preferência para produções afrocentradas de espiritualidade. Apesar de haver algumas traduções higienistas, a presença de entidades de religiões de matriz africana não só afasta o cidadão cristão - principalmente neopentecostais, população visivelmente crescente no bairro e no país, como um todo - como também incute na religião um caráter de proibido, o que pode incentivar a ataques. Essa posição foi liada no desenvolvimento da pesquisa como subjugada frente a produção hierárquica de representações e tradução de textos culturais que são considerados centrais na hierarquia identitária brasileira, se agrava pela construção machista dessa sociedade, que vê na doutrina religiosa idealizada por uma mulher, espiritista e nordestina, a chance de implicá-la com vários rebaixamentos na sociedade.

O Vale, apesar de nascer como um espaço pouco fronteiriço territorialmente, estreitou suas trocas com os dois centros: Planaltina e o Plano Piloto. Esse estreitamento advém principalmente da dependência do bairro de outras cidades e RAs para garantia ao acesso de serviços básicos, providos pelo Estado, que de maneira geral são bem ausentes no Vale do Amanhecer, como saúde, educação e cultura. O bairro também se expandiu como consequência do crescimento e distribuição populacional do Distrito Federal, e hoje passa por um crescimento vertical nas suas partes centrais, que é evidenciado em sua visualidade pelo surgimento de sobrados e pequenos prédios.

2.4. A periferia da periferia

O Vale do Amanhecer, em essência, é uma ‘cidade dormitório’, ou seja, a maioria dos moradores passam parcela considerável do dia em locais mais centrais de Planaltina ou em outras Regiões Administrativas. Esses moradores deixam o bairro para a realização de atividades burocráticas, para trabalhar ou para estudar em escolas e faculdades, retornando ao bairro apenas à noite. Isso ocorre na Capital Federal em parte considerável das RAs. Segundo Pacheco (2020), a maior parte dos postos de trabalho no DF se encontram em suas regiões mais centrais, em sua maioria no Plano Piloto, o que força os habitantes das regiões mais periféricas, que orbitam a urbe central, a se locomoverem para o centro. Para os moradores de Planaltina, e ainda mais do Vale do Amanhecer, a cidade sofre com a ausência de postos de trabalho, oportunidades de empregos formais e espaços para estudos. Para Pavani (2019) Brasília tem seus postos de trabalhos centralizados em serviços públicos e de ofícios que servem como apêndices aos serviços públicos, o que acaba se tornando atrativos para moradores da periferia, que buscam por trabalhos formais e com garantias.

Apesar de ter uma população expressiva, ainda é relatado a ausência de aparelhos estatais voltados para a cultura e o lazer, sendo estes preteridos em virtude de outros aparelhos. Como foi o caso da Praça com Palco, que era um espaço utilizado para o desenvolvimento de atividades culturais, demolido para dar espaço a uma Unidade Básica de Saúde (UBS), a primeira construída no bairro, que foi inaugurada apenas em 2021. O bairro não conta com nenhuma biblioteca pública ou espaços de estudos que além das próprias escolas, sendo essas fechadas para a comunidade por conta do histórico perigoso do bairro, tendo o acesso restrito apenas aos próprios alunos. A biblioteca mais próxima do Vale fica na região central de Planaltina, cerca de 10 quilômetros do Vale do Amanhecer, o que, segundo alguns moradores, desencoraja o uso mais corriqueiro do espaço para a realização de estudos.

Até 2005 o Vale não contava com escolas de ensino médio, os alunos que atingiam esse nível de escolaridade eram mandados para escolas em outras regiões. A maior parte desses estudantes tinha que se matricular em escolas na região central de Planaltina, em bairros como o Setor Sul e o Buritis. Em 2005, quando foi inaugurada a nova escola de ensino médio, os alunos que atingiam o quinto ano do ensino fundamental eram mandados

para nova escola, que inicialmente foi batizada como Centro de Ensino Fundamental e Médio Tia Neiva, o que causou bastante polêmica, obrigando a Regional de Ensino de Planaltina a mudar o nome da escola para Centro de Ensino Fundamental e Médio Vale do Amanhecer (figura 36).

Figura 36: Centro Educacional Vale do Amanhecer



Fonte: arquivo pessoal

Até 2006 as poucas faculdades que existiam em Planaltina eram particulares, o que só mudou com a inauguração da Faculdade UnB de Planaltina (FUP). A abertura de uma nova faculdade pública na RA transformou o panorama de ensino superior da cidade, embora a FUP não tenha sido uma solução para o problema de faltas de faculdade próximas ao Vale, já que o espaço fica há mais de 15km do bairro e não conta com linhas diretas de transporte público. Outro problema relacionado a Faculdade UnB Planaltina é quantidade de cursos, por ser uma faculdade pequena acaba tendo pouca variedade de possibilidades de graduação, o que faz com que os estudantes ainda procurem faculdade no Plano Piloto. A maioria dos entrevistados apontam que as melhores oportunidades de emprego e realização de outras atividades, como teatro e pequenas burocracias só podem ser realizadas no centro de Brasília.

A ausência do aparelho estatal pode ser percebida no número baixo de máquinas do estado na iluminação pública, que recorrentemente conta com lâmpadas apagadas, ruas com asfalto precários, poucos espaços de convivência, nenhuma manutenção nos poucos espaços existentes e a sensação de insegurança e de falta de oportunidade, relatadas por parte dos moradores. Parte dessas percepções fez com que o trabalho observasse o bairro

do Vale do Amanhecer com uma nova perspectiva, compreendendo esse espaço como uma zona opaca, no sentido descrito por Milton Santos (2008):

Atualmente, apesar de uma difusão mais rápida e mais extensa do que nas épocas precedentes, as novas variáveis não se distribuem de maneira uniforme na escala do planeta. A geografia assim recriada é, ainda, desigualitária. São desigualdades de um tipo novo, já por sua constituição, já por seus efeitos sobre os processos produtivos e sociais. Do ponto de vista da composição quantitativa e qualitativa dos subespaços (aportes da ciência, da tecnologia e da informação), haveria áreas de densidade (zonas "luminosas"), áreas praticamente vazias (zonas "opacas") e uma infinidade de situações intermediárias estando cada combinação à altura de suportar as diferentes modalidades do funcionamento das sociedades em questão. (SANTOS, Milton, 2008, p. 48)

Apesar de importante para Brasília, sendo retratado em diversas peças de publicidade, o bairro não conta com nenhum espaço cultural propriamente dito, sendo que os últimos mais impactantes como a ONG Ação Esperança findaram suas atividades. A falta desse ambiente tem impacto na vida cotidiana de seus moradores, que privados dessa necessidade precisam se deslocar, no centro de Planaltina e no Plano Piloto. Para os moradores entrevistados a falta de espaços destinados a eventos culturais é um dos fatores determinantes na escolha de deixar a cidade para buscar entretenimento.

A cidade de Planaltina, a mais antiga do Distrito Federal com mais de cem anos²³, surgiu antes mesmo de Brasília. Com a construção de uma nova zona central teve sua urbe modificada pelas relações de dependência, principalmente de trabalho, como explica Pacheco (2020). É considerada uma das mais perigosas Regiões Administrativas do Distrito Federal, um estigma que afeta a ideia dos moradores e sobre a cidade, refletindo nas representações sobre ela. Esse espaço tem como reflexo dos estigmas da violência textos culturais comuns de espaços marginalizadas, como por exemplo o Hip Hop. Esses movimentos culturais são bem integrados com o Vale e agregam ainda mais na visão marginalizada que surge acerca do bairro.

As fronteiras geográficas do Vale do Amanhecer também nascem como reflexo de diversos movimentos sociais e religiosos. A Vila Pacheco, ampliação que surge na periferia geográfica do Vale, tem como origem, segundo membros da doutrina, um movimento de distanciamento cultural que nasceu em contrapartida aos dogmas impostos pela doutrina religiosa do local, fazendo com que essa porção do espaço conte com um

²³ Embora oficialmente Planaltina tenha 165 anos de idade, alguns grupos de historiadores, sobretudo o grupo Amigos do Centro Histórico, afirmam que a cidade pode ter na verdade mais de 200 anos.

número alto de igrejas pentecostais e de espaços religiosos com fundamentos diferentes da doutrina do Vale do Amanhecer.

Para além dessa nova articulação periférica, a Vila também surgiu, segundo entrevistados e para Reis (2010), de um momento de loteamento que visava a venda de terras, outrora de pequenos fazendeiros, sendo a maior delas de um fazendeiro conhecido como Senhor Pacheco. Para Marilda Freitas (2024) essa ampliação do bairro o tornou mais inseguro, pois o baixo valor dos lotes juntamente com a ocupação indevida e não-planejada dessa parcela do local trouxe pessoas de todos os lugares, sem suporte ou trabalho, e com nenhuma relação com a doutrina religiosa.

Antigamente, esclarecem os moradores, o limite entre o Vale do Amanhecer e a Vila Pacheco era demarcado por um “grotão” (acidente geográfico caracterizado por uma depressão funda entre elevações alcantiladas) por onde corriam as águas das chuvas. Posteriormente, fundiram-se as duas áreas. Hoje, reforçam os moradores, “o Vale é tudo”. Com o tempo, esclarecem, o local passou a ser denominado Condomínio Pacheco (designação que consta do IPTU dos moradores). (REIS, 2010, p. 91)

Elias Viana (2024), entrevistado para a pesquisa, é um importante morador para o desenvolvimento de atividades culturais na comunidade. Ele explica que o Vale ainda conta com um leque muito pequeno de serviços públicos, sobretudo na área de cultura, principalmente de espaços culturais, como galerias, teatros, palcos e espaços de multiuso que sejam abertos para a comunidade. O agente cultural descreve o Vale do Amanhecer como um local de potencialidades e de riqueza cultural, mas com ausência perceptível do Estado, o que acaba sendo um convite para que moradores do bairro busquem esse tipo de atividade em bairros e cidades adjacentes. Uma das atividades desenvolvidas por Viana consiste em uma biblioteca, onde ele arrecada livros para que as pessoas do bairro, principalmente da Vila Pacheco, possam ter acesso fácil à leitura.

O Pacheco é, para além de uma espacialidade palpável, uma porção imaginada do espaço que por conta disso acaba seguindo necessariamente uma delimitação territorial, podendo ser referenciado pelos moradores sem uma localização específica, apenas pelo peso que carrega de ser uma parcela negada do bairro, e por vezes utilizado para demarcar a extensão perigosa do bairro. Essa porção imaginada do espaço se retroalimenta, principalmente, dessa significação, tornando-se o que os moradores entrevistados definiram como, lugar “para não ir”, muito embora essa ideia não seja difundida apenas pelos moradores do bairro, mas também por outros usuários do espaço que têm que acessá-lo, como é o caso de entregadores e prestadores de serviço de transporte.

Por conta dessa sensação, os moradores do Vale do Amanhecer são privados de uma gama muito diversa de serviços de transporte, de entrega e de atendimento à domicílio, o que é ainda pior para moradores da Vila Pacheco e de Conjuntos Residenciais mais distantes do Centro, como é o caso dos conjuntos com número acima de 80. Os moradores relatam que até muito recentemente, mesmo o transporte público tinha horários para acessar os pontos mais distantes do bairro, ou simplesmente não passavam por diversas ruas da região do que se entende como Pacheco.

A passagem entre as duas partes do bairro não é uniforme, muito menos homogênea, tendo mudanças facilmente perceptíveis no seu aspecto visual. O Pacheco conta com menos casas esteticamente próximas do Vale, sendo suas fachadas pouco convidativas, muros adornados das áreas mais centrais dão espaços a sistemas improvisados de seguranças. É comum a presença de portões totalmente fechados e muros altos, além de signos visuais que conversam com a sensação de falta de segurança também reportada pelos moradores. As ruas já não respeitam o ordenamento pensado no planejamento do bairro, com curvas bruscas, passagens desordenadas, ruelas estreitas e aglomerados improvisados de escadas e casas que sobrepõem-se subindo pelos morros e ruas inclinadas. Os muros podem ser vistos também como signos que traduzem as diferentes dimensões funcionais do bairro, as áreas dos templos contam com muros bem baixos, com adornos e cores chamativas (figura 37), pois representam um espaço comunitário cujo sua razão funcional gira em torno da doutrina do Vale do Amanhecer, o que remete ao que diz Lefebvre (1991):

Limites visíveis, como paredes ou recintos em geral, dão origem, por seu lado, a uma aparência de separação entre os espaços onde o que de fato existe é uma continuidade ambígua. O espaço de uma sala, quarto, casa ou jardim podem ser cortados em certo sentido de social espaço por barreiras - e paredes, por todos os sinais de propriedade privada, ainda permanecem fundamentalmente parte desse espaço. Esses espaços também não podem ser considerados 'meios' vazios, no sentido de recipientes distintos de seus conteúdos. (LEFEBVRE, 1991, p. 87, tradução própria)

Figura 37: Murinhos que cercam as áreas do templo da Estrela Candente e do Templo Mãe



Fonte: Arquivo pessoal

O Planto Piloto, distante fisicamente da periferia, também tem se distanciado funcionalmente. O acesso dos periféricos ao centro é prejudicado pela falta de transporte, pela falta de políticas que promovam a integração dos territórios e também pela incapacidade, já citada, da difusão cultural e de serviços. Criam-se, portanto, fronteiras sem permeabilidade cuja função limita as trocas culturais diretamente com o centro. Neste sentido, a periferia possuiu cada vez mais barreiras. A articulação entre centro e periferia passa a acontecer a partir de contatos menos diretos, congelando as linguagens e expressões da periferia, tal movimento acaba por trazer um certo anacronismo visual bem como das práticas e costumes da sua população. O Vale do Amanhecer, com suas origens em diversos tipos de manifestações culturais, perde espaço para arranjos sógnicos que se sustentam a partir de concepções mais higienistas da identidade. No próximo capítulo será dado prosseguimento a construção metodológica que, apoiada na percepção semiótica e na cartografia sentimental, permitem o reconhecimento do espaço estudado.

3. A percepção semiótica e a cartografia sentimental

3.1. Percurso metodológico

A presente dissertação se dividiu em sete etapas, sendo a primeira a revisão de literatura, focada em entender a construção do Vale do Amanhecer, não apenas no sentido espacial e físico, mas principalmente no sentido semiótico. Além da compreensão do conceito de espaço, de espacialidade e de identidade, que partiram de diferentes estudos, esta etapa objetivou também abrir uma discussão acerca dos efeitos dialógicos nos usuários dessas espacialidades, na concepção e compreensão de identidades culturais e nos movimentos de semiose perpetuados nos ritos do cotidiano que podem estar relacionados ao pertencimento. Para isso foi utilizada a semiótica da cultura como principal pilar conceitual que permite explorar a produção de significados. Lotman (2019) define tal processo como essencial no delineamento de uma cultura, que será posto em paralelo com o conceito de percepção ambiental, conceito essencial nas investigações científicas elaboradas por Ferrara (1993).

Da segunda a quinta etapa da pesquisa, o trabalho entrou em sua fase prática, que requereu intervenções e a participação ativa no espaço e nas relações com os seus usuários. Os objetivos secundários da pesquisa nessas etapas concentram-se em: levantar uma gama de dados, essencialmente qualitativos, acerca das relações dos moradores, ou dos usuários do espaço, com as espacialidades estudadas; entender as relações desses usuários as extensões histórica-conceituais das parcelas relatadas do espaço; traçar paralelos entre as novas perspectivas e o arranjo conceitual levantado na primeira etapa. Essas quatro etapas utilizaram como método derivas e fotografias, contando também com entrevistas abertas com membros da doutrina e, membros da comunidade, esses participantes ou não da doutrina religiosa. A quinta etapa foi completamente focada no levantamento de percepções ambientais a partir de dinâmicas de produção de cartografia.

Vale frisar que a segunda e terceira etapas focaram em compreender a extensão das manifestações socioculturais que compõem a teia social do bairro, buscando

pavimentar a extensão conceitual para então, tornar possível a terceira e quarta etapas, que partiram do que Ferrara (2000) descreve como métodos empíricos para transformar a realidade em um evento. Outra coisa importante ressaltar: no curso da terceira etapa o esforço foi focado em entrevistar moradores - os principais usuários do espaço - buscando entender as relações de espacialidade que ajudaram também a definir, a partir do delineamento mais claro dessas relações, a extensão do afeto do qual o trabalho busca focar. A terceira etapa permitiu a concepção de um quadro semântico do qual pode-se extrair as delimitações do território das quais só é possível extrair sentido através do relato, como descreve De Certeau (2014), para então definir as intencionalidades da quarta etapa.

Na quinta etapa foram utilizadas abordagens cartográficas, que mesclam tanto métodos de observação técnica, quanto entrevistas e levantamento de impressões a partir do que o trabalho teve a liberdade de chamar de extensão afetiva do espaço. O exercício cartográfico mescla alguns métodos e busca na cartografia uma forma de angariar dados visuais que se montam a partir do que Ferrara (1993) descreve como percepção ambiental. Essa etapa utilizou como ferramentas arranjos cartográficos que foram diagramados a partir dos dados levantados nas primeiras etapas (de reconhecimento) e se concentra em extrair dos usuários do espaço percepções e simbolismos do dia-a-dia. A extensão levantada a partir de um questionário cartográfico, visa dar sentido às relações dos moradores com as espacialidades estudadas, a partir de um ponto de vista pessoal e pautado por intencionalidades.²⁴

Abaixo as etapas do percurso metodológico postas em ordem:

- I. Revisão da literatura;
- II. Levantamento documental: documentos, fotos e cartas que contam a história do Vale do Amanhecer, além de entrevistas abertas com especialistas na história de Tia Neiva, na história do bairro e outras especificidades, como os arranjos dialógicas da doutrina religiosa, além também de entrevistas abertas com membros da doutrina que se

²⁴ As intencionalidades foram levantadas a partir do discurso, o que no percurso da pesquisa se revelou indissociável da prática de concepção de espacialidades, que nascem primeiramente na intenção. A intencionalidade pode ser percebida nas demarcações que ocorrem nos relatos, categoria estudada por De Certeau (2014), demarcando fronteiras que definem o que está dentro e o que está fora desse espaço, como explora a semiótica da cultura.

dispuseram a responder perguntas acerca da doutrina e história do local em si;

- III. Realização de derivas: algumas derivas foram realizadas por vários pontos do bairro, utilizando a ideia de errâncias proposta por De Certeau (2014) e o princípio descrito por Debord (2003). As primeiras foram realizadas com o objetivo de registrar pontos e compreender dinâmicas do espaço, a segunda metade das derivas foram realizadas com um pequeno grupo de moradores e as últimas foram realizadas com um grupo de pessoas que não conhecem o bairro, afim de adquirir impressões a partir do olhar estrangeiro, descrito por Lotman (2021);
- IV. Entrevistas semiestruturadas com moradores: foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com 10 moradores, sem recortes específicos, partindo de indicações e de moradores que se dispuseram a falar sobre sua experiência no bairro, focando principalmente no relato do espaço a partir da abordagem qualitativa;
- V. Levantamento de impressões de disponibilidade ambiental a partir da visão diagramática: utilizando-se de cartografias sentimentais, foram produzidos mapas e recursos para fazer demarcações que compreendem a extensão afetiva dos moradores pelo bairro, a partir do método que mescla as metodologias apresentadas por Santos e Garrossini (2019) e a ideia de percepção ambiental descrita por Ferrara (1993);
- VI. Visualização, dissertação e tradução dos dados levantados: Levando em conta os dados levantados, a pesquisa se centraliza basicamente em transformar toda essa gama de dados em informação, partindo de experimentações gráficas, como: nuvens de palavras; arranjos semânticos; análise semântica, sobreposições de índices, amostra de cor, análise dos mapas afetivos e diagramas cartográficos.
- VII. Divulgação: a divulgação dos resultados foi realizada a partir de ambientes públicos espalhados pela cidade como paradas de ônibus, praças e pontos de encontro.

As primeiras etapas da pesquisa, apoiadas pela semiótica da cultura, possibilitaram o levantamento de diversas questões acerca das espacialidades e das potencialidades semióticas, sobretudo as que giram em torno do aparato simbólico

construído no Vale do Amanhecer e como esses são percebidos pelos usuários desse espaço. Essas questões tendem a ser respondidas a partir dos dados levantados, abrindo o leque das possibilidades dialógicas. Essa base conceitual deu à pesquisa um olhar mais atento às manifestações culturais contidas nos ritos do cotidiano, que puderam ser levantadas por meio da parcela mais prática desse percurso metodológico, que focou em captar a extensão sentimental, afetiva e identitária dos moradores do Vale do Amanhecer. Para possibilitar essa análise foi levado em consideração as percepções ambientais, os relatos e as participações ativas na construção do meio e das identidades que surgiram a partir do processo de significação.

Considerando as mudanças dos modelos de espacialidade, as potencialidades decoloniais (descritas no subcapítulo 2.3. Potencialidades decoloniais e o papel do design) e o paradigma epistemológico do qual surge esse trabalho, a última etapa da pesquisa foca em trazer à luz essa experiência marginalizada de produção, manutenção e vivência da identidade na periferia da periferia. Por meio do design, através da produção de diagramas que levam em consideração os textos culturais das esferas estudadas, o trabalho propõe como um modo de discutir, registrar e expor a experiência da espacialidade, diagramas e objetos projetuais com potencialidades artísticas que retratam todo esse processo de construção identitária, partindo das individualidades semióticas que surgem com a roteirização, e a produção de textos culturais dentro desse círculo cultural.

Essa criação de círculos culturais marginalizados é compreendida no decorrer da pesquisa como detentora da capacidade de fomentar a discussão acerca dessa posição em relação a outras esferas, o que acaba por refletir nos próprios elementos centralizadores dessas identidades. O trabalho também parte do esforço de cautela ao levar em consideração o que Fátima Santos (2021) afirma sobre a reprodutibilidade dos textos culturais dentro de uma cultura, fazendo com que dessa forma as individualidades semióticas proporcionem textos sobre textos, tornando-se, por fim, uma espécie de metatexto.

Quanto ao funcionamento específico da semiosfera, destaca duas características como fundamentais para pensá-la: a capacidade de autodescrição, que seria a atividade metasemiótica ou a atividade semiótica consciente de si mesma; a outra propriedade fundadora seria a fronteira entre o nós e o outro. (SANTOS, F., 2021, p.39)

3.2. Fundamentação metodológica

Parte da história da comunidade e suas ramificações podem ser encontradas na antiga casa da Tia Neiva, que foi preservada e hoje em dia serve como um museu ou um arquivo (figura 38). O local conta a história de Neiva, da doutrina e do próprio Bairro, através de fotografias, cartas e pinturas, que seguem uma linha do tempo que estendem suas relações com outros espaços e momentos históricos que serviram de contexto para o surgimento desse lugar. A conservação e a transformação da casa da Tia Neiva nessa galeria histórica, localizada dentro do Templo Mãe, contribuem para a perpetuação da memória, não apenas da líder religiosa, mas também de diversas personalidades que tiveram participação ativa na história da comunidade.

Figura 38: A Casa Grande, antiga casa de Tia Neiva, preservada e onde se encontra o acervo com a história do bairro e da religião em fotos e em documentos



Fonte: Arquivo Pessoal

Os doutrinadores que ficam à disposição neste pequeno museu, são prestativos, respondem perguntas e falam inclusive de si e das próprias experiências com o bairro e com a doutrina religiosa. Em algumas das visitas esses guias se revelaram, através das fotografias no pequeno museu, participantes ativos da vida da autora desse espaço.

As primeiras visitas ao espaço possibilitaram a visualização do surgimento de diversos pontos, que hoje passam por processos de ressignificação, mas que são muito importantes para a espacialidade como um todo. O acervo fotográfico, muito rico não têm autorização para serem fotografados, assim os documentos contidos na casa, mas foi permitido que fossem lidos e manuseados por membros da Ordem que estiveram à disposição para auxiliar nessa etapa da pesquisa. Os membros da Ordem doutrinária

também indicaram pessoas para a realização de entrevistas abertas, e se dispuseram a responder perguntas acerca dos simbolismos do material doutrinário e dos objetos do espaço. Essa etapa foi importante para fundamentar entrevistas com especialistas tanto na história quanto nas especificidades dialógicas da religião e do próprio bairro e para buscar especificidades no INRC realizado pelo Iphan em 2010.

Após estruturar a árvore conceitual, a pesquisa buscou por métodos que pudessem atender a profundidade em que a pesquisa procura interpretar os fenômenos que se apresentam a partir das articulações periféricas dos espaços levantados. As etapas seguintes requisitaram uma medida para auxiliar no entendimento da dimensão do que foi buscado pela pesquisa. Em Harvey (2006) foi encontrado a régua mais adequada. O geógrafo descreve o corpo como uma das principais réguas para medir a extensão das espacialidades. O corpo, como medida universal, não apenas é usado na arquitetura, para a proporcionalidade dos objetos do meio, mas também para o desenho de espaços que correspondem a sensações desejadas, como um espaço tranquilo, um espaço que instigue a conversação ou o oposto disso.

No design temos muitos exemplos disso: um dos principais é o campo de projeto de espacialidades denominado de *dark design*, um segmento de projeto de ambientes usado geralmente para impactar negativamente os usuários do meio, que é pensado justamente para manter pessoas afastadas dos locais através da utilização de objetos que forcem as pessoas a sentarem, deitarem, ou caminharem longe desses espaços, limitando a reivindicação de locais de convívio a um público específico, ganhando essa alcunha justamente por ser usado contra populações de rua e pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Portanto, os espaços urbanos também têm suas apropriações a partir de sensações, tornando possível afirmar que há consenso sobre a existência de disparidade de sensações a partir de signos visuais que proporcionam sensações de segurança ou de conforto, por exemplo, mudando a forma como a espacialidade é reproduzida pelo usuário a partir do repertório deste. É comum também que o projeto de alguns espaços perpassasse a ideia de etnia, raça, gênero e classe social, bem como outros aspectos, como descreve Harvey “Distinções de classe, de raça, de gênero e de uma multiplicidade de outros aspectos se acham inscritas no corpo humano em virtude dos diferentes processos sociológicos que

exercem sua ação sobre esse corpo.” (HARVEY, 2006, p. 137), Não obstante, em Harvey (2006):

Se os processos se alteram, o corpo ou se transforma e se altera ou então deixa de existir. De igual forma, o conjunto de atividades performativas disponíveis ao corpo num dado tempo e lugar não são independentes do ambiente tecnológico, físico social e econômico em que esse corpo tem seu ser. E também as práticas representacionais [CF1] que operam na sociedade moldam o corpo (e, mediante as formas de trajar e de se portar, propõem todo tipo de sentidos simbólicos adicionais). Isso significa dizer que toda contestação de um sistema dominante de representação do corpo [...] vem a se tornar uma contestação direta das práticas corporais. (HARVEY, 2006, p.137)

Como um primeiro passo a partir dessa medida, a pesquisa busca em De Certeau (2014) o caráter ontológico que abarca as necessidades impostas nesse desenvolvimento. De Certeau (ibid.) propõe uma prática de experiência da espacialidade que permite a percepção de suas nuances, através da utilização dos meios a partir de caminhadas, denominadas pelo autor como errância. A visão de uma cidade de cima, ou seja, a partir de uma totalidade, pode obscurecer suas nuances. No caso da nossa investigação, a prática de imersão e cisão da totalidade, como proposta por Milton Santos (2020), parte de experiências cotidianas que são ocultadas por essas sombras, que acabam por obscurecer articulações, manifestações culturais e ritos do cotidiano.

De Certeau (2014) esabelece a errância, como a prática de compreensão do espaço que permite a observação das trocas entre as pessoas com os objetos, prática que Santos (2020) define como ação. Nesse sentido, a urbe, enquanto espaço de interação, pode ser entendida como um círculo de deslocamentos contínuos e experiências fragmentadas, do qual é possível a errância como um elemento central para vivenciar esse círculo, conforme escreve De Certeau:

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob signo do que deveria ser, enfim, lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (DE CERTEAU, 2014, p. 165).

Essa troca é, segundo Santos (2020, 1979), o que transforma os meios em espaços sociais, ou em cidades visíveis, dando sustentação cultural aos ambientes. A ação vai além da lógica liberal do uso dos territórios, o que vai de encontro a um dos métodos escolhidos, que faz dialogarem com três principais conceitos levantados no desenvolver

da pesquisa: a errância; a deriva e a dialogia. A deriva, descrita por Debord (2003) como um modo de perceber os meios fugindo da lógica do capital, serve ao percurso metodológico como a melhor forma de perceber as relações dialógicas, principalmente por conta da sua flexibilidade em relação às proposições que nascem a partir da evolução digital que transforma os meios, como proposto por Ferrara (2000). As derivas podem ser realizadas sem considerar como se apresenta o espaço virtual, ou seu impacto invisível, mas apenas a extensão física e semiótica de sua temporalidade.

A inserção no espaço, através da vivência das mini-explosões de aleatoriedades que dão vida à urbe, torna possível a observação de fenômenos que fazem levantar questões que se tornam o cerne da delimitação dos espaços pesquisados e suas intencionalidades. Questões que Michael De Certeau (2014) o relato é um dos pilares para a ideação dos espaços e seus limites fronteiriços, é assim que criam-se territórios inteiros e delimitam-se terras e seu donos e criam-se fronteiras desde o início da história do direito. É a partir disso que D Certeau (ibid.) propõe um enfoque alternativo ao espaço urbano, deslocando a atenção dos discursos dominantes para as práticas cotidianas que resistem e se reinventam frente ao controle. Em vez de perpetuar discursos que apenas invertem privilégios, ele sugere analisar as práticas "microbianas", singulares e plurais, que sobrevivem e desafiam a ordem estabelecida mesmo diante do colapso do sistema.

Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo [...], pode-se enveredar por outro caminho: “analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento” (DE CERTEAU, 2014, p. 162).

O percurso metodológico do trabalho foi pautado no levantamento das práticas que se dão através do espaço, partindo da aproximação etnográfica que objetiva se desenvolver a partir da abordagem cartográfica. Isso possibilita construir um desenho das interações, sensações e interpretações do que delimitamos como: capaz de proporcionar pertencimento, afinal não há pertencer sem sentir pertencido. O caráter temporário do método cartográfico sustenta-se na ideia de Lotman (1996, 1998) da transformação de textos culturais, a qual implica que os textos culturais estão sempre em transformação, logo compreendê-los é um recorte do processo de articulação periférica.

Além dessa roupagem, o método cartográfico é descrito por Rolnik (2011) como uma forma de mapear os processos de produção de subjetividade, que acompanha movimentos, fluxos e transformações uma vez que outros métodos podem retratar seus

estados fixos. A cartografia é apontada por Nakagawa e Nakagawa (2023) como método capaz de revelar modos de habitar focados nas virtualidades que sugerem novos devires, mesmo que sejam capturados pelo planejamento urbano para controle, podendo, quando territorializados, gerar transformações socioculturais significativas.

[...] pela cartografia, determinadas formas de habitar se mostrariam menos em função de sua atualização e mais, propriamente, das virtualidades que elas sugestionam, independente de qual seja, de fato, o futuro da cidade ou se tal devir será “capturado” e territorializado pelo planejamento urbano, mediante determinados códigos já existentes ou “micro-equipamentos reformistas” (Guattari, 2013, p. 114), até mesmo para estabelecer formas de controle, em que se faz explícita a maneira pela qual “o poder molecular do Estado multiplica suas tentativas de recuperação das revoluções moleculares do desejo” (Guattari, 2013, p. 114)⁶. Devires são sempre minoritários, mas, uma vez territorializados – tal como ocorre, em geral, com os processos revolucionários – podem suscitar transformações socioculturais mais amplas. (NAKAGAWA, R. NAKAGAWA, F. SANTOS, A., 2023, p. 7)

A aproximação objetiva observar o meio, não a partir de um olhar celeste, como descrito por De Certeau (2014), mas da perspectiva de pessoas que estão ocultas pela sombra monumental da totalidade brasiliense, numa escala macropolítica. Dentro do trabalho, o método cartográfico foi traduzido em etapas cujo principal objetivo foi explorar ideias que estão distantes dos textos centrais, em especial os textos propagados a fim de classificar uma proposta de identidade brasiliense, ou de Brasília como um todo, e que, em contraponto a esse projeto de homogeneização, foge do espectro central da criação de identidades. A partir do olhar periférico, utilizando-se de relatos do espaço, o trabalho faz um levantamento mais cuidadoso, centrado nas intencionalidades e no relato das sensações, das memórias e, acima de tudo, do afeto.

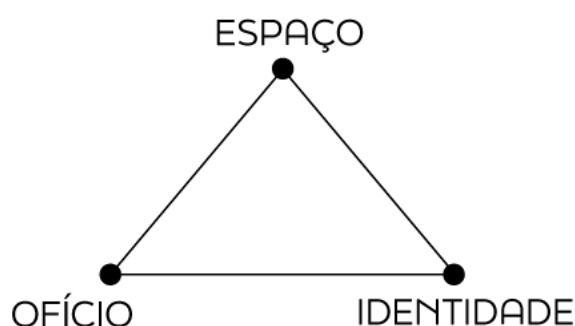
Essa extensão oculta, que o texto trata como afeto, se distancia da homogeneidade da cidade que se propõe através de uma Brasília integrada, que para Ferrara (1993) se opõe a homogeneidade urbana, ou seja, no que o hábito consolida o uso do espaço, tornando a cidade menos informativa. Porém, é esse uso que dá identidade à cidade, conectando o indivíduo ao ambiente e dinamizando o modo de viver.

Na homogeneidade da cidade, o hábito é a sedimentação de um uso urbano e, ao mesmo tempo, o fator da baixa definição da cidade enquanto fonte de informação; entretanto, é por este mesmo uso que o homem se apropria do espaço ambiental, identificando-o e se identificando com ele; é o uso que dinamiza o espaço e o concretiza como modo de ser uma cidade ou de um modo de viver. A cidade adquire identidade através do uso que conforma e informa o ambiente” (FERRARA, 1993, p. 21)

Os relatos, registrados e transcritos a partir de entrevistas, se relacionam com sensações acerca dos efeitos dialógicos e portanto consideram memórias, histórias e a

própria sensação que é causada por cada parcela do bairro, em diferentes tipos de usuários dessa parcela. Para dar procedimento a esse processo metodológico fez-se necessário explorar a ideia de Ferrara (1993), que gira em torno da possibilidade da experiência do espaço se dar através de formas diferentes de relações de ofício, nas quais pode-se observar o surgimento e a manutenção de novas identidades. Essas relações entre ofício/identidade/espaço podem ser postas como uma tríade (figura 39), onde a identidade e o ofício são resultantes das interdependências do meio, da ação e do tempo, o que pode sofrer mudanças drásticas quando essas partem de forma limitada, ou quando não há conexões com o meio.

Figura 39: Proposta de tríade de relação entre espaço, ofício e identidade.



Fonte: Elaboração própria

Uma vez que se lê o Vale do Amanhecer como uma zona de opacidade²⁵, no sentido descrito por Santos (2008), ou como a periferia da periferia - como proposto neste trabalho - passa a ser importante considerar que as ações, com o meio funcionam com pouca aderência no espaço, ainda mais se a ideia parte da experiência do Vale como uma cidade dormitório. Isso considerado, o trabalho de estudo dessa extensão afetiva da prática do espaço, dentro das limitações causadas pela própria natureza social das espacialidades surgidas nesse meio, parte de uma abordagem cautelosa, que considera o impacto das dicotomias causadas pelas relações de centro-periferia que Brasília e

²⁵ “Na cidade, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico — uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa — essa historização da metafísica, crava no organismo urbano, áreas “luminosas”, constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas “opacas”. Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizado-res, são espaços da lentidão e não da vertigem.” (SANTOS, Milton. 2008, p. 79)

Planaltina podem causar nos usuários desse espaço. Essas limitações trouxeram ao desenvolvimento da pesquisa a necessidade de apoios visuais a fim de marcar de forma menos abstrata os delineamentos que montam essa esfera de cultura.

Como processo metodológico, houve a utilização de traduções dos dados levantados a partir de diagramas e outros elementos visuais, que objetivaram dar forma a algumas complexidades, da classificação como hipoícone diádico, ou das representações diagramáticas, explicada por Peirce (2003) e explorada por Santos e Garrossini (2019), que traz luz ao resultado que o método buscado deve mirar, deixando mais clara extensão afetiva do espaço.

Assim, diagramas gráficos, conseguem demonstrar metáforas de pensamento em metáforas esquemáticas gráficas, permitindo que um receptor de um dado diagrama consiga entender quais foram os movimentos do pensar de um determinado emissor. Obviamente existe uma intencionalidade na constituição de uma comunicação expressa em um diagrama gráfico. Lógica, síntese, visualidade e projeção temporal manifestam-se enquanto esquema. (SANTOS, F. GARROSSINI, D. 2019)

Com a ideia de um objeto visual, julga-se necessário o desenho de uma cartografia que, para além das relações sensíveis com o espaço advindas das suas visualidades, possa também trazer, de forma gráfica, a extensão sentimental na qual acredita-se que estão enraizadas as razões identitárias, conjunto do qual o trabalho tratou nos capítulos iniciais como: advindas das individualidades semióticas. Para isso foram utilizados mapas e recursos visuais que possibilitaram demarcar, a partir das impressões dos entrevistados, a ideia de lugar que abarca a gama sentimental que o Vale do Amanhecer, em suas complexidades dialógicas, pode suscitar. Para definir os tipos de lugares, foram analisadas nas entrevistas a intencionalidade nos relatos e a carga sentimental acerca desses lugares contidas no discurso, proporcionando a criação de um quadro semântico (figura 40) que auxiliou na criação dos principais pilares para as próximas etapas metodológicas.

Figura 40: Pannel semântico



Fonte: Elaboração própria

A partir da análise de intencionalidade, foram percebidas algumas singularidades por meio que o trabalho pretende categorizar em diferentes tipos de sentimentos relativos ao espaço, levando em consideração que essas singularidades criam massas de homogeneidades, que foram adaptadas como pontos de afeto que a cartografia pode usar como marcações. São esses lugares: lugar de aprender; lugar de sonhar; lugar de fotografar; lugar de arte; lugar de não ir. Esse último leva em consideração uma série de fatores e sentimentos, que vão desde a sensação de insegurança, repulsa, medo, sacralidade, ou a falta de sacralidade do espaço apontado. Vários dos entrevistados reportaram espaços no bairro onde seria desaconselhável a ida ou a permanência, mas a maioria, mesmo em entrevistas abertas, mencionou justificativas que têm relação com espiritualidade, dogmas e autopreservação.

A partir desse processo foi possível, enfim, dar sentido aos entremeios da constituição de visibilidades, como também da visualidade, a partir do qual foi construído um mapa, que serviu como base para a cartografia afetiva pretendida. A cartografia se propõe como um diagrama que permite mapear as multiplicidades que continuamente dão bases para os processos de formação das espacialidades, sendo, dessa forma, uma ferramenta preciosa para entender as razões funcionais e sociais que constituem urbe e seus processos de definição e de transformação. Em particular, é a partir da cartografia sentimental proposta que se torna possível traçar a linha que integra a complexidade constitutiva dos lugares e espacialidades que, conforme aponta Santos (2020), envolvem a correlação de distintas variáveis, cada uma com temporalidades singulares.

Por último, os resultados deste trabalho, fruto de diversos esforços coletivos, se constituem em um material cujo sentido se completa a partir da devolução à própria comunidade, entendido como pouco simbólico se não cumprir com o seu ciclo de pertencimento, devolvendo à comunidade parte do que é produzido. Logo, as peças desenvolvidas a partir dos dados levantados em conjunto, com moradores e membros ativos da comunidade, têm como pilar principal serem entendidos e cumprirem com seu dever de trazer a comunidade para o centro da discussão do qual o trabalho se desenvolve. Uma vez que os dados foram convertidos em informação, por meio de técnicas de *data visualization*, a etapa seguinte centrou-se em pensar maneiras de disponibilizar esses diagramas aos moradores.

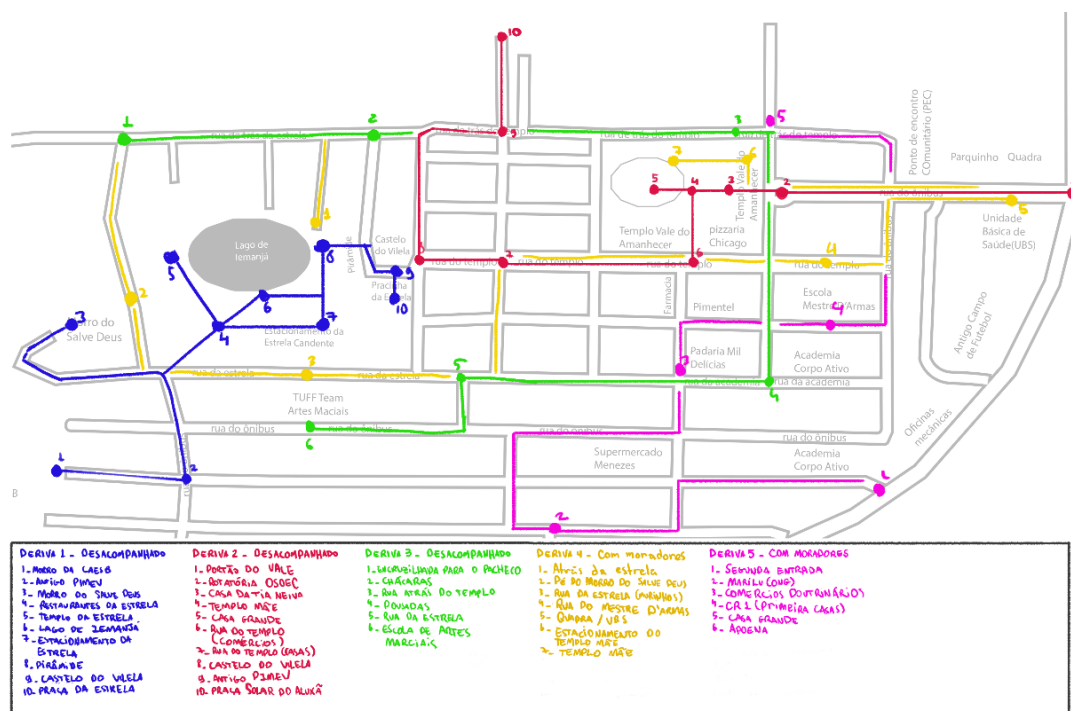
3.4. Derivas e o olhar estrangeiro

“Andava à deriva, sem afetos, sem ambições, como uma estrela errante no sistema planetário de Úrsula.” MÁRQUEZ, Gabriel García.

Em um primeiro momento, a pesquisa focou em explorar o espaço de forma que, para além da sua extensão histórica e documental, o bairro pudesse ser entendido nas suas funções mais cidadinas. Para isso utilizou-se a imersão, através do que De Certeau (2014) concebe como errâncias, e descreve como o melhor modo de perceber a nuances escondidas pelas sombras da totalização. Esse método é amplamente utilizado em metodologias de diversas pesquisas no ramo da semiótica espacial, e é denominado de Deriva, processo descrito por Debord (2003) no trabalho que reúne diversos textos situacionistas. As pesquisas, particularmente as que abordam categorias como espacialidade, visualidade, visibilidade e comunicabilidade, utilizam a deriva como estratégia metodológica para investigar a cidade de forma empírica. Esse deslocamento desestrutura temporariamente o espaço urbano, permitindo novos usos e encontros que promovem experiências de alteridade. Ao caminhar de forma aleatória, o pesquisador identifica o que é perceptível e descarta o que não é discernível, elaborando associações imprevistas. Assim, o olhar transforma visualidades em questões de pesquisa e características icônicas em hipóteses, formulando perguntas contingentes sobre a problemática da percepção no empírico.

Inicialmente foram realizadas três deriva sem companhias, com o objetivo de registrar e fazer marcadores sobre as organizações espaciais, além de ter as primeiras impressões como pesquisador acerca das funcionalidades do bairro. As primeiras deriva (figura 41) foram importantes para o registro de fotografias e para demarcar o que seriam os próximos elementos da visualidade a serem registrados. A partir da quarta deriva a adesão por parte de moradores incorporou esse processo de percepção. Foram realizadas caminhadas com um pequeno grupo de no máximo três pessoas que moram no Vale do Amanhecer com o objetivo de coletar relatos e se aprofundar em diferentes visões, explorando como esses usuários do espaço percebiam o bairro. Foi durante a realização das deriva que o levantamento das intencionalidades, assim como a ressignificação de alguns espaços, foi registrado.

Figura 41: Trajetos das deriva realizadas na área central do Vale com os determinados pontos de interesse encontrados



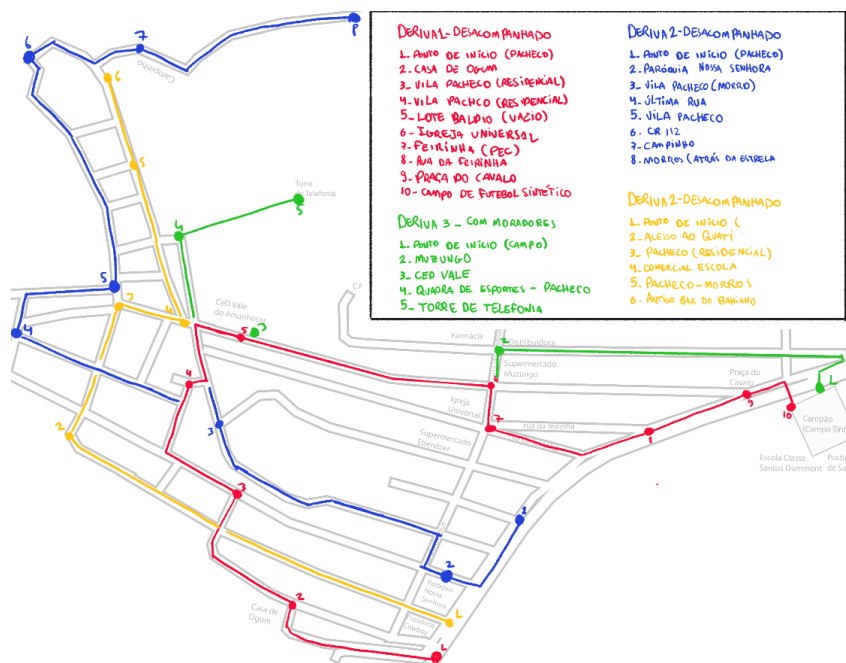
Fonte: Elaboração própria

Com o objetivo de cobrir a maior área possível, as deriva foram realizadas de forma separada e em dias diferentes, devido à extensão territorial do bairro. As primeiras deriva foram realizadas na área central do Vale, contemplando principalmente as áreas religiosas, muito apontadas nos relatos. O processo de derive aconteceu de forma aleatória, seguindo as casualidades do cotidiano do bairro, como sugere Debord (2003),

e no fim do dia, algumas anotações sobre ocorridos e pontos de interesse serviram como marca de trajeto e como registro de espaços onde as atividades, a visualidade ou a paisagem chamaram a atenção.

Como indicado nas legendas, a primeira deriva, marcada em azul, foi centrada em áreas que circundam, ou fazem parte, do templo da Estrela Candente. Do ponto mais distante (1-Morro da Caesb) ainda é possível escutar os sons que emanam da Estrela, assim como o último ponto (7- Morro do Salve Deus) é muito importante para a composição visual desse espaço. A deriva 2, em vermelho, foi focada em áreas próximas e que constituem as áreas do Templo Mãe. A deriva 3, em verde, foi realizada de forma mais livre, contemplando espaços que não necessariamente tem relação com a doutrina, mas que servem para reforçar a visibilidade do bairro. As derivas 4 e 5 (Em amarelo e rosa, respectivamente) foram realizadas com pequenos grupos de moradores e teve seus trajetos pautados pelos grupos. As derivas também se dividiu pelos dois espaços que compreende o bairro, sendo realizados em dias diferentes derivas na zona central e na Vila Pacheco (figura 42).

Figura 42: Trajetos das derivas realizadas na área conhecida como Pacheco e seus determinados pontos de interesse



Fonte: Elaboração própria.

Como em Cidades Invisíveis de Calvino, o Vale do Amanhecer pode ser descrito como uma das 55 cidades imaginárias. O desenvolvimento da pesquisa pode ter suscitado questões nos demais alunos do Programa de Pós-graduação em Design, que como Kublai

Khan fizeram uma série de perguntas, foram interessantes para o processo de compreender o espaço a partir de uma perspectiva estrangeira. Assim, como na história de Calvino, em que são apresentadas descrições de cada uma dessas cidades com características únicas e simbolismos profundos, a pesquisa pretendeu observar como essas características, levantadas também a partir da percepção dos usuários mais comuns do espaço, se transformam a partir do olhar de observadores não-habitados com o Vale. Depois de anunciado em aula, duas pessoas aderiram e fizeram uma visita ao bairro, onde foi realizada uma deriva por alguns locais importantes do Vale (figura 43). Ao término da deriva, as estrangeiras concederam uma entrevista aberta contando sobre o que viram, ouviram e sentiram.

Figura 43: Realização de deriva com estrangeiras



Fonte: Arquivo pessoal

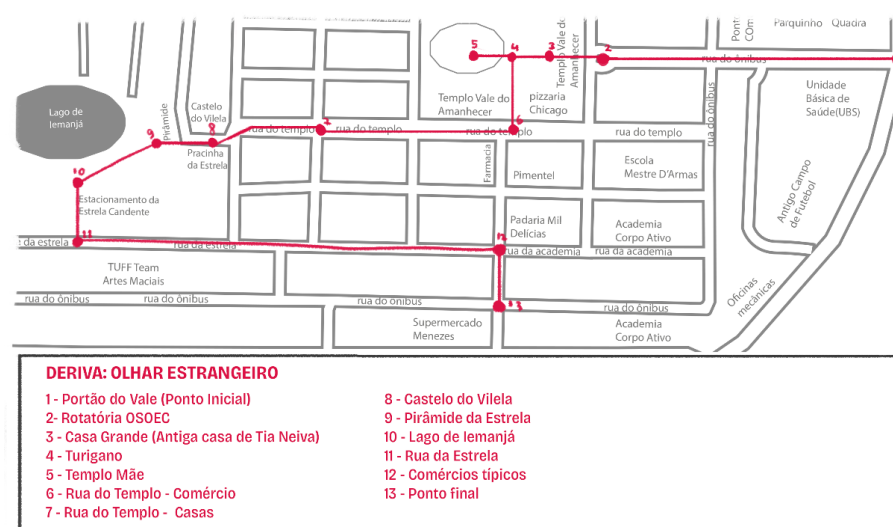
A visão estrangeira cria o que Lotman (1996) chama de espaços não semióticos. Esse reservatório de percepção depende da posição do observador, que no curso da pesquisa pôde ser entendido a partir do esvaziamento dos textos culturais frente à incapacidade de ligá-los aos seus arranjos dialógicos, acerca dos quais os usuários externos têm pouca ou nenhum conhecimento. O contato com textos que estão distantes do aparato simbólico é importante para a criação de redesenhos que impactam nos processos de tradução, o que impacta na leitura das individualidades semióticas, e até mesmo da própria percepção ambiental, em si. Para Lotman (ibid.) “A posição do outro permite descrever o natural como peculiar”, o que faz com que textos culturais com potenciais de serem ignorados possam passar a ser centrais em algumas interpretações.

A aleatoriedade do deslocamento permite ao observador captar aquilo que se torna perceptível ao mesmo tempo em que ignora presenças que não são discerníveis, possibilitando a elaboração de associações imprevistas. Dessa forma, o método de deriva permite partir de situações conflitantes e variáveis, nas quais o olhar atento transforma visualidades em questões de pesquisa e características icônicas em hipóteses indiciais. É essa relação entre o que é observado e o que permanece fora do campo de percepção que gera indagações contingentes, revelando a complexidade e os limites da perceptibilidade no empírico, essencial para a construção de interpretações críticas e reflexivas sobre o espaço urbano.

Um sistema que não pressupõe um observador externo e se fecha inteiramente dentro de sua própria estrutura não tem um caráter específico. O universal não pode ter características específicas. Na medida em que o alheio, o que se encontra fora do sistema, é pensado como incorreto, precisamente como incorreto, são atribuídas a eles qualidades de singularidade e distinção. A mudança de ponto de vista para uma posição um tanto fora de si permite ver o caráter específico do correto. (LOTMAN, 2021, p. 87)

O observador externo fez-se importante também para trazer novas percepções acerca de espaços e comportamentos dos próprios usuários dos espaços. Essas percepções enriqueceram o trabalho ao proporcionar pontos de partidas diferentes aos múltiplos arranjos dialógicos, levantando pontos de interesse que até então tinham passado despercebidos, e forma marcados em um novo mapa de derivas (figura 44) e a partir desses pontos foram esquematizados o questionário para a aplicação da metodologia descrita por Ferrara (1993) como percepção ambiental.

Figura 44: Trajeto da deriva realizada com estrangeiros



Fonte: Elaboração própria

3.5. Percepção semiótica e a disponibilidade ambiental

O ponto de afunilamento da pesquisa, finalmente, é a etapa de levantamento de percepções ambientais. Lucrécia Ferrara (1993) entende a percepção ambiental como um processo ativo e interpretativo, no qual os sentidos humanos interagem com o espaço físico e cultural para construir significados. Para a autora, a percepção vai além do olhar, englobando sons, texturas, cheiros e outras sensorialidades que contribuem para uma experiência integral do ambiente. Influenciada por contextos históricos, memória e práticas sociais, essa percepção revela o espaço como um território dinâmico e repleto de significados, constantemente moldado e ressignificado pelas interações humanas.

Enquanto fundamento da interpretação humana, a percepção semiótica pode ser compreendida por meio de suas dimensões básicas, como descreve Ferrara (1993):

“A percepção semiótica, enquanto capacidade de aprender e gerar informação a partir da experiência, capacidade inerente aos seres humanos, divide-se em duas dimensões: o percepto e o juízo perceptivo. O percepto não agride ou estimula a percepção, daí ser uma fala ausente: “o percepto... é completamente mudo (Peirce, *Collected Papers*, 7.622). É uma imagem que se apresenta imediatamente na sensação de sua materialidade e sob o impacto de seu atrito polissensorial, sem nos permitir o conhecimento ou a consciência do modo pelo qual se constrói.” (FERRARA, 1993, p. 107)

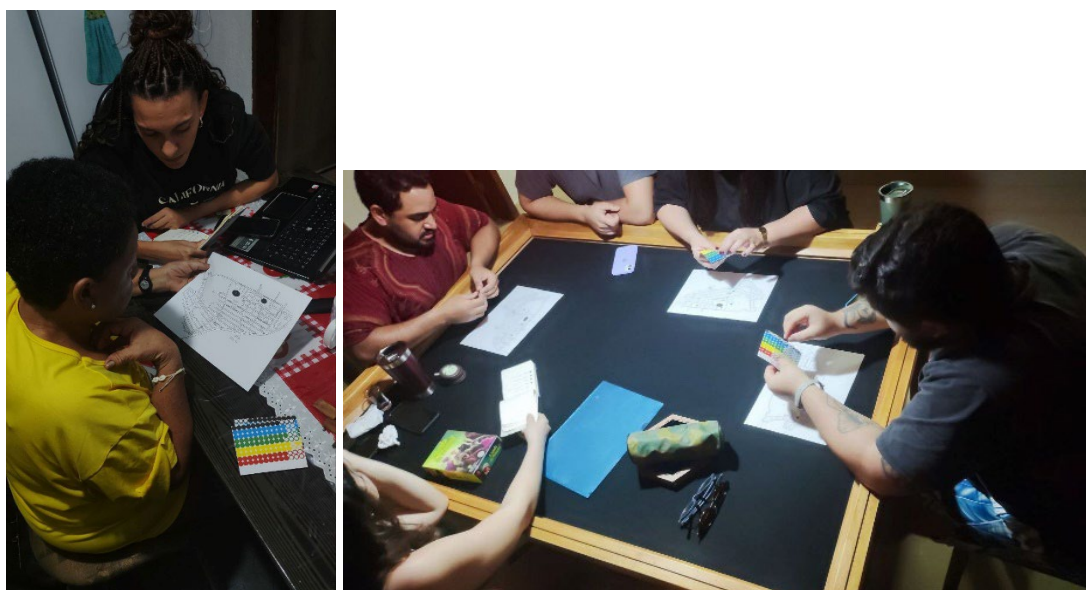
A percepção semiótica fundamenta o levantamento de dados qualitativos, que mostram, além das relações de afeto que constroem o espaço, as "formações do desejo no campo social", considerando as mutações da sensibilidade coletiva, conforme descreve Suely Rolnik (2011). Objetivando compreender os efeitos dialógicos dos espaços e de seus aspectos rugosos no cotidiano dos usuários do espaço, partiu-se do entendimento das mediações das características simbólicas, dos outros e de si, percebendo a partir dessas perspectivas o movimento de criação textuais que delineiam as fronteiras, criando assim as individualidades semióticas.

O levantamento de percepção foi aplicado a partir de mapas impressos do Vale do Amanhecer contendo algumas das principais localizações do bairro, levantadas a partir das derivas e entrevistas e utilizando também o auxílio do Google Maps (figura 45). As derivas e entrevistas foram essenciais para que dessa forma não apenas os espaços comerciais, que são evidenciados pela tecnologia, estivessem à vista, mas os espaços

dos dados. As cores foram pensadas para criar manchas visuais que abarcam diferentes sentimentos, e também para explicitar essas relações de forma gráfica, com contrastes claros o suficiente à leitura.

O significado das cores da cartela: amarelo - lugar de aprender; roxo - lugar de sonhar²⁶; azul - lugar de fotografar; verde - lugar de arte; vermelho - lugar de fé; preto - lugar de não ir. Os nomes dados aos sentimentos e suas significações, traduzidas através das cores, foram baseadas no mapa semântico constituído a partir da história dos moradores e do bairro, considerando as implicações dialógicas que os locais onde as histórias se localizam, e a potencial dimensão sentimental que cada local impresso no mapa pode carregar. Foram consideradas também as entrevistas dadas pelos especialistas, as entrevistas com moradores e as derivas realizadas a partir de diversos locais do bairro. O teste foi realizado com 30 pessoas com idade entre 16 e 60 anos (figura 46), com uma amostra quase igual de pessoas do gênero masculino e feminino, sem distinguir a posição na comunidade, ou se as pessoas escolhidas participavam na doutrina religiosa.

Figura 46: Participantes da dinâmica cartográfica preenchendo o mapa com suas percepções



Fonte: arquivo pessoal

²⁶ A cor do adesivo inicialmente era branca, mas para que houvesse contraste com o mapa a cor foi corrigida digitalmente após a digitalização dos mapas.

3.5.1. Amarelo: Lugar de aprender

Durante a realização desse exercício cartográfico surgiu uma série de dúvidas acerca do significado das divisões de lugar. Os participantes fizeram perguntas acerca de como poderiam definir o que era “aprender”, assim como “sonhar” ou “arte”. As dúvidas foram genuínas pois alguns desses lugares já tem definições muito claras de suas correspondências no próprio mapa, visto que o mais comum lugar de aprender seriam as escolas. Durante a aplicação do formulário alguns participantes fizeram questão de esclarecer que suas marcações se referiam sobre qual ‘aprender’, mas no fim os participantes da dinâmica, ao serem avisados que a interpretação era livre, preencheram de forma menos amarrada das significações mais comuns, e apontaram também, para além dos locais clássicos de aprendizado, locais que não necessariamente nasceram com esse propósito que não têm como função o ensino formal, mas que garantem à comunidade o “aprender”, que vão desde ofícios da fé, da cultura, da arte, de esportes, do dia à dia e de possibilidades para o futuro de crianças e adultos (figura 47).

Figura 47: Mapa de afetos com as marcações dos Lugares de Aprender em amarelo



Fonte: Elaboração própria

Os pontos mais marcados no mapa foram: o Castelo do Vilela, o Campo de Futebol Sintético, o Templo Mãe, a escola de artes marciais TUFF Team e também ambas as escolas do território do Vale o CEF Mestre D'Armas e o CED Vale do Amanhecer. Essas escolas, para além do ensino obrigatório, se tornaram pontos de encontro importantes para

o desenvolvimento de atividades comunitárias e culturais, além de eventos artísticos e musicais, o que fez crescer nos moradores a estima pelos locais. Para além das escolas, se destacaram também outros pontos, como é o caso do Campo de Futebol Sintético, ou o Campão, como é popularmente referido, onde são desenvolvidas atividades da escolinha de futebol, atividades físicas, atividades de consciência corporal e atividades cunho cultural. O Campão (figura 48) está presente desde os primeiros esboços urbanos do bairro e já é parte importante da história da comunidade.

Figura 48: Lugar de Aprender - Campo de Futebol



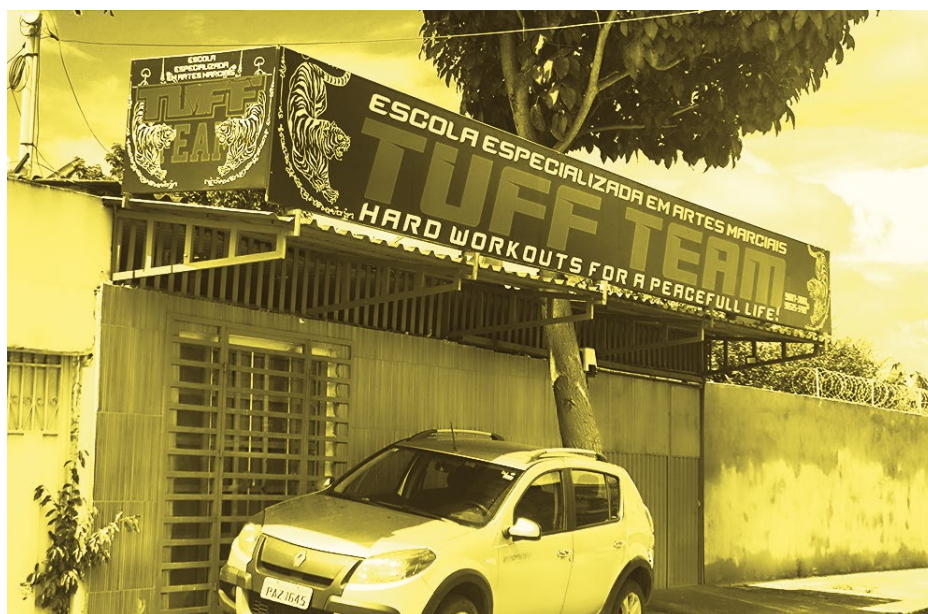
Fonte: Arquivo pessoal

Tanto o Templo Mãe quanto o Templo da Estrela, marcados numerosamente, se destacam pelas inúmeras atividades de aprendizagem que, além do ensino dos princípios doutrinários, ensinam também a prática de tolerância e da boa-fé, através de uma escola de evangelização que chamam de desenvolvimento, e do Pajézinho, uma das principais formas de ensinar às crianças e incluí-las nas atividades comunitárias do bairro. A quadra poliesportiva e alguns espaços reservados para o exercício de atividades relacionadas à arte marcial também foram destaque, como é o caso do Castelo do Vilela e a TUFF Team, escola de artes marciais coordenada por Tony e Gil Wolf.

A TUFF Team (figura 49) nasceu, segundo Tony e Gill (2014), do sonho de ambos em transformar o bairro em um espaço mais harmonioso e propício ao desenvolvimento de atividades culturais que valorizam a cultura local e simultaneamente a cultura de artes marciais desenvolvidas em diversos outros lugares do mundo. Sendo uma das principais modalidades ensinadas na escola o Muay Thai, que surgiu na Tailândia, Tony e Gill ainda ensinam também outras modalidades como o Hapkido e o Taekwondo. Além dessas

atividades, Gill desenvolve atividades relacionadas à Dança do Ventre. Gill mora no bairro há mais de 30 anos, é participante da doutrina e, portanto, vê muito potencial no bairro.

Figura 49: Lugar de Aprender - Escola de Artes Marciais TUFF Team



Fonte: Arquivo pessoal

Tony (2024) acredita que o Vale do Amanhecer tem pessoas talentosas e que essa mistura cultural contribui para o desenvolvimento de uma visão mais ampla e aberta para manifestações de diferentes culturas, se tornando, então, um local propício para o crescimento do sentimento de inclusão. Ambos os instrutores viram no “aprender” das artes marciais uma oportunidade de afastar crianças e adolescentes do bairro de atividades perigosas e ilegais, gerando interesse em campeonatos e competições.

A academia representa a convergência dos sonhos e jornadas humanas, emergindo como uma ferramenta de transformação social e psicológica no Vale do Amanhecer por meio da arte marcial. Inspirada pelo ambiente local, a TUFF tornou-se o que Tony (2024) chama de “exportação de talentos”, com alunos vindos de diversas regiões e até mestres tailandeses, alcançando projeção internacional sem perder suas raízes no Vale. Entretanto, para Tony, falta à comunidade local uma estrutura de desenvolvimento coletivo, como espaços culturais, festivais de música e praças de alimentação que valorizem a cultura regional.

3.5.2. Azul: Lugar de fotografar

Sendo a visibilidade um dos aspectos mais importantes levantados no percurso conceitual da pesquisa, essa etapa compreende as marcações em azul lugar para fotografar como parte essencial da experiência do espaço. A fotografia foi por vezes utilizada como método principal em trabalhos da autora Lucrécia Ferrara, que estuda a extensão perceptiva da disponibilidade ambiental e disserta que as fotos são marcadores importantes para dar ao usuário o poder de mostrar perspectivas diferentes sobre espaços percebidos como periféricos. Os espaços fotografáveis podem ser marcações importantes acerca do que leva aos usuários à vontade de revelar algo sobre algum ponto do bairro e se torna uma ferramenta valiosa em pesquisas de percepção por conta do seu potencial de mostrar a cidade a partir de olhos que vivenciam verdadeiramente essas espacialidades. Essa extensão, que combina visualidade e visibilidade, engloba desde paisagens a artes urbanas e até locais que convidam ao registro pelo seu caráter episódico (figura 50).

Figura 50: Mapa com as marcações dos Lugares de Fotografar em azul



Fonte: Elaboração própria

Este tópico focou em levantar quais arranjos visuais despertaram nos participantes a vontade de fazer registros, considerando a temporalidade, os objetos do espaço e o próprio encontro do belo, dentro do que compreende a estética, conceito que Ferrara (1981) descreve como dimensão essencial para compreender os signos, enfatizando seu papel na percepção sensorial e no impacto emocional que eles causam. Para Ferrara (ibid.), a estética diz respeito a como os signos estruturam e influenciam as experiências sensoriais e cognitivas, compreendendo a extensão do sensível.

Alguns dos espaços apontados foram revisitados e fotografados. Essas fotos permitiram que os locais fossem analisados a partir de um segundo olhar, que parte de diferentes perspectivas e diferentes experiências, fazendo compreender a extensão sentimental a partir do olhar dos participantes, e da relação desses espaços “registráveis” com a construção dialógica do bairro como um todo. A fotografia, assim como o ato de relembrar os momentos, permite fazer recorte das espacialidades, tornando-se um modo dos usuários do espaço se inserirem, tornando parte desse arranjo espacial e salientarem as parcelas desses arranjos que refletem o vínculo desses com a temporalidade no qual se inseriram.

O Vale do Amanhecer é um bairro rico em territórios que mesclam o urbano com bucólico, o que traz ao bairro uma aura contemplativa. Essa sensação pode ser expressa pela extensão “fotografável” da cartografia, que deu destaque a espaços que abrem janelas para a amplitude paisagística do bairro, que se alonga pelos morros, rio, córregos e cachoeiras. Se destacaram a partir dos apontamentos: o Lago de Iemanjá, localizado no templo da Estrela Candente, assim como, o Morro do Salve Deus (figura 51), que é utilizado por moradores e por estrangeiros como um ponto para fotografar a cidade (figura 52), O morro da Caesb e, O Templo Mãe, além de alguns pontos que foram distribuídos distantes da mancha urbana do bairro, marcando as paisagens naturais que circundam o Vale, como é o caso do Córrego do Quati e a Cachoeira do Vale Perdido.

Figura 51: Lugar de Fotografar, o Morro do Salve Deus



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 52: O bairro a noite fotografado de cima do Morro do Salve Deus



Foto: José Luismar

3.5.3. Roxo: Lugar de sonhar

O Vale do Amanhecer é um lugar de sonhos. O bairro, que assim como Brasília surgiu de um sonho profético, é um berço fértil que instiga o sonhar. Muitos dos entrevistados, e mesmo os participantes do teste, mencionaram como o Vale do Amanhecer é a base para que algumas pessoas possam progredir na realização de sonhos e na completude dos desejos. Alguns dos principais textos deixados por Neiva são pautados na especulação e na previsão de futuros, nos quais os membros da Ordem se agarram desde então, modulando atividades e construindo espaços que instiguem o sonhar. Parte dos entrevistados mencionou que quando se mudaram para o Vale, há 20 ou 30 anos, foram movidos pelo sonho, que vai desde a completude da fé espiritualista, até na construção de um futuro melhor, num lugar mais tranquilo e próximo a Brasília (figura 53).

Figura 53: Mapa com as marcações dos Lugares de Sonhar em roxo



Fonte: Elaboração própria

Mesmo para as pessoas que moram na Vila Pacheco existem sonhos. Durante o exercício cartográfico os moradores da extensão que se entende como Pacheco reportaram sonhos de sair do bairro. A maioria deles, sonhos que partem da vontade de morar em um lugar mais adequado, que tenha mais estrutura e que fuja da sombra da

opacidade, ainda que esse salto seja pequeno e envolva se mudar da zona que se entende como Pacheco para a zona mais central do bairro do Vale do Amanhecer. Esse é um sonho tão recorrentemente reportado que foi retratado na peça: Muro de Promessas, da Cia de teatro Ateliê Aberto (figura 54), escrita e dirigida por Wellington Oliveira.

Figura 54: Muro de Promessas, teatro de rua encenado em pontos importantes do Vale do Amanhecer



Foto: Julia Nogueira

Durante a realização das entrevistas foi perceptível o quanto os moradores mencionam sonhos, expectativas e divagações esperançosas sobre o futuro de si mesmos e do próprio bairro. Alguns dos entrevistados acreditam no potencial turístico, cultural e religioso do Vale e prospectam sobre o desenvolvimento do bairro a partir da sua visualidade diferente e do seu senso de comunidade. Para alguns dos entrevistados o futuro está fora do Vale, mas com a cidade como uma base, sendo alguns dos seus símbolos mencionados como parte enriquecedora dessas prospecções. Mesmo pessoas que não vieram ao Vale pela espiritualidade construíram o espaço Vale do Amanhecer a partir de sonhos. Uma parcela significativa dos espaços do bairro se deu através da evolução de diversos sonhos, como o sonho da casa própria ou de morar em um lugar próximo à capital federal, por exemplo.

A dinâmica se desenvolveu de diferentes formas, mudando de acordo com cada participante. Alguns acharam que a questão era mais literal, respondendo o mapa de forma mais precisa e marcando lugares como a própria casa ou casa de algum parente, outros estenderam o significado de sonhar para devanear e marcaram o Morro do Salve Deus e outras desenvolveram justificativas poéticas para as suas respostas, marcando lugares que

os faziam acreditar em um futuro melhor, na construção coletiva do futuro e no futuro das zonas vistas como perigosas, ou “sem futuro”. A Vila Pacheco (figura 55) se destacou pela quantidade de pontos em diferentes locais e, o Templo Mãe (figura 56) também foi pontuado numerosamente.

Figura 55: Lugar de sonhar, a Vila Pacheco



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 56: Lugar de Sonhar, o Templo Mãe



Foto: Nathalia Feitosa

3.5.4. Verde: Lugar de arte

Ainda se tratando de estética, a arte tem o potencial de criar e transformar textos, sendo essa uma das ferramentas mais necessárias na significação, na representação e no registro de identidades. A arte tem relação importante com as representações que demarcam as fronteiras que separam a alteridade e por isso o trabalho compreende a importância do levantamento das relações entre arte, espaço e o usuário do espaço através da marcação em verde (figura 57).

Figura 57: Mapa com as marcações dos Lugares de Arte em verde



Fonte: Elaboração própria

Dentro desse círculo de diferenciações, a construção visual e simbólica das crenças tem sustentação no aparato artístico que se estende por religiões, principalmente quando essas dependem da visualização dos seus pilares, como é o caso da religião católica e como é o caso da doutrina espiritualista cristã do Vale do Amanhecer, que contam com representações de santos e entidades. Dentro da doutrina religiosa do Vale do Amanhecer, criou-se o que Cavalcante (2011) chama de panteão de entidades, muitas das quais se traduziram de outras doutrinas e religiões, sobretudo de religiões espiritualizadas, e incorporaram, dentro das crenças da doutrina de Neiva, suas visões e visualidades.

Essas criações podem ser vistas em diversos pontos do bairro, até mesmo em fachadas e no interior de lojas, mas se concentram principalmente nas áreas dos principais templos. As concepções gráficas e tridimensionais compõem cenários que ditam o clima da cidade, tendo esses objetos do meio relações que ditam as reivindicações dos espaços e moldam a sensação das pessoas sobre a beleza do bairro. Essa gama artística moldou a visibilidade da urbe, contribuindo para espaços os semióticos que são importantes pilares no arranjo visual do cotidiano do Vale, sendo esses arranjos reproduzidos nas demais espacialidades que surgiram na periferia da doutrina.

Um dos principais expoentes dessa tradução, e uma personalidade importante dentro da própria doutrina, se chama Vilela (figura 58). Ele foi, o que membros da doutrina descrevem como: capaz de enxergar o que Tia Neiva visualizava para a doutrina. Vilela pintou todas as representações das entidades com auxílio das visões mediúnicas de Neiva no início do bairro. Ainda nos dias de hoje, ele permanece sendo o principal pintor e responsável por dar feição às entidades cultuadas na doutrina, além de ser considerado uma peça-chave para os demais ícones visuais da doutrina. Vilela teve também influência na composição visual do bairro como um todo, isso porque muitas das fachadas, principalmente de lojas que vendem itens relacionados à fé, têm artes feitas pelo artista plástico ou inspiradas pelo seu trabalho.

Figura 58: Vilela em 1983 pintando uma das principais entidades da doutrina, Iemanjá



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer

A arte é um dos pilares centrais na constituição dessa espacialidade, tendo em seu círculo uma rica e variada gama de representações, o que engloba manifestações artísticas com longo alcance. O bairro conta hoje com poucos locais para a realização da prática de arte, seja artes plásticas ou artes cênicas. Essa ausência é perceptível e é reportada pela maioria dos moradores que participaram da dinâmica. Para Lotman (2021), a arte é um articulador essencial dentro de uma semiosfera, garantindo a reprodutibilidade de textos culturais e a criação de novas significações, que são essenciais para a manutenção de uma cultura.

A arte ocupa uma posição especial dentro do sistema de mecanismos geradores de sentido. Suas significações baseiam-se essencialmente na intraduzibilidade das obras de arte em linguagens não artísticas. Esta intraduzibilidade, entretanto, não apenas não elimina como também estimula novas e contínuas tentativas de traduções não adequadas. Essas traduções, então, funcionam como mecanismos geradores de novos sentidos. (LOTMAN, 2021, p. 111)

Alguns dos principais apontamentos nessa etapa da cartografia giraram em torno da memória. Tendo em vista a ausência de espaços de prática artística, muitos dos participantes optaram por reportar lugares que foram ressignificados, mas cuja existência do edifício ou da praça remetesse aos tempos em que cumpria a função artística. O Castelo do Vilela (figura 59), ainda que desempenhe função artística pela sua simples existência no ambiente, convidando à contemplação outrora realizava funções culturais, como um espaço de desenvolvimento de atividades artísticas, que incluía desde oficinas de artes plásticas, até dança e artes marciais. A ONG ASTRAL (Associação Trabalho e Luz) foi, durante muitos anos um ponto de encontro de jovens estudantes e de realização de eventos focados na cultura. Além do Castelo do Vilela, espaços que em outro momento foram ONGs como a Ação Esperança e o Pimev (Projeto Meninos dos Vale) também foram marcados, além da quadra Poliesportiva próxima ao Portão do Vale, que por vezes é utilizada como local para a realização de festas típicas e de eventos musicais.

Figura 59: Lugar de arte, Castelo do Vilela



Fonte: Arquivo Pessoal

É possível dizer que para além de espaços para a prática de arte, o Vale do Amanhecer conta com poucos locais com arte urbana. Com exceção das áreas religiosas, os locais próximos a essas áreas são os únicos pontos da urbe onde pode-se observar arte, e em muitos casos, são relacionadas de alguma forma à doutrina religiosa. Além disso, um dos únicos lugares, que também recebeu várias marcações no exercício cartográfico, é a Praça das Crianças (figura 60), que inicialmente era chama de Praça do Cavalo, por conta da estátua de um cavalo que ali havia. A praça foi idealizada e produzida por Cristiano Teles Cândido, um artista plástico conhecido pelas suas esculturas, que por sorte podem ser achadas por outros pontos da cidade.

Figura 60: Lugar de Arte, Praça das Crianças



Fonte: Praça das Crianças

espaço para a prática de religiões de matriz africana que não tem relação com a doutrina religiosa que fundou o bairro, havendo terreiros espalhados pelo bairro, além de igrejas, tanto católicas quanto evangélicas de diversos segmentos. A percepção geral é que o Vale do Amanhecer é um espaço muito plural em número de espaços religiosos e um espaço com número lugares para a prática de fé.

O Vale do Amanhecer nasce da marcação de um ponto de fé, um lugar que, segundo Cavalcante (2011) foi demandado por Pai Seta Branca (Figura 62), a principal entidade que guia a fé da doutrina do Vale do Amanhecer. Essa marcação é descrita por Cavalcante (ibid.) como advinda de um conjunto de visões, e sensações, que acometiam Neiva na sua jornada pela busca de um lugar. Essa relação de local predestinado e conforto para fé é sentida pelos moradores. Yara Ravacci (2024), moradora do Vale do Amanhecer não praticante da doutrina, relata que a grande variedade de religiões e quantidade de pessoas que participam de uma religião tão atacada quanto a do Vale na verdade torna os moradores menos dispostos a praticar preconceitos de cunho religioso, o que acaba tornando o bairro um território menos marcado pela intolerância.

Figura 62: Escultura de Pai Seta Branca sendo finalizada em 1974



Fonte: Acervo do Vale do Amanhecer

Entre as marcações em vermelho mais numerosas estão os templos religiosos da própria doutrina, O Templo Mãe (figura 63) e a Estrela Candente (figura 64), que além

dos interiores da Pirâmide e do Solar dos Médiuns, contam com outros espaços que combinam a prática da fé com a prática do lazer, como é o caso do Lago de Iemanjá, que é referida pelos moradores como Lago da Estrela, e é comumente utilizado por esses usuários do espaço em momentos de contemplação, principalmente no final do dia. As risadas e as vozes das pessoas se fundem com os mantras e orações sendo tocados ao fundo, formando uma paisagem sonora ímpar.

Figura 63: Lugar de Fé, o Templo Mãe



Foto: Nathalia Feitosa

Figura 64: Lugar de Fé, a Estrela Candente



Fonte: Arquivo pessoal

Destacam-se também marcações na Paróquia Nossa Senhora Aparecida (figura 65), uma igreja católica que existe no bairro desde o início dos anos 1990, além de alguns pontos que têm relação com a doutrina do Vale do Amanhecer, como o Morro do Salve Deus. Outros espaços pontuados foram a Igreja Universal, Terreiros de Macumba, a Casa de Ogum, além de espaços não religiosos em conjuntos residenciais e locais públicos, que são para as pessoas que não têm religião espaços confortáveis para praticar suas fés.

Figura 65: Lugar de fé, Paróquia Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo Pessoal

3.5.5. Preto: Lugar de não ir

Durante a realização das entrevistas iniciais alguns dos relatos que chamaram atenção continham reticências acerca de alguns dos espaços do Vale do Amanhecer. Isso porque com o crescimento desordenado do bairro, e o surgimento da Vila Pacheco, o bairro passou a ser perigoso. Para além da periculosidade, o bairro também passou ganhar camadas de significação que vão além das funcionalidades dos seus espaços, grande parte dessa extensão reimaginada é estruturada pelo aumento da violência em meados dos anos 2000. Foi dessa fusão que surgiram alguns locais que ganharam nomes populares que denunciavam sua insegurança, como é o caso do Beco da Morte, uma estreita passagem que liga o conjunto residencial 74 ao 75.

de energia, além de trocas constantes com planos espirituais plurais, tendo essas trocas múltiplas frequências a depender do espaço, esse tipo de troca pode causar mal-estar e por isso alguns lugares são desaconselháveis. O Morro do Salve Deus e Atrás do Morros, onde hoje está localizada a Torre de Telefonia, são espaços que alguns membros da doutrina marcaram como espaços para não ir por esses motivos, principalmente se a pessoa que pretende estar nesses lugares tiver algum tipo de sensibilidade a essas forças. Muito embora também, esses mesmos espaços foram marcados como espaços de fé pela sua importância no simbolismo para a doutrina religiosa.

A insegurança ainda é um dos pontos mais relevantes nas respostas sobre o bairro. Além disso, e das trocas energéticas, um dos lugares para “não ir” que foi marcado várias vezes no mapa é a Torre de Telefonia (figura 67), um dos espaços que além de estar longe da vista de todos, também é marcado pelas histórias de conflito com a própria Ordem. A torre de telefonia celular pertencente à operadora de telefonia Tim foi construída próxima ao Morro do Salve Deus com objetivo de atender o bairro, e regiões mais isoladas de Planaltina, e por compreender que o território ainda pertence à família de Neiva a empresa pagava aluguel para os Zelayas, parcela dos descendentes de Neiva que ainda lidera a doutrina religiosa. Houve um erro no pagamento, que foi supostamente interpretado por Raul Zelaya como uma grande doação para a Ordem, que segundo membros da doutrina acontecem com frequência. A empresa entrou com um processo para que o dinheiro fosse reavido, porém não sendo possível o retorno, as terras da família, que compreendem os terrenos onde se instalam os templos da Estrela Candentes e o Templo Mãe, a Tim entrou com ação para que esses terrenos fossem levados a leilão.

Figura 67: Lugar de Não Ir, a Torre de Telefonia da Tim



Fonte: Arquivo pessoal

Esse problema acabou criando certa indisposição entre os membros da doutrina para com a empresa de telefonia. A torre de sinal para celular se tornou, portanto, um monumento que se apresenta imponente sobre a cidade, que para alguns representa essa briga e para outros, em especial os membros mais antigos da Doutrina, representa a tentativa de apagar a religião. Só em 2019 essa situação teve um desfecho favorável à religião com a anulação do processo. Em matéria do Metrôpoles de 2019:

No recurso, a Prodema argumentou que o imóvel pertence à Terracap e deve ter destinação especial e finalidade social, de forma que a penhora desvirtuaria a natureza dos bens públicos. O MPDFT também apresentou estudo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A entidade concluiu que o Vale do Amanhecer é considerado local sagrado, com reconhecido valor cultural. (DELGADO, 2019)

Para parcela de moradores mais antiga do Vale não é a primeira vez que o espaço sofre com ameaças de extinguirem o espaço sacro. Na década de 1970 o Governo do Distrito Federal tinha um projeto de barragem do Rio São Bartolomeu, que passa próximo ao bairro, o que, segundo previsões feitas no estudo de impacto realizado pelo próprio governo, acometeria com a inundação 110 quilômetros ao longo do percurso do rio, atingindo a área que se entende como do Vale do Amanhecer. O projeto visava o apoio

do abastecimento de água na então crescente Brasília, que já sofria com problemas no fornecimento de água (figura 68).

O plano de construir o Lago São Bartolomeu foi muitas vezes substituído pela captação do Paranoá, mas, segundo o ecossociólogo Eugênio Giovenardi, no fim dos anos 1990, o governo e a Caesb começavam a perceber que os córregos que abastecem o Lago Paranoá já não estavam mais tão volumosos, sem contar os problemas que seriam causados pela ocupação urbana que ocorreu na orla. Nesse momento, o São Bartolomeu não era uma opção tão viável, pois já haviam sido formadas verdadeiras cidades na região. A partir daí, o governo começou a apostar na possibilidade do Corumbá IV, que é atualmente a principal saída para combater a crise hídrica. (GRIGORI, 2017)

Figura 68: Gráfico apresentado em matéria da Globo de 1986 sobre a inundação do Vale do Amanhecer



Fonte: Rede Globo

Marcado pela incessante luta de prosseguir com os princípios doutrinários pensados por Tia Neiva, o Vale do Amanhecer tem sido um espaço de resistência, o que não impede que os moradores vejam alguns pontos com antipatia. Um dos lugares que mais prova esse sentimento por motivos de resistência é a Igreja Universal do Reino de Deus. Localizada na praça popularmente conhecida como Feirinha, a Igreja Universal (figura 69) é um cenário impactante para uma parcela dos moradores do Vale do Amanhecer, muitos dos quais expressaram desconforto ao passar próximo à igreja ou ficar na praça próxima à igreja por muito tempo. Moradores relatam comentários preconceituosos e tratamento desrespeitoso, principalmente para os praticantes que passam por ali com indumentárias e uniformes da doutrina.

Figura 69: Lugar de Não Ir, a Igreja Universal



Fonte: Arquivo pessoal

Da área da Igreja Universal até o fim da Vila Pacheco diversos pontos foram aplicados, o que comprova que há um certo distanciamento acerca dos cuidados que devem ser tomados ao frequentar o Pacheco. Para alguns moradores, como Elias e Tony, a divisão do Vale do Amanhecer, em Vale e Pacheco, cria um sentimento oposto ao de pertencimento, distanciando os moradores de pautas que beneficiam ambas as parcelas desse espaço. Para Elias, o Pacheco, como é apontado pelos moradores das áreas mais centrais do bairro, não existe de fato. Apesar de existir uma Vila Pacheco, essa definição se estende para diversos outros espaços do bairro para definir essas zonas como perigosas. Elias, assim como diversos outros moradores do Vale, acredita na unificação do espaço e na criação do senso de uniformização das reivindicações, embora, essa unificação seja desafiadora.

4. A metáfora, a literalidade e a poesia gráfica

4.1. As diferentes leituras a partir do Mapa Afetivo

O percurso da pesquisa tornou claro que zonas opacas estimulam a busca por zonas de luminescência. Para além do olhar romântico que muitos moradores dão ao Vale do Amanhecer, é importante reconhecer a posição desse ajuntamento urbano, mítico e místico, como um espaço periférico com zonas opacas bem delimitadas. Mesmo em zonas centrais do bairro, o Vale tem problemas com saneamento, falta de asfalto (figura 70) e espaços de lazer. Apesar disso, ainda existe o estímulo à criatividade, que se torna força motriz para que haja vínculo afetivo para a ressignificação dos espaços, como resultado dessas trocas surgem textos culturais que impactam na evolução das identidades. Essas ressignificações são processos importantes, dos quais a análise de percepções semióticas dependeu para fazer sentido, dos quais, também, diversos espaços se transformam, refletindo nas razões funcionais do bairro e dando a esse espaço novos arranjos que possibilitam o pertencimento.

Figura 70: Rua sem asfalto próxima as zonas centrais do bairro



Fonte: arquivo pessoal

Durante a realização de entrevistas e do processo de concepção das cartografias, foram reportados diversos incômodos em relação ao bairro, que evidenciaram o descontentamento dos moradores. Algumas das principais reclamações giram em torno

Os apontamentos evidenciados no mapa têm lastro nas experiências posteriores e até no contato do usuário do espaço, que são impactados com as histórias locais e até com os registros do espaço, que a partir disso dão nomes a essa parcela imaginada do espaço, como o Beco da Morte, que por muito tempo foi considerado um lugar assombrado pela quantidade de crimes violentos que aconteciam no local. Esse experimento torna tanto a prática de produção quanto a experiência de leitura do mapa únicas, subvertendo as expectativas que foram levantadas antes do exercício e transformando a experiência dos próximos moradores a terem contato com o objeto final do estudo. A cartografia em si se tornou um diagrama, cuja compreensão posterior tem impacto direto na interação com o material, o que foi considerado pensando na próxima etapa.

Esse primeiro mapa inicial foi produzido utilizando apenas os pontos marcados a partir da técnica de sobreposição. Foram utilizados os mapas digitalizados, e sobrepostos para criar essa ideia de unicidade e marcar o território multicolorido com suas funcionalidades plurais. Mais tarde foi tratado para ganhar nuances visuais que beneficiem uma melhor leitura e que chamem a atenção por sua dimensão artística. O trabalho de tratamento ganha espaço na próxima etapa de resultados, focada na estética e na aderência do material visual produzido com os dados da pesquisa. Nesta etapa o mapa foi utilizado para a leitura e desenvolvimento da dissertação acerca dos dados postos em conjunto. O diagrama que surgiu da sobreposição evidenciou pequenos aglomerados de pontos diversos em uma mesma localidade, o que chama atenção para a centralização das atividades no bairro.

A etapa de levantamento de percepções também serviu pra dar ao desenvolvimento do trabalho diferentes olhares sobre os espaços, mudando a perspectiva que foram previamente exploradas nos primeiros momentos da pesquisa. As novas visões trouxeram mais profundidade para a ideia de um lugar plural, o que posto em paralelo com as trocas adquiridas no decorrer da realização das derivas com moradores, torna o espaço mais completo em suas dimensões afetivas e relações funcionais. O bairro deixa de ser um local meramente religioso e místico, e adquire nuances do que desenha uma cidade completa e rica em experiencias. Os apontamentos feitos pelos moradores durante as derivas ganharam ainda mais sentido na cartografia sentimental.

As áreas centrais do Vale concentram mais pontos falta complemento. Viana (2024) explica que por muito tempo a Ordem foi a principal responsável pela realização de atividades de cultura, que tinham relação com os trabalhos espirituais e com as divisões de ‘patentes’ dentro da doutrina, mas também com a faceta social da doutrina, que tinha uma relação especial com Tia Neiva pela sua história com o orfanato, e sua associação com crianças. A OSOEC, e membros da doutrina em um geral, realizavam o que era conhecido como “barraquinhas” em datas especiais, onde eram expostas diversas formas de arte, como apresentação de dança cigana, e a venda de material gráfico e visual.

Como principal pilar desse trabalho, o olhar decolonial foi levado em consideração na fase de revisitar algumas das espacialidades, que tiveram marcações que subvertiam a destinação conceitual desses locais. O relato, assim como a própria cartografia, refletiu um pouco do impacto que os paradigmas de construção de espaços virtuais implicam nas formas de perceber a cidade, o que possibilitou perceber os efeitos que a ideologia neoliberal tem no pensar a espacialidade, principalmente quando consideramos essa ideologia como uma das ramificações da evolução natural da globalização, impactando na construção do senso de comunidade, e até mesmo na percepção de espaços comuns, ou seja, nos espaços de coletividade.

Isso porque, segundo Escobar (2018), o neoliberalismo se estrutura a partir de visões individualistas, que afasta as pessoas da vida coletiva, o que é parte essencial da perpetuação de visões colonialistas sobre a própria identidade e identidades alheias.

Muitas narrativas de transição reconhecem hoje os efeitos deletérios do individualismo liberal intensificado e a propagação deste modelo à maioria dos cantos do mundo através do consumo induzido pelo capitalismo. Além da realocação de atividades como alimentação, energia, transporte e habitação, na medida do possível,⁵ as visões de transição enfatizam a necessidade de recomunalizar a vida social, tendo explicitamente em conta os não-humanos. (ESCOBAR, 2018, p. 142, tradução própria)

O mapa também conta com algumas coincidências com a própria visualidade do bairro. Os locais de fé e de arte têm sua visualidade pautada por objetos de arte que são parte da experiência de aprender e de reproduzir os textos da religiosos dessa cultura. Tanto a Estrela Candente quanto o Templo Mãe acumulam apontamentos por conta da sua extensão do saber, da arte, da fé e até do sonhar. Para algumas pessoas, essa extensão se deve às fases iniciais do bairro, em que as atividades giravam em torno da doutrina, mesmo atividades culturais, descritas por Elias Viana (2024) e Paulino da Silva (2024)

como as únicas formas de lazer focavam na coletividade do corpo de participantes da doutrina.

De certa forma, esses lugares têm na sua extensão semiótica a simbologia da sua construção, cujo processo de tradução agrega vários símbolos centrais na semiosfera cristã incutindo nesse processo a feminilidade. Na periferia desse círculo se articulam formas de subverter a centralidade das figuras masculinas comuns em segmentos religiosos cristãos, tendo como resultado novos legisgnos que impactam na visualidade da urbe. Alguns exemplos desse movimento são as entidades femininas que são guias importantes dentro da doutrina, como Iara e Iemanjá, que podem ser vistas representadas em fachadas e no interior de lojas e em destaque nas áreas religiosas. Outro signo muito forte desse exemplo são as mulheres que portam lanças (figura 72), o que pode ser interpretado como força e um posicionamento menos subserviente das mulheres dessa vertente religiosa.

Figura 72: Mulheres portando lanças no portal do Sólar dos Médiuns



Fonte: Arquivo Pessoal

A elipse, signo que representa a feminilidade a construção do cristianismo do futuro, pode ser vista em diversos lugares pelo bairro, principalmente em espaços religiosos, como as áreas dos templos (figura 73) e do Morro do Salve Deus. Essa implementação pode ser compreendida como um contraste com Brasília, cujo o símbolo mais importante da sua monumentalidade é o Congresso Nacional, um prédio fático que se impõe frente ao descampado da Esplanada dos Ministérios. Para além dos espaços religiosos e relacionados a doutrina, as elipses são estampadas em locais públicos e em muitas placas de endereço do Vale do Amanhecer (figura 74).

Figura 73: Elipses em espaços religiosos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 74: Elipses em diferentes placas de endereço



O mapa revela um espaço pouco homogêneo com características que vão além da religião, que as pessoas muitas vezes referenciam como unicamente religioso, ou unicamente místico, reduzindo toda a extensão do bairro a apenas uma seita ou segmento malfeitor de alguma forma. Fica claro, através do exercício percepção dos moradores, que o bairro é na verdade um espaço que tem diferentes fluxos e modos complexos de ser vivenciado, partindo da memória e até se adaptando a ausência de atividades básicas. O resultado dessa atividade também traz à tona a ausência de espaços de arte e de contemplação, que é sentida nos discursos dos moradores e nos apontamentos cartográficos.

É possível dizer que essa concepção gráfica é parte da tradução de textos que evidenciam a rugosidade da cidade, partindo de signos presentes no imaginário e que moldam, de certa forma, as trocas comunicativas entre os seus moradores. Muitos dos espaços concentrados na realização de atividades de arte e cultura, que outrora foram as principais localizações para a expressão de linguagem do bairro ainda são apontados, mesmo que essas localizações tenham sido transformadas ou abandonadas. Esses espaços fazem parte da construção dos textos dessa semiosfera e têm influência na construção da memória, que se relaciona com as novas formas de designar as novas espacialidades, como explica Milton Santos (2020).

A linguagem, enquanto forma programável, desempenha um papel crucial na interação entre mente e signo, o que é evidenciado pelos modos como algumas das extensões do espaço são escolhidas; como destacado no seguinte trecho de Ferrara (1981).

Ora, é no domínio do repertório programável que ocorre a exploração do universo da linguagem como forma capaz de operar, até as últimas consequências, a atividade relacional da mente interpretadora a fim de poder comunicar a informação através das possibilidades produtivas do signo. (FERRARA, 1981, p. 61).

Não é possível ignorar que novas formas de inventar o espaço que surgiram como reflexo das fases tardias da globalização. Grupos identitários podem se organizar em espaços virtuais que não necessariamente têm relação com espacialidades palpáveis. Esse fenômeno pode sobrepujar outras espacialidades e ofícios, e consequentemente identidades inteiras. Embora o fenômeno de apagamento e evolução de identidades seja apontado por Lotman (1996) e Bauman (2012) como fenômenos relativamente comuns, há um aceleração desse processo decorrente do esvaziamento dos espaços coletivos e da vazão de coletividades em praxes culturais como a própria doutrina religiosa do Vale do Amanhecer.

A redução dos espaços e praxes são reflexos também de uma experiência cada vez mais virtual da espacialidade, que Ferrara (2020) aponta como uma forma de alienar as consciências, dificultando a apropriação plena do espaço e esvaziando o significado do exercício da cidadania. Essa alienação, entretanto, não anula a potência do meio técnico-científico, que possui como diferencial a disseminação da informação.

[...] é possível supor que a imagem virtual da cidade virtual da cidade não facilita a apropriação do espaço urbano, ao contrário, aliena as consciências podendo transformar podendo transformar o exercício da cidadania em uma asserção ultrapassada e sem sentido. Mas, o meio técnico-científico tem seu diferencial provido pela dimensão informacional, ou seja, é próprio do meio

técnico divulgar informação que, em consequência supõe aprendizagem e mudança de comportamentos. (PEIRCE, 1978 apud FERRARA, 2000, p. 94)

A disseminação da informação é, portanto, uma ferramenta da cidade virtual que pode ser apropriada pelo design, enquanto forma de prover experiências que liguem as duas formas de espacialidade enquanto dilatação da cidade real. O trabalho entende que existe uma intersecção na qual o design, como ferramenta de tradução, pode ser uma categoria alcançada através de projetos que utilizem das linguagens produzidas através da articulação periférica desse espaço.

4.2. O Vale do Amanhecer gráfico e as possibilidades no diagrama

Como justificativa para a montagem de um aparato representativo que se compõe, através de signos presentes no dia a dia, o trabalho buscou nas relações de pertencimento fomentar discussões que possam produzir novos diagramas do espaço. Dessa forma, instigando o usuário a pensar novas – e as antigas – formas de experienciar o espaço que se cria e se ressignifica a partir do seu processo de modelização, o trabalho entende-se como um articulador, entre o espaço e seu usuário, para a criação de ferramentas de discussão que possam resultar na criação de objetos de diagrama. De outro modo, como resultado inicial da pesquisa, o trabalho entrega à comunidade um mapa, não como produto inflexível, mas como fruto de uma primeira etapa, que busca na experiência da percepção, por intermédio da historicidade do espaço, o arranjo textual que permite a criação de mais textos culturais sobre a própria semiosfera da qual o trabalho nasce, assim formando o que será tratado nesse capítulo como arranjo metatextual.

Embora possa existir entre os estudos de design um certo distanciamento conceitual acerca da relação da arte com o design, este trabalho parte da ideia de que o design desempenha um papel condensador de linguagens, sendo a linguagem artística um dos principais pilares dentro das concepções visuais e gráficas desse ofício. Essa ideia, parte da intencionalidade que muitos dão ao design do que, dentro do estudo da semiótica, seria capaz de suscitar a terceridade, que para Santaella (2005) se refere àquilo que está relacionado às leis que dão sustentação a construção de símbolos importantes para uma identidade cultural. Para além de pensar as dimensões funcionais do espaço, o design tem forte influência no desenho das visualidades, principalmente o ramo do design que desempenha sua parcela visual e gráfica. Com isso em mente, trabalha-se o design, não

como uma ferramenta, mas um aglutinador de ferramentas, que permeia à produção e tradução de textos culturais, cujo a reprodução é importante para a modelização. Essa ideia pode ser observada dentro do que o próprio Lotman (2021) compreende como variedade de linguagens dentro da arte em si, sendo o papel dos objetos de arte muito importante para a replicação de textos culturais que se centralizam no centro de uma semiosfera.

Esse último momento da pesquisa concentrou-se no tratamento, interpretação e tradução dos dados coletados. Os mapas foram digitalizados e reorganizados em diagramas específicos, cada um destacando os diferentes sentimentos identificados. Posteriormente, as marcações foram consolidadas em um único mapa, abrangendo toda a extensão afetiva mapeada. Nessa etapa, as derivas e entrevistas desempenharam um papel fundamental, permitindo não apenas identificar espaços que, partindo do prisma da tecnologia não desempenhavam funções, frequentemente evidenciadas pelas tecnologias, mas também para compreender como algumas marcações surgiram de um exercício de memória, sobretudo de memórias afetivas.

O processo de cartografia revelou espaços que existem e desempenham papel afetivo, mas só podem ser acessados a partir da memória. A cartografia serviu para evidenciar que muitos espaços referenciados não desempenham as funções para as quais foram originalmente designados, indicando uma ressignificação afetiva por parte dos participantes, mas que mesmo nesse processo de transformação ainda carregam simbolismos das suas funções originais, que puderam ser interpolados a partir da pesquisa de levantamento histórico e conceitual. O mapa, portanto, foi trabalhado de forma visual, com o objetivo de explorar suas possibilidades artísticas e suas potencialidades gráficas, experimentando formas de dar dimensões mais interativas e compreensíveis às marcações, tornando-as mais chamativas, orgânicas e envolventes (figura 75), principalmente ao olhar desavisado do usuário do espaço que está na parada de ônibus apenas esperando. Essa nova roupagem também deu mais organicidade e mais camadas visuais, criando padrões que suscitam a memória.

[illegible]

A ideia é que o mapa possa ser introduzido em espaços de convívio pelo bairro, alguns dos quais foram selecionados a partir das próprias impressões geradas pelo exercício cartográfico, entretanto, o trabalho teve como preocupação o fato de introduzir o mapa gerado, com sua visualidade cartográfica, na semiosfera que é o Vale do Amanhecer, neste sentido atentamos para a potencialidade de expressão e para os efeitos da introdução desse signo no ambiente, pois para Lotman (1996) quando elementos externos são inseridos em um sistema, esses textos atuam como catalisadores que dinamizam o funcionamento da semiosfera.

139

Perceber o Vale do Amanhecer a partir das suas articulações periféricas, considerando que o bairro seja uma zona opaca, traz uma perspectiva importante para os produtos pensados a seguir. Parte das marcações em algumas etapas do levantamento de percepções foram jogadas para fora do mapa, simbolizando a vontade, ou necessidade, de sair desse espaço. Esses apontamentos são convites a reflexões que valem a pena serem consideradas no próprio corpo do objeto, pensando em cumprir o objetivo de divulgar as informações tratadas no desenvolvimento do trabalho. Por isso o mapa, redesenhado e impresso, deve ter sua distribuição ou posição pensada como uma forma de reposicionar esse usuário que se divide entre o Vale virtual, o Vale físico, o Vale periférico e suas zonas centrais.

O mapa diagramado trabalha a ideia de evolução e impermanência das experiências desses espaços, e por tanto utiliza linhas que se cruzam e se sobrepõem, se dispondo pelo mapa como indicações de ventos que podem soprar em diferentes direções a depender de diversas ocasiões. O estilo artístico escolhido tenta se valer da discussão acerca da ausência de arte e de espaços artísticos, funcionando como um signo visual inserido em uma lacuna percebida no discurso, ganhando destaque pela sua estrutura indicial. O mapa foi posto em um cartaz, que leva o título de Mapa de Afeto do Vale do Amanhecer em destaque no topo da peça gráfica (figura 76), com informações sobre seus objetivos e como foi composto, uma legenda explicando cada cor e uma tipografia manuscrita que evidencia os espaços marcados e os pontos referenciais do bairro.

Figura 76: Mapa de Afetos diagramado para impressão



Fonte: elaboração própria

Em suma, a dinâmica do bairro com as cidades centrais depende do transporte dos seus trabalhadores, que fazem a articulação que dá vida à cidade. Planaltina e o Plano Piloto precisam da articulação que acontece através dessa transposição de fronteira, que leva e traz o morador do Vale do Amanhecer, tornando as paradas de ônibus portais para essas espacialidades, das quais os moradores precisam para se alimentar, e dos quais as semiosferas precisam para ser alimentadas por novos textos. “Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” – um ônibus ou um trem.” (DE CERTEAU, 2014, p. 199)

As paradas de ônibus não só cumprem sua função metafórica de teletransportar seus moradores, mas são ainda uns dos poucos aparelhos do Estado que cumprem funcionalmente com seus deveres, ainda que esse seja simplesmente servir de abrigo para os usuários do transporte público. Muito embora haja reclamações em relação a quantidade de ônibus e seus atrasos, as paradas de ônibus permanecem em seu *momentum* como monolitos que representam a presença concentrada do Estado. Mas o ponto de ônibus extrapola sua função justamente pela sua frieza e pela sua monumentalidade

metafórica, ganhando a função de informar: uma prática comum nos pontos de ônibus de diversas RA's, que têm nas paredes das paradas diversos cartazes e lambes, que mudam a visualidade desse espaço concentrado de símbolos. Pelo seu potencial metafórico e por ser um ponto que acessa a maioria dos moradores, os pontos de ônibus foram escolhidos para serem estampados com o Mapa de Afetos, objetivando também atingir uma grande e diversa gama de usuários desse espaço. Foram impressos 10 mapas em folhas A2 e A3 e espalhados pelas mais importantes paradas de ônibus do Vale do Amanhecer, cobrindo uma grande área do território do bairro (figura 77, 78 e 79).

Figura 77: Mapa de Afetos aplicado na parede de um ponto de ônibus



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 78: Parada de ônibus com o mapa de afetividades aplicado



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 79: Diferentes paradas pelo Vale com o Mapa de Afetos aplicado



Fonte: Arquivo pessoal

As potencialidades poéticas a partir das errâncias, do olhar, do relato e do ato de traduzir ganham forma a partir de diagramas, que foram pensados como produto final do trabalho. Esse objeto de design surge a partir das possibilidades de debate, principalmente porque pode fazer surgir, a partir dos resultados gerados no decorrer da pesquisa, produtos artísticos visuais que refletem o arcabouço textual do círculo de cultura estudado. Dessa forma, a partir dos produtos surgidos abre-se um leque de perspectivas que perpassam as potencialidades decoloniais que o trabalho compreende através da exploração de textos marginalizadas, como também pela unicidade das traduções nesse círculo de cultura, além da natureza periférica da qual a pesquisa surge. Isso porque a ideia de pensar e repensar os espaços, suas características e suas potencialidades poéticas a partir do prisma periférico, tem o poder de suscitar o pensamento crítico acerca da posição de espaços marginalizados, e consequentemente opacos, dentro da sociedade.

Essa ideia vai de encontro com o pensamento de Escobar (2018), que acredita que a prática do design decolonial deve estar aberta a revisitar de forma crítica o potencial histórico de diversas tradições, abrangendo também aquelas marginalizadas que fizeram parte do próprio contexto ocidental.

Esse conceito precisa desconstruir a dominância da civilização ocidental, pluralizar de forma crítica outros modelos civilizacionais existentes ou

potenciais de maneira aberta e flexível, além de estar disposto a reconsiderar o resgate crítico do potencial histórico de múltiplas tradições, incluindo aquelas não dominantes que existiram dentro do próprio Ocidente. (ESCOBAR, 2018, p. 142, tradução própria)

O mapa é resultado da tradução das dinâmicas de trocas dos diversos espaços do Vale com um grupo pequeno de moradores, e serve de recorte para tornar evidente como os principais espaços do bairro se relacionam entre si e com seus usuários, além de expor o impacto da memória desses espaços nos seus moradores. Esse pequeno recorte, quando exposto, pode entrar em contradição com vários pontos de vista sobre o bairro, causando no visualizador o estigo de compreender a dimensão simbólica do diagrama aprofundando-se assim em um dos conceitos previstos pela pesquisa, que coloca o diagrama como a representação das relações que evidenciam as conexões internas e externas entre suas partes.

A peça de design objetiva ser fácil de compreender, o que partindo de diferentes leituras poderá fomentar discussões acerca dos apontamentos e marcações realizadas, e novos modelos de representar as relações e as extensões do espaço propostas, além de despertar no interpretante a vontade de repensar as distribuições de espacialidades e arranjos metatextuais que podem subverter a espacialidade apresentada, o que numa última instância, abrirá portas para futuras atualização da visão mostrada nessa peça gráfica que cumpre o seu objetivo de ser um recorte da temporalidade das relações de afeto no bairro.

5. Considerações finais: O lugar para ir

Apesar de todo o protagonismo de Tia Neiva, ela não ergueu sozinha esse espaço. Na verdade, apenas um fenômeno pode explicar a junção de tantas pessoas de origens diferentes em torno de um mesmo propósito: o pertencimento. Pertencer, para essa parcela tão heterogênea de cidadãos, foi o que fez com que uma comunidade se erguesse pedra após pedra. Esse arranjo, guiado também pelas missões sociais, culminou em um grupo fechado. Desde o início esse lugar, considerado até mesmo sagrado por uma parcela de seus moradores, não é o que é hoje apenas por Neiva: os moradores que mais tarde

chegaram moldaram parte dos arranjos que hoje impactam na criação das identidades estudadas no desenvolver do trabalho.

Olhar para o Vale do Amanhecer se assemelha a olhar por uma janela para o passado. Toda a experiência de pisar várias vezes nos mesmos espaços para partir de diferentes pontos de vista, de percepções complementares e sensações contrastantes trouxe a sensação de viajar no tempo. Essa sensação se parece muito com o que se reporta sobre Brasília, uma cidade utópica, construída a partir de vários sonhos e que hoje reflete a temporalidade dessas especulações e visões do futuro. Para além dos textos culturais, que englobam religiões de matrizes africanas, indígenas e demais identidades marginalizadas, o Vale do Amanhecer ainda é um recorte do seu tempo e que incorporou para si movimentos pulsantes nas décadas iniciais do seu estabelecimento e hoje se vê refletido na visualidade dos espaços. Esse lugar não apenas se fundou a partir de esferas culturais muito ricas em esoterismos e textos culturais já marginalizados, como também incorporou para si uma aura de mistério que fez com que sofresse com imposições rígidas de contra identidades. Apesar disso, o bairro já não é mais apenas um templo religioso, mas um espaço de identidades plurais que podem ser evidenciadas através das técnicas comunicacionais contemporâneas, unindo o tradicional e a modernidade.

O desenvolvimento deste trabalho também possibilitou a reflexão acerca de vários dos espaços que compõem o Vale do Amanhecer e da sua importância para a discussão acerca da identidade e da alteridade, que tem ganhado cada vez mais destaque frente às novas tendências epistemológicas dentro e fora do ambiente acadêmico. Faz-se importante expandir a gama de ação e de ferramentas multidisciplinares, como o design, para o registro, aprofundamento e compreensão dos processos de produção e perpetuação de identidades frente às ações de apagamento e sobreposição que surgem na pós-modernidade. Essas ações recaem principalmente em identidades periféricas e consequentemente marginalizadas, o que desperta o senso de urgência para trabalhos que fomentem a discussão acerca do pertencimento em contrapartida às políticas segregadoras resultantes da gentrificação.

É importante, nesse momento do avanço acelerado da ocidentalização, uma pausa para o registro e análise de identidades que em pouco tempo poderão nem existir mais. A semiótica da cultura foi um ponto de partida essencial para compreender a linguagem a partir do espaço e os processos naturais das linguagens que têm como destino a evolução.

Entender as nuances que podem ser evidenciadas através de uma abordagem que busca compreender sua posição no espectro de produção global de identidades traz à pesquisa uma visão menos colonizada desses processos, e o trabalho intenciona que essa sensação seja despertada também no leitor. Essa abordagem decolonial foi encontrada em perspectivas que partem de um local mais horizontal, sem a lente do academicismo que preza pelo pensamento ainda pautado pelo centro global.

No início da pesquisa foi objetivado fazer uma análise das relações dialógicas dos moradores do Vale do Amanhecer com esse espaço cheio de particularidades históricas e de diferentes modos de produção de espacialidade. A análise partiu da ideia de que os processos de construção espacial têm impacto na concepção da identidade, que no decorrer da pesquisa se mostrou cheia de unicidades que dependem principalmente das localizações diferentes dentro do próprio bairro. A pesquisa explorou o Vale do Amanhecer como uma urbe extensa e com diferentes camadas, o que tornou possível desenhar a urbe a partir dos estudos da semiótica da cultura, se aprofundando nas particularidades das relações fronteiriças e de articulação periférica, que como resultante evidenciou problemas como a intolerância e a falta de espaços para o exercício da cultura, além de evidenciar as intencionalidades relativas ao bairro, que também têm impacto na identidade e consequentemente na alteridade.

No percurso conceitual foi percebida a relação entre o espaço e a identidade através das praxes que estão presentes nos ritos do cotidiano, nas relações de comércio e de ofício. O aprofundamento conceitual trouxe a necessidade de uma metodologia que abarcasse as nuances do espaço perceptível a partir das perspectivas dos principais usuários do espaço estudado, o que fundamentou a pesquisa de percepção ambiental que foi construída a partir de exercícios cartográficos, levando em consideração as rugosidades, as intencionalidades e a dimensão sentimental.

Como resultado do percurso metodológico, em especial do levantamento cartográfico, foi produzido o que na pesquisa denominou-se como Mapa de Afeto. Esse diagrama condensa todos os dados angariados, além de incorporar diversas relações textuais levantadas nos passos iniciais da pesquisa. O mapa, que surge como uma experimentação que visa fechar o ciclo de levantamento de dados, serviu para levar a discussão para os usuários do espaço, reintroduzindo um texto cultural dentro das semiosferas exploradas, criando metatextos. Apesar da quantidade de dados levantados,

o trabalho ainda não se compreende como um resultado final ou inquestionável, na verdade a pesquisa alcançou um dos seus principais objetivos: registrar a temporalidade da produção de identidades nesse meio, servindo como alicerce para fundamentar trabalhos mais aprofundados que explorem as relações que compõem a teia social no Vale.

O trabalho também objetivou levantar questionamentos sobre o impacto da marginalização de identidades culturais que estão fora do espectro central da criação de identidades, fomentando discussões acerca da posição do usuário do espaço frente aos novos paradigmas de produção, trazendo um olhar decolonial que compreende as relações de colonialidade dentro da periferia.

Por fim, que o resultado desse trabalho seja usado para auxiliar na busca dos moradores do Vale do Amanhecer por mais espaços de cultura, de arte e de memória. Para Hall (2020), o reivindicar uma identidade pode se tornar um ato corajoso. O design pode ser, portanto, uma ferramenta de facilitação, de (re)aproximação e reivindicação de identidades que ainda sofrem pela marginalização. Podemos aproximar mais e mais o olhar do outro por meio da elucidação da proporcionalidade artística e discursiva do design, para que dessa forma a zona de opacidade seja de fato uma zona de criatividade.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt, **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRUM, Gabriel. **Marco Zero é o novo ponto turístico de Brasília**. Agência Brasília, 03 de Agosto de 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-08/marco-zero-e-o-novo-ponto-turistico-de-brasilia>. Acesso em: 20/12/2024.
- BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- CAVALCANTE, Carmen Luisa, **Dialogias no Vale do Amanhecer**: Os signos de um imaginário religioso. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CODEPLAN, **Demografia em Foco 7: EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS PARA O DISTRITO FEDERAL: 1959-2010**, Brasília, 2013.
- DA SILVA, Paulino. **Entrevista VIII**. 25 de maio de 2024. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D8.mp3 (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.
- DEBORD, G. Teoria da Deriva. In: JAQUES, P. B. (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- DELGADO, Márcia. **Justiça anula penhora de bens do Vale do Amanhecer**. Metrôpoles. 06 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.metrolopes.com/distrito-federal/justica-anula-penhora-de-bens-do-vale-do-amanhecer>. Acesso em: 02 de Dezembro de 2024.
- ESCOBAR, Arturo. *Autonomous design and the emergent transnational critical design studies field*. In: **Strategic Design Research Journal**, 11(2): 139-146, 2018.
- FERRARA, Lucrécia. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.
- FERRARA, Lucrécia. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP Fapesp, 2000.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Olhar Periférico**: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. São Paulo: Edusp, 1993.
- FERRARA, Lucrécia. **Semiótica**: A estratégia do Signo. São Paulo: Editora Perspectiva. 1981.
- FREITAS, Marilda. **Entrevista IV**. 19 de março de 2024. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D4.mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.
- GRIGORI, Pedro. **Criação do reservatório Lago São Bartolomeu estava prevista nos anos 1970**. Correio Braziliense. Brasília, 20/11/2017. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/11/20/interna_cidadesd f,642033/lago-sao-bartolomeu-em-brasilia.shtml. Acesso em: 20, de dezembro de 2024.

GOMES, Leonio Matos (org.). **Luz, Cor e Fé: Vale do Amanhecer 50 anos**. 1 ed. Brasília, DF: Ed. Dos Autores, 2022.

GOMES, Leonio Matos. O Vale do Amanhecer. In: **Luz, Cor e Fé: Vale do Amanhecer 50 Anos**. Cord. Leonio Matos Gomes. 1 ed. Brasília, DF: Ed. Dos Autores, 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

IPHAN, **Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais**. – Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010

JATOBÁ, Sergio Ulisses Silva. Brasília: Até que ponto se fragmentou a utopia modernizante? In: **Território e Sociedade: as múltiplas faces da Brasília metropolitana**. Org: Ana Maria Nogales Vasconcelos... [et al.] Brasília. Editora Universidade de Brasília.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Meu caminho para Brasília**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2020.

LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 2008.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera*. Traducción: Desidero Blanco. Universidad de Lima, 2019.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera: semiótica de la cultura y del texto*. V.1. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. V.2. Madri: Cátedra, 1998.

LOTMAN, I. USPENSKI, B. A. *Sobre el mecanismo semiótico de la cultura*. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera: semiótica de las artes y de la cultura*. V.3. Madrid: Cátedra, 2000.

LOTMAN, I. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. Organização, tradução, edição e Notas Irene Machado, 1 ed. São Paulo, Hucitec, 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MACHADO, Irene. Semiótica como resistência no contexto da semiosfera latino-americana. **Matrizes**, V.13 - Nº 3 set./dez. 2019 São Paulo - Brasil IRENE MACHADO p. 183-204

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem Anos de Solidão**. Tradução: Eric Nepomuceno. 110ª Edição. Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2019.

MIRANDA, Rogerio. **Entrevista VII**. [06 de novembro de 2023] Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D8.mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

NAKAGAWA, R.; NAKAGAWA, F.; SANTOS, A. A visibilidade da cidade como cartografia. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 11, n. 22, 2023.

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica. **Estudos Semióticos** [online], vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 201-217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>.

NAKAGAWA, Regiane. Modelização espacial, comunicação e memória cultural no bairro Lavapiés, em Madrid: a questão das corralas. Em: **Comun. Mídia Consumo**, São Paulo, V. 18, N. 52, P. 336-363, Mai./Ago. 2021

NAKAGAWA, Fábio, NAKAGAWA, Regiane. A urbe articulada pela lógica periférica da semiosfera: análise do Centro Social Autogestionado La Tabacalera, na cidade de Madri. Em: **Política e Cultura em Revista**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 165-192, jul./dez. 2020.

PACHECO, Matías. **Gentrificação em Brasília: Transformações Urbanas na Produção do Espaço Metropolitano**. Dissertação Mestrado em Arquitetura). – FAU, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PAVIANI, Aldo. Área Metropolitana de Brasília a integrar: o desafio do desemprego e da descentralização de atividades. In: **Território e Sociedade: as múltiplas faces da Brasília metropolitana**. Org: Ana Maria Nogales Vasconcelos... [et al.] Brasília: Editora Universidade de Brasília.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RAVACCI, Yara. **Entrevista VI**. [24 de outubro de 2023]. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2023. Arquivo D6.mp3 (25 minutos min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Fátima, GARROSSINI, Daniela. Diagramas da cidade: experimentações gráficas e análises semióticas. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, Belém - PA, 2019. Tema: Fluxos comunicacionais e crise da democracia. Grupo de Pesquisa: Semiótica da Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0293-1.pdf>. Acesso em: Janeiro 2025.

SANTOS, Fatima, FERRAZ. Sejam os Transitórios: Tempo, Espaço e Alegoria Analisados a Partir de Cartazes e Pichações em Brasília. Em: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, Joinville-SC, 2018. Tema: Desigualdade, gênero e Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/index.htm>. Acesso em: Janeiro de 2024.

SANTOS, Fatima. SEMIOSFERAS E FORMAS DE VIDA. em: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.** v. 12, n. 1, jan./jun. 2021

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2020.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e Meio Técnico-Científico. 5ª Edição. Edusp (Editora da USP), 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica; 6. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis: Vozes. 1979.

SCHAFFER, R. Muray. **A afinação do mundo:** uma explanação pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução: Marisa Trench Fonterrada – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, Mayrla da. **Entrevista II.** [24 de Março de 2024]. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D2.mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

SILVA, Ana Lucia da. **Entrevista V** [26 de Março de 2024]. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 Aquivo D5.mp3 (18min). A A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

SIQUEIRA, Deis. REIS, Marcelo. Brasília Mística. In: **Vale do Amanhecer:** Inventário Nacional de Referências Culturais. – Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.

VIANA, Elias. **Entrevista I.** [23 de Abril de 2024]. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D1.mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

WOLF, Gill. Wolf, Tony. **Entrevista III.** [20 de Maio de 2024]. Entrevistador: Cleyton Santos Ferreira. Brasília, 2024. 1 arquivo D3.mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ZELAYA, Neiva Chaves. **Tia Neiva:** Autobiografia Missionária. Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã. 1ª Edição. Brasília, 1992.

Apêndice A – Entrevistas transcritas

Entrevista I: morador Elias Viana

Realizada 23 de Abril de 2024

Arquivo D1 – Tempo de Gravação: 26 Minutos

46 anos

Morador desde 1991 (33 anos)

Cleyton: Eu queria que você começasse a me falar sobre você, seu nome, sua idade, há quanto tempo você mora no Vale do Amanhecer?

Elias: Então, Cleyton. O meu nome é Elias Viana. Eu tenho 46 anos atualmente. Eu cheguei no Vale do Amanhecer no final de 1991, era bem molequinho. E quando eu cheguei aqui no Vale, eu vim do interior de uma cidade muito pequena de Minas Gerais. Morei um período de 6 meses ali no Buritis. Depois uns 4 meses no Buritis 3, até que meu pai comprou a casa dele aqui, a nossa casa aqui no Vale do Amanhecer, então eu cheguei aqui num ambiente extremamente inóspito assim. Que foi um choque de realidade, porque eu vim de uma cidade pequena, porém aquela cidade bastante tradicional, conservadora, católica. Então eu me deparei com um universo muito diferente a qual eu estava acostumado, né? Primeiro que eu me deparei com a cidade que era na época, 90% da comunidade composta de integrantes da doutrina, de uma religião espírita, que era em si super diferente, né? Aquelas roupas coloridas, aquele rolê todo e tudo mais. E aí eu vivi, e aí quando eu cheguei aqui, o Vale não tinha asfalto, não tinha água encanada, os lotes não eram murados. Era um bairro que parecia muito mais uma zona do campo do que um bairro periférico, por assim dizendo, embora também uma periferia bastante cabulosa, digamos assim. Eu lembro que pelo menos uns 10 anos eu me deparei com uma situação muito, muito, muito foda assim, que era muita violência, muita morte dos moleques, da galera e tudo mais. E aí eu fui me criando nesse ambiente, eu entrei também na doutrina, que eu acho que...

Cleyton: Então só para eu entender, quando vocês vieram pro Vale, vocês não vieram por conta da doutrina.

Elias: Não, cara, que que rola? Meu pai queria voltar para Brasília porque meu pai era candango lá na adolescência dele. E aí ele constituiu a família no interior de Minas e queria voltar para Brasília com esse rolê, né? De mais oportunidades de trabalho, de uma vida melhor e tudo mais. E eu lembro que ele fez uma promessa, que ele, se ele conseguisse vender a casa lá em Minas, ele e comprasse uma casa por aqui, ele faria uma compra gigante para um orfanato. E por incrível que pareça, o orfanato do Vale existia na época e ele fez essa compra. E aí uma coisa influenciou a outra. Logo ele entrou na doutrina. Eu entrei também muito moleque. E aí eu lembro que minhas irmãs nunca entraram, minhas irmãs nunca tiveram essa relação com a doutrina, eu fui o único assim. E aí o motivo de vir é esse motivo do candango mesmo, de busca de melhores oportunidades. A doutrina veio no processo, entendeu?

Cleyton: E o orfanato, você que mora aqui há muito tempo, ele sempre teve uma relação muito forte com o bairro, né? Assim, e teve essa influência também, com o seu pai que decidiu ficar por aqui. Como é que foi isso?

Elias: Então, meu pai acabou comprando a casa. De alguma maneira ele se encantou com a doutrina, se encantou com essa ideia de dar aquela compra gigante. Eu lembro que minha irmã sempre fala, eu não participei desse momento, mas eram tipo vários carrinhos de compra e levaram no orfanato. Então ele já criou esse vínculo com a comunidade nesse lugar de fazer essa compra assim. E aí ele já entrou imediatamente na doutrina mais a minha mãe, entendeu? E aí eu fui criado nesse ambiente do Vale do Amanhecer, me vinculando a doutrina. Nessa época o Vale não tinha escola de ensino médio, só tinha uma escola, que era o Mestre D'armas. Não tinha quadra de esporte, não tinha campo sintético, mano, não tinha posto, não tinha nada. Era só a comunidade e o Templo. A gente que era jovem não tinha outra opção a não ser colocar o uniforme e descer pro Templo, parecia que era meio que o lazer da galera assim, entendeu?

Cleyton: Entendi, entendi. E aí você permaneceu na doutrina, você é da doutrina até hoje?

Elias: Não. Eu permaneci na doutrina durante 25 anos. Inclusive meus pais ficaram 9 anos apenas, se desvincularam da doutrina e eu fui da doutrina 25 anos. Mas tem 8 anos que eu saí da doutrina. Eu fui o único da família que permaneci durante muito tempo, inclusive eu fui regente dos magos e tudo mais, entendeu?

Cleyton: Aham. E você acha que essa relação que você teve com a doutrina, nesse tempo foi o que fez você permanecer no bairro ou teve outros motivos para você ficar por aqui?

Elias: Cara, eu acho que sim. Acho que a doutrina foi uma influência gigante no meu processo de formação de adolescente para a entrada da fase adulta, tanto que eu fiquei muitos anos na minha vida sem, por exemplo... Eu sempre fui muito... Eu sempre tive um espírito meio descolado assim, eu queria entender o que que era o comunismo. Aí, com 17 anos, eu já entrei na OJS. Daqui a pouco da OJS eu já era de grêmio estudantil, eu estudava nas escolas de Planaltina, mas a doutrina sempre foi muito importante, porque eu lembro que eu tinha vontade de experimentar algumas coisas, como por exemplo, bebida, conhecer um pouco mais maconha. E nunca tive esse acesso porque a doutrina tinha esse lugar: é proibido, não pode e tudo mais. Então a doutrina ela contribui muito e influenciou muito nesse sentido de me segurar e me fazer, por exemplo, um adolescente que não me envolvesse com essas coisas assim de beber, de usar drogas, então, assim, essas curiosidades dessa fase que a gente tem da adolescência foi uma curiosidade que a doutrina meio que foi um limitante assim para mim, entendeu?

Cleyton: Uhum. Durante minha pesquisa teve umas outras pessoas que foram entrevistadas que falaram que esse dogma não beber, essas coisas assim eram muito fortes e foi uma marca que inclusive influenciou no surgimento do Pacheco, que foi os moradores que chegaram e foram ficando mais longe do centro religioso, colocando as casas mais longe. Você sentiu esse distanciamento por esse motivo? Como que foi a sua visão do surgimento da Vila Pacheco?

Elias: Então, eu acho que o surgimento não só da Vila Pacheco, mas da extensão da CR 70, né? Que é a famosa rua do ônibus para cá, era de pessoas que iam chegando, porque nessa época eu lembro que quando eu cheguei estava tendo uma implosão assim muito grande de vendas lotes e tudo mais. E aí as pessoas que chegavam não necessariamente tinham que ser da doutrina. Eu lembro que quando eu cheguei, não existia nem igrejas e nem bares aqui. 5, 6 anos depois foi surgindo ali um barzinho na CR 76. Logo depois veio

a paróquia, não a Capela Nossa Senhora Aparecida da igreja. Então o Vale foi se estendendo e também foi surgir na Vila Pacheco, formado de pessoas que chegaram nesse espaço, compraram os seus lotes e não se vincularam diretamente à doutrina, foi esse outro fenômeno que aconteceu. Outro fenômeno que eu acho bastante importante de relatar, que quando eu cheguei no Vale, acho que uns 3 anos depois, o orfanato fechou, e aí essa galera que morava no orfanato era uma galera que já estava ali nos seus 17, 18, 19 anos. Então o que que aconteceu? Grande parte desses moradores do orfanato ganharam o lote ou meio lote, ou conseguiram comprar no próprio Vale do Amanhecer. Tanto que só aqui na minha rua tem umas 5 pessoas que foram criados no orfanato e tem lotes aqui em cima, entendeu? Então teve esse fenômeno da galera do orfanato ganhar lote e ir construindo seus barracos e também a galera que chegava aqui pra comprar lotes e não ser vinculado à doutrina. Tanto que quando eu mudei para cá, eu lembro, nunca vou me esquecer disso, meu pai teve que apresentar a carteirinha de elevação de espadas, que é uma carteirinha, que é um documento que dizia que ele fazia parte da doutrina. Ou seja, parecia que naquele momento você só conseguia comprar a casa, ou lote aqui se você fosse da doutrina. Mas logo depois esse fenômeno ele deixou de fazer sentido, porque era bem institucional. Você não pode permitir que uma pessoa só more naquele local se ela for daquela religião, né? E aí chegaram pessoas que não tinham vínculo com a doutrina pra cá. Foi bem, (inaudível). É, eu vivi isso.

Cleyton: Bacana, e tu tipo assim, desse tempo para cá, você falou que quando você chegou, era 90% das pessoas faziam parte da doutrina. Você acha que ainda é uma parcela muito grande da população que faz parte da doutrina. Você acha que isso tem diminuído, qual que é a sua sensação sobre isso?

Elias: A minha sensação é que diminuiu bastante. Eu acho que menos de 50% da comunidade do Vale do Amanhecer inteiro, né? Incluindo o Pacheco. Eu não gosto muito de separar o Pacheco do Vale do Amanhecer, eu acho que o Vale do Amanhecer, ele é uma comunidade. Eu acho que é até um preconceito geográfico, esse rolê de Pacheco e tudo mais. Acho que 40% da comunidade é da doutrina e 60% são de outras religiões ou não tem religião. A sensação que eu tenho é essa atualmente.

Cleyton: Mas você ainda acha que, por exemplo, a doutrina tem influência em como a cidade funciona, como a cidade tem assim seu cotidiano, ou você acha que não influencia?

Elias: Eu acho que ela influencia. Engraçado que eu sempre tive essa sensação. A rua do ônibus para baixo ela tem uma influência predominante e da rua do ônibus para cima ela não tem tanta influência. Eu sempre tive isso para mim dentro de mim, inclusive na época que eu cheguei, eu já percebia essa influência geográfica, tanto que eu moro na CR 81, na época de junho, eu faço fogueira, a molecada bota som, a galera vai pro bar, etcetera e tal, e da rua do ônibus pra baixo ainda é aquele clima zero barulho, muito silêncio, os trabalhos espirituais acontecendo. Então eu acho que existe uma influência numa determinada região e muito pequena ou quase inexistente em outra região da mesma comunidade.

Cleyton: Caramba, bacana. É interessante você ter falado isso, porque uma outra pessoa que eu entrevistei, que mora aqui há bastante tempo também acho mais de 30 anos, falou a mesma coisa, falou que inclusive a rua do ônibus é onde é? Para que os automóveis não façam barulho, para não atrapalhar os ritos, né?

Elias: Exatamente. É tanto que se você for no Menezes que fica na rua do ônibus, você consegue comprar bebida alcoólica, se você for no mercado, lá perto do Templo, você não consegue comprar bebida alcoólica.

Cleyton: Caramba, nunca tinha percebido isso.

Elias: Desses 2 mercados, Menezes vende bebida e os mercados abaixo da rua do Menezes nenhum, nem padaria ninguém vende bebida alcoólica. E para cima qualquer bar é bar, qualquer igreja é igreja e é isso, é uma comunidade comum.

Cleyton: É uma comunidade comum, não é? E você sente que houve uma transformação assim de uma comunidade religiosa para uma comunidade comum ou já surgiu como uma comunidade comum com esse a mais, né? Com esse acréscimo da religião?

Elias: Não, eu acho que a comunidade surgiu envolvida no nome e na história dessa mulher chamada Neiva Chaves Zelaya, nessa doutrina que ela criou e após um período que eu não sei exatamente te dizer qual, mas eu imagino que no período que eu cheguei aqui já estava acontecendo isso, esse fenômeno na mudança de ser transformada numa comunidade convencional como qualquer periferia, com as suas particularidades. Eu posso te afirmar que a partir do início da década de 90, o Vale do Amanhecer começou a se tornar uma comunidade que não tinha os olhos somente para esse aspecto da origem religiosa, mas para além, como uma comunidade que tem outras questões.

Cleyton: No começo da entrevista você falou que sentiu que quando você chegou, apesar de ser um bairro quase rural, era um bairro ainda muito violento, tinha um problema com violência. Você acha que esse problema perdura? Como que você vê a evolução do bairro nesse sentido?

Elias: Olha, eu acho que o Vale tem em primeiro lugar, que eu acho que a gente precisa deixar isso muito claro na minha fala. O Vale é um bairro que não tem um aparato estatal com responsabilidade. A impressão que me dá é que o Vale para Planaltina é considerado um bairro dos estranhos. Eu tenho a sensação que da ponte para cá, como diz a música do Racionais, da ponte para cá as coisas não chegam. Só para você ter uma ideia, o Vale ele tem mais ou menos a mesma idade de Brasília, no entanto, a gente tem 15 anos apenas que a gente tem escola de ensino médio. O Vale tem a idade de Brasília e tem 2 anos que tem uma quadra sintética. Então os serviços do Estado, eles demoram muito para chegar. A UBS, por exemplo, ela foi inaugurada agora, um ano depois da pandemia. Diga-se de passagem, a própria gestão da doutrina, e aí você pode dar uma pesquisada que está aí na internet, foi contra a construção da UBS, porque eles achavam que estava invadindo um patrimônio da doutrina, ou seja, então há essas incoerências, inclusive da gestão da doutrina espiritualista, em relação a permitir que trabalhos dos serviços do Estado, que são de primeira necessidade, cheguem a esse espaço?

Cleyton: Essa é uma face muito interessante de ser, de ser dito também, né? Porque como você falou, a comunidade relaciona com a religião e tem essa face problemática da influência da religião no espaço, né, na construção de serviços básicos, essas coisas. Interessante. E você falou que a comunidade cresceu muito, né? Assim, até onde eu sei, estima-se que tem tipo 30.000 pessoas aqui hoje em dia. E tu falou dessa distância de Planaltina assim, no sentido geográfico e também social, né? Você sente que os moradores do Vale do Amanhecer, eles são planaltinenses assim, na essência, são brasilienses? Como que é? Ou você acha que já é uma coisa distinta assim desses espaços? Como que você se sente, como que você vê isso?

Elias: Olha, cara, eu acho que o Vale do Amanhecer tem várias particularidades. Primeiro, da rua do ônibus para baixo, uma quantidade significativa das pessoas que frequentam a doutrina e o Vale do Amanhecer vem muito final de semana, que são pessoas que moram em várias cidades do Distrito Federal e vêm para os trabalhos espirituais no final de

semana. Da rua do ônibus pra cima, você vê a comunidade mesmo que acorda cedo, que pega o ônibus, que vai pra escola, trabalho, etcetera e tal. Então eu penso, tentando responder a sua pergunta que ela não é uma resposta muito exata. O Vale do Amanhecer ainda continua sendo um bairro periférico de uma cidade do Distrito Federal que tem particularidades muito específicas, entendeu? Quando você vai, por exemplo, no Mestre D'armas, no Arapongas, na Estância, você vê que são bairros comuns, que 90% das pessoas são moradores fixos dali, ou talvez 100%. Aqui não, aqui você tem determinados finais de semana que lota aquela parte de baixo ali e a cidade continua no seu fluxo comum. Mas quando chega na segunda-feira, grande parte dessa galera ali de baixo volta para suas casas. O Vale continua sendo um bairro comum, mas ele tem esse lugar turístico da imaterialidade, da religiosidade nessa parte de baixo. E nessa parte de cima eu acho que tem essa diferença. Então não dá pra falar do Vale sem falar da doutrina e não dá pra falar do Vale também sem falar que não é só a doutrina que impacta atualmente, mas que sim, a doutrina tem o seu impacto de bastante importância.

Cleyton: Entendi. Um dos projetos do qual a Mayrla me falou que você fez, aí você vai poder me falar melhor sobre seus projetos, foi de uma biblioteca. A biblioteca ainda existe? Como é que funciona esse projeto, de onde surgiu essa ideia?

Elias: Então, em 2017, um projeto chamado Amanhecer dos Ojas, não, Entardecer dos Ojas, que é um projeto de um pai de santo de Planaltina chamado Pai Joel, ele resolveu fazer as atividades culturais desse projeto nas periferias, escolheu o Vale do Amanhecer, Estância, Mestre D'armas e Arapoangas. E no Vale do Amanhecer ele escolheu a minha casa. Então, em 2017, eu coloquei a garagem da minha casa à disposição e aí nós criamos, inclusive a Mayrla foi muito importante nesse momento na minha vida assim, que a Mayrla estava querendo fazer um milhão de coisas e tal, e a gente transformou a garagem da minha casa em garagem cultural. Então, 2017, 18 e 19 nós fizemos várias atividades culturais aqui nesse espaço, saraus, reunião política, momentos de ensaios de grupo de teatro, do maracatu, entre tantas outras atividades. As nessa época, em 2018 para 2019, eu tinha um cômodo que eu resolvi desocupar, que fica do lado da garagem. E aí eu falei, cara, eu vou montar uma mini biblioteca para doação de livros e montei a mini biblioteca Paulo Freire, que existe até hoje. Esse ano de 2024 eu resolvi não fazer nenhuma atividade porque ela vai passar por uma reforma, eu vou colocar uma porta e uma janela para abrir para a comunidade, e a biblioteca ela funciona, só que ela é uma biblioteca que ela não tem o mesmo ritmo das bibliotecas convencionais. Eu não cadastro os livros, eu não catalogo os livros, eu ganho os livros e eu redistribuo os livros. Só para você ter uma ideia, na pandemia nós conseguimos doar aqui em cerca de 3.000 cestas básicas no ano de 2020 e 21 e cada cesta básica eu colocava uma sacola com 5 obras literárias. Então, a gente deve ter doado para a comunidade mais de 12.000 obras literárias. Entendeu? Foi um puta de um projeto. Inclusive, saiu uma matéria no... a gente saiu naquele Mídia Ninja. Saímos também um uma matéria no jornal do Uruguai, porque era um projeto parecido com o que o Mujica, que foi o presidente do Uruguai em uma época aí, fazia também com a comunidade acho que de Montevideu.

Cleyton: Cara bacana, pô, depois eu vou até se você estiver recebendo ainda, eu vou querer doar uns livros aqui que eu tenho também.

Elias: Sim, vim conhecer também a biblioteca.

Cleyton: Vou sim, eu vou falando contigo no WhatsApp pra gente marcar isso então.

Elias: Demorou.

Cleyton: E aí tem algum outro projeto que você fez ou que você participou, que aconteceu e que você estivesse ali no intermeio que você achou que foi interessante ou que tivesse um impacto parecido com esse aí?

Elias: Sim, sim, na verdade eu comecei a desenvolver, a contribuir com projetos sociais aqui no Vale na época é 1999, foi quando eu comecei. Eu comecei na Ação Jovem, que hoje é chamada de Ação Esperança e hoje é o Espaço Ganesha, que foi evoluindo de nome, mudando, enfim, que é coordenado pelo Beto, que é uma figura que eu sugiro que você entreviste, que é uma figura espetacular também, para falar sobre o Vale do Amanhecer e as questões sociais. Eu comecei na Ação Jovem, na Ação Jovem eu desenvolvi vários tramos com essa galera. Eu fui secretário da biblioteca, inclusive, acho que essa biblioteca que eu tenho hoje vem muito desse lugar. Eu fui da escolinha de vôlei, eu fui das gincanas culturais e ambientais. E aí eu fui passando por esses projetos, até que eu fui pro mercado de trabalho, consegui comprar a minha casa, até que eu falei, cara, então agora eu vou utilizar o espaço que é a minha casa e construir um projeto cultural que é a garagem cultural e mini biblioteca. Então já participei de muitas atividades ao longo desses últimos 20 anos.

Cleyton: Que massa. Muito foda. Pô, parabéns pela toda a trajetória. Muito, muito rica mesmo.

Entrevista com a moradora Mayrla da Silva

Arquivo D2 – Tempo de Gravação: 21 Minutos

Entrevista realizada em 27 de Março de 2024

26 anos

Moradora desde 1996 (26 anos)

Cleyton: Eu queria que você falasse seu nome, sobrenome e sua idade, por favor.

Mayrla: Meu nome é Mayrla, Mayra da Silva, eu tenho 26 anos.

Cleyton: E há quanto tempo mais ou menos você mora no Vale do Amanhecer?

Mayrla: 26 anos.

Cleyton: Você nasceu por aqui?

Mayrla: Nasci no Vale, morando no Vale, nasci e moro na mesma casa desde sempre. Os meus pais já tinham construído essa casa quando eu nasci, moro aqui a vida inteira.

Cleyton: Ah, que top. E quando você nasceu, você sabe há quanto tempo seus pais estavam aqui?

Mayrla: Bom, o meu pai, ele também era criança do Vale do Amanhecer. E os meus avós construíram o Templo junto com a tia Neiva. Aquele início ainda, o meu avô foi um dos pedreiros que construíram o Templo. Então, meu pai foi criança do orfanato, que você deve saber bem como é a relação do orfanato com o Templo. Não que ele não tenha pai, mãe, mas as crianças, os filhos dos pedreiros e das pessoas que construíram o Templo, todas as crianças ficavam no orfanato, que era o espaço onde as crianças ficavam, né, não tinha escola, então as crianças ficavam no orfanato, convivendo no orfanato. Era onde as crianças ficavam para os pais e mães trabalharem, então a minha avó e o meu avô trabalhavam, construindo o Templo e tal e na casa dos outros, enfim. E meu pai com meus tios, já ficavam no orfanato, assim, eram crianças do Vale. Ele não nasceu no Vale, mas quando ele era muito criança, ele já veio, que aí foi nesse momento. Já minha mãe veio pro Vale do Amanhecer com 27 anos. Com 26? Deixa eu confirmar com quantos anos ela veio.

Cleyton: E você acha que esse jeito assim que seus pais, eles participaram da construção efetivamente do Vale, né? Assim, eles colocaram a mão na massa. Você acha que esse tipo de relação com um lugar assim, você acha que muda a percepção deles?

Mayrla: Olha, deixa eu fazer uma pergunta, mãe, você veio para o Vale com quantos anos? Só me responda o número. (Mãe responde 25 anos) 25 anos, pronto, a minha mãe veio para o Vale com 25 anos. O meu pai que participou dessa etapa de construção, né? Então, eu acho que eu tenho um apego muito afetivo pelo Vale como território, né? Eu acredito muito assim que é por ele ter participado desse processo desde o início, ele traz para mim esse amor, esse apego pelo Vale como religião e como território. A minha mãe

também, porque ela sempre fala desse território como o lugar que ela se encontrou, né? A minha mãe, ela fala assim, a minha percepção que eu tenho dela é como se por mais que ela veio para cá com 25 anos, ela é como se a vida dela, que eu conheço, é a vida dela aqui no Vale. Ela teve esse processo assim, de tipo o que era a vida antes não fica tão enfatizado quanto o que é a vida dela já no Vale. As histórias no Vale, as experiências no Vale. Eu não entendo muito porque isso, mas eu percebo que ela me fala muito mais do que ela vive a partir do momento que ela está no Vale do que o que ela viveu antes.

Cleyton: Isso por conta da religião, você acha que tem alguma influência?

Mayrla: Eu acho, eu acho que tem.

Cleyton: E você nasceu no Vale, né? Acho que não tem nenhum gentílico para quem nasce no Vale. Mas se você pudesse dar assim, tipo uma pessoa que nasce no Vale, é o que? Ela é uma Valense? Como que você denominaria?

Mayrla: Cara, sabe como eu me denomino? Eu sou nascida e criada no Vale do Amanhecer. É tipo nascida e criada. É como se como se ser nascida e criada no Vale me fizesse ser um tipo de pessoa. Eu falo em alguns momentos, eu não só nasci no Vale, eu fui criada no Vale. Eu sou cria do Vale. Então eu sempre falo que eu sou nascida e criada no Vale do Amanhecer. É como se eu ter sido nascida e criada no Vale me fizesse ser a pessoa que eu sou, e às vezes eu uso isso como uma característica mesmo, nascida e criada no Vale.

Cleyton: E quando você está em outros lugares você sente muita diferença? Como que você se sente em relação a essa distância do Vale? A gente vai se sentir mais cria do Vale, menos cria do Vale?

Mayrla: Mais, mais. Eu sinto mais. Porque é nesses espaços fora que eu consigo falar isso, porque eu preciso que as pessoas entendam que eu não sou igual a elas. Porque eu sou nascida e criada no Vale. Não é comum nos espaços que às vezes eu estou, pessoas que são nascidas e criadas numa periferia como o Vale do Amanhecer, que tem jeito de andar, que tem jeito de comer, que tem jeito de falar, que tem jeito de se vestir como eu tenho. E para eu reforçar isso, às vezes eu trazer isso e eu me aproximar disso como uma característica social, me protege também um pouco de alguns preconceitos que eu sofro. Porque eu sofro preconceitos e assim, trazer isso, aproximar muito mais do meu território como uma característica humana e social que me forma como humana, me blinda emocionalmente. Eu continuo sofrendo preconceitos, coisas assim que são bem chatas, mas na minha cabeça eu tenho certeza que isso está ligado à minha história e infelizmente não tenho como...

Cleyton: Você fala em preconceitos, é em relação ao lugar que você mora?

Mayrla: Em relação ao falar, por exemplo, eu falo muita gíria. Às vezes eu falo algumas palavras que as pessoas querem fazer correção. E aí eu tenho que explicar que eu sou nascida e criada num lugar que eu me comunico assim com os meus amigos, que meus pais se comunicam assim, que meus primos são todos daqui, que minha família se comunica assim. Então, às vezes eu me comunico assim nos outros lugares e que tentam me corrigir. E eu sei que isso é um preconceito, sabe? É um preconceito linguístico que acontece.

Cleyton: E quando você fala que mora no Vale do Amanhecer, sente que existe algum tipo de preconceito, de alguma origem?

Mayrla: Já quando eu era adolescente na escola, sofria bastante preconceito. Eu não estudei aqui no Vale. Então, na escola eu sofri bastante preconceito de morar no Vale, do pessoal falar que eu era macumbeira, isso é de praxe, né? O pessoal falar que no Vale tem macumba. Aí hoje em dia é muito difícil. Acho que já aconteceu duas ou três vezes de algum Uber dizer, tem medo de vir ao Vale. Me deixar e falar assim: “ah, eu estou te deixando, mas eu tenho medo de ir no Vale”. Esse medo do Uber, de me deixar no Vale, ele externaliza preconceito. Mas é raro. Hoje, atualmente, as pessoas têm mais admiração pelo Vale do que preconceito como território. Quando falo que eu moro no Vale, a maioria das pessoas que eu troco ideia e que tipo são pessoas que estão na minha rede social, como a escola era uma rede social na época, têm admiração. Falam: “nossa, o meu sonho é conhecer o Vale”, “nossa, o Vale é incrível, cara, eu estudei sobre o Vale, eu ouvi falar sobre o Vale...”, então as pessoas têm muito mais curiosidade e admiração hoje. Eu não sei se é pela bolha social que eu estou inserida, que é diferente da escola pública de Planaltina, que era, ou se é um tempo histórico que realmente fez as pessoas olharem com outro olhar pro Vale.

Cleyton: Entendi, pô, bacana, vei, que bom que mudou, né? Assim que você sofre menos com isso e tal. Bom, isso é muito bom. E como que você enxerga o Vale quando você está em outros lugares? Você acha que, por exemplo, o Vale é muito diferente do Plano e de Planaltina ou você acha que é parecido?

Mayrla: O Vale é muito diferente de Planaltina porque o Vale tem uma harmonia acolhedora. As ruas tem uma organização que são simpáticas ao olhar. Eu acho o Vale arborizado, eu acho o ambiente Vale um ambiente tranquilo. Eu acho o ambiente Vale um ambiente saudoso. Tanto na parte de baixo, que é super tranquila. A parte de baixo perto do Templo, que é silencioso, que é calmo. Quanto quando a gente sobe e começa a chegar na Rua Principal da feirinha, aquele barulho. Mas é um barulho de gente confraternizando, de gente conversando, de gente se cumprimentando, de gente trocando ideia na rua, brincando um com o outro. Então o Vale tem pra mim esse aspecto de lugar familiar. Eu tenho isso comigo que o Vale é um ambiente familiar e todo mundo que mora no Vale se sente meio familiar um com o outro e que é uma coisa que em Planaltina não é assim em nenhum bairro, nenhum dos bairros de Planaltina, a gente sente essa energia. Quando a gente fala do Plano Piloto, aí é muito mais distante. Porque as pessoas do prédio no Plano piloto se cumprimentam, mas as pessoas que são de prédios diferentes não se cumprimentam. Então, só que no Vale, não, todo mundo se cumprimenta, todo mundo se conhece, todo mundo sabe, tipo, todo mundo é primo de todo mundo tem essa relação. Então eu acho que o Vale é diferente nesse aspecto.

Cleyton: E no aspecto é urbano, você acha que tem semelhanças ou é muito distante?

Mayrla: Aí já assemelha bastante com Planaltina, mas com o Plano Piloto, não. A gente está bem distante de chegar a parecer com a Asa Norte. Pela questão do tamanho dos prédios, né? A largura das ruas. Eu acho que o Vale, ele tem uma característica de que você olha morros com árvores, você consegue ver muita paisagem natural. Isso é uma coisa que no Plano você não tem. Acho que é o cerrado, o Vale está no meio do cerrado, o Vale está cercado por cerrado em toda sua circunferência. Não tem nenhuma

circunferência do Vale do Amanhecer que não seja cercado por cerrado, até a separação do Vale de Planaltina, que o Vale ele é afastado de Planaltina, ele tá dividido por uma área cercada de cerrado, isso também é muito forte pra mim. Isso também traz pra mim essa diferença que é algo que outros lugares não tem acredito eu.

Cleyton: Eu gosto muito das suas visões assim sobre essas coisas, assim sobre esses aspectos. Da comunidade, do espaço, do lugar. E aí uma coisa que você falou que eu achei muito interessante é que você falou que por exemplo, o som, ele muda de uma parte para outra do bairro, né? Assim, tipo mais perto dos Templos, é mais silencioso e tal. Mas você falou que não mudou de um jeito negativo, né? Ele mudou de um de um jeito até positivo, assim que tem esse tom acolhedor, assim de pessoas confraternizando e tal. Isso é muito interessante. E eu queria saber se você sente ainda essa, essa harmonia, quando a gente vai indo mais pra parte de trás do Vale assim, parte de trás entre aspas, né? Que é o Pacheco. Se você vê essa diferença do centro do Vale, perto dos Templos, para o Pacheco?

Mayrla: Tem uma história legal que assim, o espetáculo que foi a tese de mestrado do Wellington aconteceu aqui no Vale você participou, você foi, né? Você lembra?

Cleyton: Lembro sim.

Mayrla: “O muro de promessas” contava a história do Vale em uma perspectiva de... era a história de uma personagem que morava perto do Pacheco no final do Vale. E a vida dessa personagem era marcada por pobreza, por miséria, por sonhos não alcançados, por promessas que não foram cumpridas dela com ela mesma. E uma dessas promessas que ela e o marido faziam e a vida inteira deles, eles tinham esse sonho e essa promessa de conseguir sair de onde eles estavam e ir para um lugar melhor. E o lugar melhor era para perto da parte de baixo do Vale, era sair da parte de cima do Vale, que é a parte da feirinha e ir para a parte de baixo do Vale. Isso era já uma característica de melhorar de vida para esses personagens. E aí, porque que eu estou contando isso? A gente faz nesse espetáculo uma leitura territorial do Vale perto do Templo, do Vale meio e do Vale quando começa a chegar no Pacheco, que é a 90, a gente está falando ali até as noventas. E nas 90 a gente é o nosso limite de análise. Como obra.

E aí eu vou te falar uma questão muito, muito doida, eu, Mayrla, eu tenho 26 anos que eu moro no Vale do Amanhecer e eu só conheço até 93. Não que eu nunca tenha ido ao Pacheco e passado de carro. Mas eu nunca, em 26 anos, andei de pé pelo Pacheco. Eu nunca fui. Eu nunca precisei ir ao Pacheco fazer nada, nem visitar ninguém, nem fazer nada assim. Nunca fiz esse caminho andando. Já passei de carro algumas vezes com alguns amigos para fazer algum tipo de rota de buscar algo. Mas assim, pontuais vezes, eu acho que não dá 10 vezes na minha vida. Então eu Mayrla, não posso te dizer que eu conheço o Pacheco. Eu não conheço o Pacheco, eu não tenho contato com o Pacheco. Até a última rua do Vale eu tenho um amigo, na 93, na chácara ali, nas chacinhas eu tenho um amigo, mas quando a gente sobe, sobe as noventas que a gente começa a chegar na divisa que é Pacheco, eu acho que eu não conheço ninguém que mora lá, ninguém mesmo.

Cleyton: Perfeito, bacana esse trazer essa obra do Well assim com esse olhar de melhorar de vida, porque é uma perspectiva comum, não é? Eu já vi várias pessoas fazendo esse tipo de comentário mesmo. E para além dessa diferenciação do centro do Vale, porque o Pacheco, acaba sendo uma periferia do Vale, né? E o Vale a periferia de Planaltina,

Planaltina é a periferia do Plano, a gente tem essa relação assim, essa troca. E aí eu achei massa você trazer isso assim, essa visão. muito, muito legal mesmo.

Mayrla: Forte, né? (inaudível), porque assim eu não acesso o Pacheco, aí eu já me fiz esse questionamento, porque que eu não acesso o Pacheco? Aí eu fico naquela: eu não preciso ir lá fazer nada. Só que aí, tá, eu não preciso, mas eu poderia para aí conhecer, para ir me integrar, para ir construir alguma ponte lá. Eu poderia, mas é longe, o sol é quente, a rua sobe, então a subida me cansa, né? Então chega lá, é de difícil acesso, por mais que seja do lado muito, muito, muito, muito bizarro.

Cleyton: Doideira, né? E aí você falou de vários aspectos do Vale que eu achei interessantes assim, tipo aspectos do próprio espaço, que é um espaço onde a gente tem essa visão da natureza, a visão que mescla um pouco assim com o Vale, como essa paisagem é um pouco moldada também pelo que é o Templo, pelo que é as casas, as coisas. E aí é as ruas arborizadas também é, se misturam é com as partes que trazem um pouco essa visão de artes, de tudo. E aí pensando nisso eu queria que você respondesse uma pergunta que é um pouco na abstração assim, que é. Quando você pensa no Vale físico, esse Vale que existe, né? Assim, para além do Vale da imaginação. Mas acho que transbordando um pouco essa ideia. Qual cor que você daria para o Vale do Amanhecer?

Mayrla: Roxo.

Cleyton: Roxo. Você tem algum porquê dessa cor?

Mayrla: A minha memória pensa no roxo por conta da Doutrina, por conta da cor roxa, de algumas roupas, de alguns símbolos, é aquele roxo, vinho. É como se na minha memória afetiva o Vale fosse muita energia. Eu fui criada na Doutrina. Então, na minha memória afetiva, no meu subconsciente, por mais que eu seja um pouco materialista, dialética, assim, por mais que eu tente me desvincular, minha memória afetiva, ela é muito relacionada à minha infância, a entender que o Vale é como me ensinaram o Vale. Então eu penso em energia, eu penso no Vale, um território que ele tem energia espiritual. E quando eu penso nessa energia espiritual, eu penso nessa cor roxa, flutuante, como se fosse nébulas roxas assim por cima. E esse é o roxo do Vale, aquele roxo Vale, o roxo da fita. O roxo da fita do Vale do Amanhecer vai ser cor do Vale para mim.

Cleyton: Caramba, doido, que massa.

Mayrla: Muito muito doido, né?

Cleyton: Muito massa, velho. Gostei.

Entrevista com os moradores Tony Wolf e Gill Wolf

Arquivo D3 – Tempo de Gravação: 60 Minutos

Entrevista realizada em 20 de Maio de 2024

Moradores há 20 anos

Cleyton: Aí se vocês puderem começar falando o nome e a idade de vocês.

Gill: Meu nome é Gill Wolf, eu tenho 51 anos.

Tony: Tony Wolf, 41 anos. Esse é nosso nome artístico, né? Não é o original não.

Cleyton: E a quanto tempo que vocês moram no Vale do Amanhecer?

Gill: 20 anos. Eu moro no Vale do Amanhecer há 20 anos.

Tony: E eu a minha vida toda, desde pequeno.

Cleyton: Desde que você nasceu?

Tony: Sim, desde que eu nasci. Eu tive um periodozinho só que eu morei em Planaltina, mas logo eu voltei pra cá.

Cleyton: Você nasceu aqui. Seus pais vieram por conta da religião, qual foi o motivo?

Tony: Sim, minha mãe casou com meu pai, minha mãe morava em Planaltina, trabalhava em Brasília, né? Conheceu meu pai que veio pra cá porque a tia Neiva trouxe porque tava numa situação de risco onde ele e os irmãos estavam, então a tia Neiva mandou resgatar eles lá pra virem morar no orfanato, pra ela cuidar.

Cleyton: Então seus pais, eles eram crianças ou...

Tony: Não, 17, 18 anos. Quando vieram para cá.

Cleyton: E eles moraram no orfanato da Tia Neiva?

Tony: O meu pai. Minha mãe não. Quando minha mãe casou com meu pai eles já... Constituíram família e tiveram a casa deles. Aí meu pai já tinha saído do orfanato.

Cleyton: E você Gill, quando você veio pra cá você estava aqui há 20 anos, né?

Gill: Isso.

Cleyton: Você tinha 31 quando você veio pra cá?

Gill: Isso.

Cleyton: Você veio por conta da religião, qual que foi o motivo por que você veio pra cá?

Gill: Eu vim por questão, é, família e religião. Família e religião.

Gill: Você já era da religião quando você veio pra cá ou você chegou aqui e se tornou da religião?

Gill: Eu me tornei... 2 anos antes eu me tornei da religião.

Cleyton: E aí, quando vocês chegaram aqui, qual que foi... Quer dizer, ela chegou aqui, né? Você já estava aqui, mas... Qual que foi a primeira impressão que você teve sobre o Vale do Amanhecer?

Gill: Eu... pela família, né, porque meu pai já frequentava a religião há exatamente 30 anos. Meu pai já tinha esse contato com a tia Neiva. Então, pra mim, eu frequentava como criança, então era um lugar... Era não, pra mim até hoje é um lugar de paz, que me traz paz, que é um lugar onde eu consegui estabelecer a minha família. Não levando pro lado do empreendedorismo, mas pela questão da religião, foi o lugar onde eu me encontrei na religião, entendeu? Trouxe um sentido e eu consegui conciliar família, religião e trabalho.

Cleyton: Você acha que qual seria a relação entre esses três tópicos que você falou, família, trabalho e religião?

Gill: Pra mim é tudo. Em primeiro lugar, a família, né? Que aqui onde está meu pai, minha irmã. Meus sobrinhos e minha mãe é separada do meu pai, mas a gente consegue sempre estar todo mundo junto, porque minha mãe mora em Planaltina, a gente sempre tá... Mas pra mim eu não tenho o que reclamar. Sairia para algum outro lugar para trabalhar, para ter uma vida lá fora? Sim, sairia. Mas em relação ao Vale do Amanhecer, a cidade do Vale do Amanhecer, eu sei que poderia ser melhor e com o nosso trabalho a gente tenta qualificar as pessoas enquanto cidadão. Crescimento pessoal, espiritual, intelectual com o trabalho que a gente faz, entendeu?

Cleyton: Quais, só pra te ter isso especificado, quais são os trabalhos que você desenvolve? Porque eu sei que você dá aula, aí você dá aula de que? Você tem as artes marciais, tem também, eu não sei se a gente pode chamar de dança, né?

Gill: Isso, dança do ventre.

Cleyton: Fala quais que são eles.

Tony: Fala as suas formações também.

Gill: São entretenimentos, né? Eu sou formada em administração. Voltando lá atrás, um pouquinho da questão que envolve a pesquisa que você está onde você quer chegar, enquanto é... quando eu conheci o Tony eu trabalhava numa empresa que eu fazia parte de toda administrativa. Eu sempre falei pra ele assim: “eu acho que o trabalho que você faz, se você faz e faz por amor, por que não você fazer na sua cidade?”. E a gente tentou por muito tempo no sudoeste, ele ficou cinco anos trabalhando no sudoeste, e sempre com o pézinho aqui, fazendo aquele trabalho dele voluntário aqui, ajudando a família, amigos, entendeu? Não cobrava.

Cleyton: Esse trabalho no Sudoeste, já era de arte marcial?

Gill: Já era de arte marcial.

T: Sempre que tem aula de arte marcial, desde os 6 anos de idade minha vida sempre foi marcial. No período eu comecei a dar aula, comecei a dar aula voluntária no batalhão da PM aqui, o 14º batalhão, fiquei lá durante 5 anos dando aula lá. Aí de lá a gente veio pra cá, só que aqui também a gente estava fazendo trabalho social. Só que eu precisava do financeiro e aí eu comecei a dar o ano do Sudoeste também. Só que isso lá na verdade mais atrasando o desenvolvimento do nosso trabalho aqui. Igual a amada falou, se você

gosta de fazer o que faz, faz bem feito e onde você mora. Não é porque é o vale do amanhecer que não merece um produto de qualidade, ao contrário. O pensamento da gente é o contrário do que as pessoas pensam, geralmente. O que as pessoas pensam: "Eu tenho um produto de boa qualidade, eu vou aonde esse produto vai ser bem quisto". Para ser, a grosso modo, todo mundo acaba indo embora. Da periferia, para a cidade mais próxima, depois para a cidade maior mais próxima, depois para a capital, depois a pessoa muda até de país, depois a pessoa está na Europa, está nos Estados Unidos. Igual, por exemplo, a gente tem um sobrinho que saiu daqui do Vale do Amanhecer e que hoje tá nos Estados Unidos dando aula. Ele tem um produto de qualidade, só que esse produto de qualidade dele nasceu aqui, entendeu? Sob a nossa asa. A primeira aula de jiu-jitsu dele foi o que levei. Então assim, a gente acredita que o produto de boa qualidade desenvolvido na sociedade, a gente sabe disso. E a gente sabe disso que aqui no Vale do Amanhecer, por exemplo, você é formado, tal. Cara, aqui no Vale do Amanhecer tem desembargador, tem todo mundo igual tem em Brasília, cara. E se parar pra calcular, deve ter uma quantidade maior dessa galera formada aqui, às vezes até tem em muitos outros lugares. O Vale do Amanhecer tem uma qualidade de vida alta, não parece, mas tem. E I.D.H. também, índice desenvolvimento humano também. Não parece que tem, mas tem. E a gente acredita que em todo lugar tem esse potencial, desde que os potentes não saiam. Se o serviço de qualidade sair, sempre vai ficar periferia. Se o serviço de qualidade ficar, melhora a periferia todinha. Seja uma padaria boa, seja um mercado bom, seja uma escola... A gente não tem uma condição financeira muito boa para dar um serviço melhor ainda. Por enquanto. Entendeu? Mas o nosso melhor sempre vai dar.

Cleyton: E qual ano foi esse que vocês decidiram sair do Sudoeste e estabelecer a academia aqui do Vale?

Tony: Então, para falar daqui, necessariamente de 2010. Porque o nosso email lá é de 2010.

Gill: Não, mas é porque você dava aula lá e aqui. E aqui sempre ficava defasado. Eu sempre falava pra ele "Não... Larga lá e foca aqui".

Gill: Porque assim... Como que eu vou explicar? Quando você... Vamos falar agora, porque assim, a gente tem o trabalho social que a gente faz, a arte marcial. É algo que você vai plantar a sementinha dentro do coração do ser humano, na formação de crianças. Muitas pessoas chegam com enes problemas, nem sempre eles procuram para defesa pessoal. Procura para desestressar, pra... Então automaticamente que se torna uma empresa, mesmo sendo um trabalho social, um produto de qualidade se torna uma empresa. Então eu sempre falei assim para ele. Nós temos o local, nós temos o produto e a boa intenção. Então nós temos que colocar aqui dentro porque lá tinha que ter a questão financeira e tinha que se deslocar. E aí já se tornava desgastante e não estava saindo um trabalho de boa qualidade. Até porque era uma concorrência muito grande, desleal, e não tinha um valor merecido.

Tony: O produto final, parece que não, mas o retorno que não dava é exatamente nessa transformação do ser humano, nessa ajudazinha doce, em melhorar o ser humano. Porque dar soco, chute, derrubar é só a ferramenta. O objetivo final com os adultos é igualzinho com as crianças. Fazer com que as crianças possam tirar a nota melhor, comer melhor, se sentir segura para não sofrer um bullying, se sentir segura para não causar um bullying.

Então o objetivo final é a evolução do ser humano, parece que não, mas o objetivo final da arte marcial é esse. Porque uma pessoa segura, que sabe dar golpes e etc e tal ela não precisa mais ameaçar ninguém, ela também não sofre ameaça de ninguém. Ela tem a mente mais forte pra falar "não, vou fazer dieta", "não, vou passar no concurso". A pessoa acaba se tornando melhor, parece que não, mas faz uma diferença do caramba. A arte marcial salvou minha vida, salvou a vida do mestre Sandro. E a gente sabe que já salvou a vida de muita gente, por exemplo, o André é um caso desse, foi projeto lá atrás. Antigamente a gente chamava de resgate, hoje em dia a gente nem chama de projeto mais, a gente só fala que ajudou.

Gill: E nós temos enes pessoas que já passaram por aqui, com essa questão de depressão, trauma, droga, suicídio, separação. Enes problemas. E assim, então, ah, vocês são psicólogos, vocês são clínicas de reabilitação? Não, não é isso. Mas é comprovado, cientificamente, que a arte marcial, ela consegue virar uma chavinha na mente do ser humano, em relação a ele desestressar, devido a adrenalina. Então causa alguma coisa no corpo, na mente que a pessoa...

Tony: É um treino, num único treino o cara sente. Às vezes deve ter tido algum treino que você vai treinar e tá com dor de cabeça. No final do treino, poxa, não tô mais com dor de cabeça. Você começa a treinar com medo de subir a pressão e a cabeça ficar doendo mais, aí no final do treino, eu acho que a cabeça nem tá doendo mais. Às vezes é só... Porque o corpo da gente foi feito pra mexer, velho. Ele tem que mexer.

Cleyton: Entendi.

Tony: Né? E aí ativa tudo.

Cleyton: Quais que são as atividades que... Vocês vieram pra cá em 2010 e aí já tinha toda essa cartela de atividades ou vocês começaram a desenvolver uma especificamente, aí depois vocês foram aumentando a carteira, como que funciona isso?

Gill: Isso, a gente começou especificamente com o muaythai.

Cleyton: Aí depois vocês foram expandindo? Quantas atividades vocês têm aqui hoje em dia?

Tony: Na verdade, é tudo baseado na minha escola, que seria o caminho que eu vim trilhando, estudando e aplicando. No caso, a gente começou com o muaythai, porque era o trabalho que sempre foi mais bem-quisto pela sociedade, mais bem visto. Aí depois o taekwondo, jiu-jitsu, judô. Aí o hapkido, posterior, e por último o krabikrabong. O krabikrabong, que a gente está estudando ele tem uns 5 anos já. A última arte marcial que a gente está estudando agora é o krabikrabong. Então assim, a gente aplica todas elas, serviços personalizados ou em grupo. Então o que a galera vê a grosso modo aqui é o serviço em grupo. O pessoal não vê os outros dois trabalhos. A gente tem 3 trabalhos na verdade, a gente tem o trabalho de grupo, tem o trabalho de personal e tem o trabalho online ainda. Fora as outras coisas, tem muito mais coisas por trás disso, mas que não tange aqui a nossa academia diretamente. A gente trabalha dentro da Liga Brasileira de Muaythai Tradicional, da Confederação Brasileira de Muay Thai Boran e Krabi-Krabong, Confederação Brasileira de Krabi-Krabong, Pro Hapkido Brazilian Federation, e por aí vai.

Gill: Que essas são as partes administrativas em relação a documentos e em relação as entidades...

Tony: As entidades que a gente está abaixo, né?

Gill: E em relação a estudos também, porque são coisas que a gente tem que se especializar.

Tony: Não tem como você dar aula sem estar estudando. Dentro das organizações que a gente faz parte, não só a parte administrativa de estar juntando nas diretorias ou sendo presidente ou vice-presidente de algumas dessas entidades que nós somos, mas também a parte de estar estudando o conteúdo técnico de cada graduação. A gente tem que estar sempre ali estudando para poder ter o que ensinar.

Cleyton: E para além das aulas de arte marcial, você expandiu, né?

Tony: A gente tenta agregar dança do ventre e tal, mas a gente está em busca de algumas outras coisas, algumas outras variáveis, porque a sociedade mesmo pede, né? A gente sente o clima da sociedade. Eu gostaria que tivesse mais danças também.

Cleyton: E quais são essas outras atividades? Vocês têm o muaythai, jiu-jitsu, taekwondo, judô, hapkido, krabikrabong, dança do ventre.

Gill: Tem a parte de armas do muay thai.

Tony: Aí temos as aulas particulares. E essas particulares é onde a gente geralmente aplica mais as nossas especializações mesmo. Por exemplo, o último curso que eu fiz eu fiz um curso de autismo voltado para a arte marcial. Com o maior nome que tem no Brasil que é o Felipe Nilo. Eu fiz um curso específico de artes marciais voltadas para o autista. Apesar de que nós sempre trabalhamos com alguns autistas, a gente sempre teve alguns, nem turma, entendeu? Só que agora com essa especialização, com a ideia de eu trabalhar com essas pessoas individualmente. Porque eu consigo melhorar, eu consigo auxiliar muito mais ela fazendo um trabalho particular, entendeu? Eu consigo desenvolver ela mais rápido, para depois colocar ela numa turma mais desenvolvida. Aí tem algumas especializações, eu tenho por exemplo, tem o aluno com TDAH, tem aluno com DI, entendeu? Deficiência intelectual, tem aluno com TOD. Então assim, como a gente sempre trabalhou com essas pessoas em grupo eu falei "não, vou me especializar porque eu trabalho com elas no particular que eu consigo auxiliar muito mais para depois de inserir no grupo". O Henrique é TOD. Por exemplo, tem uns que tem um nível baixo, tem um espectro baixo, então dá para você inserir numa turma. Mas, e se foi elevado? Não dá. Tem que trabalhar particular ele até para eu conseguir moldar ele um pouquinho para socializar ele numa turma. Então dá para melhorar. Sempre dá para melhorar, né?

Cleyton: Um tópico que vocês falaram que eu achei muito interessante, que vocês desenvolviam o trabalho que vocês denominaram como um trabalho de resgate e aí eu achei interessante vocês falarem que tem esse impacto por conta que o Vale do Amanhecer é um lugar potencialmente perigoso e especialmente porque eu sinto que existe essa ausência estatal, sem o aparelho estado. E aí eu queria saber, dar a impressão de vocês como que vocês enxergam o Vale do Amanhecer para além desse potencial de desenvolvimento de trabalho, mas assim, das experiências pessoais de vocês, como que vocês enxergam o Vale e o que vocês acham que o Vale poderia mudar para atingir esse

patamar que vocês escreveram aqui como de potencialidades de produtos de alto nível, né?

Tony: Pergunta de novo aí.

Cleyton: Como vocês enxergam o Vale hoje? E o que vocês acham que poderia mudar? E o que vocês poderiam mudar com o trabalho de vocês?

Tony: O que o trabalho da gente pode influenciar para essa mudança? Para essa visão aí melhorada?

Cleyton: Pode ser para além disso, sim. Pode abrir bastante a questão, que vocês enxergam que é paia, que de repente pode melhorar nesse trabalho.

Tony: Nossa, no seu trabalho é complicado, né Cleyton? Sim. Dá uma pausa aí. Tem certas coisas que pode nem gravar. Tu é da religião do Vale?

Cleyton: Não, sou não.

Tony: Tá. Tu é de alguma religião?

Cleyton: Não.

Tony: Agnóstico ou ateu?

Cleyton: Eu sou ateu.

Tony: Igual eu. Então pronto. Então, aí a gente tem uma visão mais crítica e mais analítica da situação, porque a gente não entra com um sentimento nessa parte. Vale do Amanhecer ele cresceu ao redor da religião, isso é um fato. Durante muito tempo foi única e consequentemente da hegemonia. Consequência da hegemonia de relações. A posteriori veio as outras, veio a católica, veio a evangélica, veio agora o santo daime, então agora ele é bem eclético. Vale do Amanhecer é um lugar bem eclético em relação à religião. Isso parece ser um ponto positivo porque é um lugar em que as pessoas têm pra onde... é como se fosse um trabalho de psicologia, pseudo-psicologia aliás. A religião seria esse trabalho de pseudo-psicologia onde as pessoas podem levar suas mentes para poder ter um alívio, um descarrego, exatamente dessa pressão que é ser periferia da periferia. Saber que os caras ali em cima do nada estão andando com escopeta na mão, entendeu? Dependendo da hora que você passar da rua que você passar, é feio a situação. A gente sabe da quantidade de crime que tem, de estupro, de agressão a vulnerável dentro de casa, crianças passando necessidade por conta da questão financeira, isso tudo gera cada vez mais violência. O Vale já foi muito mais violento, ao ponto de eu acordar de manhã cedo para ir na padaria, tem um cara queimado no meio da rua. Mataram o cara, executaram, deram tiro na nuca e ainda queimou o corpo do cara e ficou lá o carvãozinho no chão. Isso era normal na minha época de criança de ver. Hoje em dia se vê menos. Haja vista porque o tráfico aumentou bastante e os traficantes não querem que tenha assalto e tarará por aqui para não chamar muita atenção de polícia. Então acaba sendo um lugar que parece que está tranquilo. Mas o grande problema do Vale é a desigualdade social ainda. Tem muita gente passando necessidade, passando sufoco. Apesar dos programas sociais, tem gente que não sabe nem onde é que vai procurar isso, pra receber uma cesta básica, entendeu? E a arte marcial, não vou falar nem só a escola aqui, mas a arte marcial em geral, a função da arte marcial é essa mesmo, é servir. Auxiliar na evolução do ser humano. A gente no

começo era só trabalho social, todo mundo era 0800 mas como a gente teve que vir pra cá e vestir o manto da responsabilidade, da própria história... Aí a gente se transformou em empresa, mas ainda assim, desde sempre e até hoje, 30% dos alunos que você vê aqui dentro são bolsa. Só que eu não deixo o pagante saber quem é bolsa. E nem o bolsa saber quem é outro bolsa. Exatamente para não existir um preconceito financeiro. Às vezes uma pessoa menosprezar para ser bolsa ou te tratar mal, entendeu? Isso é de ser humano. Então a gente já coíbe isso aí para que não aconteça aqui dentro. Assim também como a gente coíbe... O cara ter preconceito com o outro, ter preconceito com as meninas, ter preconceito com gay. Já teve casos aqui do cara falar de um jeito que eu não gostei em relação a gays e tinha gays na aula e esse cara foi convidado a se retirar. Isso aqui é um ambiente seguro. Esse aqui é um ambiente que qualquer ser humano, que é uma criança, uma mulher, um cara mais pesado, uma mulher mais pesada, entendeu? Um gay, uma criança com uma comorbidade, com TDAH, ou um cara com braço amputado. É o lugar seguro para qualquer ser humano só ser humano. Então assim, a transformação que a gente causa na sociedade é essa, 30% dos nossos alunos aqui são bolsas, são resgates, são projetos. Automaticamente essas pessoas têm suas vidas impactadas, transformadas pela arte marcial, porque no mínimo a pessoa está fazendo atividade física e está ficando melhor de saúde e no mínimo ela está uma hora a menos na rua. Então assim, no mínimo, no mínimo a gente tirou ela ali três horas da semana da probabilidade da vida dela piorar. Mas tem muito mais, consequentemente a amada está começando um projeto agora com o hapkido e serão atendidos mais ou menos umas 20 crianças, né mô?

Gill: É.

Tony: Uma faixa de 20 crianças nesse primeiro momento. Assim, além desses 30%, entendeu? Agora esse é um trabalho exatamente direcionado para essas 20 crianças. Quem são essas 20 crianças que a gente vai pegar para o hapkido? Porque faz parte da formação dela também de professora de hapkido, né? Essas 20 crianças são as que tem as notas mais baixas ou a maior dificuldade em relação ao ensino padrão e condição financeira. Então, são as piores crianças com condição financeira e com capacidade cognitiva ali ou de aprendizado. Então, a gente quer pegar ali os que estão com mais dificuldade exatamente para não só provar, porque não tem que provar nada para ninguém, mas para realmente mudar a vida delas. Como é que a gente começa a mudar? Cara, faz gostar da arte marcial. Qual criança que não gosta de dar uma cambalhota, uma estrelinha, um chute, entendeu? Aprender uma imobilização. A gente cativa o coração e com o coração cativado, aí a gente fala "pô, e aí, agora vamos melhorar essas notas. E aí, sua mãe já foi buscar a bolsa lá no governo? Sua mãe está recebendo?". A gente cria um diálogo com essas pessoas. Então são 20 crianças, você vai ter um diálogo ali, que você atinge 20 famílias. Entendeu? Parece pouco? Parece, mas se cada uma pessoa no Vale da Manhã atingisse 20 famílias, positivamente, fariam a diferença danada. Eu não sei se... Eu gostaria que o Vale fosse... Eu falo para a amada, né? Antigamente eu tinha vontade de ser... Não design, mas como fala? Engenheiro urbano, de criar cidades, entendeu? Aí eu imagino o Vale todo na calçada do mesmo nível. Eu imagino o Vale toda casa na frente, uma árvore de fruta, igual a gente tentou fazer o projeto, né, amor? Aqui a gente fez um projeto nessa rua. Eu peguei essa rua de lá até o final. E aí? Quero plantar uma árvore na frente da casa de cada um. Eu compro a muda, eu compro adubo, eu boto a água, eu planto a árvore. Aí aqui o japonês até deixou a gente plantar, depois ele arrancou tudo. Aí eu tinha plantado um monte de pé de árvore frutífera aqui na frente. Ele tinha deixado, aí

depois no outro dia ele estava arrancando, quebrando tudo, mandou um cara quebrar. Aí tem o nosso ipê, pra não dizer que não tem nenhuma árvore na rua. Tem o nosso ipê que a gente botou.

Cleyton: É bonito, eu gosto dessa árvore daí

Tony: Entendeu? A ideia era a gente fazer essa rua aqui de modelo. Arborizada, todinha. Só de árvores frutíferas e de flores. Aí todo mundo ia ver essa rua aqui na sombra, ia ficar ótimo, todo mundo ia querer estacionar o carro, as outras ruas iam fazer igual. Mas aí nem o vizinho aqui quis, nem o vizinho dali quis. Às vezes a gente quer mudar o mundo, mas não adianta o mundo, não quer ser mudado. Aí a gente só pode fazer o nosso trabalho aqui e atingir as pessoas diretamente, igual nesse caso, entendeu?

Cleyton: É interessante você falar isso porque eu trato um pouco disso sobre a mudança de visualidade dos espaços. É visível qual existe essa preocupação com a própria academia. A TUFF, né? Se você passar na frente dela e ver que tem uma árvore na frente, a decoração é bem trabalhada. Tem um conceito, né?

Tony: Não, e tipo assim, não só botei a árvore ali. Eu sei que tem a rede de esgoto, aí a gente fez o estudo, perguntou para o pessoal lá da floricultura como é que fazia para a plantar o ipê direitinho, aí a gente botou ali lá para baixo, então raiz dela tá abaixo da linha do esgoto. A raiz dela está lá embaixo, não está aqui perto. Não tem problema nenhum com a rede.

Cleyton: E você, Gil? Eu perguntei pro Tony e ele estava desenvolvendo sobre como que ele enxerga o Vale, ele fez um retrospecto de que o Vale foi um lugar mais perigoso, de que hoje em dia essas coisas são menos visíveis, que existe uma mudança na criminalidade e por último, ele pontuou sobre o impacto do trabalho da TUFF, que ele queria uma mudança social. De como essas pessoas que têm dificuldade, às vezes tem pouco apego em manifestações culturais e aí ele falou também um pouco sobre o ambiente mesmo no Vale do Amanhecer, ele queria que fosse mais regular, mais urbano, mais bonito com a arborização e tal. Como que você enxerga o Vale e quais coisas que você acha que de repente a gente poderia mudar? O que ele pode ser, potencialmente?

Gill: É. Eu vi que ele começou falando que o Vale do Amanhecer cresceu, expandiu pela doutrina. E por ser um ponto turístico, que é, né, pontuado dentro do mapa, né, do Distrito Federal como ponto turístico, eu também vejo que deixa a desejar em relação à visualização, à cuidado estético, né, de ruas. É, a gente, igual ele mencionou, a gente tentou fazer esse trabalho de arborização e não deu certo. E eu acho que é um pouco esquecido, até mesmo pela população. Porque é incrustado na cabeça das pessoas que moram aqui, que aqui é só cidade dormitório. E tem que quebrar esse padrão. Não é.

Tony: Não, o Vale do Amanhecer tem uma qualidade de vida boa. Tem uma qualidade de vida boa. Só que as pessoas preferem gastar o seu dinheiro, ter essa qualidade de vida lá fora. A pessoa vai lá em Planaltina comprar um sorvete, mas não compra o sorvete aqui, entendeu?

Gill: Então você tem que dar oportunidade pra o local onde você mora, pra que possa crescer, pra que possa evoluir, melhorar esteticamente, visualmente e ter bastante lugares que as pessoas possam fazer atividade física, gastar o seu dinheiro, uma loja de sapato,

roupa, alimentação, restaurante, lazer. O lazer aqui é muito pouco, muito pouco. Então as pessoas vão buscar lá fora

Tony: Ou seja, o dinheiro que o pessoal sai daqui para ir buscar lá fora, não fica aqui. Fica lá fora de novo e aqui fica a mingua. Mas dá, o Vale do Amanhecer dava pra ser reformulado, fazer um paisagismozinho. Cara, coisa básica, sabe? Tipo ali no Lago da Estrela, ao redor do Lago da Estrela. Coloca, escolhe uma flor típica e bota ao redor do Lago da Estrela, entendeu?

Gill: Não precisa ser assim, construir coisas mirabolantes, tipo prédios com design maravilhosos, entendeu? Mas ter assim, se você vai fazer na casa, faça na casa, coloque uma cerâmica, coloque um tijolo certinho. Coloca árvore, que a natureza por si só ela já vem e já dá todo o encantamento.

Tony: Ali na entrada do vale a gente tentou fazer a campanha de arborização aqui na rua, seria a rua modelo. E depois a gente também tentou plantar, várias vezes a gente foi plantar lá na entrada do vale, na verdade ali. Tem algumas árvores lá que são a gente que plantou, a galera que plantou. Aí o Marley também, ele estava plantando lá com a galera. Então assim, cara, a gente sempre fez campanha social, porque não tem como você evoluir individualmente sem o meio social. E outra, tu mora no Vale do Amanhecer, tu vai e volta todo dia do plano. Porra, não seria legal você entrar no Vale com uma paisagem bonitinha?

Cleyton: Sim.

Tony: Porque a gente já tem o sentimento de voltar pra casa. Quando a gente voltou da viagem da Tailândia, quando a gente chega no Vale parece que tava chegando no paraíso.

Cleyton: Ah é? Sério?

Gill: Sim. E olhe que a gente tava na Tailândia. A Tailândia é... beautiful.

Tony: Quando a gente voltou pra cá, nossa, a sensação de saudade de doer. Quando você entra no Vale do Amanhecer, você fala "Cara, eu voltei pra casa, nossa senhora". Aquela coisa boa, saca? É bom! É bom voltar pra casa. Só que como você volta todo dia, você sente pouco. Mas quando você viaja e fica uma semana fora... Só que não seria legal entrar no vale na área das quadras, por exemplo, mas imagina aquela descida toda lotada de ipê, de flamboyant, lá de planaltina até aqui no vale. Porra, ficava pica. A galera não dá valor quando você tá lá em cima do balão e você olha pra baixo, parece a Suíça. A diferença é que a Suíça é limpa e jardinada, só isso. Mas a paisagem é uma paisagem suíça isso aqui. A galera não consegue ver isso.

Cleyton: Eu concordo. Às vezes eu fico um tempo fora do vale e quando eu volto acho terapêutico o caminho...

Gill: É a questão do sentimento, porque você tem família, tem filhos...

Tony: A gente fez muito, aí com o tempo eu fui parando porque eu fui me desmotivando porque é exatamente isso. A gente fez, sempre fez, campanha de arborização, doação de roupas. Tinha uma época, a gente foi lá em Planaltina, ali perto da garagem da Viplan, tinha uma galera que tava morando no meio do mato, velho.

Gill: Já tem que fazer outra, vai começar o frio.

Tony: A gente foi lá levar um monte de roupa, a gente levou três carros de roupa pra essa galera. Então assim, doação de sangue, então a gente sempre fez muito isso. Eu fazia muito mais, só que aí com o tempo eu fui desmotivando assim, porque... Sabe? Parece que tava enxugando gelo, cara. Eu pensei assim, não é q eu deixei de fazer. A gente ainda faz, a gente sempre fez os 30% aqui, entendeu? Então se todo mundo fizesse 30% do seu trabalho de 0800 para auxiliar as pessoas não tinha desigualdade social no mundo, pô! Não tinha. Se um advogado atende 30% dos clientes dele de graça, entendeu? Na padaria não dá nem pra mencionar isso, né? O cara vai não vai dar 30% da fabricação dele de graça, dificilmente. Não vai rolar. O mercado fazer isso? Não vai rolar. Não precisa ser 30. Cara, uma cesta básica. Se cada mercado adota uma família e dá uma cesta básica, é uma família menos que vai precisar do trabalho... ou seja, da assistência pública.

Gill: Resumindo, as pessoas aliviam muita consciência em relação a jogar sempre na parte governamental. A gente sabe que é osso, né? Que poderia ser melhor, é muita corrupção, é... Se a gente for falar que é... terrível né. Por que pra mudar esse sistema aí teria que abalar toda a estrutura. Começar do zero. Resetar. Então é você ir com o que você tem. Fazer o melhor com o que você tem. Então se é o local onde você mora, onde você reside, onde você está formando seus filhos, seus amigos e você trabalha por formação de personalidade, de cidadãos, igual a gente trabalha com criança, então você tem que fazer o seu melhor. Passando conhecimento, expandindo a mente desses seres e automaticamente você melhorando a sua cidade. Tanto esteticamente, visualmente e mentalmente, porque também não adianta você ir lá, no caso nós estamos falando de mudar a visão da cidade, de se tornar mais esteticamente visível. Não adianta também você ir lá, fazer uma estrutura, plantar uma árvore, e aí vem um monte de vândalos, pessoas que... Mente totalmente vazia. Não zela pela cidade, aí chuta. Chuta, estraga, joga lixo, joga saco de lixo, joga tudo, igual lá em cima, né? Tem um monte de lixo aí, não adianta. Então tem que ter um trabalho dentro da comunidade também para trabalhar a mente das pessoas que moram dentro da cidade, a conscientização.

T: Eu tenho certeza que qualquer criança que treina aqui ou qualquer adulto ou adolescente que treina aqui, sai daqui e não vai jogar o papel no chão. Porque tipo assim, não é que eu falei para não jogar o papel no chão. Mas a partir do momento que o cara entra numa escola de arte marcial, cara, o que deveria ser ético pra todo mundo na sociedade, que que é ética? É, ética é o que é certo. Não precisa discutir muito o que é ética, né? O cara sabe o que é certo e o que é errado, entendeu? Mas a partir do momento que o cara entra pra cá e é inserido nas aulas e continua treinando e evoluindo, automaticamente parece que ele se reconecta mais a essa ética, entendeu? O cara pensa "não vou mexer com as meninas. E se fosse uma menina que treinasse comigo?". Será que ia ser legal mexer com essa guria na rua? Ah é um gordinho: "vou zoar o gordinho? Nem conheço o moleque. E se fosse o gordinho que treinasse comigo?". A empatia que eles desenvolvem entre eles aqui dentro, acaba estendendo lá pra fora. Todo o comportamento ético aqui dentro acaba estendendo lá pra fora. É automático.

Gill: E isso é o que sempre no final da aula a gente conversa.

T: Tanto é que quanto mais o cara gradua, mais é exigida ali essa evolução do caráter do cara. Tanto é que tem que ter gente que se seguiu com a gente aqui durante 5, 7 anos.

Chegou um ponto, tchau. Por quê? Porque não dá mais. A partir do momento que eu tenho que sentar contigo e te dar um contrato pra você assinar, porque é os seus direitos e deveres. A partir do momento que a gente precisa sentar e ler os seus direitos e deveres, já tem alguma coisa errada. Entendeu? Dentro da arte marcial? Então aquele ali já é um ponto de ruptura.

C: Aí, antes da gente fechar, em vários pontos da conversa a gente falou de lugares específicos, vocês citaram, e aí uma parte da minha pesquisa que eu tenho que dar essa ênfase é sobre essa construção afetiva dos espaços também, que vocês citaram, lugares perigosos, alguns lugares que vocês acham bonitos, essa sensação de saudade de voltar pra casa, essa sensação de identidade mesmo. Eu tenho esses dois mapinhas do Vale do Amanhecer. E eu tenho esses marcadores aqui. Cada uma dessas cores representa um sentimento específico. Vocês vão escolher um lugar do Vale que vocês vão eleger com essas corzinhas.

T: Cada cor é para dizer um sentimento? Ou já está predito isso? Ou eu tenho que definir?

G: Já tá pré determinado, já. Mas é mais ou menos o próximo do que vocês estavam falando, que é lugar de arte, lugar de fotografia, lugar para não ir, lugar de sonhar, lugar que aprender e lugar de fé. E aí essas são as classificações.

T: Ah tá, tem a tabela aí. Lugar de aprender, lugar de sonhar, lugar de fotografar, lugar de arte, lugar de fé, lugar para não ir.

G: É igual eu estava conversando com o Tony, esses dias. A gente tem um aluno novo, né? Que ele começou com a gente, é sobrinho do Tony.

T: Mas para fechar bem assim, Cleyton. O conceito, para você tentar entender como é que a gente vê de verdade, sabe? Assim, para sintetizar tudo, né? Se você me perguntasse assim, o que é a TUFF? A TUFF aqui é a escola, porque como você está falando de ambientes, então ambiente, a TUFF é a escola. A TUFF é a personificação dos meus aprendizados, da minha jornada como ser humano. E nessa jornada tem toda essa amálgama junto com a amada, nossos filhos. E aí nossos sonhos se somaram e aí se transformou nessa personificação que é a TUFF. A TUFF é um lugar, a ideia da TUFF é ser um lugar aconchegante onde qualquer pessoa possa vir pra se sentir bem e evoluir. A ferramenta é a arte marcial. O nosso intuito é auxiliar as pessoas a se tornarem a sua melhor versão.

G: Porque assim, nós temos, hoje, enes pessoas que passaram por aqui que hoje estão em uma questão social boa, tanto financeira quanto psicológica. Porque... Evoluíram, né? Tivemos sucesso em auxiliar. Algumas não dá para ser citadas, até porque tem as questões deles, o trabalho e tal. Mas eu vou citar uma aqui que é o sobrinho do Thomas, o Igor. Nasceu aqui do Vale do Amanhecer, primeiro treino dele de jiu-jitsu foi com o tio, sempre fez aulas online com ele e ele está sempre por trás, auxiliando, ajudando, entendeu? Tanto na questão psicológica quanto da arte marcial e hoje ele conseguiu chegar nos Estados Unidos, tá com a academia e numa equipe muito bem conceituada dentro da arte marcial. Não que a nossa não seja. Onde eu quero chegar? A base. Se você tem uma base boa, bem feita, bem estruturada, você chega onde quiser. Então, o que eu estava falando com o amor, a gente tem que fazer um post, a gente tem que divulgar, quando ele abrir a academia dele. Ele conseguiu chegar nos Estados Unidos. Ah, não tá dando valor aonde

cresceu, onde ficou. Se você falasse hoje pra mim: “Gil, se fosse pra você ir pros Estados Unidos, você iria?” Eu iria. Sem sombra de dúvidas. Ah, mas aí é muito contraditório, porque você fala da questão do sentimento e tal, tal, tal. Mas eu sei que eu indo pro Estados Unidos, quantas pessoas eu não vou inspirar? Quantas pessoas eu não vou arrastar, entendeu? Eu comecei no Vale do Amanhecer. Eu plantei uma base boa, eu tenho vários braços aí.

T: Vale do Amanhecer tem muitos exemplos. Tem o Shed, tem o Toddy... Cara, aqui é um pólo de exportação, só que aí que está o x da questão. Eu não queria que fosse. Tá ligado? Eu queria que, tipo assim, apesar do nível internacional, apesar do nível do seu produto, seja qual ele for, internacional, que a base dessas pessoas fosse aqui. Porque atrai a mídia pra cá, atrai quem está interessado pra cá. Por exemplo, tem até um nosso que vem de sobradinho pra treinar. Entendeu? Teve o Weberson que veio de Belo Horizonte pra cá pra treinar.

G: Ele faz aula online, mas ele vem aqui...

T: Volta duas vezes no ano, três vezes no ano, ele vem aqui pra ter aula. Eu, o mestre, a gente não tem que ir lá na Tailândia, é do outro lado do mundo pra aprender mais? Porque o referencial está lá, entendeu? Mas apesar disso, tem muita gente que sabe do valor que tem. Tem o Sandro, tem eu aqui. E aí vem aqui, entendeu? Em relação ao muaythai, ao hapkido, ao krabikrabong, né? Assim... Cara, a gente já teve aqui no Vale, velho, aqui nessa escola aqui... Eu uso a periferia da periferia... Pra te lembrar, pra lembrar todo mundo que a periferia da periferia, a gente é foda.

Entrevista com a moradora Marilda Freitas

Realizada 19 de Março de 2024

Arquivo D4 – Tempo de Gravação: 26 Minutos

Moradora desde 1987. (36 anos)

Marilda: O vale ele não é uma religião, ele é um seguimento doutrinário, é, resumindo: uma doutrina. Uma doutrina filosófica.

É filosófica por quê? Porque abrange uma série de pensamentos, de pensamentos mesmo. Sobre a espiritualidade.

Então, assim, o vale era para ser só essa comunidade, só religião. E com o tempo foram chegando pessoas que não eram da doutrina, aí começaram cada um a fazer as suas casinhas, seus barraquinhos. Na época eram barracos de tábua, não é? A maioria fazia. E aí foi crescendo. Aí um montou um comerciozinho aqui, outro montou um comerciozinho ali. Antigamente o pão vinha pra gente aqui de Planaltina, pra você ter uma ideia.

Tinha uma frutaria.

Cleyton: E aí, só para a gente entender. Você pode falar seu nome e há quanto tempo você mora no Vale do Amanhecer?

Marilda: Posso. É Marilda de Freitas, eu já moro aqui há... eu vim para cá em 87, não, 88. Então contando dá quantos anos?

Cleyton: Dá 30 e tantos anos, quase 40 anos. 36 anos. E há 36 anos atrás, mais ou menos, era essa situação do pão, por exemplo?

Marilda: Era essa a situação do pão, tinha essa frutaria que a gente chamava de frutaria, que vendia verduras, frutas, algumas coisinhas básicas, né? É da cesta básica. E era só também. Então você tinha que aguardar num certo horário o pão vir de Planaltina. Hoje você vê, nós temos aí padarias, né? E boas por sinal. Tem essas duas aqui embaixo, lá para cima parece que tem também.

Não conheço muito a área do Pacheco, porque ele foi uma expansão. O Pacheco começou a crescer. Aí esse pessoal que veio para cá, como na doutrina não tem bebidas, eles, a maioria ficava constrangido, de ficar aqui embaixo, bebendo. Aí começaram a ir para lá fazer botequinhos, esse tipo de coisa. E, na verdade, para lá o comércio até começou a crescer melhor, devido a isso. Essa falta aqui, o pessoal mais comum de lá, mas a maioria já vinha sempre também passar nos trabalhos no Templo.

Mas então, o Vale (do Amanhecer) há 30 e tantos anos atrás? Aqui não tinha água encanada, tinha os reguinhos. Aí nos reguinhos, as pessoas colocavam mangueiras e levava até as casas. Aí teve chafariz, aquele chafariz com água potável pras pessoas

beberem. Tinha vez que a gente ia beber água e a água estava laranja, porque quando os riachos enchem... Não sei se você sabe disso, a nossa água nossa, ela é só nossa.

Cleyton: Só do Vale?

Marilda: Só do Vale. Ela vem dali de onde tem até uma cachoeirinha, porque tem muitas nascentes por ali, por aquelas bandas lá, não sei te explicar exatamente o local. Então a água, nossa, ela é considerada uma água mineral. Limpíssima, né? É, nós temos esse privilégio.

E aí assim, como eu ia te falar, faziam essas canaletas de mangueiras, umas mangueiras pretas mais grossas, que era a água que a gente usava quando estava ali, por que o que a gente fazia? Armazenava para poder cozinhar e essas coisas. Porque se desse uma chuvinha, a água ficava laranja. Mas ninguém... É o que que é a fé, né? Realmente naquela época ninguém nunca deu dengue aqui, já tinha começado o negócio de dengue, mas ninguém nunca deu dengue, malária, não deu nada. Porque, agora falando espiritualmente, a Tia Neiva falava que Mãe Iara, que é uma mentora dessa doutrina, o espírito mentor dessa doutrina, vinha todas as madrugadas e imantava a água.

Cleyton: Entendi, desses regos que vocês pegavam água, né?

Marilda: Era. E realmente ninguém tinha problema, ninguém dava diarreia assim e esse tipo de coisa.

Cleyton: Aham. E esses encanamentos que vocês faziam, eram as próprias pessoas que faziam ou era o Estado que mandava equipamento?

Marilda: Não, eram as próprias pessoas. E aí muitos, o que faziam? Desviavam a água, um do outro. Aí dava aquelas briguinhas entre a comunidade, né? Mas era muito divertido. A gente às vezes ia fazer trabalhos lá pra cima, e ali tinham mulheres lavando nos regos, lavando fralda cagada, com o perdão da palavra, né? Fralda suja. (Tinha) cavalo andando na água, bebendo... E a gente bebia essa água aqui embaixo. (risada)

Cleyton: Esses regos começavam então, tipo, no Pacheco e veio aqui para baixo ou?

Marilda: Não, é porque a gente fala “para baixo” porque, assim... Na época que eu estava aqui, que eu vim pra cá, isso aqui não existia não. Só existia essa rua ali que a gente fala até hoje, “rua do asfalto”, que é a rua dos ônibus, não é? Que hoje tem um pessoal tentando mudar, mas a gente falava “rua do asfalto”, que era a única que era asfaltada, que se não os ônibus não entravam aqui.

E dela pra cá, que vem ali essa de trás do “Menezes”, isso aqui eram só lagoas, mato e o rego onde passava essa água. Esse rego vinha e ia até na Estrela. E esse rego até hoje existe, que é o que leva água para a Estrela, para o lago da Estrela. Então era nesse Rego que as que o as canaletas iam descendo aqui para as casas aqui embaixo.

Que, na verdade, aqui não existia casa, era assim, às vezes um barraquinho bem sumido no meio mato. Pra você ter uma ideia, você escutava sapo à noite inteira, que lagoa dá sapo. Então era cheio, cheio, e eu morria de medo, que tinha tanto sapo, que de. É que tinha tanto sapo, você ia andar... Porque quando eu vim para cá ainda não tinha também esse asfalto da roupa principal, não. Era só terra e a maioria das casas era barraco.

Cleyton: E o que você acha fez mudar essa realidade? Porque, por exemplo, hoje a maioria das ruas pelo menos é asfaltada, tem muita casa, muita gente. Você acha que foi uma reivindicação das pessoas, o que você acha que foi?

Marilda: Sim, foi. Porque assim, quando Tia Neiva era viva, como tinha muitas pessoas que vinham aqui sei nem se eu posso falar isso... O presidente Figueiredo mesmo, ele era um que frequentava aqui, mas nas madrugadas. Ele vinha, passava nos Trabalhos. Tia Neiva abria trabalho só para ele, ele passava. E ele se ofereceu várias vezes para asfaltar, para arrumar aqui, não é? Aí ela não aceitava. Ela falava que a que a as ruas, a terra era de onde vinha a energia. Então ela não aceitava. E não era só ele não, pessoas ricas que entravam aqui... Tem atores que também não gostam de aparecer, mas que ofereciam para ajudar a dar uma melhorada na comunidade. Mas aí o tempo foi passando, o próprio pessoal foi sentindo vontade. Aí começou a ter um administrador que... é, não sei se eu posso dizer “administrador”, não lembro na época, como é que era o nome que eles davam.

Cleyton: Acho que era subadministrador, né?

Marilda: É, um negócio assim. Eles pegavam as reivindicações, anotavam... Aí começou a ter aqueles que... É que as ruas empossavam muita água, aí começou a passar patrulas pra limpar a rua, pra não se atolar. Porque nós andávamos muito com as indumentárias pelas ruas.

Cleyton: E as indumentárias já nessa época, elas já eram a mesma coisa das indumentárias de hoje em dia?

Marilda: Não, com tudo evolui. Os modelos eram até os mesmos, mas aí foi mudando os bordados, foi aperfeiçoando. Com o tempo foi aperfeiçoando. Por exemplo, se você usava só um “Lamê”, que é um pedaço de tecido todo brilhoso, antigamente se fazia um sol só com lamê, hoje não, hoje o sol já é bordado. É a mesma coisa? É. É o mesmo sentido? É. Mas evoluíram.

Como era aqui, antigamente. Aí o pessoal começou a querer posto de saúde, transportes, porque aqui tinha umas kombi. Você ia para o ponto (de ônibus) e ficava esperando a kombi encher para o cara fazer uma viagem para te levar pra Planaltina. Aí pra você ir pro Plano (Piloto), você pegava essa kombi, esperava ela encher, pegava ela, ia para Planaltina para pegar o ônibus para ir para o plano. Igual o meu irmão na época, morou aqui comigo e pegava essa kombi e ia para a Planaltina e de Planaltina pegava para o plano, Rodoviária, da Rodoviária do plano ele pegava pro Guará, que ele trabalhava no Guará. Então ou seja, ele pegava 6 conduções, indo e vindo, todos os dias.

Cleyton: E você acha que isso fazia vocês se sentirem mais distantes do plano? Ou a sensação de distância ainda é a mesma dessa época para hoje em dia?

Marilda: Não, a distância é a mesma, porém o transporte melhorou, né? Porque hoje você pega ônibus rapidinho aqui na parada, né? Você pega uma lotação... Aí começou aquelas vans, né? Começou as vans, o período das vans, e assim indo, foi melhorando, foi crescendo. Aí começou a ter mercados, mercados mesmo, com mais mercadorias. Porque pra você fazer uma compra decente, você tinha que ir em Planaltina, aí vinha o problema da condução, entendeu?

Cleyton: Mas, por exemplo, nessa época a sensação era que o Vale fazia parte de Brasília ou não?

Marilda: Assim, o Vale sempre fez parte de Brasília. Começando por tia Neiva, né? Que ela ajudou na construção de Brasília, ela era caminhoneira, aquela coisa toda, né? Então não tem como não ligar o Vale à Brasília.

Eu não sei se você ficou sabendo dessa história, mas teve uma época que eles queriam fazer uma barragem por aqui por causa dessas águas que tem aqui e que iam alagar o Vale, mas se não me engano, se foi ainda o Presidente Figueiredo, ele fez um documento impedindo. Ele não deixou, entendeu? Aí tiraram isso do foco deles lá em respeito à Tia Neiva, porque ele tinha muito respeito por ela.

Cleyton: E você acha que se o Vale, fosse alagado ele iria para algum outro lugar mais longe de Brasília ou mais perto do Plano?

Marilda: Mais longe, né, porque ele já tinha... Quando ele começou, começou em Taguatinga, né? Por ali. Então, já estava muito movimento e aquela coisa. Porque o Vale já era previsto que ele ia virar as comunidades, né? Uma comunidade maior, porque começou com a Tia morando com os filhos dela. Mas aí os mestres que iam vindo para cá, aposentados, aí foi se irradiando aqui e foi crescendo esse negócio. Foi assim que começou a crescer aqui. Aí depois pessoas que vinham passar nos Trabalhos, só passar, às vezes, e que até hoje existem, moram aqui, mas que nunca quiseram pertencer à Doutrina, mas que até hoje passam dos Trabalhos. Aí gostavam do lugar e foram ficando, e hoje formou essa comunidade até grande, né?

Cleyton: O que você acha que faz essas pessoas que não fazem parte da doutrina gostarem de morar no Vale?

Marilda: Aí já é uma parte mais profunda, a gente costuma falar que espiritualmente falando, eles têm realmente que ficar aqui, porque eles precisam dessas energias para a vida deles em algum momento. A gente costumava dizer que tem Jaguares que não usam uniforme, mas que são Jaguares também, que faz parte também dessa... A gente costuma chamar nós Jaguares aqui de tribo. Nós somos uma tribo, uma tribo espiritual, que ficou 100 anos numa colônia espiritual, sendo doutrinados para poder reencarnar na Terra. Então é um grupo. Existem grupos espirituais. São vários grupos espalhados por aí, não é só nós. Não quer dizer que a gente seja um “grupo seletivo”, não. A gente é um grupo diferente.

Cleyton: Você fala que tem essa coluna sendo preparada, e aí, você acha que esse lugar que foi escolhido para ser o Vale do Amanhecer, é o lugar ideal ou é uma coisa espiritual, como que é isso?

Marilda: Sim, porque foi escolhido pela espiritualidade, através da mediunidade da Tia Neiva. Inclusive, quando fizeram a Estrela, ela (a Tia Neiva) foi desenhando ela (a Estrela) com uma varetinha, com um espírito falando para ela: “é assim, é assado” aí ela ia riscando, fazendo a Estrela, conforme ele ia soprando no ouvido dela, porque a Tia era clarividente, tanto ela via o espírito como ela saía do corpo, ela ia onde ela quisesse.

Cleyton: Então é como se fosse um projeto arquitetônico de um espírito?

Marilda: É um projeto arquitetônico. Se você já entrou no Templo, você já reparou as cores, as colunas? Tudo ali tem um significado. Só que Tia Neiva era semianalfabeta. Ela casou com o seu Mário, que era inteligência para poder passar um pouco do que ela passava para ele, que ele deixou escrito em livros, né? Mas tinha coisas que não deu tempo, são tantas coisas... que cada cor daquela ali você olha assim e fala assim: “meu Deus, palhaçada, né?” Tem gente que pensa. “É muita cor”, muita... né? Mas cada cor daquela ali, tem um significado. Tudo o que você vê ali no Templo tem um significado, a Tia só foi o instrumento de falar: É assim. Até aqueles bancos. “Você vai colocar esse banco aqui” aí ela falava. Cada lugarzinho. Cada coisa em seu lugar. Você já viu ali como que vem o segmento das Cassandras, dos Castelos mesmo do Templo, os Castelos do Cristo, da imagem do Pai Seta Branca. Até a forma de entrar, porque nós temos a forma de entrar: você entra pela esquerda, você dá a volta, dá um giro. Porque ali você já vai deixando as energias que você tá carregando para serem manipuladas.

Cleyton: Você veio para o Vale, você sente que foi por conta da religião e você ficou por conta da religião ou tem algum outro motivo?

Marilda: É aí onde entra o Karma. Alguém que sabe alguma coisa, um pouquinho de Karma, vai entender. Quando eu entrei eu me encantei. Primeiro eu me encantei que eu falei com uma entidade, a coisa mais linda a mensagem que ela me deu. Muito linda. Aí a primeira coisa que falaram é que não podia beber. Eu já fiquei meio triste assim ainda, enrolei mais ou menos um ano.

Cleyton: Você tinha quantos anos?

Marilda: Eu tinha 20 anos.

Cleyton: E você veio de onde?

Marilda: João Pinheiro, Minas Gerais.

Marilda: Aí passei e tudo, aí enrolei um ano, um ano e pouco mais ou menos,. Falei: não, tem que parar de beber, eu vou parar de fazer minhas farras, tal, né? A idade, né? Aí quando foi um dia, eu decidi, fui passar de novo, fiquei encantada de novo. Aí comecei a desenvolver mediunicamente lá. Aí achei muito pouco as explicações, não satisfaziam minha curiosidade. Aí vim parar aqui para fazer certos cursos que lá não tinha, da doutrina. E com esse negócio desses cursos, eu fui ficando. Uma vez eu falei assim: não aguento ficar para lá e para cá, não. Teve um curso mesmo que eram 15 aulas que a gente fazia de 7 em 7 dias, então ficava muito cansativo, eu trabalhava, e tudo. Aí eu pedi demissão e vim. Falei, vou procurar emprego aqui em Brasília. Aí não conseguia quando eu encontrava o emprego, ou me dava uma enxaqueca que faltava morrer. E ainda aquela dificuldade dos ônibus, como eu te falei, do transporte, aí eu chegava morta, não queria mais nada. Eu sei que nessa brincadeira eu fiz um bocado de entrevista, de emprego, cheguei a fazer um estágio, mas nada deu certo. Até que um dia A Entidade falou assim: você não pode sair desse meio aqui. Você tem que ficar nesse meio. Não teima. Eu teimei ainda, teimei mas não deu certo. O negócio não dava certo de todo jeito que eu mexia, aí foi até que eu desisti e aqui formei minha vida. Casei, tive meus filhos, estudei meus filhos nos colégios daqui. Ah, aí só tinha uma escola e construíram o outro colégio. E aí que pessoal (antes) tinha que acabar de de terminar o segundo grau, que é o ensino médio, lá em Planaltina, na mesma dificuldade, porque tinha que pegar a lotação,

depois melhorou um pouquinho e veio os ônibus. Mas os meninos, graças a Deus quando começaram a ficar grandinhos já tinham o colégio do ensino médio, eles fizeram também. Aí começou a luta pela UnB, né? De ir para a UnB, que o Gabriel até desistiu. (risadas).

Cleyton: Você acha que o fato de ser muito longe, muito cansativo, foi um fator para ele desistir?

Marilda: Foi, mas para mim o fato maior foi porque eu não gosta mesmo de estudar. Porque quando gosta, conheci muitos aqui que fizeram já até 2 faculdades na mesma dificuldade, pegando ônibus, vindo.

Cleyton: Como que você vê hoje, você acha que tem tudo no Vale que você precisa? Como que é o acesso a essas coisas, como por exemplo comprar coisas pra ir pra alguma festa. Você acha que é difícil hoje em dia ou você acha que é tranquilo?

Marilda: Eu acho que inclusive em Planaltina, né? Tem muitas lojas e tudo. Mas mesmo assim, o pessoal de Planaltina vai ao Plano para ir em um shopping, porque nós aqui não temos um shopping em Planaltina, um shopping mesmo. Começaram com um mas não deu muito certo. Tem também o de Sobradinho mas também é muito pequeno. Assim, o básico tem, dá para uma pessoa conviver aqui, bem, com as lojas que tem aqui, com os mercados que tem, mas a maioria ainda busca lá fora, principalmente questão de preço porque a concorrência lá fora é maior e aí acaba que nos mercados aqui as coisas se tornam mais caras. Mas eu acho que o que já tem aqui já está bom. Temos uma UPA, temos colégio de ensino médio. É lógico que aqui não vai ter uma faculdade. Planaltina tem faculdade?

Cleyton: Tem algumas, a FUP, aquela perto da rodoviária também.

Marilda: Ah, tem a UnB agora mesmo Pra você ver, agora que está havendo faculdades para Planaltina, então pra nós... Aqui como é um bairro de Planaltina, então não vão por uma faculdade aqui. Acredito que não. Porque Planaltina não tá tão longe daqui. Mas sim, os comércio que já tem aqui, andando ali para cima, eu já vi, tem lojinhas. Nós temos até lotérica. Temos um caixa eletrônico. Eu ouvi falar até que ia até colocar outro, mas quietaram. Mas eu ouvi falar que ia colocar outro caixa eletrônico porque aquele lá em baixo estava se sobrecarregando demais.

Cleyton: Você falou que O Vale tem várias cores. Se você pudesse definir o Vale do Amanhecer em uma cor, qual que você imagina?

Marilda: Aí é difícil, porque, como eu te falei, como ele tem várias cores. Aliás, tudo no Vale é chamativo. As indumentárias em algumas pessoas causam medo. O povo imagina a gente como bruxos, mas não somos bruxos. Somos transmutadores de energias. Nós trabalhamos aqui com energias, puramente energias. Você vê que aqui você não faz um “trabalho” de botar uma vela para queimar, não. Nós não temos isso, nós só trabalhamos com as energias.

Cleyton: Você já sentiu ou presenciou algum comentário, alguém falando sobre o Vale ou sobre você, assim, nesse sentido? Do Vale ser um lugar de bruxaria?

Marilda: A gente sempre ouve sempre. Sempre tem alguém maldoso. Uma vez mesmo eu conversando com uma amiga do meu irmão e a gente conversando, não sei, a gente

estava no maior papo, sabe? Aí ela falou assim: vai lá em casa, acabei de construir, não sei o quê. Aí eu falei: aí que bom, vou sim, vai lá na minha também. Aí ela falou: você mora aonde? E eu falei: no Vale do Amanhecer. E ela falou assim: lá na macumba? E eu falei, não, lá não é macumba. Mas agora eu não vou te explicar o que é. Agora você tem que ir lá para você conhecer, aí você vai falar com o conhecimento de causa. Então esse foi um dos episódios assim, mais, né? Presentes, mas já vi muitos. E já tem outros que têm maior admiração. Outro dia estava numa loja em Planaltina, aí o cara chegou e falou assim: eu te conheço! “Me conhece?” Te conheço, lá do “barra zero barra, barra, barra em Cristo Jesus”. (risadas). “Lá do Obatalá”. “Ah, tá, então você já me viu lá”. Tem uns que falam assim e também os que falam bem. E eu não tenho vergonha de falar que moro aqui não, porque eu não mexo com bruxaria, não sou bruxa. Nem feiticeira e nem macumbeira. Eu só trabalho aqui com as energias mesmo.

Cleyton: Acho que é isso, sana bastante das minhas perguntas.

Entrevista com a moradora Ana Lúcia da Silva

Realizada 25 de Março de 2024

Arquivo D2 – Tempo de Gravação: 18 Minutos

Moradora desde 1991. (33 anos)

Cleyton: Queria que você começasse falando, como é que é o seu nome todo, a sua idade, se você quiser falar, e há quanto tempo você mora no Vale?

Ana Lúcia: Eu vim para cá, não tinha o Rogério, ele está com 30, então tem 32 anos. Meu nome é Ana Lúcia Miranda da Silva, eu tenho 52 anos. Moro aqui há 32 anos.

Cleyton: E quando você veio pra cá você era bem jovem né?

Ana Lúcia: 21 anos? Acho que sim. 21 anos? Acho que sim.

Cleyton: E o que fez você vir para cá, para o Vale?

Ana Lúcia: Eu morava aqui em Planaltina mesmo, no jardim Roriz. No local que eu morava, teve uma chuva muito forte, sofri uma enchente, e aí eu vim às pressas para cá, para morar na casa da minha sogra, que era o espaço que eu tinha na época.

Cleyton: E aí sua sogra já morava aqui há muito tempo?

Ana Lúcia: Ela já morava aqui já há mais de 10 anos, eu acho. E aí a casa dela estava desocupada, que ela estava morando em Planaltina, e aí a casa dela estava desocupada e eu vim para a casa dela porque eu não tinha para onde ir, porque eu saí às pressas, por causa da enchente.

Cleyton: E aí quando você chegou aqui, você sente que você foi bem recebida? Como que foi a sua experiência?

Ana Lúcia: Sim, para mim foi normal, porque eu não morava aqui, mas eu já vinha sempre aqui, porque ela morava aqui, e por causa da religião também, que eu faço parte, então eu já tinha o costume de estar aqui. Para mim foi normal.

Cleyton: Então antes de você chegar aqui, você já era da religião?

Ana Lúcia: Já, já frequentava a religião.

Cleyton: E quando mais ou menos você começou a frequentar a religião?

Ana Lúcia: Eu estou com 52, eu estava com 13 anos, quando eu fui... Para participar da doutrina, mas eu já conhecia já desde uns 10 anos, mais ou menos.

Cleyton: Caramba, então quando você começou a frequentar, a Tia Neiva ainda era viva, não é?

Ana Lúcia: Era viva. Eu não conheci, mas ela era viva. Eu vim aqui, eu sei que ela era viva, mas nunca eu cheguei a conhecer, não. Não tinha vontade de conhecer, eu tinha medo de conhecê-la.

Cleyton: Não tinha não? Por que não?

Ana Lúcia: Eu era criança, e para mim aquilo era tudo muito estranho, aquelas roupas coloridas, o jeito que falava que ela era vidente, aí eu tinha medo. Como criança, eu não tinha uma ideia do que era, não sabia realmente o que era, aí eu tinha medo. Então, eu nunca tive vontade de conhecê-la.

Cleyton: E você começou a participar da doutrina por quê? Foi seus pais que falaram?

Ana Lúcia: Minha mãe conheceu a doutrina há muitos anos, ainda quando os meus avós ainda eram vivos, eu não conheci meus avós, porque ainda era nascida. E aí minha mãe já conhecia por causa dos meus avós. E aí, em 1982, minha mãe ingressou na doutrina, e como nós éramos crianças e ela vinha para participar, então ela trazia a gente. Nós ficávamos com as crianças em Pajé, e ela participava nos trabalhos espirituais. E daí eu vi e gostei, aí com 13 anos eu ingressei também na doutrina.

Cleyton: Então foi uma coisa que você gostou e você...

Ana Lúcia: Eu gostei. Não fui convidada, eu gostei, e aí ingressei na doutrina e fiquei até hoje.

Cleyton: Aí você fala do Pajé, o que é esse Pajé? Só pra eu entender, como é que é esse Pajé?

Ana Lúcia: É, tipo assim, os pais estão trabalhando na doutrina, nos trabalhos espirituais, então as crianças têm um local que é só para a criança. Aí ficam os adultos cuidando das crianças, ensinando também a doutrina.

Cleyton: Entendi.

Ana Lúcia: Aí, só criança, aí é chamado de Pajé.

Cleyton: Você sentia como se fosse uma...

Ana Lúcia: Uma escolinha

Cleyton: Uma escolinha tipo uma catequese?

Ana Lúcia: É, isso.

Cleyton: Entendi.

Ana Lúcia: Mais ou menos isso

Cleyton: E aí, nessa época, já, como é que funcionava o Pajé? Era espaço separado do Templo, era dentro do Templo, como é que era?

Ana Lúcia: Tem um espaço, um espaço separado só para criança, não dentro do Templo, fora do Templo. Que as crianças ficavam ali e tinha adulto que ficava uma espécie de professor ensinando sobre religião, fazendo brincadeiras para as crianças aprenderem e ao mesmo tempo passar o tempo.

Cleyton: E você lembra, nessa idade, quando você veio para cá, você lembra como é que era a cidade? Existia uma cidade, era só como um... como é que funcionava isso?

Ana Lúcia: Não, já funcionava como uma cidade mesmo. Tinha as ruas, moradores, os comércios, outras religiões também.

Cleyton: Já nessa época, já tinha outras religiões?

Ana Lúcia: Quando eu vim, sim.

Cleyton: Entendi. E quando você veio, foi que ano, mais ou menos?

Ana Lúcia: Quando eu vim, porque eu comecei ingressando na doutrina, não foi exatamente aqui dentro do Templo Amanhecer, foi Templos externos, que tem Templos externos. Eu participei então de externos e vinha para cá em determinados acontecimentos. Para quem não é da doutrina, não entende muito bem.

Cleyton: Não, mas se quiser explicar, pode falar.

Ana Lúcia: Em determinadas ocasiões, alguns trabalhos que lá no externo não tinha, então vinha para cá participar de trabalhos.

Cleyton: Você fala tipo trabalho espiritual?

Ana Lúcia: Trabalho espiritual, isso. Aí eu vinha e participava aqui, nesse trabalho espiritual. Retiro, Bença do Pai, o 1º de Maio.

Cleyton: Entendi. E aí, como é que era, você ia nos Templos externos, quando você chegava aqui, você sentia muita diferença desses Templos para o Templo daqui?

Ana Lúcia: Eu senti, porque como eu era... Não tinha muito conhecimento, que aqui é muito grande, nem todo mundo se conhece. Então eu senti meio peixe fora d'água.

Cleyton: Meio peixe fora da água? E em algum momento mudou essa sensação quando você veio morar aqui?

Ana Lúcia: Mudou, mudou. Porque depois que eu comecei a morar aqui, eu comecei a conhecer as pessoas, fiquei mais próxima das pessoas que moram aqui, fiquei mais intimidade, aí ficou, fiquei em casa, me senti em casa.

Cleyton: Você se sentiu em casa, lá. E aí foi mais ou menos tempo, quanto tempo depois que você veio morar aqui?

Ana Lúcia: Eu vim morar aqui, em mil novecentos... Eu não lembro.

Cleyton: Mas foi, tipo, demorou muito ou você se sentiu demorar pouco?

Ana Lúcia: O Rogério veio nascer em 93, então eu vim para cá em, acho que 90. 1990.

Cleyton: E aí, o que você acha que fez você se sentir mais assim? Foi o senso de comunidade? As pessoas que fizeram você se sentir assim ou foi mais por conta da religião?

Ana Lúcia: Acho que foram as duas coisas. Tanto pela religião, que eu comecei a participar mais ainda, aí comecei a conhecer mais pessoas e fiquei o tempo do que aí eu passei a me sentir melhor. E gostei, e gosto.

Cleyton: E nessa época, você fala na década de 90 mais ou menos, pouco antes do Rogério chegar. É isso?

Ana Lúcia: Foi. 11 meses.

E aí a 90 demorou um pouco para chegar a casa lá, ou na época que você já estava, já tinha casa, tudo?

Ana Lúcia: Quando eu fui, tinha poucas casas. Já tinha algumas casas.

Cleyton: E como é que era essa diferença do Vale aqui para baixo para o Vale da 90?

Ana Lúcia: Na época que eu morei lá, a diferença é que na 90 tinha menos pessoas do Templo, da Doutrina. E aqui, próximo ao Templo, tinha mais pessoas que moravam, que eram da Doutrina. Então, essa era a diferença, que lá na 90 tinha menos pessoas da doutrina. Mas mesmo assim, não tinha diferença entre os vizinhos, como é que é? Nos que eram da religião e os que não eram, não tinham diferença, se tratavam diferente. Com indiferença, sabe? Todo mundo se respeitava, se aceitava. Isso, se aceitava.

Cleyton: Você já sofreu algum tipo de comentário negativo por você ser da doutrina, alguma coisa do tipo?

Ana Lúcia: Não, até hoje não.

Cleyton: Nem quando você está em outros lugares, fora do Vale?

Ana Lúcia: Não, porque eu não costumo falar quando estou fora, só se eu conhecer alguém, entrar e... Vier o assunto assim, mas se eu conhecer alguém que seja da doutrina, tudo bem, conversa, mas eu não eu não costumo falar da onde eu sou.

Cleyton: Mas você não costuma falar por medo ou de sofrer alguma represália ou só porque você não tem o costume?

Ana Lúcia: É, porque eu não tenho o mesmo costume de falar da onde eu sou.

Cleyton: Entendi, bacana. E O Rogério falou desses Abatares, desse tipo de trabalho. Abata?

Ana Lúcia: Abata.

Cleyton: Abata, perdão. E aí tem outros tipos de trabalho que vocês fazem que não acontecem no Templo, assim...

Ana Lúcia: Dentro do Templo?

Cleyton: Que acontecem pela cidade...

Ana Lúcia: Da Estrela, trabalho de Estrela...

Ana Lúcia: Não dentro do Templo.

Cleyton: Quando você chegou aqui no Vale, esses tipos de trabalho, eles já aconteciam?

Ana Lúcia: Já.

Cleyton: E como que você sente que eles acontecem? Porque, por exemplo, o Abatá aparentemente, ele não acontece mais, não é?

Ana Lúcia: Acontece. Só que... Só mudou o jeito de... Porque antes era nas ruas, nas encruzilhadas, em várias ruas. Agora é um único lugar fora do Templo, mas em único lugar, mas acontece.

Cleyton: Acontece ainda, né? Esses outros tipos de de trabalho, você sente que eles diminuiram a frequência, assim? Ou ainda é a mesma coisa, você sente que esses trabalhos acontecem na mesma frequência?

Ana Lúcia: Não, alguns diminuiram. Esse que é uma emantração, que a gente sai, tipo em corte, nas ruas emantrando, esse já não acontece, é raramente, acho.

Rogério: Eu não sei, eu nunca mais vi e eu também não consigo...

Ana Lúcia: É, está afastado, não acontece mais não.

Cleyton: Você sabe o motivo deles acontecerem menos?

Ana Lúcia: Não. Não, não sei.

Cleyton: Entendi. E aí, para você, o que mudou? Desde a época que você chegou, você chegou aqui tem mais de 30 anos. Desse tempo que você chegou até hoje, você sente que o Vale ainda é a mesma cidade ou você sente que o Vale tem virado um bairro, uma cidade diferente?

Ana Lúcia: Eu acho que mudou bastante, porque muitas pessoas que eram da doutrina saíram foram para outras religiões. Muitos trabalhos, algumas pessoas deixam de praticar, de frequentar. Eu acho que mudou muita coisa.

Cleyton: E você costuma sair muito do Vale, sempre a outros lugares?

Ana Lúcia: Não.

Cleyton: Não, não é? Não. E quando você vai nessas raras vezes, você sente que o Vale é lugar muito diferente desses outros lugares ou você acha que o Vale é parecido com todos os outros lugares?

Ana Lúcia: Eu acho que é parecido com outros lugares.

Cleyton: Você não sente muita diferença?

Ana Lúcia: Não, não sinto muita diferença, não.

Cleyton: Se você pudesse mudar alguma coisa no Vale do Amanhecer, o que você mudaria?

Ana Lúcia: Muita coisa.

Cleyton: Muita coisa? Pode falar.

Ana Lúcia: Na religião, nada. E na cidade, sim, tem muita coisa, falta muita coisa que transporte, escola, áreas de lazer, mais comércio.

Cleyton: Você sente falta de área de lazer, o que você acha que... Qual seria uma área de lazer que você acha que seria interessante que o Vale tivesse?

Ana Lúcia: Acho que deveria ter mais áreas de lazer que trouxesse mais esporte para as crianças, para os adultos, diversão também.

Cleyton: Acho que falta tudo. Entendi. E você falou que falta comércio, você...

Ana Lúcia: Também, comércio.

Cleyton: Você já deixou de comprar alguma coisa ou faltou alguma coisa que você comprasse, no Vale?

Ana Lúcia: Sim, eu acho muito lojas de roupa, até comércio mesmo de alimentos, supermercado, banco, falta muito. Comércio em geral.

Cleyton: Você costuma visitar o Plano [Piloto]?

Ana Lúcia: Raramente.

Cleyton: Raramente. E você sente que o Vale, ele se parece com o Plano ou que não tem nada a ver com o Plano?

Ana Lúcia: Nada a ver.

Cleyton: Nada a ver, né. O que faz você ter essa sensação?

Ana Lúcia: Porque aqui, como eu falei, falta na escola, é área de lazer, área de diversão, e no plano tem essas coisas, e aqui não tem. Para a gente deslocar daqui para aproveitar essas coisas, fica muito difícil.

Cleyton: E o que você acha que o Vale tem, que o plano O que o plano piloto não tem? Pode ser qualquer coisa que você pensar.

Ana Lúcia: Que o Vale não tem...

Cleyton: Que o Vale tem, que o plano piloto não tem, por exemplo, ou Planaltina...

Ana Lúcia: Agora a minha cabeça não vem nada... Essa eu vou ficar devendo.

Cleyton: E antes da gente ir para a última etapa, eu queria fazer uma pergunta para você. Qual cor que você imagina que seja o Vale do Amanhecer?

Ana Lúcia: Não sei porquê, mas azul. Acho que porque me lembra o céu.

Cleyton: Você acha que você consegue ver mais o céu quando você está aqui?

Ana Lúcia: É.

Cleyton: Entendi. E aí...

Ana Lúcia: O azul para mim é a alegria, eu acho, para mim, a religião, para mim é a alegria. Então, eu acho que o azul representa.

Cleyton: Ah, bacana. Gostei.

Entrevista com a moradora Yara Ravacci

Arquivo D6 – Tempo de Gravação: 25 Minutos

Entrevista realizada em 24 de Outubro de 2023

26 anos

Moradora desde 1998 (24 anos)

Cleyton: Queria primeiro saber seu nome e a sua idade.

Yara: Yara Ravacci Cabral, 26 anos.

Cleyton: Há quanto tempo você mora no Vale do Amanhecer?

Yara: 24 anos.

Cleyton: Você foi para o Vale do Amanhecer então quando você tinha 2 anos de idade?

Yara: Isso.

Cleyton: Por algum motivo, assim, seus pais foram por conta da religião, alguma coisa do tipo?

Yara: Eu nasci em São Paulo, minha mãe é Paulista e meus pais se conheceram em São Paulo, mas a família do meu pai, meu avô mesmo, morava no Vale já, um dos primeiros moradores do Vale. Aí a gente veio para cá.

Cleyton: Seu avô, ele foi dessas pessoas que ajudaram a construir a religião, tem alguma coisa desse sentido?

Yara: Não, eu não sei nem como que ele veio parar no Vale.

Cleyton: Quando você chegou para o Vale, das suas primeiras experiências com o lugar, você lembra de alguma coisa?

Yara: Em que sentido?

Cleyton: Você morou em outro lugar antes, né, que é São Paulo, no caso. Você lembra de existir um contraste ou você não tem essa memória?

Yara: Eu tenho das visitas que faziam na família. Eu tenho a parte da família materna toda em São Paulo. E do Vale até com os com os outros locais também. Tem uma diferença muito grande eu perceber, principalmente na questão da convivência com as diferentes religiões. No Vale pra gente é mais natural, né? Nos outros locais você vê que tem meio que um estigma entre outras religiões, não se fala tanto. No Vale pra gente sempre foi muito natural.

Cleyton: Você é da religião do Vale do Amanhecer

Yara: Não, não tenho uma religião praticante.

Cleyton: E seus pais são do Vale ou eles são de alguma outra religião?

Yara : Meu pai é. Minha mãe é espírita, não praticante. Meu irmão também é do Vale, da Doutrina.

Cleyton: Você acha que existe um gentílico para quem é do Vale do Amanhecer, para quem é morador, tipo planaltinense, brasiliense, tem alguma coisa do Vale, você sente?

Yara: Se tem alguma coisa diferente?

Cleyton: É, de gentílico. Tipo Vale-do-amanhecense, Valence, tem alguma coisa nesse sentido?

Yara: Você fala de cultura, de hábitos, algo do tipo?

Cleyton: Não, de gentílico, mesmo. Assim, tipo de quem mora no Vale é o quê?

Yara: Ah, não. Na verdade, assim, por lá fora, né? Nós somos os macumbeiros, na palavra mais grosseira assim, né? Geralmente são os que eu percebo principalmente quando falam de onde mora, já vem toda aquela coisa, né?

Cleyton: Então, mesmo que você não seja da religião, você sente que existe uma experiência de intolerância religiosa para quem mora lá?

Yara : Sim.

Cleyton: Se você pudesse inventar um gentílico para quem mora no Vale, como que seria?

Yara: Não sei, eu realmente não faço ideia de como pensar nisso. Nunca parei por pensar. Mas acho que não tem nem como, né? Assim, a própria palavra, não sei.

Cleyton: Aham, é um pouco difícil, né? O Vale do Amanhecer tem vários lugares, inclusive ele é meio diferente em vários pontos. Tem lugares no Vale que você se sente mais você mesma? Pontos que você gosta de frequentar...?

Yara: Eu acho que o Vale em si, ele é muito acolhedor. Eu acho que a gente lembra muito aquela questão das cidades mais do interior, que a gente não vê já tanto em Brasília. Então aquela coisa mais família, você conhece todo mundo. Se você não conhece o vizinho, você conhece o pai, você conhece o irmão. Se você não conhece aquela pessoa, você vai conhecer algum familiar, então acho que a gente cresceu mesmo com essa proximidade entre as pessoas ali em volta. Mas eu acho que de lugar lá eu me sinto mais à vontade na parte mais da periferia, né? Da 71 pra cima lá. Agora, lá pra volta do Templo, acho que... Eu fico brincando, né? É a parte que tem uma condição financeira melhor, então a gente não tem tanta interação. Agora, passou da 71 é mais a praia de todo mundo.

Cleyton: E tem espaços na 71, de convivência, algum lugar que você gosta de ir para encontrar as pessoas?

Yara: Não. No momento assim, eu não estou tendo tempo. Quando tinha, quando tinha tempo, né? A gente ia muito nos espaços, nas ONGs que a gente tinha. Não sei nem se está funcionando agora. Mas quando tinha, mais nova, era muito nas ONGs que abriam. Aí ia transitando, da onde elas se mudavam a gente mudava junto com elas.

Cleyton: É parte da minha pesquisa entender como que é a experiência das pessoas nesses dois diferentes espaços. Você trabalha no Plano Piloto, você passa a maior parte do seu tempo no Plano Piloto, como que é?

Yara: Sim, 90% da minha vida. Eu fico de... eu saio de casa cinco e meia da manhã, cinco e vinte mais ou menos e chego só às oito dez horas da noite, dependendo do dia. No momento, eu estou dormindo em casa.

Cleyton: É, não é? É tipo aquele lance de ser uma cidade dormitório, né?

Yara: Sim, pra mim acabou se tornando. Até porque é muito distante. Um problema sim do Vale é a questão da distância dos outros locais.

Cleyton: Você acha que existe uma diferença, por exemplo, de espaços de convivência do Vale do Amanhecer para os do Plano Piloto?

Yara: Ah, com certeza. Eu acho que também tem muito no quesito de segurança. No Vale a gente tem alguns espaços, mas essa questão da segurança não é tão bem trabalhada. No Plano Piloto, são muitos, né? Então tem opções diferentes para você ir, e aí, por ser um local central, tem essa questão da segurança mais... até por conta da imagem, aquela coisa toda da capital federal e já no Vale a gente não tem muito isso, a gente meio que fica de lado. Mas ainda tem, pouco mas tem.

Cleyton: Quais elementos que existem no Plano Piloto que fazem você se sentir segura que poderia ter nesses espaços de convivência no Vale do Amanhecer?

Yara: Eu acho que a própria proximidade mesmo, não de polícia em si, mas desses espaços de ter monitoramento, de ser mais centralizado, não ser aquela coisa tão distante. Então acho que locais mais estratégicos.

Cleyton: Tu acha que existe algum lugar assim? Você falou da 71 para cima que você sente que é mais massa de encontrar outras pessoas, né? Tipo assim, existem lugares que você poderia nomear que você acha que seriam interessantes pra ser esses espaços de convivência?

Yara: Nossa, não sei. Nunca pensei em nenhum nome assim específico. Pra centro assim de convivência. Ou algum centro cultural. Antigamente dava certo, não é? A gente tinha a ONG Ação Esperança lá no Vale, quando éramos mais novos assim. E era um ambiente assim, de total interação. Para todo mundo. Tinha capoeira, dança do ventre, kung Fu, leitura, sarau.

Cleyton: Tem alguma dessas atividades que você praticava mais e que você acha interessante?

Yara: Dança do ventre, né? Cresci na dança do ventre pelas ONGs do Vale.

Cleyton: Ainda existe, você ainda faz?

Yara: Não, nas ONGs, não tem mais nenhuma no Vale que que tenha. E hoje eu faço aqui pelo Plano no fim de semana quando dá.

Cleyton: Ah, entendi. Então é uma atividade que você fazia, que é parte do que você é. Você sente assim? Tipo que você internalizou para você?

Yara: Sim. Sim, fez uma diferença muito grande, porque por a gente não ter tanta opção assim no Vale, quando a gente era mais nova, era o que tinha de opção. Então eram os espaços de... não sei como é que dá pra dizer. De interação mesmo, de distração.

Cleyton: De prática cultural, né?

Yara: Aham, de tudo. Então a própria interação... a gente tem vídeos de crianças interagindo, a gente com o pessoal da capoeira, o pessoal da leitura, o pessoal da poesia, da pintura. A gente fez muita coisa de crochê e de coisas que a gente não vê hoje, pelo menos eu não vejo hoje isso acontecendo.

Cleyton: Tu falou que existe um estigma e também existe também uma certa tolerância no Vale. E aí tu falou que, por exemplo, faz dança do ventre no Plano Piloto. Você acha que tipo O Vale do Amanhecer e o Plano Piloto são muito diferentes, muito parecidos, ou eles têm diferenças e coisas parecidas?

Yara: Eu acho que são muito diferentes. É totalmente diferente. Se eu parar para pensar, por exemplo, até quando eu comecei a trabalhar... Na própria faculdade ensino, eu já tinha um sério problema em dizer onde eu moro. Então é meio que uma coisa assim, nem todo lugar a gente fala da onde a gente mora, por conta da própria questão das pessoas mesmo. Pra emprego eu tive que mudar o nome da onde eu moro, que aí eu comecei a ser chamado para entrevista. Então assim, eu passei um mês mais ou menos, aí eu colocava na inocência, porque para mim, enfim, é natural. Aí depois eu comecei a perceber que tinha alguma coisa muito errada, aí eu falei: vou fazer um teste, e troquei o endereço. Não deu outra, não deu 3 dias, já tinha sido chamada para uma entrevista. Então é muito relacionado a essa questão do nome. Isso pessoas até que estudam, pessoas que se dizem ter mais cultura e tudo, já fizeram perguntas absurdas assim. Você fala: meu Deus, o que é que vocês acham? Você acha que é um universo à parte.

Cleyton: Qual pergunta que se lembra que foi mais...?

Yara: A das lanças, do para que que se usava aquelas lanças, se colocava aquela lança em alguém? Então é umas coisas assim, bem bizarras. Se você já tinha visto alguma coisa diferente de espírito, de coisa assim? Enfim, é uma coisa. Bem, eles acham que é bem sobrenatural, né? É umas conversas que aqui para a gente é engraçado, tirava muito sarro de muita gente por conta disso. Quanto mais idiota a pessoa era, mais eu tirava sarro, porque você fica, meu Deus.

Cleyton: E isso foi uma sensação que você mesma partir da sua experiência, você teve, né? Não foi ninguém que te falou “Ah, muda o nome”, foi você mesma?

Yara: Sim, foi uma sensação, tanto que acho que até hoje, eu tive uma só entrevista em que isso foi um ponto positivo, que era realmente para tratar de uma população que tinha umas peculiaridades também, religiosas, de cultura, de tudo. Aí perguntou, eu falei e eu vi que eu tinha... e todo mundo falou “nossa, mas essa interação você tem?” E eu falei: desde pequena, porque eu moro no Vale do Amanhecer, aí eu vi que naquele ambiente foi uma coisa positiva. Mas foi assim, único. De resto eu finjo demência e tudo pra tocar.

Cleyton: Tu falou deles perguntarem sobre as lanças. Tem alguma característica do Vale que você também tem essa sensação que é sobrenatural? Você tem a sensação que é tudo normal? Como que você se sente assim andando pelo Vale?

Yara: Não, eu acho muito natural. Acho que é muito, desde pequenininha. Então, para mim é tudo muito, muito tranquilo. Minha avó, por exemplo, minha avó não morava no Vale, mas ela desde eu pequena tem uma frase dela que ficava muito, que ela dizia que

era o local das bruxas e dos vampiros. Então tudo ela (dizia): esse monte de vampiro andando pelo Vale...

Cleyton: Isso por conta de alguma coisa em específico?

Yara: Da roupa, da vestimenta, das indumentárias, de tudo. Então ela trazia muito isso, mas assim, para mim sempre foi muito natural. Eu não vejo essa diferença. Eu falo que são religiões que tem coisas diferentes da mesma forma, mas eu não sinto assim, de sentir mesmo essa diferença, eu não sinto. Eu acho que tem uma abertura maior. Eu acho que a gente dentro do Vale tem uma abertura maior, uma naturalidade maior de tratar dessas coisas. Como a gente cresce com o diferente, de certa forma, para a gente é natural, para mim é natural.

Cleyton: E tem uma coisa também. E aí você vai me dizer, como você se sente sobre isso, que o Vale e o Plano têm algumas coisas que eu acho que são parecidas assim, por exemplo, no Vale do Amanhecer tem pirâmide, mas no Plano também tem, né? De certa forma, o teatro é uma pirâmide, por exemplo. Você sentiu algum tipo de sensação de coisas comuns ou incomuns assim durante essa sua jornada para o plano?

Yara: Oh, deixa eu pensar. Por exemplo, aqui tem ALBV, né? A ALBV tem várias questões místicas lá, você vai entrar lá dentro tem a parte toda do Egito, mas as pessoas vão para lá com olhar totalmente diferente. É um turismo diferenciado. No Vale a gente vê muitas pessoas que já praticam a religião em outros locais, aqui você vê a pessoa tira foto, faz toda aquela coisa, tem um respeito maior. Vejo a diferença na questão do respeito. Aqui você vê as pessoas respeitando ou por sei lá ter um nome, ou por ser na capital ou, enfim, e no Vale eu não vejo esse mesmo respeito, as pessoas tendo essa mesma visão de respeito.

Cleyton: Mas essas pessoas que você fala, são pessoas de fora ou pessoas de dentro do Vale?

Yara: Pessoas de fora. Eu acho que pras pessoas do Vale, pelo menos no meu recorte familiar é tudo muito tranquilo, muito natural. A gente sempre teve uma liberdade religiosa muito grande em casa, então se quisesse ser católico vai, se quisesse ser evangélico vai, se quisesse ser espírita, se quiser ir para o candomblé, pra umbanda. A gente não teve isso muito engessado não. Então no meu ambiente familiar é muito tranquilo, agora externamente, por ver a questão de amigos e tudo. Eu já tive amigos que a mãe não deixava ir no Vale de jeito nenhum.

Cleyton: Foi uma experiência que eu tive também. E não especificamente porque era o Vale assim, tipo a mãe de uma amiga minha, isso adulto, já, tá? Falavam assim, não, você não vai pro Vale, porque lá é muito perigoso, eles mexem com energias, não sei o que lá.

Yara: Sim, é umas coisas que você fica assim, de onde o povo (tirou isso?)... E se você for parar para perguntar sobre isso com outros lugares, essas pessoas não trazem o mesmo relato. Você vai ali na LBV e é tranquilo. “Ah, não, eu vou ali e não sinto nada” “E tal lugar?” Eu acho que tem... ainda mais por ser periferia, né? Eu acho que além da questão cultural ser diferente, a questão da religião ser bem diferente, ainda é um lugar mais afastado, lugar mais periférico. Então acho que tem muito... É aliado, junta duas coisas em que a gente acaba tendo alguns estigmas.

Cleyton: E quando você vai para outros lugares? Você tem essa sensação de ser “vale-do-amanhecence”? Você se sente mais conectada ou menos conectada com o Vale do Amanhecer quando você está em outros lugares?

Yara: Eu sinto falta, eu acho, principalmente nessa questão do Plano Piloto, desses locais mais urbanos. Assim, eu falo que eu me sinto mais segura no Vale do que no Plano, por exemplo. Segurança: ah, vou andar com o celular, vou conversar com fulano, vou ali, vou ir aqui. Eu fico muito mais tranquila no Vale do que no Plano Piloto, do que no próprio centro de Planaltina. Eu me sinto muito mais à vontade.

Cleyton: E você acha que o Vale é muito diferente de Planaltina?

Yara: Eu acho. É estranho, mas eu acho. Tanto que a gente fala, né? “Vou ali em Planaltina” sendo que o Vale faz parte de Planaltina. A gente nunca fala que vai em outro bairro, a gente fala que vai em Planaltina. Mas eu acho muito diferente, muito diferente.

Cleyton: Porque você falou que o Vale é muito diferente do plano, né? Eu consigo entender que você enumera que o Plano é um lugar mais urbano, que tem mais espaços arejados, uma coisa assim, tem essa construção de limpeza, né?

Yara: De espaços meio reservados, né? Aquela coisa ali, isso é para isso, isso aqui é para a cultura, isso aqui é para isso.

Cleyton: E qual a característica que tu acha que faz o Vale ser diferente nesse sentido de Planaltina?

Yara: Eu acho que tem a questão estrutural, a questão das casas, da questão mais horizontal. A gente quase não tem prédio no Vale. É aquela coisa muito casinha, muro no muro. É aquela coisa antiga, eu posso bater no meu vizinho e pedir sal 11 horas da noite, que está tudo bem. Eu conheço meu vizinho. Se acontece alguma coisa, a gente se socorre, a gente vai. A gente sabe que o cachorro que está andando na rua é o cachorro do vizinho. É como se fosse todo mundo muito integrado, ao mesmo tempo. Então assim, tem a população em situação de rua, que todo mundo conhece. A gente conhece a família. A gente conhece as condições, a gente ajuda no que dá para ajudar. Ah, a gente sabe que a gente tem uma pessoa com transtorno mental na outra rua e todo mundo lida muito bem com aquilo. Mas ele é um artista, então todo mundo vai e ajuda ele a trabalhar, a fazer a parte terapêutica dele. Então acho que é muito disso, acho que é todo mundo muito integrado e eu não vejo isso em Planaltina, por exemplo. Planaltina tem, mas tem mais aquela coisa de você não saber nem o nome do seu vizinho. Poucos locais ali você vai conseguir conhecer. Geralmente é mais por uma “inimizade” entre aspas por um problema do que necessariamente por ser vizinho.

Cleyton: Para encerrar aqui, duas últimas perguntinhas. Sobre essa experiência mais sinestésica dos espaços. Eu vou te vou te fazer uma pergunta que parece meio estranha, eu vou te deixar pensar um pouco também. E aí você me responde a primeira coisa que vier na sua cabeça. Se você pudesse escolher uma cor para falar bem assim “nossa, quando eu penso no Vale, eu penso nessa cor”, qual que seria a cor do Vale do Amanhecer na sua cabeça?

Yara: Eu acho que amarelo. Primeiro porque a gente tem o sol na entrada, porque a pirâmide do Vale é amarela e eu gosto muito do pôr do sol do Vale. É peculiar, mas eu

gosto do pôr do sol do Vale. A gente vem entrando, principalmente vindo da BR, quando vai passando, ele fica muito bonito ali, entre a entrada.

Cleyton: É uma excelente resposta, na real, gostei. E em contrapartida, qual a cor que você pensa quando você pensa no Plano Piloto?

Yara: Eu acho que é uma cor mais cinza, não vejo cor aqui. Apesar de falarem: tem os Ipês, tem os flamboyants. Eu acho um local mais cinza, mas é porque eu associo muito a essa questão de, sei lá, comportamental mesmo, da interação das pessoas. Eu acho que, por exemplo, São Paulo, um local cinza. Se for falar pra dar uma cor para São Paulo, para mim é um local cinza. Eu nasci lá, tenho família lá, mas eu me sinto num local cinza, parece que não tem cor, não tem vida ali. Querendo ou não, eu vejo muita vida no Vale.

Cleyton: E aí, você sente que tanto Brasília quanto São Paulo são cinzas?

Yara: Sim, eu acho que é a população mais urbana, essa densidade, às vezes essa movimentação, essa correria. Eu não vejo no Vale, está todo mundo andando tranquilo.

Cleyton: Esses dias que eu estou de home Office, às vezes vou no mercado e vejo que o Vale é muito movimentado. Assim, pacato, mas todo mundo ali e tal. Eu fico surpreso até, às vezes.

Yara: Exatamente. E assim é um movimentado, mas não é um movimentado agitado, não está ninguém correndo. Você consegue olhar para quem está passando na rua. Aqui não, aqui (no Plano Piloto) é um negócio meio todo mundo trombando em todo mundo, todo mundo correndo naquela dinâmica, né, que é um local de passagem, né? O Plano Piloto é um lugar de trabalho, então está todo mundo muito naquele stress, naquela coisa.

Cleyton: Entendi então foi isso? Essas foram as perguntas. Você tem alguma coisa assim que você queria dizer assim sobre o Vale que você acha interessante sobre sua experiência no espaço, na cidade? Qualquer coisa que você acha interessante falar.

Yara: Tenho, pensando do crescer no Vale ver mais em outros ambientes que não lá. Eu acho que a questão da tolerância e da vivência com as pessoas é totalmente diferente. Aqui, por exemplo, eu trabalho com várias pessoas, com várias dinâmicas diferentes, as pessoas são pouquíssimo tolerantes com muita coisa. Então, qualquer pequena coisa afeta, e eu não vejo isso com a gente, e até a questão do enxergar da bolha. As pessoas aqui vivem muito dentro de uma bolha e no Vale a gente não tem essa opção, com a gente essa bolha não é meio que não existe. A gente é muito integrado. Então, assim, desde a escola mesmo, a gente tinha convivência com todo o mundo, a questão de religião, lembrar do Pablo, por exemplo, que era pastor dentro da turma, os trabalhos, aquela interação toda, então acho que a gente cresce com uma visão totalmente diferenciada nesse sentido de tolerância mesmo, eu não vejo pessoas aqui de outros espaços sendo tão tolerantes assim e tão abertas assim. Eu acho que até a questão da própria empatia mesmo, você não vê. A gente respeita muito, o Vale é muito o diverso. E pela questão da vulnerabilidade, a gente não convive com a gente de diferentes classes sociais, entendimentos e conhecimentos. E aqui o pessoal não respeita muito, principalmente nessa questão de estar trabalhando em espaços agora do meio acadêmico. As pessoas não têm tolerância, não têm paciência para as pessoas que têm um entendimento menor. Então, é o que me chama mais atenção, a gente consegue olhar de uma maneira diferente. Mas é mais isso.

E a questão cultural para mim fez muita diferença, totalmente. Eu passei 12 anos da infância, da minha infância-adolescência, dentro das ONGs, do Vale do Amanhecer, e hoje eu já não vejo mais. Então não sei como é que está essa experiência para quem está lá hoje, nessa idade. Mas para mim te fez total diferença. Eu não teria acesso a isso se não tivesse essas ONGs no Vale.

Cleyton: E você acha que essas ONGs do Vale é parte tipo da integração com a cidade? Você acha que por exemplo, se essas ONGs fossem em outra cidade assim, um exercício completamente de abstração até. Mas você acha que seria uma experiência diferente ou você acha que seria a mesma experiência?

Yara: Eu acho que depende. Eu acho que lá tem mais essa questão da diversidade. Eu não sei se nos outros locais seria tão assim.

Cleyton: Gostei. Valeu muito a pena. Gostei muito das suas respostas, já deu pra dar uma bela afinada na entrevista. Eu gostei que tem alguns dados muito interessantes também. Aí agradecer.

Entrevista com o morador Rogerio Miranda

Arquivo D7 – Tempo de Gravação: 25 Minutos

Entrevista realizada em 06 de Novembro de 2023

30 anos

Morador desde 1993 (30 anos)

Cleyton: Primeiramente queria saber se o nome sua idade.

Rogério: Eu sou o Rogério Miranda da Silva. Tenho 30 anos. E é isso.

Cleyton: Quanto tempo desses 30 anos você mora no Vale?

Rogério: A vida toda. Eu nasci em 1993, então morei de 93 até 2000 e aí de 2000 até 2001, eu fui para Sobradinho II. Aí em 2001, voltamos para cá, eu e minha família. Passei 2002 todo aqui, e aí em 2003 nós somos para Sobradinho de novo e ficamos metade do ano lá, aí voltamos pra cá.

Cleyton: Nesse tempo que tu ficou fora do Vale tu sentiu que você deixou de ser o morador do Vale do Amanhecer ou quando você veio para o Vale de novo você sentiu que a sua experiência como morador do Vale do Amanhecer mudou nessa segunda vez?

Rogério: Não, não sinto que mudou. Porque assim, quando eu mudei a primeira vez eu era criança, eu tinha, sei lá, uns 7 anos, 6, 7 anos. E aí eu lembro assim de que a gente não podia falar que era da religião do Vale, importante falar isso: fui participante da Doutrina do Vale do Amanhecer durante muito tempo, e aí tem um estigma com os moradores, né? De você ser macumbeiro, de você... sei lá, de ser perigoso, de você ser bandido. Então assim como Sobradinho II é um maior lugar muito predominantemente povoado pela galera que é evangélica, eu sentia que a gente não podia falar porque tinha muito temor, muito julgamento e enfim. E aí quando das duas vezes eu não senti que eu deixei de ser do Vale, morador, sei lá, parte dessa cultura, parte da experiência. E com o passar dos anos, eu acho que eu fui entendendo melhor isso.

Cleyton: Então, tipo assim, existe um estigma de morar no Vale do Amanhecer que é esse de ser macumbeiro e mesmo quando você deixou a cidade esse estigma não te abandonou, você sente?

Rogério: Exatamente, eu fui e voltei. Era antes... E tem um lance assim também. Eu nunca saí do país, mas a gente escuta muito da galera falando que quando sai do país você entende o que é ser brasileiro e você se conecta melhor com a sua cultura, você sente falta. Eu não sentia falta do Vale (risos), mas... E não é nem porque não sentia falta porque é um lugar ruim, eu não sentia falta porque eu ainda não entendia muito bem essas coisas, não estavam muito determinadas, do que que é fazer parte de um grupo, do que que é... Todos esses elementos que são importantes, né? Mas quando você olha em retrospecto parece que eu entendi melhor o que que era ser um morador do Vale do Amanhecer quando estava fora do Vale.

Cleyton: Existe algum gentílico assim para quem... Eu sei que tipo, não nascem pessoas no Vale do Amanhecer porque não tem hospital aqui, etc. Mas você acha que existe um? E se não existir, acha que tem algum que você pensa que seria interessante?

Rogério: Eu gosto do macumbeiro. (risos)

Cleyton: Morador do Vale do Amanhecer: nasce um macumbeiro. (risos)

Rogério: Amanhecense, Valeiro.

Cleyton: São bons gentílicos. Além de morar aqui, você acha que tem alguma coisa que te torna amanhecense? Tipo, a pessoa tem que morar aqui, tem que ter experienciar alguma coisa ou só morando aqui ela já se torna um amanhecense?

Rogério: Acho que são duas experiências distintas. Duas não, mais né? Porque, sei lá, quando você conversa com a galera que é católica, você percebe uma experiência. Quando você conversa com a galera que é evangélica, já é outra, principalmente com evangélicos. E como eu passei 25, 27 anos oficialmente participando da religião, então a minha experiência foi predominantemente essa. Repete a pergunta? Pra eu ver se eu não estou me perdendo.

Cleyton: Você acha que tem alguma coisa na experiência de morar no Vale do Amanhecer que te faz ser um morador, assim, que te torna um valense a partir do momento que você sente tal sentimento ou você faz tal experiência, sei lá, toma banho no Quati? Ou você acha que só se mudar para o Vale já te torna um valense assim. Um valeiro.

Rogério: Valeiro. Vem de vala também. Inclusive, isso me lembrou que quando eu era criança, eu morava lá na 91, né? E aí uma das minhas memórias é brincando no Quati. Meus pais me levavam para lá, a gente andava de bicicleta aqui. Talvez um componente importante seja esse lance de como é tudo isolado, como Planaltina é... eu estava no Uber conversando sobre isso. Falando que antigamente era muito difícil deslocar para Planaltina para ir para qualquer evento, então isso que tipo a passagem eu lembro que era 70 centavos, né, depois R\$ 1,70, e era muito difícil ir para Planaltina. Então as coisas que a gente fazia em família era ir para quadra, andar de bicicleta ali perto pelos morros, brincar no Quati, inclusive aquela música que eu escrevi que é Ponto de cura, “eu que cresci na beira do rio...”, não é um rio de verdade, é um córrego, mas o personagem aparece maior porque é o córrego, enfim. Eu acho que o distanciamento de aparelhos culturais ou até de acesso a transporte torna essa experiência de morar no Vale algo diferente assim, não só você ser participante da religião, mas o próprio fato de surgir a religião, ser esse motor inicial, tem um fator cultural, que eu acho que é diferente de sei lá, de morar no Arapoangas. Então tem um lance da tradição da Tia Neiva, vem o 1º de Maio, o Vale para. Eu percebo isso como algo que é relevante até pessoas que não são da religião estão ali bordando... a tua mãe mesmo, ela borda. E eu já vi outras pessoas que não são da religião e que, de alguma forma, estão ali envolvidas pela existência da Doutrina do Vale do Amanhecer, da Tia Neiva, da religião de alguma forma, então acho que são experiências muito distintas, mas que o fato da Doutrina do Vale existir já é uma parada que é um marcador importante.

Cleyton: Então você acha que tipo a presença da Doutrina, assim, tipo desses espaços doutrinários, que tipo não necessariamente ter a ver com a religião, pelo que você falou.

Tem lugares que vendem indumentária, por exemplo, você acha que é parte da experiência que aproxima as pessoas da cidade? É se relacionar de alguma forma com esses espaços, assim de tipo de como tu citou, das pessoas que bordam e tal?

Rogério: Eu não entendi a pergunta muito bem.

Cleyton: Tu acha que tipo, o que torna as pessoas mais próximas de serem valenses, por exemplo, é estarem...

Rogério: Que dá essa identidade, seria a conexão com a religião?

Cleyton: Estar participando desses espaços de alguma forma, não necessariamente ser religioso.

Rogério: Aham. Eu nunca tinha parado para pensar nisso. E também tem o fato de que a religião, a cidade expandiu bastante. Mas eu não sei dizer isso. Eu acho que é um ponto. Existem outros, né? Sei lá, a cultura do ambiente vai se formando mesmo. A gente vai se entendendo como periférico, então vão surgindo pessoas que são do RAP e aí vai surgindo a galera que vai vender droga, por exemplo, então assim, é um exemplo, que não está ligado à Doutrina e, enfim. É, eu acho que é bem complexo.

Cleyton: Aham, não, mas assim, tipo, ainda que complexo, eu sinto que existem esses pensamentos seus que são muito pontuais sobre isso e que eu achei muito interessantes e que eu não tinha ouvido falar antes.

Rogério: Eu acho que é um ponto de intersecção que acaba conectando essas pessoas.

Cleyton: Aham. A Doutrina como um ponto de intersecção.

Rogério: Isso. Acho que é um negócio que seja pelo preconceito, seja pela experiência, seja, sei lá, isso envolver de alguma forma. Está ali... A própria escola, ia se chamar CED Tia Neiva, né? E aí isso de alguma forma mobilizou as pessoas. Então, sei lá, o nome da igreja evangélica daqui por muito tempo era a igreja evangélica do Vale do amanhecer. Então eles poderiam negar isso e de alguma forma tá conectando, então acho que tem esse ponto de intersecção mesmo.

Cleyton: Interessante pô, isso é da hora. Assim, é um ponto de vista massa, novo assim, que eu nunca tinha ouvido falar. Você citou tipo o Quati, você citou tipo os morros, os quais você fez trilha. Existem tipo outros lugares no Vale do Amanhecer que você sente que você pode ser você mesmo tipo assim, ter essa experiência porque pelo que você citou, por exemplo, você anda de bicicleta com sua família, é uma momento ali de...

Rogério: Andava... hoje em dia não rola mais

Cleyton: É, né? O Quati, por exemplo também, que é uma outra experiência que tem que você está ali para ter esse momento de lazer. Você acha que tem outros lugares no Vale do Amanhecer que tem o mesmo efeito?

Rogério: Ah, hoje em dia, pela dinâmica da vida, é mais complicado de estar nesses lugares, mas eu lembro assim, de descer pra quadra e quando a minha irmã era pequena, principalmente, a gente descia pra quadra e ia brincar de bola. Quando tinha cachorro, ia pra lá, brincava com o cachorro. É, os meus amigos que estudavam aqui no CED Vale

eles iam para o córrego para transar. Pra esse da entrada, não o Quati, o outro. Embora meus pais tenham me dito futuramente que eles usavam o Quati pra isso também.

Cleyton: Os seus pais? (risadas)

Rogério: Eles já foram jovens também.

Cleyton: Perfeito. Boa, massa. É interessante. É interessante, uma experiência mais antiga.

Rogério: Eu andava muito pelo Pacheco de bicicleta também. Que é um lugar que a galera sempre falou que era chamado de “Pachequistão”, “Faixa de Gaza”. Mas eu lembro como eu morava na 91. Aí tinha isso a gente, pelo menos eu, como eu era, fui o primeiro filho e por muito tempo, quase uma década fui filho único, então meus pais não deixavam brincar na rua, brincar com os meninos, e boa parte desses meninos não está vivo ou entrou para o tráfico. É... então a gente saía no sábado, principalmente domingo e a gente andava no Vale todo. Então, tipo, pegava aquela ali, aquela rua da 91 e subia o Pacheco e, tipo, sempre falaram que era perigoso, mas a gente transitava. Então, o próprio Vale mesmo, a gente ficava andando de bike, ia para o morro do Salve Deus, que é o ponto também, que é tipo um marco, né? Ele é ele é visível. Então você está no Templo você vê o morro do Salve Deus, de alguns pontos, que hoje em dia tem muita... ta verticalizando a cidade, mas tem alguns pontos que você consegue visualizar e ver todo o Vale também é bem interessante. A gente ia para o para o morro ali do lado e ficava circulando toda essa região e até o próprio, na época, que estava rolando a pandemia, tipo, não podia fazer atividade física em academia, essas coisas, eu pegava a bicicleta, dava a volta do Vale meio que retomando essa parada da infância, fazia caminhada ou tentava correr, e é isso, acho que eu respondi, não é?

Cleyton: Respondeu. Não, não se sinta... o lance é a gente viajar mesmo. Tu falou que mudou um pouco a dinâmica por conta do trabalho, assim. O que é interessante para a minha pesquisa, é justamente essa dinâmica que muda, porque agora, por exemplo, que você trabalha, né? Durante o dia, você está mais em casa durante a noite. Tu sente que essa dinâmica de experiência do espaço assim, quando você está aqui, ainda existe esse momento que você tem de lazer quando você está no Vale do Amanhecer?

Rogério: Hum, eu não sinto tanto. O que eu percebo é, sei lá, eventualmente, e isso não tem acontecido, tanto porque os meus amigos são uns canalhas. De tipo a gente descer e ir para o (inaudível) gasolas? 13:12, por exemplo, esse era o rolê. Ir para o Templo era um rolê também na época do grupo jovem. Tinha uma época que sei lá dava... Tinha o domingo, o grupo jovem é o desenvolvimento, funcionava que nem uma igreja católica que você vai aos domingos, escola dominical e tal. E aí tinha esse rolê, no sábado às vezes você pegava como você era menor, você pegava autorização e tipo, encontrava a galera no Thomas, tomava uma coca, participava dos rituais do Templo, saía dos rituais, aí ia trocar uma ideia, tomava outra coca, então tinha esse momento assim. Hoje em dia, pela dinâmica do trabalho e até por questão de tipo... É, haver uma limitação de oferta de diversão, de entretenimento, eu não consigo ficar aqui. Sei lá, não tem um cinema, não tem um... Teve uma época que tinha o cineclube que a gente participava, eventualmente, mas tinha. E hoje em dia não ocorre mais. Teve uma época que tinha a ONG também, que não era uma ONG, mas era uma. Como é que a gente chama? AESP, ação Esperança, que

era uma galera que tinha conseguido um recurso que era do FAC, se eu não me engano, que era um espaço que eu oferecia aula de violão. Aula de... eu posso continuar falando assim, né? Como você se não soubesse dessas coisas.

Rogério: Era um espaço que tinha... Eu fiz aula de reforço, eu fiz aula de kung Fu, aula de música, eu fiz aula de desenho lá também. Reforço de matemática, reforço de português. Tinha biblioteca, então era um espaço assim que as pessoas além de utilizarem para poder aprender, mas também era um espaço que que rolava sarau mensalmente. E eu toquei um sarau nesse lugar. Foi lá que eu comecei a desenvolver essas paradas, essa gana por querer fazer arte, por querer viver de cultura e... “Nãooo” (risadas), e hoje em dia não existe esse tipo de aparelho cultural, esse tipo de iniciativa. É... E por conta da dinâmica dos amigos que a gente acaba fazendo fora, a gente sai daqui para poder ter outros tipos de experiência também. Eu percebo que rola muito de, nem muito assim, mas de uma galera que é mais nova, que está mais envolvida por futebol, com vôlei, da galera ir para a quadra, descer lá e jogar, trocar uma ideia, ir de família assim, isso é um rolê de família que não, que não quer ou não pode ir para o Plano. E aí desce para a quadra, vai dar uma volta com as crianças, vai dar uma volta com o cachorro, então percebo mais isso.

Cleyton: E que que tu acha que tinha que mudar nos espaços do Vale do Amanhecer? Ou tipo, adicionar um novo espaço no Vale do Amanhecer para que você pudesse, tipo, exercer esse seu “eu” assim, que tu falou que hoje não tem esse aparelho, né? De cultura, de realização e tal. Quais espaços você acha que teria que mudar ou teria que adicionar pra que você pudesse voltar a exercer?

Rogério: Como é a experiência que eu já vi que funcionou, mas que não teve continuidade porque era uma iniciativa da organização da sociedade civil. Essa AESP, a ONG era um espaço legal, e eu imagino que haveria a necessidade de uma criação por parte estatal, mesmo de um espaço desse, pelo menos que desse estrutura suficiente para que o projeto fosse desenvolvido. Por exemplo, do que eu estou falando. Em Planaltina hoje em dia tem o complexo cultural que é um auditório, é um teatro, que você tem possibilidade de ter cineclube, tem possibilidade de criar um... Sei lá, teve um festival de cinema recentemente. A gente está falando agora em novembro de 2023, então, em outubro de 2023, rolou esse festival, e foi bem legal, teve uma amostra bem interessante. Tem um pessoal em Planaltina que eu fiz parte, eu já trabalhei, que é a galera do Trupe por um Fio, Trupe Urbana, que eles dão cursos. Eles conseguiram o edital do FAC e aí na época da pandemia, que esses cursos eles eram curso de grafite, pintura e arte urbana, ele era oferecido virtual e depois no espaço deles e posteriormente tem sido nesse ano de 2023, está sendo realizado nesse complexo cultural. Então já diminuiu as despesas pro grupo. E como é um espaço centralizado permite que a comunidade de Planaltina toda possa ter acesso a esse lugar. Assim, comunidade toda que tem acesso a recurso para poder se deslocar de ônibus ou enfim, então eu sinto a necessidade de um espaço como esse, do complexo cultural que é um espaço que você pode, sei lá, desenvolver um curso, seja de dança, seja de desenho, seja um cineclube, uma apresentação teatral, até a organização de sarau mesmo. A existência de um espaço já facilitaria a mobilização da própria comunidade, porque existem iniciativas... teve o... como é o nome daquele brother do Leônio, cabeludinho que estava tentando iniciar uma ONG aqui no Vale? Esqueci o nome dele, mas tem um cara aqui no Vale que ele estava tentando iniciar um projeto como foi a ONG. E aí ele tentou escrever o projeto só que assim, pela burocracia, pela dinâmica da

vida dele, enfim, não cabe aqui, ele não conseguiu escrever e não conseguiu levar muito à frente. Mas eventualmente ele faz esse rolê de organizar um sarau, de organizar um encontro e a galera tocar, fazer um som. O Gilson Sena tava esses dias aqui fazendo um som com a galera. O Gilson Sena é um músico planaltinense. E, enfim, acho que falta esse tipo de espaço e também sinto falta de uma... Talvez seja uma demanda de uma união dos agentes culturais, de poder fazer esse treinamento de agentes culturais para a galera conseguir tirar um CEAC e poder virar produto cultural, e ter acesso a esse tipo de recurso, até porque está muito centralizado no Plano, né? A captação de recursos. Então, acho que é que seria uma forma de fomentar.

Cleyton: Saquei, boto fé. Tu, na tua fala, tipo, eu percebi que tu citou pra tipo, pra ter acesso a esse momento de lazer, de cultura, geralmente, as pessoas procuram lugares tipo Planaltina, Plano Piloto. Tu acha que entre esses 3 espaços: Vale do Amanhecer, Planaltina e Plano Piloto, existem semelhanças... Quando você está entre esses lugares, tipo, você vai pra Planaltina, você vai pro Plano, você vai pro Vale. Você ainda acha que você está no mesmo lugar? Ou você acha que esses lugares são muito distintos?

Rogério: Eu acho que esses lugares são muito distintos. Assim, Planaltina, ela tem uma configuração diferente das outras RA's, né? Então, como ela é uma cidade centenária e alguns historiadores dizem que é bicentenária, é. Ela tem uma característica que é meio provinciana. Além disso, como existem outros lugares que foram surgindo e que fazem parte dela, mas que não estão tão próximos, fisicamente, por exemplo, Arapoangas ou Arapongas e o Vale mesmo. O Vale fica tipo a 9 km de distância do centro de Planaltina. O Araponga fica a 4. A estância fica a 4 km, se eu não me engano, entre outras regiões, tipo, Taquara que é um núcleo rural. Então, assim, Planaltina tem uma dinâmica que é muito diferente das outras regiões. E aí quando eu olho para Planaltina, que é muito diversa, e eu olho para o Vale, eu percebo uma grande diferença. E isso no caso do próprio complexo cultural, é um tipo de dinâmica que a gente não tem aqui e aí quando você pensa em aparatos mesmo públicos, serviços públicos de hospital, comércio é bem diferente esse tipo de estrutura, é esse tipo de coisa que você está querendo? São todas as dimensões, né? É, então tem essa diferença, sei lá seja de estrutura de aparelhos públicos, seja de estrutura de comércio. Até porque até um tempo atrás a gente tinha que sair do Vale para conseguir comprar algumas coisas, para comprar em Planaltina, e eventualmente precisa, porque é mais barato fora daqui do Vale. E quando chega no Plano é outro universo, no Plano, no caso, Brasília, né? Apesar de Brasília, algumas pessoas considerarem uma roça de ser... pela própria dinâmica do DF, de não ter verticalizado tanto, de não ter desrespeitado o Plano diretor, de não ter grandes prédios, sei lá, da própria estrutura. Mas ainda assim, você sente uma diferença muito grande de acesso às relações, à dinâmica entre as pessoas. O distanciamento das pessoas também. Deixa eu ver o que mais? A própria questão da criminalidade é bem diferente como isso é operado, né? Então, você está no Vale, às vezes o cara que te assalta era um conhecido seu, é? Em Planaltina já é um pouco diferente disso, porque são várias regiões que estão apartadas e em algum momento se encontram. E no Plano piloto é uma multidão de desconhecidos e todo mundo solitário.

Cleyton: A próxima pergunta é um pouco viajada, mas é sobre a impressão assim mesmo. É uma parada cinestésica assim, eu sinto que várias coisas que você fala partem desse âmbito sentimental, tipo isso que você falou, das pessoas serem solitárias e tal...

Rogério: É bem subjetivo né?

Cleyton: Aham, aí eu queria saber se você sente que o Vale tem uma cor e qual que seria a cor do Vale?

Rogério: Uma cor do Vale? Putz, talvez a fita do Vale esteja muito na minha cabeça. Porque eu sinto o roxo e o amarelo meio alaranjado, como uma cor muito... Quando eu penso no Vale eu penso nessas 2 cores. E aí tipo a fita do Vale é um componente importante porque assim, o Vale por muito tempo não teve uniforme. Não sei se você já ouviu essa história, mas o Vale por muito tempo teve nenhum uniforme? E aí a Tia Neiva trouxe através da clarividência dela, vários croquis, né? Vários desenhos de uniformes, que foi uma forma de não ter diferenciação de classes aqui dentro. E aí quando perguntaram para ela, a resposta foi essa, para as pessoas baterem o olho e não pensarem, “Ah, é rico, é pobre”. Então o uniforme foi meio que pra haver essa universalização. E aí começa com um branquinho, que para as mulheres, é um vestido branco, todo branco. E para os homens era um jaleco branco e uma calça preta. Posteriormente, isso foi tendo uma outra complexidade, era para identificar heranças de outras encarnações. E aí, o que que é a fita? É um tecido de mais ou menos 7 a 10 cm de largura que ele fica transpassado do lado direito, pro lado esquerdo, como se fosse... o que que a gente tem de parecido com essa fita? Como se fosse uma fita de miss. Essa é a fita do Templo, então é uma fita de 2 cores. Nessa única fita tem 2 cores, a cor amarela e roxa, e aí nela se identifica qual a mediunidade desse médium. E essas 2 cores significam a cura pela ciência. E aí quando eu imagino o Vale... e essas cores estão presentes na elipse que tem no morro, está presente lá no Templo, tem várias elipses espalhadas pelo Vale. Então, tem um morro do Salve Deus tem uma elipse que há um tempo atrás, na época da pandemia apareceu um vídeo de celular rodando na comunidade de uns caras metendo tiro nela, por exemplo, você não chegou a ver, né? Eu vou te mandar depois. Tem em algum lugar do meu computador? Tem essa elipse no morro, tem essa elipse na própria Estrela, ali do lado da pirâmide, a pirâmide é amarela. E aí do lado da pirâmide, tem uma espécie de pira, que tem as chamas, né? E aí tem o amarelo e o roxo. Quando você desce para o Templo, tem outras elipses, tem mais umas 2 e dentro do Templo também tem outras elipses que tem essas 2 cores. Então é uma cor que está bem presente assim na... e é o começo do Vale também, então está muito presente na minha imaginação e tem um fato também que como aqui é um lugar muito aberto e às vezes você vai para o morro, sei lá, fim de tarde, quando está o pôr do sol, você vê o roxo muito forte com o Sol, que é amarelinho, então acho que tá bem presente minha cabeça, essas 2 cores. E é principalmente isso na época de abril, março, abril tem muito disso. E no final do ano também, lá para setembro, outubro, antes da chuva se intensificarem. Então é até meio afetivo. E cinestesia, tem a ver também com a afetividade, né? Enfim, é isso.

Cleyton: E qual cor você acha que o Plano Piloto tem?

Rogério: Cinza. Cinza e branco, que é tipo o concreto. Quando vem Plano Piloto na minha cabeça, me vem aquela imagem do museu e da biblioteca. Museu da República. Que é tipo um grande cinza com um troço branco. Me vem isso. Tem a parte arborizada que a galera acha lindo e tal, nan nan nan, o céu de Brasília, mas. É cinza e branco.

Cleyton: Top. É isso, mano, essas foram as perguntas.

Rogério: Eu achei que ia ser mais extenso.

Cleyton: Muito obrigado pela sua... pô, 30 minutos de entrevista.

Entrevista com o morador Paulino da Silva

Arquivo D8 – Tempo de Gravação: 20 Minutos

Entrevista realizada em 26 de março de 2024

53 anos da Idade

Morador desde 1990 (24 anos)

Cleyton: Nesse tempo, você está aqui, você falou que muita coisa mudou.

Paulino: Muitas coisas mudaram, principalmente o transporte, que eu também fiz participação na vinda do transporte para cá, que antigamente o transporte coletivo só vinha até a entrada ali, do Templo Mãe. Depois, assim que eu casei, eu morei oito meses de aluguel, morei ali atrás do templo. Hein? Cinco meses. O que ela falou? Cinco meses. Cinco meses, pronto, cinco meses de aluguel. Aí compramos um terreno lá embaixo na 90. E eu saía da 90 para pegar ônibus aqui embaixo. Nessa época era em 93, 1993. Na época, eu tinha uma associação que quem tomava de conta era a Braulina. Não sei se você já ouviu falar.

Cleyton: Braulina é o quê?

Paulino: Braulina era da associação. Ela tinha uma associação aqui no Vale da Amanhecer que ela corria atrás dos benefícios para a comunidade. E eu participei dessa associação dela, tanto é que eu cheguei a ir na Câmara Legislativa, acompanhando ela pedindo ajuda para alguns deputados para trazer benefício aqui para o Vale do Amanhecer. A única que eu vi. Raul nunca vi. Raul foi indicado pelos governadores que foram chegando, como o Raul é filho da Tia Neiva, presidente da Ordem, ele sim, ele conseguiu alguma administração aqui, mas foi por indicação, não por luta própria. A Braulina, não. A Braulina, nós conseguimos o transporte. A primeira vez que o transporte subiu para cá, foi pela Rua da Estrela. Foi o primeiro caminho. Depois, fizemos uma vala, que diz que não tinha como passar o ônibus. Nós fizemos... Aliás, a vala era aberta, nós canalizamos. Aí o ônibus passou ali pela Estrela, até a 90, até ali, a 90, até lá embaixo. Foi a primeira vitória nossa. E outras coisas que ela fazia aí. Mas aí depois, veio o asfalto na principal do ônibus, veio o asfalto...

Cleyton: O que definiu que a principal ia receber asfalto, já que os ônibus passavam pela estrela?

Paulino: Porque, segundo alegaram, fazia muito barulho os ônibus para o trabalho espiritual da estrela.

Rogério: Tinha até umas placas lá atrás...

Paulino: Atrapalhava o barulho dos carros, o motor do ônibus, o caminhão, e aí mudaram, tiraram da rua da Estrela e passaram para cá, a rua do Menezes se tornou a principal. Como o ônibus passava direto todo dia e quebrava muito, era muita burocracia, e resolveram fazer o asfalto para melhorar a situação do transporte público.

Cleyton: Nessa época, você já era da religião ou você nunca foi?

Paulino: Eu sempre fui da religião, mas nunca fui atuante. Mas sempre fui da doutrina.

Cleyton: E nessa época que colocaram asfalto na rua principal, já aconteciam os trabalhos na rua?

Paulino: Tinha os trabalhos, como é aqueles trabalham de fazer fazia nas esquinas?

Paulino: Acho que era Abatá, não é? Tinha muito trabalho de fazer esse trabalho nas esquinas de abatá. E na realidade, que eu saiba, o Templo Mãe, que era para ser do Menezes para baixo. Aqui para cima, não era para ter nada. Aí com a morte da Tia Neiva, que eu fiquei sabendo, não tenho certeza, aí que começaram a vender lotes. A família Zelaya começou a vender lotes para as pessoas que eram da doutrina. Só podia morar aqui quem era da doutrina.

Cleyton: E antes da Tia Neiva morrer, então, o Vale era limitado...

Paulino: Era limitado do Menezes para baixo. Mas a área toda, eu não sei se foi doação, não sei se Tia Neiva comprou, a área toda já pertencia a doutrina, até aqui para baixo. Aí o Pacheco, não. O Pacheco já foi a invasão que surgiu. E do Menezes para cima, a família Zelaya começou a vender os terrenos para quem era da doutrina. E a ordem era o seguinte: quem saísse da doutrina, era para vender para outra pessoa da doutrina. Nunca aconteceu.

Cleyton: As pessoas saíram da doutrina e continuavam com as casas.

Paulino: Venderam para outras pessoas. Venderam para católico, crente. E aí hoje virou, não sei o que se fala, é eclético, a mistura de culturas. Não sei se é essa a palavra.

Cleyton: Como é que é a palavra?

Paulino: Sim, Tem várias culturas espirituais, religiosas.

Rogério: Acho que é eclético mesmo, tem a cidade eclética que reúne vários lugares.

Paulino: Hoje, a área do templo é respeitada. Do Menezes para baixo, você não vê igreja, não vê boteco, não vê nada. Mas do Menezes para cima, aí tem a mistura eclética, que é Igreja Católica, Igreja Evangélica, Candomblé, botecos.

Cleyton: E você viu essa diferença surgir? Porque quando você chegou aqui, era começo de 90, não é?

Paulino: Vi tudo acontecer.

Cleyton: Já existia o Pacheco quando você chegou aqui?

Paulino: Quando a gente foi morar na 90, não. O Pacheco veio através de uma invasão. E hoje o Pacheco está lá constituído.

Cleyton: E você sente essa diferença ainda de aqui para baixo, de religião lá para o Pacheco? Você tem uma diferença na cidade? Como que você vê isso?

Paulino: Em que sentido você fala? Hoje está tudo misturado. Quem é do Pacheco é da doutrina. Quem é da doutrina, hoje, saiu da doutrina, hoje é do Candomblé, hoje é do Católico, Igreja Evangélica, misturou. Misturou. Hoje, está uma mistura boa.

Cleyton: Entendi. E aí você fala que você trabalha rondando as ruas do Vale?

Paulino: É, fazendo propaganda para os comércios.

Cleyton: E você faz em outras cidades também, não é?

Paulino: Faço.

Cleyton: Sente que existe uma diferença entre o Vale e as outras cidades? Como que você enxerga isso?

Paulino: Por exemplo, hoje o Arapoangas, hoje ela é RA. Hoje ela é uma região administrativa. E o Vale do Amanhecer é bem mais velho do que o Arapoangas. O Arapoangas, no máximo, tiver uns 30 anos, e já é R. A. E ela surgiu também através de fazendeiros que foi vendendo os terrenos, alguns foram invasão e tudo, aí legalizaram. Hoje é R. A. Eu queria que o Vale do Amanhecer fizesse parte da área administrativa do Arapoangas, porque eu acho que se fosse e fizesse parte, eu acho que poderia vir até mais benefícios para cá, porque nós dependemos de Planaltina. Então, R. A. Agora é só Arapoangas. E aqui a gente precisava de posto de polícia, bombeiro, polícia, precisava de posto de saúde melhor, porque não adianta você fazer uma estrutura física boa e não ter estrutura humana.

Cleyton: E você participou... porque existe uma polêmica em relação à construção do posto de saúde naquele lugar que ele é hoje. Você acha que ele foi construído no lugar certo? Você acha que ele tinha que ser construído em outro lugar?

Paulino: A família Zelaya alegou que ali era uma área para trabalhos espirituais. E eles estavam querendo que o posto de saúde fosse feito ali ao lado do Colégio... Como é que é aquele lá de baixo? O CED Vale. Aí ficou essa polêmica que o governador falou que a área é do governo, então faz onde quiser. E não ficou ruim ali não. Pra mim... Eu queria que ele funcionasse. Era isso. E a gente quer mais benefício para o Vale do Amanhecer. Nós precisamos de um corpo de bombeiros, nós precisamos de um... não uma delegacia, mas um posto policial que funcionasse. Mas aqui a gente não tem nada.

Cleyton: Você falou que chegou aqui na década de 90, quando você chegou aqui você sentiu muita diferença do que que é o Vale pra outros lugares assim?

Paulino: Atraso, estruturalmente falando atraso. Até hoje, evoluiu muito pouco. Nós aqui só temos uma lotérica. Aqui nós hoje se não me engano nós temos mais de 40 mil moradores. Não tenho certeza, acho que nós temos mais pelo tamanho do território, nós temos... Tem que ver, o Google sabe disso. Acho que nós temos mais de 40 mil moradores. E aqui não tem como crescer mais não, porque a área é pequena, pelo mapa aí você vê.

Cleyton: Verdade. E aí você sente que a cidade teve atraso desde aquela época?

Paulino: Ela está estagnada. Ela não tem como crescer mais para lugar nenhum.

Cleyton: Mas você sente que... Você mora aqui há muito tempo, não é?

Paulino: Desde 93.

Cleyton: Você sente algum apreço pela cidade?

Paulino: Eu adoro aqui. Eu adoro, foi aqui onde eu constitui minha família, casei, tenho meus filhos, tem minha moradia. Aqui é onde eu constitui e resolvi morar, que é fim de carreira, como diz o ditado. Eu não tenho vontade de sair daqui, não.

Cleyton: E o que você acha que faz você gostar assim do Vale?

Paulino: u acho que o que me encanta mais é a parte espiritual. A parte espiritual que me encanta mais e o local. Eu acho o local muito bonito, diferente.

Cleyton: Por conta do ambiente?

Paulino: Do ambiente... Por conta de forças espirituais, que aqui se envolve apesar das misturas de cultura, mas cada segue o seu, respeitando, dá para... Eu não consigo me ver fora do Vale do Amanhecer, hoje não.

Cleyton: Entendi, que bacana.

Paulino: Eu não consigo, não sigo a doutrina, não sou atuante, mas eu me sinto seguro aqui.

Cleyton: Entendi, que bacana isso.

Paulino: Apesar dos pesares, o Vale do Amanhecer ainda é um local que você, em termos de criminalidade, tem pouca criminalidade. Nos tempos atuais que nós estamos vivendo, no passado tinha mais ali na área do Pacheco quando começou, né? Mas hoje está mais estável. Diminuiu muito. Mas poderia melhorar mais a segurança, colocar um posto policial, um posto de bombeiro. Está entendendo? Aqui caberia até uma escola técnica.

Cleyton: Verdade

Paulino: Eu fiquei sabendo que eles vão fazer um restaurante comunitário no Arapoangas. Já ajuda, né? Aqui a gente precisava de uma escola técnica. Cursos, aqui nós não temos curso nenhum. Falar de cultura, não tem. Lazer, só aquelas duas praças ali, não tem mais nada. E aqui tem espaço pra colocar, pra trabalhar com cultura e lazer. Agora falta os governantes e quem nos representa aqui correr atrás.

Cleyton: Entendi, bacana. E aí, qual que foi o principal motivo pra você vir morar aqui no Vale?

Paulino: Eu vim pra cá através da minha família, né? A gente morava em Brasilinha. Aí meu pai vendeu lá a casa de Brasilinha e nós viemos morar aqui no Vale do Amanhecer.

Cleyton: Aham, seus pais já moravam... a dona Ana falou que seus pais já estavam aqui. Eles vieram por conta da religião?

Paulino: Nós viemos primeiro. Eu vim, eu casei com a Ana em 93, mas eu vim pra cá...

Paulino: Pô, desculpa, eu casei em 90, mas eu já falei, acho que falei umas duas vezes 93. É 90, eu casei em 90.

Paulino: Mas eu já morava antes, eu era solteiro, eu morava com meus pais. Nós viemos pra cá, não sei se foi em 88, acho que foi em 88. Eu comecei a namorar com a Ana em 87, não sei se eu vim em 88 ou 90, uma dessas datas aí.

Cleyton: Quando você veio pra cá, nessa época, a Tia Neiva estava viva ainda?

Paulino: Eu sentei do lado dela, eu era menino. Quando eu vim pra cá, eu era menino, um rapazinho, eu tinha meus 16 a 17 anos.

Cleyton: E você chegou a conhecer ela, então?

Paulino: Cheguei a pegar na mão dela.

Cleyton: Ah, é?

Paulino: Não tinha a casa grande lá? Não tinha, não, tem a casa grande. Ela tinha um escritório lá, eu ficava sentado no sofazinho lá e olhando pra ela, ela atendendo as pessoas.

Cleyton: Caramba!

Paulino: Ah, sim.

Paulino: Antigamente, quem dizia que a pessoa estava prisioneira ou não, aqui na doutrina, “você vai assumir uma prisão”. Era a Tia Neiva.

Cleyton: Só pra eu ter registrado, o que é essa prisão?

Paulino: É a prisão do trabalho espiritual, que tem aqui no Vale. Eu vou falar da maneira que tinha que falar pra quem perguntar, um instrutor. É pra você arrecadar bônus espiritual pra você pagar aos seus cobradores. Então, você tinha que assumir uma prisão. Essa prisão era durante uma semana, você pegando assinatura, um caderno e uma caneta, pra você pegar a assinatura dos mestres que estavam aqui durante uma semana.

Cleyton: Entendi.

Paulino: A assinatura da pessoa, ela colocaria o nome de outra pessoa, ali são os bônus. Aí enchia aquele caderno, quando era no sábado, aí tinha a libertação, que você passava ali no Turigan. Eu nunca assumi prisão, mas eu já vi as pessoas falando como é que é, né? Aí assumia a prisão, conversava com o cobrador, conversava com algumas entidades, e ali se libertava. Eram os bônus espirituais. E nessa época Tia Neiva que as pessoas faziam a fila e a Tia Neiva que dizia: você tem que assumir a prisão. Você não. Ela tinha... como é que fala? Ela era...

Cleyton: Clarividência?

Paulino: Clarividente. Então ela sabia o quadro de cada um. E antes de eu sofrer, com 15 anos, com 14 anos, eu sofri o acidente. Eu caí num barranco, quebrei a minha perna, né? Quebrei a cabeça do fêmur, aliás, quebrei a cabeça do fêmur. E antes de eu sofrer esse acidente, eu passei em frente a ela, e ela falou: olha, você precisa assumir uma prisão. E eu, menino, ligava pra aquilo, nem falei pros meus pais, não tinha bem conhecimento, não assumi prisão nenhuma. Eu acredito que ela já estava vendo alguma coisa no meu quadro, e aquela prisão que eu teria que assumir era pra reajustar com os cobradores que estavam ali querendo cobrar alguma coisa, e eu não assumi, então eles cobraram de uma maneira que aconteceu com que eu me acidentei.

Cleyton: Entendi.

Paulino: Entendeu? O que mais?

Cleyton: E esse foi o contato que você teve com ela?

Paulino: Foi, foi. E tinha também os meninos, como é que fala? Onde os meninos ficavam? Orfanato. Eu cheguei a conhecer o orfanato. Era bom demais.

Cleyton: O orfanato era bom, assim?

Paulino: Era bom, era chique, era na época do Tia Neiva, era bom demais, esse orfanato. Ah, os meninos que vinham, ficavam... A gente, por exemplo, nós, a gente vinha com os pais, não tinha lugar pra ficar, a gente ficava lá, assistia televisão, lanchava... Tinha linha de passe. E os meninos que não tinham pai, mãe e tal, a doutrina cuidava. Tanto é que saiu muita gente aqui formada, estudada e tudo mais

Cleyton: Aham. E o orfanato, ele foi desativado, né?

Paulino: Foi desativado porque, sei lá, porque vai chegando um tempo que vai perdendo aquela, aquela finalidade, entendeu?

Cleyton: Aham. Você sabe porque que ele foi desativado?

Paulino: Não sei, na minha opinião é porque vai perdendo a finalidade, investimento e tudo. As coisas vão mudando.

Cleyton: Você acha que faz falta o orfanato pra cidade?

Paulino: Eu acho que sim. Eu acho que faz falta. Mas tem que ter a ajuda de alguém, né? Porque a doutrina só, a doutrina ela não, como é que se diz? Ela não, ela não pede dinheiro pra você. Entendeu? Ela não tem, ela vive de ajuda, né? Assim, mas você ajuda se você quiser, você não é obrigado. Não tem díizimo, né? Entendeu? Então aí, e muitas coisas vão mudando, as pessoas vão saindo da doutrina, vão conhecendo novas denominações, né? Vendo que aqui a missão pra eles acabou, muitos vão saindo, muitos vão chegando, mas nós vivemos hoje numa conjuntura diferente. É isso.

Cleyton: Entendi. Uma coisa que vocês falam muito é que vocês percebem que muitas pessoas vão saindo da doutrina, assim. Você acha que isso atrapalha um pouco no senso de comunidade que vocês têm no Vale?

Paulino: Não, não, não. Eu, às vezes, como eu falo pra você, eu não sou assíduo. Eu sou da doutrina, mas eu não sou assíduo. Eu acho que brigas políticas atrapalham muito. Política, quer dizer, brigas internas. Tia Neiva deixou uma lei pra ser cumprida e o Raul tá mudando algumas coisas e muitas pessoas não aceitam. E isso aí vai criando divergências. E às vezes algumas pessoas chegam, como eu disse, a missão dela acabou aqui. Chegou até aquele ponto e acabou. Tanto é que tem gente que sai da doutrina, não tem mais novidade, chegou a um ponto que não sente mais nada, não tem mais novidade e vai preocupar, porque o ser humano sempre ele tá em busca de alguma coisa nova, né? Aí quando chega um ponto que não tem mais novidade, vira paisagem e quando vira paisagem você tem que mudar o quadro. Porque você faz um quadro, tá aquela imagem todo dia, você vai olhando, vai olhando, vai olhando. Primeiro dia você: que maravilha! Segundo dia: que coisa espetacular! Terceiro dia: que coisa sensacional! Aí vai passando,

vai passando, chega um certo ponto que você vê assim, esse quadro não tem mais graça. Aí você tem que mudar o quadro. É o caso que acontece aqui. Tem gente que vai e perde... Perde o encanto. Aí vai procurar em outra denominação. E aquela que tá naquela denominação que ele foi, aquela pessoa que tá lá também sente a mesma coisa e assim vão trocando. Desse jeito.

Porque a gente é feito de novidades, né? Mesmice, você chega num ponto de mesmice, você não aguenta mais. Mais alguma pergunta?

Cleyton: Só a última pra fechar.

Paulino: O celular tem espaço pra tudo isso?

Cleyton: Tem, tô aqui gravando ainda. É, pra fechar. Se você pudesse assim, dar uma cor pro Vale, quando você ver, qual que seria a cor?

Paulino: Olha, uma cor radiante, que poderia melhorar mais ainda, se tivesse pessoas que realmente se interessassem, porque a nossa comunidade não é difícil de cuidar não. Aqui é pequeno, é uma comunidade pequena. Aqui era pra ser um local dormitório. E é um local dormitório, porque a maior parte das pessoas vão pro trabalho de manhã e chegam à noite. Você perguntou o que?

Cleyton: Qual a cor que você daria?

Paulino: Eu gosto da cor colorida. Eu dou a cor do arco-íris pro Vale do Amanhecer, que eu gosto daqui.

Cleyton: Aham, perfeito.

Paulino: Tá entendendo? Poderia ter os nossos governantes, ter o olhar que eu tenho, o olhar do arco-íris, pra melhorar mais a nossa comunidade, porque ela não é difícil de cuidar não. Melhorar mais o transporte, melhorar mais a saúde, trazer bombeiro, porque aqui precisa do bombeiro, trazer, é, é... É também, um posto policial precisa também. Nós precisamos. E também, falta um item que eu esqueci. Eu falei posto policial, bombeiro, cultura. Nossos jovens, muitos não tem o que fazer aqui. Muitos não tem o que fazer no final de semana. Entendeu? Lazer. E temos espaço pra isso. Basta o olhar, o olhar arco-íris do governante.

Cleyton: Perfeito.